

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO NA CRÍTICA DE GUY DEBORD
(1931-1994) À CHAMADA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

WILLIAM ROBSON CAZAVECHIA

**MARINGÁ
2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO NA CRÍTICA DE GUY DEBORD (1931-
1994) À CHAMADA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

Tese apresentada por William Robson Cazavechia, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.
Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientador:
Prof. Dr.: César de Alencar Arnaut de Toledo

MARINGÁ
2022

FICHA CATALOGRÁFICA:

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C386e

Cazavechia, William Robson

Educação e desumanização na crítica de Guy Debord (1931-1994) à chamada sociedade do espetáculo / William Robson Cazavechia. -- Maringá, PR, 2022. 247 f.

Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Educação. 2. Século XX. 3. Educação contemporânea. 4. Debord, Guy, 1931-1994. 5. Sociedade do espetáculo (Société du spectacle). I. Toledo, César de Alencar Arnaut de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370

WILLIAM ROBSON CAZAVECHIA

**EDUCAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO NA CRÍTICA DE GUY DEBORD (1931-1994)
À CHAMADA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller – UNESC – Criciúma/SC

Prof. Dr. Jarbas Maurício Gomes – IFAL – Penedo/AL

Prof. Dra. Ângela Lara Mara de Barros Lara – UEM

Prof. Dr. Mario Luiz Neves de Azevedo – UEM

Prof. Dra. Marli Delmonico de Araujo Futata – UEM – Cianorte/PR

Prof. Dr. Marco Antonio de Oliveira Gomes – UEM

Data de Aprovação

12/05/2022

Para meu filho, Alef.

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor César de Alencar Arnaut de Toledo pela orientação e confiança, pelas oportunidades, conversas e pelo tempo dedicado a minha formação acadêmica e humana.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro ao longo dos anos da pesquisa.

Ao secretário do Programa de Pós-graduação em Educação (PPE/UEM), Hugo Alex da Silva que me auxiliou em todas as questões sobre os processos formais e de secretaria.

À Universidade Estadual de Maringá, minha *Alma Mater*.

Aos Professores e Professoras do Programa de PósGraduação em Educação por contribuírem com a minha formação profissional e intelectual.

Aos Professores e Professoras que compuseram a banca de qualificação e defesa da tese, Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller, Prof. Dr. Jarbas Maurício Gomes, Prof. Dra. Ângela Lara Mara de Barros Lara, Prof. Dr. Mario Luiz Neves de Azevedo, Prof. Dra. Marli Delmonico de Araujo Futata e Prof. Dr. Marco Antonio de Oliveira Gomes. As importantes orientações contribuíram para o aprimoramento do meu trabalho, tanto no que diz respeito ao seu aprimoramento conceitual como para os ajustes finais para a exposição do texto.

Agradeço à minha querida mãe, Maria de Lourdes Tonsis, sem a qual esta pesquisa e trabalho não teriam se tornado possíveis.

Agradeço aos meus amigos e amigas por todo apoio e reciprocidade ao longo destes anos dedicados ao desenvolvimento da pesquisa e de minha formação.

A formação dos cinco sentidos representa o trabalho de toda a história do mundo até hoje.

(Karl Marx)

CAZAVECHIA, William Robson. **EDUCAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO NA CRÍTICA DE GUY DEBORD (1931-1994) À CHAMADA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**. 247 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Cézar de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2022.

RESUMO

Esta tese é o resultado da pesquisa desenvolvida sobre educação e desumanização na crítica de Guy Debord (1931-1994) à “sociedade do espetáculo”. A pesquisa foi delimitada à concepção de educação elaborada a partir da crítica expressa em seu livro *La Société du Spectacle* (1967). A análise da obra do intelectual francês teve por objetivo evidenciar a educação, implicada no movimento histórico de luta de classes, na formulação crítica feita pelo autor sobre a consolidação da *société spectaculaire-marchande*. A pesquisa visou averiguar os aspectos ideológicos e contraditórios da condição histórica da educação quando impelida pelo fetichismo da mercadoria, no período histórico de meados do século XX, quando as forças políticas e sociais subjetivas se encontravam definidas pela reprodução do capital, de representação estética. O procedimento se fez por meio da técnica de pesquisa bibliográfica e pressupôs traçar as condições de produção e as relações de reprodução da vida social no momento histórico, no qual, Debord escreveu e produziu sua obra filmica e teórica. A hipótese, de que a educação, na *société du spectacle*, consistiu em um processo de mediação da construção da percepção humana, foi confirmada com a demonstração da tese. Em termos institucionais, a análise foi feita a partir da observação da mudança da funcionalidade estatal da educação e de sua inserção na lógica expansionista do capitalismo. A partir do momento histórico do desenvolvimento do capitalismo contratual, o estado se tornou o garantidor do funcionamento privatista da educação, no qual, o modelo de gestão do espetáculo, segundo Debord, tornou-se também o modelo de gestão da educação. A concepção da educação na sociedade do espetáculo refletiu os processos produzidos pela massificação e a desestabilização do sistema de ensino, na França. O aporte teórico da análise se constituiu a partir do materialismo histórico-dialético. Ela pressupõe as condições de produção e as relações de reprodução social no momento histórico em que o capital tomou imagens como sua forma-mercadoria. Uma visão dialética do ser humano, de história e de sociedade implicam a concepção da realidade como efetivo espaço da luta de classes. A apresentação do texto foi dividida em três partes. Apresentadas as discussões sobre a educação na sociedade capitalista em expansão no século XX, analisa a educação como um campo de disputas, no qual são deflagradas as contradições fundamentais do capital. Segue com a exposição da biografia do autor francês e de seu contexto imediato. E por fim, explicitou a análise da obra debordiana propriamente dita. A tese evidencia que as determinações do aparecer, no *spectacle*, marcaram a separação estética debordiana como uma novidade histórica: a educação como mediação e relação social do *spectacle* é um processo específico de alienação da percepção e fetchização dos sentidos. Uma verdadeira maquinaria da imagem emergiu da própria reprodutibilidade técnica exigida pela reprodução sociometabólica do capital, em sua forma de representação estética, para a qual, a educação se fez mercadoria.

Palavras-chave: Educação. Educação Contemporânea. Sociedade do Espetáculo. Século XX. Guy Debord.

CAZAVECHIA, William Robson. **EDUCATION AND DEHUMANIZATION IN GUY DEBORD'S (1931-1994) CRITIQUE OF THE SO-CALLED SOCIETY OF THE SPECTACLE**. 247 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: César de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2022.

ABSTRACT

This thesis is the result of research carried out on education and dehumanization in Guy Debord's (1931-1994) critique of the "society of the spectacle". The research was limited to the concept of education developed from the criticism expressed in his book *La Société du Spectacle* (1967). The analysis of the work of the French intellectual aimed to highlight education, involved in the historical movement of class struggle, in the critical formulation made by the author about the consolidation of the *société spectaculaire-marchande*. The research aimed to investigate the ideological and contradictory aspects of the historical condition of education when driven by the fetishism of the commodity, in the historical period of the mid-twentieth century, when the subjective political and social forces were defined by the reproduction of capital, of aesthetic representation. The procedure was carried out through the technique of bibliographic research and assumed to trace the conditions of production and the relations of reproduction of social life in the historical moment, in which Debord wrote and produced his film and theoretical work. The hypothesis that education, in the *société du spectacle*, consisted of a process of mediation in the construction of human perception, was confirmed with the demonstration of the thesis. In institutional terms, the analysis was made from the observation of the change in the state functionality of education and its insertion in the expansionist logic of capitalism. From the historical moment of the development of contractual capitalism, the state became the guarantor of the privatized functioning of education, in which the model of spectacle management, according to Debord, also became the model of education management. The conception of education in the society of the spectacle reflected the processes produced by massification and the destabilization of the education system in France. The theoretical contribution of the analysis was constituted from the historical-dialectical materialism. It presupposes the conditions of production and the relations of social reproduction at the historical moment when capital took images as its commodity form. A dialectical vision of the human being, of history and of society implies the conception of reality as an effective space for the class struggle. The presentation of the text was divided into three parts. After presenting the discussions on education in the expanding capitalist society in the 20th century, it analyzes education as a field of disputes, in which the fundamental contradictions of capital are triggered. It continues with the exposition of the French author's biography and its immediate context. And finally, it explained the analysis of Debord's work itself. The thesis shows that the determinations of appearing, in the spectacle, marked the Debordian aesthetic separation as a historical novelty: education as mediation and social relationship of the spectacle is a specific process of alienation of perception and fetishization of the senses. A veritable machinery of the image emerged from the very technical reproducibility required by the socio-metabolic reproduction of capital, in its form of aesthetic representation, for which education became a commodity.

Key words: Education Contemporary Education. Spectacle Society. 20th century. Guy Debord.

SUMÁRIO

01. INTRODUÇÃO	12
02. QUESTÃO DE CLASSE: A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE UNIFORMIZAÇÃO DA SOCIEDADE	24
2.1 O SOCIOMETABOLISMO DO CAPITAL: FORMA POLÍTICA E REPRODUÇÃO	27
2.1.1 O horizonte da educação na sociedade capitalista.....	29
2.1.2 A alienação humana como condição sociometabólica do capital.....	38
2.1.3 O keynesianismo como uma etapa da reprodução social uniformizada.....	45
2.2 MARXISMO OCIDENTAL, MEDIAÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO	52
2.2.1 Os marxismos.....	53
2.2.2 Os Intelectuais Revolucionários:.....	60
2.2.2.1 Lukács, a história e a consciência.....	60
2.2.2.2 Antonio Gramsci: Educação e Americanismo	63
2.2.3 Reprodutibilidade Técnica da Arte e Indústria Cultural.....	66
2.3 A EDUCAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A CONDIÇÃO HUMANAS	70
2.3.1 As novas pedagogias e os movimentos do socialismo selvagem	72
2.3.2 A separação entre intelecto e práxis	79
2.3.2.1 Educação dos sentidos, emancipação e desumanização	82
2.3.3 O mundo do lazer e do trabalho: os fins da educação e da mercadoria.....	88
03. A EDUCAÇÃO EM PROTESTO: O INTELLECTUAL GUY DEBORD E A CRÍTICA AO MODO ESTÉTICO DA REPRESENTAÇÃO CAPITALISTA... 93	
3.1 A FASE ESTÉTICA DO CAPITALISMO E A CRÍTICA ANTICAPITALISTA DE DEBORD.....	98
3.1.1 Os intelectuais e os estetas do capitalismo	101
3.2 GUY DEBORD: A SUBVERSÃO DO CINEMA COMO REALIZAÇÃO DA ARTE	115
3.2.1 Prolegômenos do espetáculo: o contra cinema da <i>Internationel Lettriste (I.L.)</i>	121
3.2.2 As faces política e social das situações: a <i>Internationel Situationniste (I.S.)</i>	125

3.3 OS ESTUDANTES E O MAIO DE 1968 FRANCÊS	137
3.3.1 A miséria do meio estudantil: o escândalo de Estrasburgo.....	150
3.3.2 As ocupações estudantis e a ação da I.S. na Sorbonne.....	156
04. A EDUCAÇÃO NO LIVRO: LA SOCIÉTÉ DU SPECTACLE	163
4.1 O LIVRO <i>LA SOCIÉTÉ DU SPECTACLE</i> , 1967.....	174
4.2 A EDUCAÇÃO COMO MEDIAÇÃO E RELAÇÃO SOCIAL DO <i>SPECTACLE</i>	193
4.3 A ESTÉTICA DO FETICHISMO DA MERCADORIA E A MERCADORIA EDUCAÇÃO.....	207
CONCLUSÃO	224
REFERÊNCIAS.....	234

01. INTRODUÇÃO

A exposição que se segue, em forma de tese, é o resultado da pesquisa desenvolvida sobre educação e desumanização na crítica de Guy Debord (1931-1994) à *société du spectacle*. A pesquisa foi delimitada à concepção de educação elaborada a partir da crítica à desumanização expressa em seu livro ***La Société du Spectacle*** (1967; a segunda edição consultada aqui é de 1971). A análise da obra do intelectual francês tem por objetivo evidenciar a educação, implicada no movimento histórico de luta de classes, na formulação crítica feita pelo autor sobre a consolidação da *société spectaculaire-marchande*. A pesquisa visou averiguar os aspectos ideológicos e contraditórios da condição histórica da educação quando impelida pelo fetichismo da mercadoria e pela sua massificação, no período histórico de meados do século XX, quando as forças políticas e sociais subjetivas se encontravam definidas pela reprodução do capital, de representação estética. O procedimento foi feito por meio da técnica de pesquisa bibliográfica e pressupôs traçar as condições de produção e as relações de reprodução da vida social no momento histórico, no qual, Debord escreveu e produziu sua obra fílmica e teórica.

Na exposição da tese, foram mantidos os originais franceses dos principais termos utilizados pelo autor em sua construção teórica. A palavra francesa *spectacle* pode assumir sentidos variados e conotações dúbias no que se refere à sociedade e à cultura. O título da tese faz referência à tradução amplamente conhecida da expressão francesa *société du spectacle*. A menção à chamada 'sociedade de espetáculo' se fez necessária por que a análise da educação na *société du spectacle* não se fez a partir da categoria debordiana, mas a partir de um cariz metodológico conceitual próprio, para o qual, apenas em alguns momentos, a categoria debordiana foi tomada como tal. No que se refere à categoria de análise, concebida por Guy Debord, *société du spectacle*, a presente exposição mantém o original francês para sinalizar sua distinção como categoria teórico-conceitual de explicação e crítica social, elementos que a tradução sociedade do espetáculo não pode apreender. Na análise, desenvolvida na produção da tese, a distinção foi mantida para evidenciarmos a concepção de Guy Debord como uma singularidade que reflete uma totalidade histórica, no caso aqui,

do que concerne à educação. A sociedade francesa, de meados do século XX, foi chamada de sociedade do espetáculo em muitas conotações diferentes. A designação de Guy Debord se distingue por se tratar de uma categorização teórico-conceitual formulada a partir da construção de uma teoria revolucionária com objetivo de superar a sociedade e a sociabilidade capitalista. Por isso, a crítica de Debord, objeto da presente análise e pesquisa, distingui-se entre as várias designações feitas à chamada sociedade do espetáculo, mas não deixa de ser ela uma expressão e uma reflexão que sintetiza um momento histórico particular, e, por isso mesmo, nele, reflete suas limitações e contradições próprias. A crítica de Guy Debord à chamada sociedade do espetáculo pressupõe a definição que lhe é própria, como *société du spectacle*, a sociedade da reprodução estética do capital¹.

A tese demonstra os elementos que comprovem as hipóteses da proposição da tese. A saber, de que a educação, na *société du spectacle*, consiste em um processo de mediação da construção da percepção humana pela lógica social da mercadorização da vida. Esse processo se constitui na alienação da percepção pela produção estética do fetiche da mercadoria. Nos termos de Debord, construída por meio da mediação do *spectacle* e reproduzida pelas relações sociais *spectaculaires*. Em termos institucionais, reflete a mudança da funcionalidade estatal da educação e de sua posterior inserção na lógica expansionista do capitalismo. A partir do capitalismo contratual, de meados do século XX, o estado se tornou o garantidor do funcionamento privatista da educação, no qual a gestão, conforme as prerrogativas do *spectacle*, segundo Debord, tornou-se também a gestão da educação². Daí a proposição da tese: a educação na *société du spectacle* consiste na mediação da formação e dos sentidos humanos promovida pela mercadoria. Tanto a educação, em seu sentido mais amplo, quanto suas

¹ A tradução a qual se faz referência é a de Estela dos Santos Abreu, em 1997, quando da publicação, em língua portuguesa, do livro de Guy Debord pela editora Contraponto, no Rio de Janeiro, em 1997 (DEBORD, 1997). Embora nas traduções livres dos textos citados literalmente foi utilizada a tradução portuguesa espetáculo para *spectacle*, forma mantidos os termos originais no corpo do texto da tese a fim de identificar quando são menções à categoria debordiana.

² Capitalismo contratual foi uma designação feita por Aglietta (2019) para se referir ao período da produção capitalista de meados do século XX. Consiste na sociedade capitalista orientada por contratos e representações jurídicas, sobretudo, pelo contrato de trabalho assalariado. Neste período estão dadas as condições de desenvolvimento da “*cinematicization of the visual*” (BELLER, 2006). Conforme Beller, os espectadores que aprenderam as regras da estrutura dominante tornaram-se *experts* (BELLER, 2006). A formação técnica e tecnológica, necessárias à produção e reprodução da imagem, foi gestada pelo *spectacle*.

expressões mais restritas estão contidas nesta mediação. Tal concepção crítica do autor refletiu os processos produzidos pela massificação e a desestabilização do sistema de ensino, na França, de meados do século XX³.

O *spectacle* não é um mero show televisivo ou cinematográfico, político ou cultural, especulativo ou de entretenimento, como a tradução portuguesa, espetáculo, sugere. O *spectacle* consiste, conforme a análise aqui desenvolvida, na produção estética do fetiche da mercadoria. A educação, inserida nesta produção, por meio da apropriação dos processos de internalização pelos especialistas do poder, conforme Debord, é reproduzida a partir de relações sociais próprias do *spectacle*. Conforme a concepção da análise empreendida, a educação consiste na formação humana, concebida em seus processos amplos da mediação do ser humano com a natureza, na base produtiva da sociedade, e em seus processos como mediações secundárias próprias das condições sociais necessárias para a vitalidade sociometabólica do capital (MÉSZÁROS, 2011). A educação está implicada, tanto para a sociedade capitalista como para as sociedades de modelo socialista, em questões relacionadas aos processos de internalização da consciência (MÉSZÁROS, 2008)⁴. A educação se desenvolve na produção e reprodução da sociedade. Por isso, para a análise da educação na *société du spectacle*, foram necessárias alusões ao seu sentido amplo, de formação humana na produção do humano por si mesmo, como alusões ao seu sentido restrito, sejam elas institucionais ou teórico conceituais particulares, incluída aqui, a concepção de Guy Debord. Embora seja o objeto da pesquisa, da obra do autor francês foram

³ A educação pode ser definida de diferentes formas, a partir de diferentes abrangências e de distintos elementos. A presente tese permeou vários âmbitos da educação aos quais estas distintas definições se referem. Mas se ateve, em especial, no que concerne ao mais amplo sentido de formação humana em sua relação com a natureza na construção de si mesmo e da própria natureza. Por isso, a presente tese apontou, especialmente em um primeiro momento, aos vários sentidos da formação humana sem tomá-los como definições específicas da análise. Ela incluiu, além da educação em seu sentido amplo, a concepção que diz respeito à formação ético-moral e política e a que diz respeito a educação escolar-universitária-acadêmica. Estas concepções da educação dizem respeito e atuam em campos distintos (NOSELLA, 2005; SAVIANI, 2009; MANACORDA, 2010), mas a presente análise da educação na *société du spectacle* exigiu, pelo próprio objeto, o desdobramento da educação como fenômeno amplo constituído por múltiplos fatores.

⁴ Modelo de sociedade socialista como entendeu De Mais (DE MASI, 2013). Mas, entende-se modelo evidenciado a partir da análise histórica do desenvolvimento de uma sociedade que se opõe à sociedade dominada pela burguesia. Modelo, para o autor italiano, “é uma palavra densa” (DE MASI, 2013, p. 21). É importante sinalizar esta densidade por nela estarem contidas as várias possibilidades de uso da palavra por diferentes áreas do conhecimento. Em um sentido abrangente, a palavra se refere a “estrutura e as funções de um sistema social, de um comportamento coletivo, de uma maneira de viver” (DE MASI, 2013, p. 22) e de produzir a vida.

feitas distinções de categorias que elucidam a condição da educação como elemento definidor da contrarrevolução burguesa. A presente exposição, sobre a educação na chamada sociedade do espetáculo, demonstra a educação na *société du spectacle*, na crítica de Guy Debord e, em consequência, evidencia como a contribuição do autor reflete as condições da própria educação enquanto atividade desenvolvida como um elemento central da hegemonia capitalista.

A análise partiu de algumas constatações. Recentemente, passamos a assistir à vida e aos acontecimentos a ela atribuídos como imanentes e naturais. Indiscutivelmente se natural ou necessário, existir e viver, assistir e aparecer, consumir e aprender passaram a se confundir no cotidiano. Quando exposta, sua versão pública se tornou um produto da mediação dos *mass media*⁵. A construção dessa forma de vida foi compelida a desenvolver sua própria linguagem midiática emoldurada, ao longo do século XX, pela produção capitalista e, inerente a ela, por processos educativos reproduzidos pelas relações sociais dispostas por esta produção, o que resultou em uma reformulação da percepção. A educação, ao longo do século XX, encontrou-se no interior da expansão da sociedade orientada pela lógica da mercadoria e, nesse processo de expansão, espelhou a cultura do capital. A educação se assentou, por isso, em sua reformulação política e social, construída como mercadoria. A partir destas constatações, a contribuição de Guy Debord se mostrou elucidativa sobre a educação no interior da construção da hegemonia neoliberal.

O Estado contemporâneo e a política são partes da reprodução e da expansão sociometabólica do capital⁶. Refletem e reproduzem a ideologia da

⁵ Expressão que se refere aos Meios de Comunicação Sociais. Sobretudo, entendido como fenômeno da sociedade de massa, a expressão se diferencia por já conter em si elementos teróricos, como sinalizou Chomsky: *Mass Media* diz respeito aos recursos tecnológicos e organizadores da sociedade no exercício do poder sobre as massas sociais (CHOMSKY, 2013).

⁶ Esta designação foi utilizada por Mészáros para explicar o processo de expansão do capital, no século XX, quando passou a dominar a totalidade do metabolismo social. O conceito de sociometabolismo ocupa lugar central na análise de Mészáros e, a partir dele, o autor designa uma “ordem sociometabólica”, um “modo de controle sociometabólico”, como também, uma “dimensão sociometabólica vital do sistema” (MÉSZÁROS, 2011, p. 30). O sociometabolismo pode ser compreendido como uma ordem estabelecida de controle e tem seus antecedentes históricos. Sobretudo, o “sistema do capital é, na realidade, o primeiro na história que se constitui totalizador irrecusável e irresistível, não importa quão repressiva tenha de ser a imposição de sua função totalizadora em qualquer momento e em qualquer lugar em que encontre resistência” (MÉSZÁROS, 2011, p. 97). Esta característca o torna mais dinâmico que os modos anteriores de controle sociometabólicos e, tendo em vista os interesses da realização dos “objetivos metabólicos fundamentais adotados, a sociedade toda deve se sujeitar - em todas as suas funções produtivas e distributivas - às exigências mais íntimas do modo de controle do capital estruturalmente limitado

valorização do dinheiro como uma ideologia religiosa, alienante e promotora de uma inversão da realidade. Assumem a função de um gerenciamento orientado por um princípio anti-reflexivo, a partir do qual as representações do humano, embaralhadas em suas conotações, tornaram-se o senso comum dessa forma dominante de vida cotidiana. Pelo consenso ou não, essa forma de vida se encontra sob o domínio tecnológico da produção e da reprodução do capital. Os satélites, em quantidade exponencial, são os sustentáculos da rede intangível de transmissão, distribuição e acumulação de mercadorias culturais e de *spectacles*. Embora lançados ao espaço, eles compõem a base estrutural da produção social. Provedores, presentes no mundo todo, conectam *data bases* e processam a matéria prima da mineração de dados para o processo da projeção pictórico/digital do real. Uma realidade que omite a materialidade das condições de sua produção. Enquanto isso, e por sua vez, o Estado é palco de uma disputa política entre os grupos capitalistas pelo exercício do governo e do poder delegado pelas próprias camadas dominantes burguesas.

Por mais que avancemos nos números e marcadores da passagem do tempo e no desenvolvimento produzido pela evolução da ordem tecnológica, ainda assim, a educação continua a ser estratégica no exercício da hegemonia. Um dos primeiros elementos norteadores da pesquisa foi o de proceder a análise, sobre a educação na *société du spectacle*, conforme o autor francês, considerando suas relações com os âmbitos distintivos da reprodução da vida. Os processos educativos foram construídos em instituições formalmente reconhecidas para esse fim, como o foram, para além destas instituições, pela cultura, religião, *mass media*, arte, urbanismo, etc. O problema da presente pesquisa, então, se apresenta da seguinte maneira: como educação e desumanização são concebidas e estão relacionadas na crítica de Guy Debord à *société du spectacle*? Embora

(mesmo se dentro de limites significativamente ajustáveis)" (MÉSZÁROS, 2011, p. 99). Segundo Mézáros, o Estado moderno se constituiu como a "única estrutura corretiva compatível com os parâmetros estruturais do capital como modo de controle sociometabólico" (MÉSZÁROS, 2011, p. 107). Por isso, deve-se falar em uma correspondência estreita entre, por um lado, a base sociometabólica do sistema do capital e, por outro, o "Estado moderno como estrutura totalizadora de comando político da ordem produtiva e reprodutiva estabelecida" (MÉSZÁROS, 2011, p. 125). O capital, como modo de controle sociometabólico não tolera qualquer princípio socioeconômico que não esteja voltado para sua expansão. Daí o círculo vicioso das mediações de segunda ordem do sistema do capital "pelas quais as funções vitais da reprodução sociometabólica devem ser realizadas" (MÉSZÁROS, 2011, p. 187).

encontramos em Debord o aspecto humanizador da educação, conforme amplamente entendido pelos historiadores da educação (NOSELLA, 2005; SAVIANI, 2009; MANACORDA, 2010), a partir da concepção particular do autor, explicitamos como se desenvolveu historicamente a educação que o capital requereu para a sua reprodução estética, quando se desenvolveram as atividades educativas impelidas pelo fetichismo da percepção alienada, na consolidação da sociedade do capitalismo estético. A análise parte da hipótese de que, para o autor e diretor francês, a educação foi concebida como um processo de reformulação da percepção da realidade pela construção da estética do fetiche da mercadoria, diretamente vinculado ao processo de desumanização e mercantilização da vida cotidiana. A educação assumiu, refletida na crítica de Debord à sociedade capitalista, posição estratégica para a construção histórica da contrarrevolução que culminou na hegemonia neoliberal. Como mediação do *spectacle* e relação social da sociedade *spectaculaire*, a educação garantiu as condições da formação mediada pela especulação, própria do modo de representação estética da sociedade capitalista. Quer dizer, uma vez que a desumanização é vital ao sociometabolismo dominado pelas determinações da mediação reprodutiva do capital, na *société du spectacle*, a educação a reproduz na mesma medida em que concentra em si instituições e processos de interiorização pelas quais promove o rapto da percepção, na afirmação de uma estética da mercadoria.

Nesse sentido, foi esclarecedor o diálogo com as reflexões feitas por Cechinel e Mueller, sobre a educação como falso negativo (CECHINEL; MUELLER, 2019). Embora supostamente crítica, a educação, entendida assim, reafirma, segundo estes autores, os pressupostos de uma sociedade espetacular. As divulgações das medidas tomadas por governos quanto à educação, segundo diretrizes das agências multilaterais, nos anos finais do século XX, trazem à luz a educação como tal. A educação aí se apresenta como uma atividade capaz de alterar a realidade social e de garantir o desenvolvimento sustentável das sociedades humanas. Mas mesmo assim, como falso negativo, essa educação não pode superar as contradições internas presentes em sua prática⁷. A luta de classes,

⁷ Embora os autores não citaram quais são estes organismos internacionais, fica evidente os processos a que se referem quando afirmam que “uma educação ‘para toda a vida’, ‘de qualidade’ e que ‘forme para a cidadania’ expressa o desejo de integração total de uma parcela ainda considerável de pessoas ao sistema mercantil a partir da forma-mercadoria que o trabalho assume

deflagrada no interior da educação e de suas atividades, solicita a superação do modo de produção capitalista para a resolução das contradições das sociedades capitalistas, não apenas ofertas educativas cientificamente atestadas. Educar com mais educação para todos não significa emancipação humana. Este problema da negação da sociedade capitalista está presente nas críticas mais radicais das décadas de 1960. A passagem dos indivíduos pela escola e pela universidade não se permitem como superação de suas condições de classe. O que estava em questão era o estatuto social do estudante, também um consumidor, um empreendedor em potencial, um trabalhador alienado. A educação, como falso negativo, não pode se superar por ter, também, a forma-mercadoria. A presente análise, sobre a educação na crítica de Debord, ampliou este aspecto.

Na sociedade, na qual, o *spectacle* foi concebido como princípio e fim de si mesmo, a educação foi assumida pela lógica da mercadoria voltada para as massas gerenciadas pela sociedade civil. Este seu sentido, embora amplamente reconhecido, está resguardado pela contradição não evidente de sua condição. Enquanto mercadoria, a educação é mediadora de si mesma, ou seja, é parte do processo de construção da realidade humana na mesma medida em que se desumaniza, destituindo-se da possibilidade da percepção do fenômeno de sua realidade como mercadoria e da materialidade da alienação por si mesma engendrada. Argumenta-se que, na chamada *société du spectacle*, a educação está implicitamente presente como a reformulação da percepção e da construção estética do fetiche da mercadoria. Para além de seu aspecto como falso negativo exemplificado pelos órgãos internacionais, elucida-se a educação como mediação e relação social do próprio *spectacle*, como seu elemento definidor.

no capitalismo” (CECHINEL; MUELLER, 2019, p. 163). São muitas organizações internacionais formadas por um conjunto de países membros que se reconhecem como personalidade jurídica no campo do Direito Internacional Público. Destaca-se algumas pela importância de atuação em nível geopolítico, como a Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945; a Organização Mundial do Comércio (OMC), fundada em 1995 como substituição do Acordo Geral de Tarifas e Comércio, de 1947; a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), fundada em 1949; o Fundo Monetário Internacional (FMI), fundado em 1944; o Banco Mundial, fundado em 1944; a Organização Internacional do Trabalho (OIT), fundada em 1919; e, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico ou Econômico (OCDE), fundada em 1948. Um exemplo da ação destas agências é o desenvolvimento, pela OCDE, do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), coordenado, no Brasil, pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) do Ministério da Educação.

Na análise da crítica à chamada sociedade do espetáculo, foram considerados os aspectos quanto à universalidade, à particularidade e à singularidade da educação. A pesquisa foi encaminhada a partir da obra do autor, mas assumiu inicialmente, em sua exposição, os elementos que constituem a universalidade do fenômeno da educação. A particularidade do momento histórico, na França, no qual Debord escreveu sua obra, reflete as questões sobre a educação em seu desdobramento histórico. A delimitação da análise pressupõe a delimitação de um núcleo da obra do autor francês suficiente para demonstrar suas proposições metodológicas sobre o momento histórico da sociedade capitalista, no interior da qual foi escrita. O aporte teórico para a análise se constitui a partir do materialismo histórico. Para tanto, pressupõe as condições de produção e as relações de reprodução social no momento histórico em que o capital tomou imagens como sua forma-mercadoria (DEBORD, 1971; GRESPAN, 2019). Uma visão dialética de ser humano, de história e sociedade implica a concepção da realidade como efetivo espaço da luta de classes (MARX, 1998, 2011; GRAMSCI, 2000, 2004; JAMESON, 2001; MÉSZÁROS, 2011). Na educação, tanto em sua forma escolar quanto em seus processos amplos de formações humana, ela se faz presente e é articulada com a totalidade. Assim, a educação deve ser definida pela concretização de sua proposta. O método constrói a realidade por suas categorias de análise e como a realidade deve ser considerada no movimento da vida real, as categorias também são históricas (CURY, 2000; MÉSZÁROS, 2016).

A pesquisa foi desenvolvida sob a orientação e acompanhamento do Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo por meio do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM). Contou com o incentivo financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, voltada para o incentivo à pesquisa, no Brasil. O projeto de pesquisa em nível de doutoramento foi feito a partir da continuidade da pesquisa sobre educação e os meios de comunicação social realizada mediante o mesmo programa, em nível de mestrado. A dissertação, publicada em livro, analisou a concepção de educação de Marshall McLuhan (1911-1980) e tomou os trabalhos

de Guy Debord como interlocução crítica à obra do canadense⁸. A ampliação da análise da obra do autor francês, visando esclarecer a educação na *société du spectacle*, foi apresentada para a pesquisa de doutorado. Isto porque encontramos na obra elementos que contribuem para a análise histórica da educação na contemporaneidade, quando o capital assumiu a imagem como forma marcadora.

O primeiro ano do desenvolvimento da pesquisa foi o de 2018. Ele se dividiu entre as atividades formativas do PPE, como cursar disciplinas, participações em eventos, organizações de cursos e palestras, reuniões de grupos de pesquisa, estágios e produção de artigos e resenhas, e atividades do mundo do trabalho. Como o incentivo financeiro do CNPq se efetivou apenas no final do primeiro ano dos estudos doutorais, o início da pesquisa se desenvolveu custeada pelo trabalho precário como 'motorista de aplicativo'. Alguns anos antes, como parte da Política Nacional de Mobilidade Urbana, a Uber havia iniciado suas atividades no Brasil⁹. Assistimos, a partir de então, a emergência de um tipo de trabalho que se alastrou pelos mais variados setores do mercado. Inclusive, desde então, evidenciou-se, na própria educação pública, o aumento da precarização do trabalho docente e as pressões políticas pela incursão do ensino público do país nos modelos de mercado, pautados pela gestão centralizada e pelo imperativo liberal da oferta e da demanda. A presente pesquisa se desenvolveu no horizonte da efetivação da precarização do trabalho e da formação acadêmicas atestadas por reformas e emendas, como também, pelo imperativo produtivista, que impele, qualquer seja o conhecimento produzido, às metas e aos índices avaliativos institucionalizados¹⁰.

Isto se apresenta pela necessidade de evidenciar as condições materiais de produção da pesquisa. A tese é produto de um momento histórico e, como reflexo dele, esclarece e explicita causas e dispõe elementos explicativos sobre a educação em seu desdobramento histórico. As condições da pesquisa se

⁸ O livro **A Educação para Além da Sala de Aula na Concepção do Intelectual Herbert Marshall McLuhan (1911-1980)** foi publicado, no ano de 2017, pela editora curitibana CRV.

⁹ A Uber iniciou suas atividades no Brasil no ano de 2014. Sobre a uberização cf. SLEE, Tom. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

¹⁰ Cf. FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola "Sem" Partido**. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2017; MARIANO, Alessandro (*et al.*). **Educação Contra a Barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. Edição do Kindle; REBUÁ, Eduardo (*et al.*). **(Neo)fascismos e Educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. Edição do Kindle. SILVA, Ligiana Aparecida da; SANTOS, Christina Aparecida dos. **Telas da Incerteza**: o ensino remoto segundo docentes da educação superior. Curitiba: CRV, 2021.

agravaram diante das medidas emergenciais de enfrentamento à pandemia da doença do Coronavírus, que teve início no ano de 2019¹¹. O isolamento social privou a pesquisa dos espaços e de alguns recursos mais apropriados ao seu desenvolvimento. Às instituições foram mantidos os prazos e a retomada das atividades, quando foi possível, deu-se por meio do ensino remoto. Como a pesquisa foi feita remotamente, o desenvolvimento da tese, dispôs, por isso, dos recursos, como livros virtuais – *ebooks* – e acesso às fontes por meio desse tipo de material¹². Sobretudo, não se limitou a eles e foi desenvolvida a partir de três principais momentos da pesquisa. Em um primeiro, foram lapidados e selecionados os conceitos e categorias que constroem a análise, como também, fendas a revisão e o aperfeiçoamento do projeto de pesquisa (esta parte foi feita presencialmente); em um segundo, os trabalhos foram desenvolvidos com as fontes, incluídos os estudos de línguas estrangeiras e o aperfeiçoamento da metodologia e técnicas de pesquisa conforme as demandas apresentadas pelos decretos emergenciais de enfrentamento à Covid-19; e, em terceiro, pela execução da análise e sua posterior exposição em texto final, para a defesa e para posterior publicação pelo PPE-UEM.

A apresentação do texto foi dividida em três partes que se completam. Na primeira parte, foram discutidas questões sobre a educação na sociedade capitalista em expansão, no século XX. A educação se apresentou como um campo de disputas, no qual são deflagradas as contradições fundamentais do capital, por ocupar lugares estratégicos, político e econômico, da produção e da reprodução social. O conteúdo, da segunda parte da tese, contemplou a biografia do autor francês e de seu contexto imediato. Abordou, principalmente, o desenvolvimento intelectual e o engajamento político, nas artes e na educação, de Debord nos anos de 1960. Explicitou detalhes sobre o maio de 1968 francês e como o autor esteve diretamente envolvido nas ocupações das Universidades francesas. Abordou a relação entre a vida e a obra do autor na construção de sua crítica à *société du spectacle*. Na terceira parte, explicitou essa

¹¹ Sobre a pandemia cf. SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020; TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs.). **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Canal 6, 2020; AGAMBEN, Giorgio (*et al.*). **Sopa de Wuhan**: pensamento contemporâneo em tiempos de pandemias. Barcelona: ASPO, 2020. Cf. também a Coleção Pandemia Capital da Editora Boitempo.

¹² Optou-se, na citação destes materiais, pela designação Edições do Kindle, seguida da quantidade de posições, conforme o *app* do dispositivo de leitura de arquivos em *.azw ou *.mobi.

crítica. Nela, foi abordada a obra debordiana propriamente dita. Seu livro, ***La Société du Spectacle***, foi escrito com fins à revolução social e como parte da teoria que poderia produzir as revoluções históricas da sociedade capitalista. Por isso mesmo, foi fundamental para a sua análise partirmos do movimento histórico das transições do capital, das mudanças sociometabólicas de sua reprodução, para evidenciarmos a subjetividade política desse processo, especialmente no que concerne a educação nele presente.

Partimos, na pesquisa, da pressuposição de que educação, cultura e religião são âmbitos da vida humana pelos quais o humano se realiza enquanto humano. Entretanto, em nenhum destes âmbitos estão ausentes as contradições da sociedade capitalista. A educação, historicamente, relaciona-se e pertence intimamente a esses âmbitos assim como a eles é premente, afinal, viver é aprender, já dizia o antigo adágio. A educação, entendida em sentido amplo é um fenômeno das relações sociais e da mediação dialética do ser humano com a natureza. Da cultura se diz a própria construção do ser humano por si mesmo. Enquanto da religião se diz representação ideológica e consumação dos valores morais dos grupos dominantes que necessitaram de justificativas para o exercício de seu poder e de sua visão de mundo conjugada.

A educação, em suas relações íntimas com a cultura e a religião, na *Société du Spectacle*, significou a construção de uma linguagem e de uma subjetividade, enquanto síntese do indivíduo concreto (SAVIANI, 2012), constituída a partir de relações sociais mediadas por imagens-mercadorias (DEBORD, 1971(1967); GRESPAN, 2019). Significou a educação mediada pelo *spectacle* em uma reformulação fetichista dos sentidos, da percepção e da cognição. A proposição da análise da concepção de Guy Debord, no campo da História da Educação, amplia a compreensão de suas condições históricas e contraditórias na contemporaneidade, pois a quer evidenciar como uma atividade determinada pela lógica da mercadoria na construção da percepção humana e na construção de sua realidade material produtiva e reprodutiva da sociedade capitalista. A análise, uma vez que evidencia a concepção debordiana, explicita a educação em um momento histórico no qual a sociabilidade e a ideologia, materialmente construída pelo modo de representação estético do capitalismo, assumem as formas jurídica e fetichista. Com o *spectacle*, a mediação e as relações sociais foram compreendidas pela

mercadoria. A educação, como atividade do *spectacle*, assumiu a forma mercadoria e desfez de suas prerrogativas humanistas/emancipacionistas; como um direito, a educação foi encaminhada como propriedade. O que essa concepção particular explícita, de modo geral, é a passagem da educação como um direito, garantido pelo estado, a um serviço, garantido pelo dinheiro, pela troca de valores. Nos anos de 1960, na França, a pesquisa evidenciou o momento, no qual, ao ser garantida como direito pelo Estado, a educação foi garantida como mercadoria pelo capital. A produção e reprodução da *société du spectacle* contém a educação e suas contradições. Na educação, por sua vez, está a continuidade e o aperfeiçoamento do *spectacle* (DEBORD, 2006(1988); DEBORD, 1997).

Os processos de formação são históricos e historicamente determinados. A tese contribui para elucidar a condição histórica do momento atual de sua escrita e oferecer fundamentação teórica para a análise da realidade histórica de aspectos relevantes do fenômeno educativo enquanto processos de formação da percepção humana e enquanto atividade política e econômica. Embora se diga avançada, a sociedade capitalista pressupõe processos de acumulação primitivos. O arcaico se faz presente (MARX, 2011; DEBORD, 2006; AGAMBEN, 2013; JAMESON, 2001). A educação está presente no processo de acumulação capitalista, mas se definida somente como processo de reprodução ideológica, omite a contradição social presente em seu próprio campo. No processo de acumulação, a vida cotidiana foi inundada por *spectacles* e o tempo histórico eternizado numa autonomização da produção cultural. O capitalismo, entendido como religião (DEBORD, 1971; AGAMBEN, 2013; BENJAMIN, 2013; MARX, 2018), produziu sua própria ritualização da vida cotidiana, orientada por um transcendente misterioso, pelo qual, os indivíduos são alienados dos processos de sua produção e reprodução. O *spectacle*, por ser historicamente, segundo Debord, a relação social entre as pessoas mediadas por imagens, compreende a permanência de uma visão de mundo espetacular delineada em uma *société esthétique*. A análise da obra se fez pertinente por explicitar a educação na produção da sociedade, na qual, todo o vivido se tornou uma representação (DEBORD, 1971).

02. QUESTÃO DE CLASSE: A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE UNIFORMIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Definir educação como uma questão de classes é o objetivo desta seção. As questões sobre a educação, em meados do século XX, confluíam com as questões sobre a superação e, ao mesmo tempo, com a conservação da sociedade capitalista. Após a tomada do poder político e estatal pelo proletariado, em 1917, na Rússia, no evento que ficou conhecido como Revolução de Outubro, a primeira revolução do século XX, desencadeou-se o desenvolvimento de um bloco militar-econômico comunista que fez frente política à hegemonia dos Estados Unidos da América. Uma guerra fria que de fria tem o nome devido a frieza burocrática de sua representação e exercício de poder estatal. Com origem no governo provisório de Vladimir Lenin, pseudônimo de Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924), a União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) fez emergir, na sociedade capitalista, mecanismos de reação à iminente possibilidade de superação do modo de produção e reprodução sociometabólico submetido ao capital.

Foi a própria forma de sociabilidade capitalista que produziu a sua negação histórica. O proletariado, que se manifestou contra a exploração e a dominação burguesa, contém um modelo de sociabilidade das próprias classes trabalhadoras e para as classes trabalhadoras. Mas ela não foi capaz de substituir a mística do capital, a jurisprudência, nem o estado moderno e as suas formas políticas assentadas sobre a troca de mercadorias. Nesse ínterim, a educação se tornou mais do que uma questão de estado, tornou-se uma questão de reprodução do capital ou de possibilidade de sua superação e da emancipação humana, por isto, uma questão sobre o processo de interiorização produzido pelas mediações sociais e produtivas. A condição humana foi definida pela própria capacidade produtiva da sociedade e por isso mesmo depende das forças de produção e da reprodução da sociedade na qual existe. O proletariado surgiu historicamente em oposição à classe burguesa e, por isso, como sujeito da realização revolucionária da superação da sociedade de classes. A burguesia, por sua vez, reagiu e, a fim de conservar seu domínio, promoveu o desenvolvimento das suas forças produtivas a

partir da forma política do estado militar, uma das personificações do capital em meados do século XX (MÉSZÁROS, 2011). Diante da possível transição da orientação sociometabólica de ordem capitalista de produção em direção a uma ordem humanamente compensadora, não faltaram explicações sobre como deveriam ser conduzidos os assuntos e as teorias sobre a educação. Guy Debord participou destas discussões ao longo de sua vida e, desde suas primeiras intervenções, afirmou, de maneira seminal, diante da questão sobre a educação, a importância da estética, da origem “*d’une beauté nouvelle*” e que o “*spectacle est permanente*” (DEBORD, 2006(1952), p. 70)¹³.

A transição histórica, no pós-guerra, da hegemonia global do continente europeu às recém-formadas democracias, desenvolveu-se ao longo da primeira metade do século XX. A queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, de 1929, fez com que o Estados Unidos da América dispusesse do estado modernizado com um modelo fordista de produção, assentado sobre a troca de valores e mercadorias. No período do pós-guerra atingiu seu apogeu com o processo de internalização, pelos indivíduos sociais de direito, da liberdade e individualidades jurídicas. A formação da subjetividade se definiu como uma questão de consciência, mas não necessariamente, consciência de classe, mas, consciência jurídica e, por isso mesmo, de ideologia. Nesses anos o que se seguiu foi a exploração da subjetividade política e do indivíduo em um nível de representação ideológica jurídica da própria mercadoria, nomeada na lei, como direito ao trabalho. Neste contexto, a inscrição “*ne travaillez jamais*” foi grafada pelo jovem Debord no início dos anos de 1950¹⁴. Em um muro na *rue de Seine* ele fez uma referência direta contra um modo de vida particular, que então, afirmava-se¹⁵.

Como essa transição resultou em ações violentas contra quaisquer que fossem as resistências ao domínio social global do capital, os países capitalistas promoveram uma transição interna, ao longo dos fins do século XIX e meados do século XX, na qual, o estado desempenhou um papel fundamental. Como uma

¹³ Traduções livres: “uma nova beleza”; “o espetáculo é permanente”.

¹⁴ Tradução livre: “nunca trabalhe”.

¹⁵ Conforme a *Internationale Situationniste (I.S.)*, a inscrição remonta aos primeiros meses de 1953. *Rue de Seine* é uma rua no sexto *arrondissement* de Paris. A *rue de Seine* é uma das ruas mais procuradas de Paris por sua história e à proximidade com o *musée du Louvre*. Cf. Debord (2006).

maquinaria do exercício do poder burguês, a diluição do estado nos anos finais do século XX foi precedida pela fase do capitalismo contratual. Antes de se tornar uma instituição promotora da ideologia neoliberal, o estado garantiu a formulação jurídica dos sujeitos sociais, da mercadoria e do trabalhador juridicamente livre. O direito à educação, como direito inalienável, confundiu-se nesse período de transição, com direito ao acesso ao ensino e à formação humana. A educação, por sua vez, foi dominada pela lógica da mercadoria e, por isso mesmo, pela produção da internalização mediada pelo dinheiro. A concretude da condição humana, para a qual a *Internationale Lettriste (I.L.)* afirmou “*la condition humaine ne nous plaît pas*” (DEBORD, 2006(1953), p. 95), foi transformada em garantias jurídicas da humanidade e da realização de sua natureza¹⁶. Para os discidentes da vanguarda artística, as “*rappports humains doivent avoir la passion pour fondement, sinon la Terreur*” (DEBORD, 2006(1953), p. 95)¹⁷.

A questão é que, já em Karl Marx (1818-1883) encontramos as questões referentes ao lugar que ocupa a educação no estado burguês. Em dois dos seus textos sobre as deliberações do proletariado (MARX, 2010; 2012), a educação aparece como um bem público, gratuito e de natureza laica, podemos dizer, histórica, sempre vinculada ao estado moderno. Ao partirmos dessas considerações de Marx sobre a educação, evidenciamos as diferenças entre as questões sobre a condição humana e sobre sua natureza. O desdobramento do pensamento de Marx, sobre a sociedade capitalista e a dialética de sua superação, traz as concepções sobre a educação para o desenrolar do movimento histórico. Para nosso propósito aqui, é fundamental definirmos como a educação se tornou também uma questão de trabalho alienado, de relações sociais e de exploração do ser humano pelo próprio ser humano. Fundamental é também definir a educação como um fenômeno amplo que compreende seus processos formalizados e institucionalizados. E ainda, definir como a educação, na sociedade capitalista, diz respeito ao processo de mediação da sensibilidade e dos sentidos.

Ao longo dos anos, as reflexões de Marx foram ganhando novas leituras e foi desenvolvida uma vasta retomada de seu pensamento em contextos históricos

¹⁶ Tradução livre: “a condição humana não nos agrada”.

¹⁷ Tradução livre: “relações humanas devem ter a paixão como fundamento, senão o Terror”.

bastante diversos. A realidade do proletariado inglês não foi a mesma que a dos camponeses da União Soviética ou das regiões ao sul, onde os povos foram colonizados. O século XX foi o século das revoluções (HOBSBAWM, 1995). Daí novamente as questões em torno da educação serem comprometidas pelas contradições do capital. As sociedades capitalistas são sociedades contraditórias, nas quais a principal contradição refletida na educação é a separação entre as atividades intelectuais, reservadas às classes dirigentes, e as atividades manuais, destinadas às classes subalternas. Esta separação histórica da educação é o reflexo da separação histórica produzida pela alienação humana. A contenção, o controle e a organização da sociedade perpassa os manejos políticos e militares para com as massas, separadas dos âmbitos de decisão sobre a sociabilidade e sobre a economia e sobre sua cultura. A alienação das massas se tornou um negócio de estado, verdadeiras indústrias de consciência e de cultura se constituíram a partir da formação dos sentidos humanos para a ‘percepção’ da mercadoria. As categorias marxianas sofreram ampliações e foram retomadas, tendo em vista a crítica da sociedade capitalista, no período histórico do entre guerras e no pós-guerra. O marxismo ocidental se apresenta como a crítica acima das definições partidárias e, na educação, opõem-se à barbárie (ADORNO, 2006) e afirma as condições para a emancipação humana (GRAMSCI, 2004), como também, traz uma oposição entre democracia e mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

2.1 O SOCIOMETABOLISMO DO CAPITAL: FORMA POLÍTICA E REPRODUÇÃO

O **Manifesto do Partido Comunista**, publicado em 1848 (MARX; ENGELS, 2015), marcou um momento histórico, no qual, os grupos socialistas se organizaram. Sobretudo, o movimento histórico subsequente foi justamente o de sua desorganização. A democracia formal se transformou em agente reprodutora do capital. Ao analisar essa situação, Mészáros apontou a ausência da esquerda, então, carente de uma teoria capaz de explicar e promover a transição histórica.

Em outras palavras, uma teoria da revolução conjugada ao processo de mudança, no interior da sociedade capitalista. O fortalecimento do capitalismo, por sua vez, foi bem-sucedido, mas, à educação, ao longo do século XX, as questões postas disseram respeito à disputa entre emancipação e reprodução do capital.

A ideologia e a mediação se tornaram *locus* complexos de poder e de disputas políticas no interior da sociedade capitalista de meados do século XX. Para o capitalismo liberal, em mutação devido à sua própria incontrollabilidade expansionista, foi um momento oportuno, afinal, significou também um momento estratégico de transição. Nesse momento, as questões se voltaram para a educação, uma vez que, ela é relação e, ao mesmo tempo, mediação social. Assim concebida, a educação está inserida historicamente em uma constante contradição, por ser ela mesma uma questão histórica de classes, o conflito social motriz da sociedade capitalista. Implicada diretamente na construção do humano por si mesmo, a educação acontece enquanto mediação. Daí sua relação com o trabalho, diga-se, trabalho humano vivo, atividade necessária para a garantia de sua subsistência. Implicada em nas atividades reprodutivas do capital, a educação se faz relação social e justifica-se como atividade voltada para a exploração do excedente do trabalho e, por isso mesmo, um lugar de reprodução da ideologia.

Em um reino de liberdade, ironizou Marx, na crítica do Programa de Gotha, a propriedade não existe (MARX, 2012). Reino e liberdade não podem coexistir, o autor alemão soube disso quando não relutou em acentuar a religião como o órgão social da ideologia. Seja nos escritos filosóficos, ou ainda nos textos sobre a economia, a mística da fé apareceu. Apresenta-se em dois polos: da religião como ideologia de um processo material de reificação social e como o exercício de uma espiritualidade voltada para a mercadoria, um fetiche dominante. Sobretudo, aqui, visando a educação como processo amplo e, ao mesmo tempo, específico, voltados para a produção e reprodução sociais, tornou-se importante destacar que a palavra fetiche corresponde imediatamente à magia, em Marx, e, nos marxistas, a um feitiço do tempo histórico da burguesia sobre suas sociedades capitalistas (BENJAMIN, 2015; DEBORD, 1971; MARX, 2017; MASCARO, 2019; MÉSZÁROS, 2011). Para o incipiente movimento artístico da *Internationale Lettriste (I.L.)*, do qual fazia parte Guy Debord, esse “*Destin*” econômico, transformou a “*sort des hommes*,

leurs désirs, leurs devoirs ont été entièrement conditionnés par une question de subsistance” (I.L. 1953, p. 111 ; 2006)¹⁸. A disputa, entre os grupos capitalistas dominantes, pelo domínio das mediações e pela garantia de reprodução da ideologia dominante, ou, ainda, do fetiche da mercadoria, assentam-se em uma dimensão sociometabólica vital do sistema do capital (MÉSZÁROS, 2011).

2.1.1 O horizonte da educação empresarial na sociedade capitalista

Na sociedade capitalista, o Estado está conformado pela luta de classes, ao mesmo tempo, que lhe dá forma. As lutas entre grupos, classes e indivíduos perpassam essa forma estatal. A forma política estatal é apenas uma forma de luta de classes capitalistas que essa forma engendra. Na dinâmica da luta de classes, estabeleceu-se a forma política estatal em um processo de interferências recíprocas. A separação entre produtores e possuidores dos meios de produção forjou classes sociais distintas, a proletária (trabalhadores assalariados) e burgueses, e está na origem a formas sociais estruturantes de sua reprodução.

A mesma origem formal e estrutural da luta de classes se reflete na específica forma política do capitalismo, estatal. Por sua vez, o Estado reconstitui a própria luta de classes e é, também, reconstituído por esta. [...] A luta de classes modifica o Estado e, vice-versa, a forma política estatal a condiciona. Tanto a luta de classes está nas entranhas das formas econômicas do capitalismo quanto da forma política que lhe é própria. E, também, tanto as formas econômicas quanto as políticas do capitalismo reconfiguram os termos da luta de classes (MASCARO, 2019, posição 1128).

Este é o horizonte estatal da educação e também seu horizonte político. Segundo Saviani, são dois os grupos de teorias sobre a educação¹⁹. Elas estão

¹⁸ Traduções livres: “destino”; “sorte dos homens, seus desejos, seus deveres foram inteiramente condicionados por uma questão de subsistência”.

¹⁹ A análise de Saviani parte destes dois grupos. No desfecho da mesma, o autor brasileiro apresentou os interesses distintos de uma proposição revolucionária em relação aos interesses da

assentadas nessa dinâmica de classes da sociedade capitalista. Para os primeiros destes grupos, segundo o autor, a educação diz respeito à possibilidade de superação da marginalidade e de equalização social. Para os demais grupos, ela diz respeito a um fator de marginalização e discriminação sociais. No entendimento da educação, neste quadro de teorias, a marginalidade é entendida como parte da própria sociedade.

Isso porque o grupo ou classe que detém maior força se converte em dominante se apropriando dos resultados da produção social, tendendo, em consequência, a relegar os demais à condição de marginalizados. Nesse contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização (SAVIANI, 2009, p.04).

Os sistemas nacionais de ensino são de meados do século XIX e, por meio deles, deu-se a promoção da ilustração com a finalidade de transformar súditos em cidadãos livres mediante a escolarização²⁰. A marginalização foi entendida como uma questão de ignorância e com a democratização destes sistemas de ensino os anseios pela transformação da sociedade emergiram como propostas revolucionárias em relação ao domínio da burguesia (SAVIANI, 2009). Nesse interím, a sociedade transita de uma velha razão com a emergência de uma nova razão-mundo, marcada pela racionalidade neoliberal, como definiram Dardot e Laval (DARDOT; LAVAL, 2016)²¹. Os sistemas nacionais de ensino saltaram para sistemas empresariais de ensino. A marginalização antes entendida como uma questão de ignorância, tornou-se uma questão de unificação de regimes de existência (DARDOT; LAVAL, 2016).

burguesia e apresenta as proposições de um método que se afirma na constante relação da educação com a sociedade de cuja matriz é a concepção dialética de ciência (SAVIANI, 2009).

²⁰ Conforme Saviani, a democratização da escolarização era a “condição para converter os servos em cidadãos, era condição para que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio, mas o papel político da escola estava a muito claro. A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática” (SAVIANI, 2009, p. 37).

²¹ Por racionalidade neoliberal se entende a racionalidade empresarial, apresenta como “a vantagem incomparável de unir todas as relações de poder na trama de um mesmo discurso” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 331).

Nesse período, de transição da velha razão, que se constituiu pela presença do estado, para a nova, que se constituiu por seu gerenciamento empresarial, encontramos a obra debordiana como uma sinalização de que o velho e o novo são variações do mesmo. “*Nous sommes résolus à dicter une autre condition humaine*” (I.L., 1954, p. 123 ; 2006), afirmava o *Comité directeur* da I.L., em 10 de março de 1954²². Diante do horizonte, então, empresarial da educação, a exploração dos sentidos humanos, pelas indústrias da consciência, afirmou-se como o novo horizonte da educação. Essa produção incluiu o sistema público de ensino, os meios de comunicação social, as instituições detentoras das ciências da formação do ser humano privado e as contradições objetivas da sociedade capitalista expressas em seu locus urbano e suas tecnologias. Se antes a ilustração foi afirmada como solução à ignorância marginalizadora, quando ainda o horizonte da educação era compreendido pela forma estatal e política, com a transição do velho ao novo liberalismo, o que se afirmou foi a gestão da ignorância e da marginalidade como solução para o problema da democratização dos sentidos e da percepção crítica da realidade. Ironicamente, ou não, a interpelação da diretoria da I.L., revela a atividade da educação pelo empresariamento do estado: dirigir uma outra condição humana. Para a I.L., a questão sobre a condição humana era uma questão de estética – de percepção da humanidade e da degustação do gosto humano. A nova beleza precisa ser percebida (I.L., 1954; 2006). A educação, como uma questão de interiorização, diz respeito, além da cognição, à percepção.

Nesse período de uniformização da sociedade capitalista em expansão (MÉSZAROS, 2011), as regras, as instituições e os direitos foram destruídos e reconstituídos. Ao serem destruídos, outros tipos de relações sociais, maneiras de viver e outras formas de manifestação das subjetividades foram produzidas. *Pari passu*, isso constituiu o processo da educação em sua relação com a sociedade. Foram nas décadas de meados do século XX que se constituíram um momento histórico de transformação da sociedade capitalista francesa pela nova razão-mundo (DARDOT; LAVAL, 2016) e, conseqüentemente, da educação nesse contexto. Entre o velho e o novo liberalismo, o desenvolvimento e a modernização

²² Tradução livre: “Estamos resolvidos a ditar outra condição humana”.

foram tidos como um sentido de progresso, inerente ao próprio desenvolvimento do capitalismo, o horizonte da educação empresarial em relação à sociedade.

O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da "modernidade". Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros [...], ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. Há quase um terço de século, essa norma de vida rege as políticas públicas, comanda as relações econômicas mundiais, transforma a sociedade, remodela a subjetividade. As circunstâncias desse sucesso normativo foram descritas inúmeras vezes. Ora sob seu aspecto político (a conquista do poder pelas forças neoliberais), ora sob seu aspecto econômico (o rápido crescimento do capitalismo financeiro globalizado), ora sob seu aspecto social (a individualização das relações sociais às expensas das solidariedades coletivas, a polarização extrema entre ricos e pobres), ora sob seu aspecto subjetivo (o surgimento de um novo sujeito, o desenvolvimento de novas patologias psíquicas). Tudo isso são dimensões complementares da nova razão do mundo. Devemos entender, por isso, que essa razão é global, nos dois sentidos que pode ter o termo: é "mundial", no sentido de que vale de imediato para o mundo todo; e, ademais, longe de limitar-se à esfera econômica, tende à totalização, isto é, a fazer o mundo por seu poder de integração de todas as dimensões da existência humana. Razão do mundo, mas ao mesmo tempo uma razão-mundo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

A realização dessa razão-mundo se assenta em uma forma social do capital que se prefigurou já nos anos de 1930 (MÉSZÁROS, 2011) e, nos anos do pós-guerra, completou seu processo de legalização (ELDEMAN, 2016), que lhe é inerente, inclusive no que diz respeito à educação. Investigar a educação, na sociedade capitalista, é investigar a própria sociedade em seu metabolismo, pois a educação se relaciona dialeticamente com ela e consiste em uma atividade mediadora (SAVIANI, 2006). Por isso, chamamos a atenção para a distinção entre capitalismo e capital.

Por capitalismo, designo qualquer formação social em que os processos de circulação e acumulação do capital são hegemônicos

e dominantes no fornecimento e moldagem das bases materiais, sociais e intelectuais da vida social (HARVEY, 2016, p. 21).

O que interessa no momento, a partir desta distinção de Harvey, é apontar as permanentes contradições internas do capital acumulado. Aquelas que são próprias do metabolismo social do capitalismo, mas a ele não estão subordinadas, como a contradição entre valor de uso e de troca, entre o valor social do trabalho e sua representação monetária, entre a propriedade privada e o Estado capitalista, entre a aparência e realidade, e, a unidade contraditória entre produção e realização (HARVEY, 2016). Estas contradições apontam para como uma forma de apreender o funcionamento do capitalismo como um conjunto histórico de relações sociais e produtivas, cuja origem remontam ao século XIII.

Il est [o capitalismo] à la fois inséré dans l'histoire et fait l'histoire par les transformations économiques, politiques et sociales qu'il engendre. En effet, le capitalisme est tourné vers l'avenir par sa logique d'accumulation. Il doit donc surmonter l'incertitude pour engager des paris sur l'avenir (AGLIETTA, 2019, p. 09)²³.

Por isso, em seu centro nervoso está a especulação financeira. A sua última razão é fazer dinheiro com dinheiro. A finança está ligada com o dinheiro, a instituição coletiva que promove a união das relações sociais por meio das trocas de mercadoria. A acumulação do capital é um processo social de múltiplas contradições e conflitos sociais. Conforme Aglietta, segundo Keynes, o capitalismo é uma economia monetária de produção que segrega poder e subordinação em sua relação estruturante: a relação salarial.

Car le travail n'est pas plus une marchandise que ne l'est la monnaie. La relation salariale est inégale dans les conditions d'accès à la monnaie. Les capitalistes sont ceux qui ont accès à la monnaie pour financer l'acquisition des moyens de production ; les salariés sont ceux qui ont accès à la monnaie en louant leurs capacités de travail. Ce qu'on appelle le contrat de travail n'échange pas du travail, mais une capacité à travailler contre de l'argent. Les individus salariés sont libres de louer leurs capacités de travail à

²³ Tradução livre: "Ele [o capitalismo] está ao mesmo tempo na história e fazendo a história pelas transformações sociais que engendra. O capitalismo está voltado para o futuro por sua lógica de acumulação. Ele deve, portanto, superar a incerteza fazendo apostas no futuro".

n'importe quel propriétaire d'entreprise. Mais ils sont subordonnés à des rapports hiérarchiques dans l'exécution du contrat. Il s'ensuit que le contrat de travail est fort différent d'un contrat d'échange marchand (AGLIETTA, 2019, p. 85)²⁴.

Após a Segunda Guerra mundial, o capitalismo conheceu um regime de crescimento que podemos chamar de capitalismo contratual, também conhecido como fordismo e americanismo. Na França, essa fase foi de crescimento econômico elevado e regular por vinte anos. O capitalismo contratual é assim chamado por ter superado o subemprego involuntário graças às instituições de relatórios salariais, a negociação coletiva e os modelos de proteção social. Como também, devido à regulação financeira e a um sistema monetário internacional, o sistema de *Breton Woods*, que autorizou uma grande autonomia de políticas monetárias nacionais²⁵. “*Différents types de modèles sociaux ont construit des variétés différentes de capitalisme contractuel*” (AGLIETTA, 2019, p. 87)²⁶. A negociação coletiva foi uma instituição dominante para regular a progressão salarial em relação com o progresso na produtividade do trabalho.

Les contrats collectifs de moyen terme ont permis l'essor du mode de consommation de masse qui a donné aux entreprises une prévisibilité pour anticiper leur demande effective et donc accorder l'accumulation de capital productif aux aspirations des salariés. Des transferts sociaux diversifiés ont amorti les fluctuations conjoncturelles et réduit les inégalités : le salaire minimum, la fiscalité progressive et l'assistance aux familles à revenus faibles. La régulation financière très stricte, la croissance régulière du crédit à bas coûts, l'expansion du commerce international et les contrôles de capitaux ont permis de combiner le financement du logement social, l'investissement privé et le développement des infrastructures. À partir de cette identification des institutions

²⁴ Tradução livre: “Pois o trabalho não é mais mercadoria do que o dinheiro. A relação salarial é desigual em termos de acesso ao dinheiro. Capitalistas são aqueles que têm acesso a dinheiro para financiar a aquisição dos meios de produção; assalariados são aqueles que têm acesso a dinheiro alugando suas capacidades de trabalho. O que é chamado de contrato de trabalho não troca trabalho, mas a capacidade de trabalhar por dinheiro. Indivíduos assalariados são livres para alugar sua capacidade de trabalho a qualquer proprietário de empresa. Mas eles estão subordinados às relações hierárquicas na execução do contrato. Daqui decorre que o contrato de trabalho é diferente de um contrato de troca de mercado”. Importante salientar, Marx esclareceu estes aspectos da sociedade nos Grundrisse (Cf. MARX, 2011, p. 90ss.).

²⁵ Os acordos, assinados em *Breton Woods*, no ano 1944, foi condição da velha razão como também o foi para transição à nova razão, que transformou o ouro em finanças (DARDOT; LAVAL, 2016).

²⁶ Tradução livre: “Diferentes tipos de modelos sociais construíram variedades diferentes de capitalismo contratual”.

médiatrices du capitalisme contractuel, on peut synthétiser le noyau macroéconomique du régime de croissance des sociétés salariales de cette époque (AGLIETTA, 2019, p. 88)²⁷.

São três os fatores estratégicos do desenvolvimento do capitalismo contratual. A saber, o crescimento contínuo da intensidade do capitalismo, o enorme crescimento da educação, medida pelo número de anos de formação, e a intensificação do comércio internacional. Os Estados Unidos da América do Norte assumiram a hegemonia econômica, nos anos de 1950, depois de cinquenta anos de crescimento duas vezes mais rápido que a Europa (AGLIETTA, 2019). O Estado se formou como uma exigência para assegurar e proteger permanentemente esse sistema. As práticas políticas totalizadoras são paralelas ao domínio da produção material pelo capital. Elas dão forma ao Estado. Segundo Mészáros, “não é acidental que o encerramento da ascensão histórica do capital, no século XX, coincida com a crise do Estado moderno em todas as suas formas” (MÉSZÁROS, 2011, p. 106). Sobretudo, ele constituiu a única estrutura compatível com o modo de controle sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2011). As tensões entre as diferentes exigências da produção organizada e das necessidades da vida cotidiana sempre existiram e as contradições do capital, por isso, se deslocam.

As contradições do capital têm gerado inovações, e muitas delas têm melhorado a qualidade da vida cotidiana. Contradições, quando levam a uma crise do capital, produzem momentos de “destruição criativa”. É raro que o que se cria e o que se destrói seja predeterminado, e é raro que tudo que se cria seja ruim e tudo que era bom seja destruído. E é raro que as contradições sejam totalmente resolvidas. *Crises são momentos de transformação em que o capital tipicamente se reinventa e se transforma em outra coisa.* E esse “outra coisa” pode ser melhor ou pior para as pessoas, mesmo que estabilize a reprodução do capital. Mas crises também são momentos de perigo quando a reprodução do capital

²⁷ Tradução livre: “Os contratos coletivos de médio prazo permitiram o crescimento do consumo de massa que deu às empresas previsibilidade para anteciparem suas demandas efetivas e, portanto, concederem a acumulação de capital produtivo às aspirações dos trabalhadores. Transferências sociais diversificadas atenuaram as flutuações cíclicas e reduziram as desigualdades: o salário mínimo, a tributação progressiva e a assistência às famílias de baixa renda. A rígida regulamentação financeira, o crescimento constante do crédito de baixo custo, a expansão do comércio internacional e os controles de capital permitiram combinar o financiamento da habitação social, o investimento privado e o desenvolvimento de infraestrutura. A partir dessa identificação das instituições mediadoras do capitalismo contratual, podemos sintetizar o cerne macroeconômico do regime de crescimento das sociedades assalariadas desse período”.

é ameaçada por contradições subjacentes (HARVEY, 2016, p. 17. *Grifos do autor*).

A contradição, em sentido dialético, entre a aparência e a realidade assenta-se no que Marx nomeou de fetichismo. São as várias formas de disfarces e distorções sobre o que realmente acontece ao nosso redor. São apenas os sintomas que se apresentam e por isso, quando falamos de capitalismo, precisamos “tirar a máscara que esconde aquilo que realmente acontece por trás dessa confusão de aparências superficiais e em geral mistificadas” (HARVEY, 2016, p. 18). É nessa atividade de desmascarar a realidade que o materialismo histórico-dialético se revela uma excelente contribuição para a compreensão do estado e da política nas sociedades contemporâneas. No combate à exploração capitalista, leituras marxistas tendem a entender a política e o estado atrelados à totalidade da dinâmica da reprodução social capitalista. Tanto a política como o estado se fundamentam na sociabilidade capitalista (MASCARO, 2015). Somente a sociedade burguesa capitalista criou as condições necessárias para que a jurisprudência determinasse as relações sociais. O desenvolvimento dos conceitos jurídicos refletiu o processo de desenvolvimento da sociedade burguesa.

Uma característica do período de transição é, como foi mencionado por Marx, em *Crítica do programa de Gotha*, o fato de as relações entre as pessoas, em dado período, estarem forçosamente restritas ao estreito horizonte do “direito burguês”. É interessante analisar em que se encerra, de acordo com o pensamento de Marx, esse estreito horizonte do direito burguês. Marx toma como pressuposto a construção social na qual os meios de produção pertencem a todos na sociedade e os produtores não trocam seus produtos (PACHUKANIS, 2017. p. 78).

São, as categorias da mercadoria, do valor e do valor de troca, formulações ideológicas e formas distorcidas de representação das relações de trabalho entre os produtores. O fetichismo da mercadoria reflete uma relação social objetiva. Nesse sentido, enquanto os conceitos são formas de reconstruir a realidade econômica, os conceitos jurídicos são partes de processos ideológicos. Como relação social semelhante ao capital, entendido como tal, o Estado é uma forma ideológica como também uma forma de ser social que exprime as relações

materialmente constituídas. A economia atomizada pressupõe a troca de mercadorias e as unidades econômicas privadas estabelecem conexões por meio de contratos. “A relação jurídica entre os sujeitos é apenas outro lado das relações entre os produtos do trabalho tornados mercadoria” (PACHUKANIS, 2017, p. 97).

O capitalismo é um modo de produção e a superestrutura exprime o jurídico como pertencente às relações de produção. Diferentemente, para os economistas neoliberais, as crises do capitalismo são crises institucionais e construíram uma mudança do sistema liberal capitalista para que pudessem ser garantidas as condições de sua reprodução, mesmo a custas de vidas humanas. Assim foi concebido o *New Deal*, como uma maneira de promover essa reforma²⁸. A lógica liberal da sociedade moderna consiste na multiplicação das relações contratuais em toda a vida social.

[...] convém multiplicar as ações de reequilíbrio e proteção para garantir a liberdade de todos, sobretudo dos mais fracos. O liberalismo social assegura, assim, por sua legislação, uma extensão máxima da liberdade ao maior número de indivíduos. Filosofia plenamente individualista, esse liberalismo dá ao Estado o papel essencial de assegurar a cada indivíduo os meios de realizar seu próprio projeto (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 61).

Para o funcionamento social de produção e troca de valores, o Estado é indispensável no plano contratual e administrativo a fim de que sejam garantidas as regras do jogo da livre concorrência. O liberalismo de Keynes afirmou os meios jurídicos que permitem a realização de uma sociedade de liberdade individual, “a realização dos ideais do liberalismo exige que se saiba utilizar meios aparentemente alheios ou opostos aos princípios liberais para defender sua implementação” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 19). O neoliberalismo, que veio mais tarde, elimina qualquer entrave à concorrência entre os interesses privados (DARDOT; LAVAL, 2016). Com isso, o metabolismo social passa ser, também, de domínio privado, caracterizado por uma fusão entre o público e o empresarial.

²⁸ *New Deal* foi um plano econômico implementado pelo governo dos EUA, quando o então presidente, Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), foi eleito no ano de 1932, como resposta à quebra da bolsa de valores de 1929.

2.1.2 A alienação humana como condição sociometabólica do capital

No que diz respeito ao intercâmbio produtivo dos seres humanos com a natureza, o modo como opera o sistema capitalista é uma exceção. Como uma forma incontrolável de sociometabolismo, escapa ao controle humano por surgir historicamente como uma estrutura totalizadora. Nela, o ser humano deve se ajustar e provar sua produtividade. O capital, como modo de controle sociometabólico, retém o primado em relação ao seu corpo jurídico, que se manifestou de diferentes formas ao longo da história. Mas, para além de qualquer burocratização, o que predomina no sistema do capital, no capitalismo avançado, é seu caráter desumanizante, produtivo ou não, o ser humano perece. Para a realização de seus objetivos metabólicos, a sociedade deve se sujeitar ao seu modo de controle limitado. Esse processo assume, por um lado, “a forma da divisão da sociedade em classes sociais abrangentes, mas irreconciliavelmente opostas entre si, em bases objetivas e, sob o outro dos aspectos principais, a forma da instituição do controle político total” (MÉSZÁROS, 2011, p. 99).

O sistema do capital está baseado na alienação do controle dos produtores. Por isso, nesse processo, degrada o sujeito real da produção e o trabalho. Para mantê-lo em suas funções produtivas, o capital se utiliza de personificações mediadoras e impositivas das ordens do processo de produção. O Estado oferece a garantia fundamental de que a eventual resistência e a rebelião não escapem do controle desse processo por meio da forma jurídica da propriedade privada, e respectivamente, pelo carácter da forma-mercadoria desta propriedade.

Qualquer coisa que aspire à legitimidade e à viabilidade socioeconômicas deve ser adaptada ao seu quadro estrutural predeterminado. Na qualidade de modo de controle sociometabólico, o capital não pode tolerar a intrusão de qualquer princípio de regulação socioeconômica que venha restringir sua dinâmica voltada para a expansão (MÉSZÁROS, 2011, p. 176).

Para o controle sociometabólico do capital, até mesmo a terra teve de se tornar alienável para que o autodesenvolvimento da sociedade de mercadorias pudesse avançar. A alienação implica em reificação e em liberdade salvaguardada contratualmente e é a forma de evitar o reconhecimento das contradições subjacentes às personificações mediadoras das funções produtoras. Contudo, foi a pessoa viva que “primeiro teve de ser reificada – convertida em coisa, é mera peça de propriedade pela duração do contrato – antes que seu novo proprietário pudesse se assenhorar dela” (MÉSZÁROS, 2011, p. 39). A alienação consiste na transformação de tudo em mercadoria e na conversão dos seres humanos em coisas-mercadorias²⁹.

Embora existam outras formas de alienação, por meio desta fica visível no que consiste o metabolismo social nas sociedades capitalistas. Consiste em reificação das relações sociais e de produção do humano (LUKÁCS, 1960; MÉSZÁROS, 2011). Como coisas podem ser trocadas e como coisas são produzidas separadas de seus produtores, a mediação do estado e do mercado transformou tudo em mercadoria e alienou o ser humano do controle dessa produção de coisas com valor de troca. As coisas trocadas têm um valor de uso e um valor de troca. Embora o valor de uso é variado e qualitativamente diferente, está no valor de troca, uniforme e qualitativamente idêntico, a vitalidade do capital, que definiu a vida social pela mercadoria na extração do mais valor.

A história que ouvimos por toda parte, das salas de aula a praticamente todos os meios de comunicação, é que a maneira mais barata, eficiente e adequada de obter valores de uso é libertando o espírito animal do empreendedor, faminto de lucro, que o incita a participar do sistema de mercado. Por isso, muitos valores de uso que antes eram distribuídos gratuitamente pelo Estado foram privatizados e mercantilizados: moradia, educação, saúde e serviços públicos seguiram nessa direção em muitos países. [...] A escolha política é entre um sistema mercantilizado, que serve muito bem aos ricos, e um sistema voltado para a produção e a provisão democrática de valores de uso para todos, sem qualquer mediação do mercado (HARVEY, 2016, p. 34).

²⁹ Para Lukács, a reificação é uma forma de existência submetida ao seu produtor. Como produto do capitalismo, o proletariado assumiu a forma de existência de seu produtor, a inumanidade, a reificação. Como, também, ele é a crítica e a negação dessa forma de existência (LUKÁCS, 1960).

A alienação humana, entretanto, é a condição desumanizadora do sociometabolismo do capital e a mercadoria, contém em si, a mística que a reproduz. A medida do valor de troca entre uma mercadoria e outra é o dinheiro. Ele deveria representar o valor social do trabalho produtivo, mas assumiu a forma de capital fictício, que circula com fins de possibilitar a extração de riquezas a partir de atividades não produtivas. Isto porque, ainda sim, de acordo com Harvey, “o valor de troca e o dinheiro pressupõem conjuntamente a existência de direitos individuais de propriedade privada, tanto sobre as mercadorias quanto sobre o dinheiro” (HARVEY, 2016, p. 47). É por meio da propriedade privada que vendedores e compradores trabalham juntos a fim de trocar mercadoria por dinheiro e dinheiro por mercadoria. Segundo Marx, foi assim criado o dinheiro como a habilidade da humanidade alienada. Uma força divina nutrida pelo fetichismo/mística da mercadoria.

A propriedade privada nos fez tão cretinos e rasos que um objeto só é nosso quando temos – quando ele existe para nós como capital. [...] O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pela pura alienação de todos esses sentidos: pelo sentido de ter. [...] Aquilo que é meu por intermédio do dinheiro, aquilo pelo qual posso pagar – isto é, o que o dinheiro pode comprar –, isso sou eu, o possuidor do próprio dinheiro. [...] Se o dinheiro é o vínculo que me liga à vida humana, que liga a sociedade a mim, que me liga à natureza e às outras pessoas, não é o dinheiro o vínculo de todos os vínculos? Não pode ele atar e desatar todos os laços? O dinheiro, meio e capacidade universais, faz da imagem efetividade e da efetividade mera imagem, transforma igualmente as forças essenciais humanas e naturais em pura e angustiante quimera. A inversão e a confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a confraternização das impossibilidades – a força divina do dinheiro –, repousam em seu caráter como espécie alienada, alienante e autodestruidora do ser humano. O dinheiro é a habilidade alienada da humanidade (MARX, 2018).

A alienação humana se deve aos termos da forma-mercadoria e da forma jurídica, das quais, a forma política emergiu. O conjunto das relações sociais está incumbido de sua objetivação em termos políticos. O estado está constituído e constitui o “tecido das relações sociais de reprodução do capital” (MASCARO,

2015, posição 394). A forma-valor está derivada em forma jurídica e só pode existir quando derivada da forma política estatal. O vínculo contratual do capitalismo exprime a forma-valor. O aparato, que garante a propriedade privada, “é o mesmo circuito das relações sociais de produção, aquele que enseja a forma-valor, a forma jurídica e a forma política estatal” (MASCARO, 2015, posição 402). E, de acordo com Pachukanis, a forma estatal e política existem porque existe a forma valor.

A crescente divisão do trabalho, a melhoria nos meios de comunicação e o consecutivo desenvolvimento das trocas fizeram do valor uma categoria econômica, ou seja, a personificação das relações sociais de produção que dominam o indivíduo. Para isso, foi preciso que os atos de troca isolados ocasionais formassem uma cadeia de circulação ampla e sistemática de mercadorias. [...] Essas condições reais consistem no estreitamento dos vínculos sociais e no crescimento do poder da organização social, ou seja, da organização de classe, que atingem seu apogeu no Estado burguês "organizado". Aqui, a capacidade de ser um sujeito de direito finalmente se destaca da personalidade concreta viva, deixa de ser uma função de sua vontade consciente ativa e se torna pura propriedade social. A capacidade de agir é abstraída de sua capacidade jurídica (PACHUKANIS, 2017, p. 122).

O movimento da produção e de reprodução social se realiza por meio de uma economia centralizada. O princípio da subjetividade jurídica exalta a personalidade humana e por isso supõe-se como um elemento crítico da teoria social do direito. Mas essa crítica reformista do individualismo foi feita a partir da ditadura financeira do capital e não da concepção do proletariado (PACHUKANIS, 2017). O liberalismo que se pretende neoliberalismo, objetiva uma ordem social e política por meio de um tipo de relação social de concorrência livre entre indivíduos. Nesse sentido, o poder de direito é o que cada indivíduo dispõe sobre sua vida. Aqui a propriedade privada é tida como um meio de independência, a sociedade como uma sociedade de empreendedores e a democracia de consumidores que exercem individualmente o poder de escolha. “A ordem política mais perfeita parece ser a que satisfaz uma multidão de soberanos individuais que teriam a última palavra tanto na política como no mercado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 116). O Estado, então, tem por função garantir a concorrência justa e a estabilidade monetária como direito fundamental do cidadão (DARDOT; LAVAL, 2016), que pode vender o seu tempo, o seu trabalho ou seus serviços.

Desse modo, a alienação é uma condição da sociedade capitalista pois, antes de qualquer coisa, o sociometabolismo desta estrutura social transforma a pessoa viva em mercadoria na exploração de mais valor. A produção da mercadoria se inicia na produção de mais valor (MARX, 2013; 2015; ANTUNES, 2018). Mesmo se tratando de atividades improdutivas, como as de professores em uma fábrica de ensino (ANTUNES, 2018), a expansão do capitalismo passou integrar o setor de serviços e os setores da cultura como serviços privados por meio da garantia da propriedade de pessoa jurídica. A reificação do humano desencadeia a transformação do trabalho vivo em trabalho morto, do trabalho improdutivo em produtivo e do trabalho intelectual em produção de mais valor por meio da exploração e expoliação do excedente criativo e perceptivo do produtor. Se, em momentos históricos anteriores, o trabalho cujo produto imaterial era considerado, em sua dualidade, improdutivo para o capital, de meados do século XX ao início do século XXI, quando se deram as privatizações de serviços estatais e o desenvolvimento da indústria cultural, passou a constituir a produção de mais valor, tanto o intelecto, quanto a percepção, a cognição e a atenção (BELLER, 2006). A alienação é a desumanização do humano em indivíduo trabalhador – ou empreendedor de si mesmo. Está é uma das mediações personificada do capital, no sistema capitalista de reprodução (MÉSZÁROS, 2011; 2016), como também o é, a desumanização do humano em indivíduo espectador (BELLER, 2006). O ser humano é coisa mercadoria. Quando vende, quando transporta/transmite/comunica e quando consome, essa coisa mercadoria produz e reproduz o capital. Produção, distribuição e consumo são uma mesma coisa no sistema de controle sociometabólico do capital que aliena e, por isso, desumaniza para se manter em expansão (MARX, 2011; ANTUNES, 2018).

Do trabalho improdutivo se diz o trabalho que cria valor de uso e não está voltado para a produção de valor de troca³⁰. O capital suprime este tipo de trabalho improdutivo desnecessário operando uma fusão entre atividades produtivas e

³⁰ Conforme Antunes, para Marx, o trabalho produtivo: 1) cria mais valor; 2) é pago por capital-dinheiro, e não por renda; 3) valoriza o capital, não importando se o resultado de seu produto é material ou imaterial; 4) tende a ser assalariado - embora nem todo trabalho assalariado seja produtivo; o trabalho é improdutivo “quando cria bens úteis, valores de uso, e não está voltado diretamente para a produção de valores de troca, ainda que seja necessário para que esta se realize. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital” (ANTUNES, 2018, p. 46).

improdutivas realizadas pelos mesmos trabalhadores. Para trabalhar produtivamente já não se faz necessária a utilização do próprio esforço. Mas basta ocupar um lugar no trabalho coletivo e receber um salário individual por isso. A produção capitalista é produção de mercadorias e a produção de mais valor abrange atividades improdutivas quando elas se tornam inerentes ao sociometabolismo do capital. A família, a escola, a universidade, a Igreja, os bancos, hospitais, transportadoras, *mass media*, o cinema, o teatro, as ruas, o saneamento, a produção de energia, a alimentação, a saúde, e etc. foram feitas mediações secundárias do capital. Seus produtores estão implicados pelas relações de produção social, historicamente determinadas, que os fazem um meio direto de valorização do capital (MARX, 2015; ANTUNES, 2018). O trabalhador produtivo é aquele que produz mais valor. No caso de educadores, serão somente trabalhadores produtivos, na medida em que, trabalharem para o enriquecimento do capitalista e não enquanto dedicarem seus esforços no processo de formação crítica das novas gerações. O trabalho improdutivo, somente se incluído no âmbito da propriedade privada, produz mais valor (MARX, 2015; ANTUNES, 2018).

No espaço dos serviços privatizados durante a transição da velha à nova razão do mundo, desenvolveram-se formas de extração do mais valor de esferas da produção imaterial. Esta hipótese, de acordo com Antunes, diz respeito ao processo recente de imbrincação progressiva entre trabalho e ciência, imaterialidade e materialidade, trabalho produtivo e improdutivo³¹. A designação do autor, sobretudo, volta-se para mundo recente da digitalização³². O trabalho

³¹ De acordo com o autor brasileiro, tal imbrincamento se deve à vigência do Neoliberalismo, para o qual a transformação da empresa flexível não consistiu na conversão da ciência em principal força produtiva (ANTUNES, 2018).

³² Conforme Antunes, "visto que o setor de serviços está cada vez mais totalizado e controlado pela lógica do capital e de seu processo de mercadorização ou comoditização, ele também se torna gradualmente mais participe das cadeias produtivas de valor, legando cada vez mais ao passado sua forma improdutiva para se converter em parte integrante do processo de geração de produtos de valor. As crescentes intersecções entre a indústria, a agricultura e os serviços, como na agroindústria [acrescentamos aqui a ecoindústria], na Indústria de serviços e nos serviços industriais, são emblemáticas do que estamos indicando. A introdução do trabalho on-line, que cresce intensamente desde os primórdios da reestruturação produtiva na década de 1970, com o seu instrumental tecnológico-informacional-digital, fez deslanchar essa processualidade, que se tornou incessante, convertendo a reestruturação produtiva em um processo permanente, da qual a denominada indústria 4.0 é a mais nova etapa" (ANTUNES, 2018, p. 48). A importância maior, na argumentação de Antunes, foi a afirmação de como a "sociedade baseada no conhecimento" e "trabalho imaterial" são, antes de tudo, expressões da complexificação atingida pela divisão do trabalho, em que coexistem tanto as atividades intelectuais como as manuais, tanto as de criação como aquelas mais rotineiras" (ANTUNES, 2018, p. 49).

improdutivo, nesse sentido, refere-se às atividades desenvolvidas *online*, que pressupõem tanto o isolamento social da produção imaterial na prestação de serviços, quanto a desvinculação do trabalho com a realidade da produção de mercadorias materiais/objetos/commodities. Estes dois elementos, encontram na industrialização da visão e do ensino suas versões anteriores, quando a tela isolava o espectador isolado em sua expectativa e quando a separação do trabalho de seu possuidor se deu como mercadoria. A alienação humana e a mística da mercadoria são elementos supraestruturais da produção de mais valor. Não somente o trabalho está na prestação de serviços educacionais, como está na prestação de serviços jurisperitos e políticos. Para além do cinema, o *spectacle* de Debord indicou como a produção e reprodução da sociedade assumiram a produção da percepção e da consciência como um setor produtivo de mais valor, para o qual, a partir da renda, paga-se trabalho, gera-se mais valor, emprega-se assalariados. A produção da repressetização de tudo em imagem produz mais valor. A acumulação de *spectacles* acompanhou, para o autor francês, a cadeia produtiva da economia da visão e a da informação, mas acrescenta a produção da percepção humana, a produção do gosto, como elemento central do trabalho improdutivo. À indústria da consciência e ao empresariamento da educação foram acrescentadas as condições da produção imaterial da percepção humana (DEBORD, 2006).

A alienação, condição da reprodução sociometabólica do capital, reifica o ser humano em mercadoria e o representa como indivíduo trabalhador a fim de extrair de seu trabalho o mais valor, seja como professores, como trabalhadores de indústrias flexíveis ou como operadores de caixa de supermercado. A uniformização da sociedade capitalista teve no keynesuismo um momento de transição em direção ao neoliberalismo e a intervenção dos estados nacionais, na economia, como garantidores de serviços produtores de valor de uso, foi uma fase de ajustes econômicos de uma contrarrevolução capitalista. O keynesianismo e a organização do trabalho pelo fordismo, impuseram uma forma de vida de contornos definidos pelas formas valor, jurídica e política. Foi então que a educação participou diretamente do processo de uniformização da sociedade, tanto em seu amplo espectro quando em suas formas mais setoriais e restritas.

2.1.3 O keynesianismo como uma etapa da reprodução social uniformizada

Na fase histórica contratual do desenvolvimento do capitalismo, o Estado produziu as infraestruturas públicas de planejamento do uso da terra, dirigiu o urbanismo e planejou o fortalecimento da educação que permitiu à França passar, em uma geração, de uma sociedade rural dominante para uma sociedade industrial moderna. Nessa sociedade, o dinheiro, como a linguagem, é uma forma pura, um princípio comum de coordenação por ser ele indiferente aos sujeitos econômicos e ao conteúdo trocado. Do mesmo modo que a linguagem mobiliza a gramática para ser compreendida e validada para todos os interlocutores, a relação de valor mobiliza a gramática do número para ser compreendida. Neste caso, o dinheiro, como significante, e o objeto trocado, como significado (AGLIETTA, 2019)³³. O dinheiro se tornou um contrato de pagamento, *“contrat social objectifé dans un médium commun par lequel la collectivité qui en fait usage rend à chacun de ses membres dans l’acte de payer ce qu’elle juge avoir reçu de lui par son activité. C’est par la logique des paiements que s’institue la valeur”* (AGLIETTA, 2019, p. 80)³⁴.

Nesse sentido, o dinheiro é um operador do valor. Para a teoria política-econômica do keynesianismo esta operação é fundamental. O keynesianismo foi uma tentativa de oferecer uma alternativa à lógica do avanço do capital, mas se prendeu à sua fase de expansão. Em razão da sua estrutura regulatória de capitalismo orientado pelo Estado, a expansão do pós-guerra deveu-se às condições favoráveis da reconstrução assumida pelo complexo industrial-militar financiado pelo Estado. A sua fase posterior teve de assumir a forma do neoliberalismo como corretivo da recessão. A duração dessa fase recessiva, na qual o neoliberalismo é prática comum dos governos situados nos dois lados opostos da política parlamentar, deve ser entendida como manifestação da crise

³³ Significado e significante são termos utilizados pela linguística. Referem-se aos elementos perceptíveis, o significante, e os elementos abstratos, o significado dos signos. Aglietta se utiliza desta terminologia linguística para evidenciar, por vias dos recursos da linguagem, a transformação produzida pelas relações entre o dinheiro e o objeto de sua troca (Cf. AGLIETTA, 2019, p. 80 ss.).

³⁴ Tradução livre: “contrato social objetivado em um meio comum pelo qual a coletividade que dele faz uso retorna a cada um de seus membros no ato de pagar o que ela julga ter recebido por sua atividade. É pela lógica dos pagamentos que se institui o valor”.

estrutural do capital. O neoliberalismo continuou e “já estão chegando ao fim os anos anunciados pela noção da próxima "longa fase de recuperação", como teorizam os apologistas trabalhistas do capital” (MÉSZÁROS, 2011, p. 26)³⁵. Sobretudo, durante os últimos 150 anos, quatro Internacionais foram fundadas com o intento de criar a unidade necessária do movimento operário frente à estrutura regulatória e expressiva do capitalismo.

O problema fundamental é que a pluralidade setorial do movimento operário está intimamente ligada à pluralidade contraditória hierarquicamente estruturada dos capitais, seja em cada país, seja em escala mundial. Não fosse por ela, seria muito mais fácil imaginar a constituição da unidade internacional do movimento operário contra um capital unificado ou em condições de se unificar. Entretanto, dada a articulação necessariamente hierárquica e contraditória do sistema do capital, com sua iníqua ordenação de poder, seja no interior de cada país, seja em escala internacional, a unidade internacional do capital à qual, em princípio, se poderia contrapor sem problemas a correspondente unidade internacional do movimento operário - não é viável (MÉSZÁROS, 2011, p. 27).

Não passou de ficção a possibilidade de divisão do poder com a força de trabalho, como também a participação desta última nos processos de tomada de decisão nas sociedades capitalistas. A esfera política, e os partidos em seu interior, centralizou setorialmente o movimento operário como modo necessário de sua operação enquanto partido político adversário. Mas o estado capitalista, sob as determinações do capital, continuou intacto. Os partidos políticos do movimento operário tiveram de se apropriar dessa dimensão política. Estavam submetidos ao estado capitalista burocratizado e tiveram que se articular em seu interior.

O que era problemático em tudo isto foi o fato de este espelhamento necessário e bem-sucedido do princípio estruturador do adversário não ter trazido consigo a visão realizável de uma forma alternativa de controle do sistema. [...] A dimensão vital inexistente, que os partidos políticos não podem suprir, era o capital, não como comando político (este aspecto foi efetivamente enfrentado), mas como o regulador sociometabólico do processo de reprodução material que, em última análise, determina não somente a

³⁵ Apologistas como Friedrich Hayek (1899-1992), economista austríaco.

dimensão política, mas muito mais além dela (MÉSZÁROS, 2011, p. 29).

Como controlador dos aspectos vitais do sociometabolismo, o capital definiu a esfera política de legitimação como esfera separada e restritamente formal. Eliminou a possibilidade de sua real contestação. Como opositor do capital, o movimento operário se encontrou impotente. As funções legais e políticas do Estado moderno são elementos do sistema do capital. Ao contrário do socialismo existente, que assumiu formas autoritárias, a transição para uma sociedade socialista consistia em uma progressiva “devolução às pessoas dos poderes alienados de decisão política” (MÉSZÁROS, 2011, p. 30). Sobretudo, os direitos de propriedade privada individualizada são respaldados pelo poder estatal como base das relações de troca e comércio.

A hegemonia do país [Estados Unidos da América do Norte] no sistema mundial é amplamente sustentada pelo controle que exerce sobre a moeda mundial e pela capacidade que tem de imprimir dinheiro para financiar, por exemplo, seus excessivos gastos militares. Em face disso, outros Estados individuais podem renunciar ao papel que tem em relação a suas moedas. [...] o *Federal Reserve* dos Estados Unidos e o Banco Central Europeu. Essas instituições se instalam no interstício entre o Estado e os bancos privados. São instituições que, junto com os departamentos do Tesouro, formam o nexo Estado-finanças que há tanto tempo funciona como o “sistema nervoso central” da regulação e da promoção do capital (HARVEY, 2016, p. 53).

Desde meados do século XX, o fordismo se articulou ao keynesianismo e se expandiu pelos países capitalistas avançados e descolonizados³⁶. A

³⁶ A palavra trabalho tem sua origem associada à palavra latina *tripalium*. O trabalho, como atividade laboral, foi tomado desde sempre como atividade indesejada, mas nunca deixou de ser realizado. Nesse sentido, a organização do trabalho humano em atividades laborais complexas e variadas se fez presente desde a Antiguidade. A organização do trabalho, em seu sentido técnico, “foi incorporado pelo modo de produção capitalista e submetido aos interesses de classes aí envolvidos, especialmente após as primeiras revoluções industriais, do século XVIII em diante” (PINTO, 2013, p. 16). Desde então, foi elevada à categoria de matéria de conhecimento e foi sendo crescentemente racionalizada, como bem expressou os trabalhos de Frederick Taylor (1856-1915). “Nos países capitalistas, centrais e periféricos, o sistema de produção em larga escala de produtos estandarizados fordista articulou-se aos Estados de Bem Estar [diga-se, modelo de governo em que o Estado assume papel na condução do desenvolvimento econômico] e à constituição dos grandes sindicatos de trabalhadores” (PINTO, 2013, p. 43).

configuração e a utilização dos poderes e dos aparelhos estatais foram resolvidas depois de 1945. Desde então, a produção da cultura se tornou integrada à produção de mercadorias em larga escala. Conforme Harvey, a experimentação estética assumiu função estrutural cada vez mais essencial e na cultura se travaram verdadeiros conflitos sociais. Mudanças de hábitos e costumes de consumo aconteceram concomitantes às definições das intervenções estéticas. A publicidade, promovida como arte oficial do capitalismo, fez com que seus produtos emanassem da “cultura do consumo de massa” (HARVEY, 2005, p. 65). As mobilizações da consciência pela moda, pela televisão e pela *pop art*, como um todo de formas de mídias de imagem, promoveram as verdades dos estilos de vida urbana como partes da vida cotidiana, orientada pelo capitalismo.

Os carros, a construção de navios e de equipamentos de transporte, o aço, os produtos petroquímicos, a borracha, os eletrodomésticos e a construção se tornaram os propulsores do crescimento econômico, [...] a reconstrução patrocinada pelo Estado de economias devastadas pela guerra [atuaram] na renovação urbana, na expansão geográfica dos sistemas de transporte e comunicações e no desenvolvimento infra-estrutural dentro e fora do mundo capitalista avançado. Coordenadas por centros financeiros interligados, tendo como ápice da hierarquia os Estados Unidos e Nova Iorque (HARVEY, 2005, p. 125).

O fordismo do pós-guerra, visto como sistema de organização do trabalho para a produção em massa, aliado ao keynesianismo, passou a ser um modo de vida. A reprodução social uniformizada passou a significar o produto e o consumo de massa implicados em uma estética da mercadoria cultural. As formas de intervenção estatal passaram a ser orientadas por princípios de racionalidade burocrática e técnica enquanto a política se apoiava em uma democracia econômica de massas. A legitimação do poder do Estado estava voltada para a capacidade de dispor os benefícios do fordismo e encontrar maneiras de garantir, além da assistência médica e habitacional, os serviços educacionais em larga escala pelo aparato estatal (HARVEY, 2005). É importante definir que o Estado é derivado da própria produção capitalista. Ele é uma constituição social e um momento de coordenação de relações sociais.

A existência de um nível político apartado dos agentes econômicos individuais dá a possibilidade de influir na constituição de subjetividades e lhes atribuir garantias jurídicas e políticas que corroboram para a própria reprodução da circulação mercantil e produtiva. [...] O Estado, majorando impostos ou mesmo ao conceder aumento de direitos sociais, mantém a lógica do valor. Se os dirigentes do Estado têm ou não tal ação como política deliberada de sustentação de um sistema, não é isso, no entanto, que mantém exclusivamente o capitalismo em funcionamento. É um processo global e estruturado que alimenta sua própria reprodução (MASCARO, 2015, posições 249-258).

Ao longo dos anos que se seguiram, o estado, além de salvaguardar as condições mínimas da saúde e da educação, mostrou-se um defensor do sistema financeiro e parte das novas formas de sujeitar o assalariado ao endividamento. O alinhamento do keynesianismo e do fordismo marcavam um momento histórico do Estado que foi suplantada em favorecimento de seu papel como condicionador dos investimentos e das normas (DARDOT; LAVAL, 2016). Mas se constituiu em um momento importante da unificação da sociedade do capital na medida em que possibilitou a legalização das classes trabalhadoras, de suas greves e do direito individual.

Essa conquista das leis, da garantia da liberdade por meio delas, do acesso aos serviços do Estado e da representação jurídica se configurou a partir das várias contradições históricas. Embora avance em termos de possibilitar a distribuição dos bens coletivos, retrocede por omitir as determinações do sociometabolismo do capital que as sustentam. Não temos como dizer que as leis sobre a duração do trabalho e repouso semanal não constituíram em avanços sociais desde o final do século XIX. “Muitas dessas “vitórias” foram necessárias para manter em “boa saúde” a classe operária” (EDELMAN, 2016, posição 215). Mas por outro lado, revelam o poder jurídico do capital. As lutas dos movimentos operário está encerrada por uma história de ajuste permanente da relação capital-trabalho própria da estrutura da lei. Ou seja, uma relação entre sujeitos jurídicos. Trata-se

[...] do “poder burguês”, outorgado por um “direito burguês”; porque concordamos facilmente que o direito burguês não pode dar nada além do “poder burguês”, isto é, uma forma específica de organização e de representação. [...] Como se o trabalho estivesse “do lado” do capital e do Estado! Como se o “direito operário” não

fosse o direito burguês para o operário! (EDELAMAN, 2016, posições 232, 240).

A legalização da classe trabalhadora consiste em um efeito da política conforme sua condução pela classe no poder. A forma sujeito de direito não é outra coisa que não “o trabalhador que pertence a si mesmo, a forma monetária (o salário), a forma contratual (o contrato de trabalho) e todas as formas das “relações coletivas” (o estatuto jurídico das massas), violentas (a greve) ou aparentemente não violentas (convenções coletivas)” (EDELMAN, 2016, posição 278). Está no direito ao trabalho o segredo do direito burguês. A astúcia do capital foi oferecer à classe operária uma linguagem que não é sua, a língua da legalidade da burguesia. As críticas ao Programa de Gotha, de Marx, refletem o desmonte dessas ilusões jurídicas com as quais estava se satisfazendo o partido social-democrata (EDELMAN, 2016; MARX, 2012).

No momento em que o contrato de trabalho é um contrato de venda do trabalho cuja compensação é o salário, a relação real capital-trabalho se torna invisível. Na forma de salário o contrato se torna uma técnica eficaz. De um lado, o contrato de trabalho apareceu como uma técnica de venda trabalho, que resulta por vez, no direito ao salário. Por outro lado, para os proprietários dos meios de produção, é uma compra da força de trabalho. “O que é, então, o poder jurídico do capital? Nada além disto: a dupla forma do contrato de trabalho e do direito de propriedade” (EDELMAN, 2016, posição 434). A suspensão do contrato de trabalho pelas greves mostra, segundo Edelman, a ficção que é o contrato de trabalho e o retorno à ideologia da relação do direito, à ideologia jurídica do trabalho.

O direito de greve é um direito burguês; é o direito burguês aplicado à classe operária e, como o leitor não é obrigado a acreditar em mim agora, ainda que tenha concordado com o que foi exposto, farei duas incursões no direito positivo da greve. Não direi tudo, não entrarei em todas as sutilezas, pois não pretendo escrever um tratado de direito, e existem muitos bem-feitos, mas direi o suficiente para que o leitor compreenda bem a tese: o direito de greve funciona no modo do contrato de trabalho, portanto, do direito de propriedade. Tese jurídica? Não só. Tese jurídico-política, sobretudo, tese sobre o funcionamento do poder burguês, posto que se trata de enquadrar as lutas operárias, de legalizá-las, em

suma, de reproduzir por conta disso a relação capital/trabalho (EDELMAN, 2016, posição 685).

Afinal, o agente histórico da revolução é o proletariado. No que concerne a isso, a realização da filosofia, para Marx, encontra as condições históricas de sua manifestação concreta com a reivindicação dos trabalhadores pela superação das relações sociais de classes. A particularidade da revolta dos tecelões, na Alemanha, em 1844, revelou, segundo Marx, a formação da classe que se opoz à burguesia, no interior do desenvolvimento da própria sociedade burguesa:

[...] O “prussiano” sabe o que o rei deveria ordenar? Nada além do aniquilamento do proletariado. Para educar crianças é preciso alimentá-las e libertá-las do trabalho remunerado. A alimentação e educação das crianças desvalidas, isto é, a alimentação e educação de todo o proletariado em fase de crescimento, representaria o aniquilamento do proletariado e do pauperismo (MARX, 2010, p. 37).

A história se mostrou complexa e os mecanismos de dominação de classe foram aprimorados até o efetivo desenvolvimento do Estado. A forma de Estado e a sua mudança, ao longo do movimento histórico, instituíram uma forma política de disputa pela organização de seu manejo. Nesse caso, por fim, não resta dúvida de que, já na concepção de Marx, todos os Estados “buscam a causa nas falhas causais ou intencionais da administração e, por isso mesmo, em medidas administrativas o remédio para suas mazelas. Por quê? Justamente porque a administração é a atividade organizadora do Estado” (MARX, 2010, p. 40).

O pensamento marxista reagiu ao avanço histórico da dominação burguesa de classes sobre o proletário desde a Revolução de Outubro. Guy Debord, como um pensador de seu tempo, refletiu posteriormente sobre essa teoria crítica e desenvolveu suas concepções em flagrante debate com ela. Através dela, por meio da releitura e livre apropriação de suas categorias, analisou as questões sobre a forma de vida que se definia na contemporânea sociedade francesa de seu tempo. Retomou e ampliou as categorias de Karl Marx e dos marxismos a fim de conceber uma teoria revolucionária. Desde os anos de 1950, anunciou que não é a questão dos aumentos salariais que deve ser feita, “*mais celle de la condition faite au peuple*

em Occident” (POTLATCH, 1954, p. 141)³⁷. Para ele, a luta dentro do sistema, para obtenção de concessões de varejo imediatamente questionadas ou reconquistadas em outro lugar pelo capitalismo, deve ser recusada. “*C’est le problème de la survivance ou de la destruction de ce système qui doit être radicalement posé*” (POTLATCH, 1954, p. 141)³⁸. Tal proposição sobre a realidade inaceitável do capitalismo se fez o lugar, a partir do qual, refletiu as questões sobre seu engajamento no campo da educação.

Por isso, a fim de identificar as características destas discussões sobre a superação do capitalismo, retomamos as concepções do pensamento marxista que pululavam os anos de meados do século XX, na França, a começar pela crítica da reificação humana. Inevitavelmente, a reificação humana, entendida como a transformação das pessoas em coisas mercadorias, está presente no interior do processo de expansão da sociedade capitalista e compreendeu a mediação social e as relações sociais nas democracias liberais. Foi essa crítica da reificação, a partir da categoria da totalidade, feita por György Lukács (1885-1971), na Hungria, a causa de sua polêmica designação como intelectual marxista ocidental. A discussão sobre essa designação do marxismo foi promovida por Anderson, nos anos de 1970, e, posteriormente, por Losurdo (LOSURDO, 2018; ANDERSON, 2019). À obra do autor húngaro se devem os desdobramentos de teorias críticas que influíram, de forma direta, na compreensão da ação política, nos anos de meados do século XX.

2.2 MARXISMO OCIDENTAL, MEDIAÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO

A importância da Revolução de Outubro para o desenvolvimento das sociedades capitalistas, como as conhecemos hoje em dia, mediu-se pela

³⁷ Tradução livre: mas aquela sobre a condição imposta ao povo no Ocidente.

³⁸ Tradução livre: É o problema da sobrevivência ou da destruição deste sistema que deve ser colocado radicalmente.

importância das teorias que se debruçaram sobre o fracasso da revolução proletária na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). As propostas reformistas ganharam força determinante na construção histórica das sociedades democráticas capitalistas. O Estado, tomado como regulador da economia e garantidor dos contratos do capitalismo dos anos do pós-guerra, constituiu-se, ele próprio, em uma derivação de formas pelas quais o capital pudesse se reproduzir.

2.2.1 Os marxismos

A expressão marxismo ocidental marca uma separação e um afastamento teórico e político entre intelectuais revolucionários, filiados aos partidos comunistas e seus dirigentes, na União Soviética e para além dela, e os intelectuais marxistas dos países não socialistas. A Revolução de Outubro, embora tenha um valor universal, ficou politicamente demarcada por profundas diferenças políticas entre o Leste e Oeste. A lacuna entre os marxismos ocidental e oriental foi afirmada por Anderson, em 1976, que demarcou seu distanciamento em relação aos países oficialmente socialistas. Antes dele, entretanto, Maurice Merleau-Ponty foi quem cunhou a expressão (LOSURDO, 2018; ANDERSON, 2019).

A política revolucionária, que a partir de 1917, deveria suceder historicamente à política liberal, tornou-se uma política assentada sobre os modernos modos de produção. Isso debilitou a posição do proletariado como classe dirigente que tinha a tarefa de reconstruir a economia e a civilização. Tudo isso se passava diante das esperanças iniciais de uma sociedade radicalmente nova e o declínio do aparelho estatal. Essas são as considerações de Merleau-Ponty, que, segundo Losurdo,

Não levava em conta que eles ora falam da "extinção do Estado" enquanto tal, ora da "extinção do Estado em sua atual acepção política"; somente a primeira formulação pode ser tachada de

messiânica (e anarquista). Em segundo lugar, Merleau-Ponty evitava se interrogar sobre a possível relação entre a liquidação do colonialismo em todas as suas formas e a edificação da sociedade pós-capitalista (LOSURDO, 2018, p. 12).

As fileiras da teoria marxista foram divididas com a Primeira Guerra Mundial. Como também foi dividido o próprio movimento da classe trabalhadora. A evolução do marxismo conseguiu uma unidade teórica e prática em virtude da ascensão dos partidos socialistas. Mas, foi justamente a integração destes teóricos na prática de seus partidos nacionais e seu enraizamento concreto em situações particulares da vida que produziram diferentes abordagens sobre as proposições teóricas de Marx (ANDERSON, 2019).

A luta de classes, nos países ocidentais, foi intensificada devido à crise econômica de 1929. Como também a contrarrevolução social mobilizava, nos países capitalistas, suas formas mais brutais e violentas, abolindo a democracia parlamentar com fins à dominação das organizações autônomas das classes trabalhadoras.

As ditaduras terroristas do fascismo foram a solução histórica do capital para os perigos do operariado nessa região: foram projetadas para reprimir cada traço de resistência e independência proletária, numa conjuntura internacional de antagonismos interimperialistas cada vez maiores. A Itália foi o primeiro país a experimentar a força plena da repressão fascista: em 1926 Mussolini havia acabado com toda e qualquer oposição legal dentro do país. O nazismo tomou o poder na Alemanha em 1933, depois que a *Comintern* impusera um rumo suicida ao KPD [Partido Comunista da Alemanha]; o movimento operário alemão foi aniquilado (ANDERSON, 2019, p. 43).

O pensamento político leninista foi “rapidamente esterilizado pela stalinização da Terceira Internacional, que progressivamente subordinou as políticas de seus partidos constituintes aos objetivos da política externa da União Soviética” (ANDERSON, 2019, p. 43). As teorias marxistas do entre guerras foram restringidas por análises econômicas. Entretanto, em Frankfurt, no ano de 1923, foi criado um instituto de pesquisa independente financiado por um rico produtor de grãos, com a finalidade de promover estudos marxistas.

A maré da Segunda Guerra Mundial virou [...]. As vitórias do Exército Vermelho [...], em 1942 e 1943, asseguraram a libertação da Europa do domínio nazista. Em 1945, o fascismo havia sido derrotado por toda parte, exceto na Península Ibérica. A União Soviética [foi] enormemente fortalecida em seu poder e prestígio internacionais. [...] Os vinte anos seguintes exibiram um padrão econômico e político diametralmente oposto ao do período entre guerras. Não houve retrocessos a ditaduras militares ou policiais nos principais países da Europa Ocidental. A democracia parlamentar, baseada no sufrágio universal pleno, se tomou estável e normal em todo o mundo industrial avançado pela primeira vez na história do capitalismo. Tampouco repetiram-se depressões catastróficas como a dos anos 1920 e 1930. Pelo contrário, o capitalismo mundial desfrutou de um longo período de crescimento (ANDERSON, 2019, p. 47).

Foi nesse período de alterações e resoluções que as teorias revolucionárias, que produziram o que ficou conhecido como marxismo ocidental, configuraram uma nova intelectualidade no desenvolvimento do materialismo histórico. A história destes deslocamentos foi bastante complexa e permeada por deslocamentos geracionais e geográficos. São várias as gerações e várias as regiões do mundo que produziram diferentes interpretações do pensamento e teorias de Marx. Anderson separou em sua análise um conjunto de nomes que incluiu, dentre vários, os de Rosa Luxemburgo (1871-1919); György Lukács (1885-1971); Karl Korsch (1886-1961); Antônio Gramsci (1891-1937); Walter Benjamin (1892-1940); Max Horkheimer (1895-1973); Herbert Marcuse (1898-1979); Henri Lefebvre (1901-1991); Theodor Adorno (1903-1969); Jean Paul Sartre (1905-1980); Louis Althusser (1918-1990). Embora marcada por uma diferença geracional, o marxismo ocidental é representado por intelectuais que se formaram politicamente em meio ao avanço do fascismo e da Segunda Guerra Mundial.

O primeiro deles a descobrir o materialismo histórico foi Lefebvre - figura incomum nesse grupo, sob vários aspectos que entrou para o Partido Comunista Francês (PCF) em 1928. Adorno, dez anos mais jovem que Marcuse e Benjamin, parece ter se voltado em direção ao marxismo somente depois da tomada nazista do poder, em 1933. Sartre e Althusser, embora de idades bem diferentes, parecem ter se radicalizado ao mesmo tempo, em decorrência do impacto da Guerra Civil Espanhola, da derrocada francesa de 1940 e da prisão na Alemanha. Ambos completaram sua evolução política após 1945, nos primeiros anos da Guerra Fria: Althusser

entrou para o PCF em 1948, enquanto Sartre se alinhou com o movimento comunista internacional em 1950 (ANDERSON, 2019, p. 50).

Seriam muitas as considerações a serem feitas sobre a complexidade do marxismo ocidental. Entretanto, são suficientes, para o presente texto, a sinalização das características gerais sobre ele. A começar por terem sido, estes autores, bastante influentes no decorrer do século XX e, de alguma forma, fazerem-se presentes nas movimentações e agitações sociais pelo mundo em meados do século, especialmente, na França. Considerados a partir da categoria de intelectuais, cada um deles acabaria atraído por uma das grandes classes sociais em luta, a burguesia ou o proletariado. A partir daqui a questão formulada por Löwy, orienta-nos na exposição que se segue. A saber: “por que parte significativa dos intelectuais se torna radicalmente oposta ao capitalismo e acaba por aderir ao movimento operário e à *Weltanschauung* marxista?” (LÖWY, 1976, p. 03). As investigações desse autor partem, particularmente, da evolução intelectual de Lukács, mas pode elucidar os casos de como vários intelectuais se tornaram anticapitalistas.

O intelectual tende a resistir a [...] ameaça que visa constantemente transformar todo bem material ou cultural, todo sentimento, todo princípio moral, toda emoção estética em uma mercadoria em uma "coisa" trazida ao mercado e vendida por seu justo preço. A medida que ele resiste, não pode senão se tornar instintivamente, visceralmente anticapitalista. Não é senão à medida que ele capitula, à medida que aceita submeter à dominação do valor de troca os valores qualitativos de seu universo ideológico-cultural, que ele pode evidentemente ser integrado pelo capitalismo. A distinção entre esses dois tipos de intelectuais é habitual e assume algumas vezes a forma de uma ruptura violenta (LÖWY, 1976, p. 06).

Foi em nome de certos princípios humanistas que a *intelligentsia*, no sentido de uma vanguarda intelectual, voltou-se contra a burguesia no interior do capitalismo. O proletariado seria então a classe histórica capaz de realizar ideais de liberdade. Para estes intelectuais, o humanismo marxista se tornou o herdeiro “das aquisições mais acabadas dos pensadores burgueses e o movimento operário deve tornar-se o executor prático destas ideias defendidas até então apenas em

teoria” (LÖWY, 1976, p. 07). Alguns intelectuais burgueses se tornaram revolucionários sob a influência da Revolução de Outubro. Trouxeram consigo um programa com objetivos de obter uma específica mediação teórica que pudesse responder às questões que essa mudança e tomada de poder, pela classe trabalhadora, engendrou. Lukács escolheu uma via moral e política. Entrou no campo da teoria estética, como os demais marxistas ocidentais, devido aos impedimentos políticos do estalinismo (MÉSZÁROS, 2011). Mas principalmente, segundo Mészáros, pela própria constituição histórica do sistema do capital ser

[...] idêntica à emergência de sua segunda ordem de mediações. O capital em si não passa de um modo e um meio dinâmico de mediação reprodutiva, devorador e dominador, articulado como um conjunto historicamente específico de estruturas e suas práticas sociais institucionalmente incrustadas e protegidas. E um sistema claramente identificável de mediações que, na forma adequadamente desenvolvida, subordina rigorosamente todas as funções de reprodução social - das relações de gênero e família até a produção material e a criação das obras de arte - à exigência absoluta de sua própria expansão, ou seja: de sua própria expansão constante e de sua reprodução expandida como sistema de mediação sociometabólico (MÉSZÁROS, 2011, p. 188).

As críticas aos “moinhos satânicos”, expressão utilizada por Mészáros para se referir à sociedade do capital, e o engajamento em denúncias sobre os destroços que produziu, contudo, não proporcionaram uma medida de forças suficientes para a emancipação do trabalho.

O aspecto mais desconcertante da crítica prática socialista foi o fato de que as mediações de segunda ordem do capital não seriam negativamente superadas se não fossem, ao mesmo tempo, positivamente substituídas pelas necessárias alternativas estruturais. O sistema do capital poderia recuperar seu poder - ainda que temporariamente subjugado, sobre as grandes crises e emergências históricas caso as funções vitais sociometabólicas de sua rede mediadora estreitamente interligada deixassem de ser incorporadas às formas alternativas de funcionamento eficaz: formas capazes de superar a contradição de ter de paralisar o produtor, o preço a ser pago por uma boa redução nos custos materiais da produção. Por esta razão, a paixão e compaixão da denúncia moral evidentes nos escritos dos grandes utopistas socialistas, aliadas à concepção nobre (mas idealizada) do “educador” iluminado da humanidade que vem em seu socorro,

também deveriam estar sujeitas a uma crítica minuciosa, que enfatizasse a necessidade de se reestruturar a essência das próprias condições objetivas que inevitavelmente também "educam os educadores" (MÉSZÁROS, 2011, p. 201-202).

Apesar de desumanas, as mediações de segunda ordem das relações sociais capitalistas teriam condições de cumprir suas funções produtivas³⁹. A produtividade do capital consiste em produzir o trabalho excedente e promover o trabalho para além das necessidades dos indivíduos. Além disso, em seu modo estabelecido, o sociometabolismo sob os domínios do capital, os capitalistas particulares, assim como os trabalhadores, funcionam como personificações do capital e do trabalho (MÉSZÁROS, 2011). O lado positivo do projeto socialista não poderia, então, ser articulado sem o enfrentamento dos problemas da mediação primária sociometabólica, o intercâmbio mediador produtivo deveria ser realizado de forma racionalmente controlável e humanamente compensador das funções vitais da reprodução individual e social.

1) os seres humanos são uma parte da natureza que deve satisfazer suas necessidades elementares por meio de um constante intercâmbio com a natureza; e, 2) eles são constituídos de tal maneira que não podem sobreviver como indivíduos da espécie a que pertencem (a única espécie "intervencionista" do mundo natural) num intercâmbio não mediado com a natureza - como fazem os animais - regulado pelo comportamento instintivo diretamente determinado pela natureza, por mais complexo que seja esse comportamento instintivo dos animais. Em consequência dessas condições e determinações ontológicas, os indivíduos humanos devem sempre atender às inevitáveis exigências materiais e culturais de sua sobrevivência por meio das

³⁹ Mediação primária e mediações de segunda ordem do capital são designações de Mézáros em seu livro **Para Além do Capital** (2011). Segundo o autor, as "mediações de segunda ordem do capital constituem um círculo vicioso do qual aparentemente não há fuga. Pois elas se interpõem, como "mediações", em última análise destrutiva da "mediação primária", entre os seres humanos e as condições vitais para a sua reprodução, a natureza" (MÉSZÁROS, 2011, p. 179). A preponderância das mediações de segunda ordem omite que as condições de reprodução social podem ser garantidas pela mediação necessária da atividade produtiva. A segunda ordem de mediações pode ser resumida à família nuclear, que articula o microcosmo da sociedade e participa de todas as relações sociais reprodutivas da sociedade, inclusive da mediação das leis do Estado; o dinheiro, incluindo as inúmeras formas enganadoras que submete a satisfação das necessidades humanas aos imperativos da expansão e acumulação do capital; o trabalho; a mobilidade e a educação. Especialmente esta última, tratada exclusivamente no livro **A Educação Para Além do Capital** (2008) e objeto de estudo da presente tese, está diretamente relacionada à mediação das funções socioeconômicas essenciais de reprodução por meio da objetificação alienada do trabalho vivo como capital. Cf. Mézáros (2008; 2011).

indispensáveis funções primárias de mediação entre si e com a natureza de modo geral (MÉSZÁROS, 2011, p. 212).

A mediação primária e as mediações secundárias, sob os domínios sociometabólico do capital, na reprodução e conformação das sociedades capitalistas, são os lugares nos quais as atividades educativas se desenvolvem, no sentido de que são elas as responsáveis por constituir o ser humano enquanto ser humano e de reproduzir a sociabilidade em relação a essa produção. A educação diz respeito à mediação e as relações sociais na medida em que é um processo de interiorização dos produtos destas mediações (MÉSZÁROS, 2008). Nesse sentido que a educação ocupou o centro das disputas entre a revolução, como proposição da superação da sociedade capitalista, e a contrarrevolução burguesa.

Enquanto Marx avançou progressivamente da filosofia para a política e economia, o marxismo ocidental procedeu pelo caminho inverso. Retoma, sobretudo, os primeiros escritos de Marx (ANDERSON, 2019; LOSURDO, 2018). Ainda assim, tratou-se de superar o capitalismo a partir de sua negação. Embora tenha sido profícua e bastante fecunda para a compreensão das forças superestruturais, a cisão do marxismo ocidental, ocasionada por sua diversidade autoral e geográfica, acabou promovendo, com ela, o desenvolvimento de teorias críticas que não estão voltadas para a superação do desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo (ADORNO, 2019). Sobretudo, apresentam-se com uma afirmação da importância da educação, da estética e da filosofia no processo de emancipação frente à barbárie (ADORNO, 2006; GRAMSCI, 2004). Por sua vez, a internacionalização do capital uniformizou o domínio burguês sobre as classes trabalhadoras, tanto com seu parasitismo social como por suas técnicas administrativas, militares e culturais de dominação. O marxismo se diversificou em suas expressões particulares e singulares. O capital, por sua vez, arregimentou a subjetividade política e a cerceiou com a ciência mística do dinheiro, a *raison d'être* de qualquer coisa, tornada coisa nas trocas de mercadorias entre produtores e consumidores⁴⁰.

⁴⁰ Tradução livre: razão de ser.

A fim de evidenciarmos a crítica debordiana à educação, diametralmente oposta à esta *raison d'être*, retomamos alguns elementos teóricos que, inevitavelmente, constituíram o horizonte teórico, a partir do qual, o autor francês formulou sua teoria do *spectacle*. As primeiras menções diretas de Debord à educação, feitas em referência à família burguesa, repousada sobre o capital em forma de enriquecimento privado, podem ser compreendidas como o lugar, a partir do qual, o autor francês afirmou seu diálogo aberto em relação à tradição marxista e aos maxismos no que diz respeito às atividades e às instituições educativas. Em emissões radiográficas, publicadas na revista **Potlatch**, em 1955, sob o título *Valor Educative*, Debord afirmou, um dos aspectos determinantes da educação como uma estética da mercadoria: "*La vie nous manquera comme un faux ami au milieu de toutes nos entreprises. Les riches de cette terre qui jouissent d'une vie agréable, s'imaginent avoir de grands biens, seront tout étonnés de se trouver les mains vides*" (POTLACH, 1955, p. 182)⁴¹. A análise da concepção debordiana compreendeu sua construção teórica em diálogo com essa tradição revolucionária.

2.2.2 Os Intelectuais Revolucionários:

2.2.2.1 Lukács, a história e a consciência

A obra político-filosófica de Lukács representa um momento circunstancial da história. Nesse momento, diante dele estavam os desafios das mediações institucionais e materiais aos arredores da Revolução de Outubro. Sua obra teve bastante repercussão e as gerações seguintes, com maior ou menor intensidade,

⁴¹ Tradução livre: "Sentiremos falta da vida como um falso amigo em meio a todos os nossos empreendimentos. Os ricos desta terra que desfrutaram de uma vida agradável, imaginam-se possuidores de grandes posses, ficarão surpresos ao se encontrarem de mãos vazias".

tiveram de apropriar-se dela, seja como objeto de contraposição ou como referência para o exercício das práticas políticas e sociais subjetivas,

História e consciência de classe (publicado em 1923) ofereceu uma formidável generalização filosófica das conquistas históricas de outubro de 1917 e transformou em patrimônio positivo as monumentais dificuldades com que teve de lutar a "revolução no elo mais fraco da corrente". Foi assim que a obra de Lukács adquiriu seu caráter representativo e sua lendária influência (MÉSZÁROS, 2011, p. 47).

Como teoria, representou uma perspectiva bastante idealizada do desenvolvimento do movimento socialista. É uma obra que realizou uma síntese dialética “entre ser e dever ser, valores e realidade, ética e política, tendências profundas e fatos empíricos, presente e futuro, sujeito e objeto” (LÖWY, 1976, p. 07). Uma unidade coerente que expressa uma superação dos contrários. Essa é a superioridade de *Histoire et conscience de classe* em relação aos seus trabalhos anteriores e posteriores (LUKÁCS, 1960; LÖWY, 1976). De fato, se é superior ou não, não importa. A questão é que, desde o momento de sua publicação, em 1923, até 1968, durante as movimentações de estudantes e trabalhadores, ela foi tornada lendária. Ganhou ainda mais destaque com a sua condenação pelo *Comintern* logo após o seu aparecimento⁴². Ela circulou fora dos partidos.

A condenação apressada da obra pelo *Comintern* apenas serviu para dar uma sinistra ênfase ao significado representativo da obra. [...] encontrando assim um eco bastante favorável nos círculos revolucionários do Ocidente, cujas aspirações foram igualmente esmagadas pela "força das circunstâncias". Os termos em que, à luz da experiência húngara frustrada, a avaliação das causas do fracasso poderia localizar algumas tendências num estágio muito inicial - por exemplo, com relação à "burocratização do partido, ainda que Lukács os identificasse apenas numa "linguagem esópica", atribuindo as contradições e traços negativos criticados ao "antigo tipo de partido" - que se tornaram cada vez mais proeminentes no decorrer da "stalinização" bem-sucedida do movimento internacional da classe trabalhadora; a grande influência dessa obra estava claramente visível nos textos dos intelectuais revolucionários que sofreram as tendências negativas

⁴² Conhecida também como Terceira Internacional (1919-1943), foi uma organização internacional fundada por Vladimir Lenin e pelo PCUS (bolchevique), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

que avançavam inexoravelmente dentro do próprio movimento, inclusive Karl Korsch e Antonio Gramsci (MÉSZÁROS, 2011, p. 73,74,75).

Em sua obra, Lukács insistiu na subordinação voluntarista das forças objetivas da luta de classes. Sugere que a estabilidade capitalista existia apenas enquanto percepção irracionalizada da precariedade da sociedade burguesa (LUKÁCS, 1960). Influenciou teorias críticas e os posteriores movimentos estudantis da década de 1960, como um apelo aos intelectuais, justamente por essa polêmica insistência voluntarista. Ofereceu a esses grupos uma forma de articular a rebelião consciente contra o poder da reificação no mundo burguês e capitalista (LUKÁCS, 1960; MÉSZÁROS, 2011)⁴³. As teses básicas do livro de Lukács são hegelianas, primeiramente, por entender que a consciência do proletariado supera a realidade social do conhecimento, segundo, pela tendência de conceber alienação como a “objetivação externa da objetividade humana” (ANDERSON, 2019, p. 85).

Não somente Lukács se propôs recuperar elementos pré-maxistas nas proposições teóricas do marxismo. Por entenderem que neles encontrariam os rudimentos para a ampliação de suas análises da sociedade, as teorias críticas, na França, de meados do século XX, e alhures, ocuparam-se com as questões sobre a substância da realidade e concentraram seus estudos na superestrutura social. As proposições antitéticas de Sören Kierkegaard (1813-1855) foram tomadas como uma forma corretiva de Hegel (1770-1831) por Sartre, que afirmou seu protesto existencialista de que o indivíduo deveria ser concebido acima de qualquer termo de classe social. A experiência individual se colocou contra um sistema objetivista e universalizante. Na obra de Althusser, por sua vez, o ancestral de Marx foi

⁴³ Conforme a concepção de Lukács, no mundo burguês e capitalista, transforma os seres em coisas destituídas de essência e de sentido vivificante. Transforma tudo em mercadoria e com essa transformação afunda tudo em em uma pseudo-objetividade racionalista ou/e em pseudo-subjetividade idealista. O mundo, então, concebido como produto da atividade humana, a totalidade engendrada pela produção humana e todos os fenômenos com os quais a sociedade e seus indivíduos precisam lidar, tornou-se estranho e hostil. O que Hegel apreendeu como o devir da alienação e o que Marx analisou, ora como o fenômeno da alienação, ora como o fetichismo da mercadoria, tornou-se reificação em Lukács. O capitalismo burguês elevou a reificação ao seu mais alto grau de desenvolvimento e a classe proletária, para o auto húngaro, pode e deve acabar com isso definitivamente. Segundo ele, e o poderoso instrumento para a supressão da reificação é o Partido (LUKÁCS, 1960).

Espinosa e a revolução filosófica. Gramsci, ao refletir sobre a luta de classes, apresentou Maquiavel como pensador da prefiguração do problema histórico entre proletariado e campesinato. O partido, tornou-se “uma versão moderna do Príncipe” (ANDERSON, 2019, p. 91). Os mecanismos de dominação da burguesia são analisados em termos da filosofia da *práxis* de Maquiavel, como força, fraude, território, autoridade e consentimento. Segundo Anderson, nenhum deles refletiu sobre a economia a maneira clássica de análise de seus movimentos e leis (ANDERSON, 2019). Embora a importância dessas considerações sobre o passado pré-marxista seja evidente, existem outros elementos que atraíram os pensadores do marxismo ocidental, as artes e a educação. As questões estéticas e a educação ganharam a maior importância no âmbito da cultura. Especialmente a educação para Antônio Gramsci, mas em Walter Benjamin e Theodor Adorno verificamos já a educação e a estética como elementos coparticipativos de suas preocupações teórico-conceituais.

2.2.2.2 Antonio Gramsci: Educação e Americanismo

Foram muito importantes as categorias formuladas pelo marxismo ocidental para a reflexão teórica e histórica da educação e das artes. As concepções de Gramsci, resultado da atenção que dispensou sobre as questões da educação, exprimem o fato educativo para além do fato político. A educação é concernente, também, “especialmente ao fato da produção e do trabalho ou, como ele diz, do industrialismo concebido como a continua vitória do homem sobre a natureza externa e sobre seus instintos” (MANACORDA, 2010, p. 400). Opositor do fascismo, que o encarcerou, produziu uma reflexão pedagógico-política a partir de uma síntese crítica de motivos das tradições liberais-democráticas e socialista. Reflete sobre a relação entre o desenvolvimento científico-técnico e a escola no desenvolvimento social. De acordo com Manacorda, Gramsci definiu um princípio

educativo unitário que abarcava os organismos da cultura a partir das relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial.

Ele pode assim falar de "unificação cultural do gênero humano", onde a unificação ou o "conformismo" (termo usado intencionalmente para provocar) não é massificação, mas é a elevação comum de cada indivíduo ao mais alto nível de consciência crítica e de capacidade produtiva atingido pela humanidade de na sua história. Para ele a personalidade humana livre e plena não pode ser absolutamente obtida pelo "desenrolamento" espontâneo de qualidades inatas, mas é sempre o resultado de um processo "histórico" penosamente conseguido através da participação na história e na vida de todos os homens (MANACORDA, 2010, p. 401).

Em seu texto, **Americanismo e Fordismo**, Gramsci assinalou a passagem do velho industrialismo econômico em direção ao que chamou de economia programática. O americanismo e o fordismo são problemas que nasceram de várias formas de resistência frente à evolução do processo de desenvolvimento. O americanismo exige uma condição preliminar, quer dizer, uma composição demográfica racional na qual não existem classes sem função no mundo produtivo. Na tradição ou civilização europeia, entretanto, a presença dessas classes parasitárias se deve à riqueza e a complexidade da história passada que deixou grande número de "sedimentações passivas através dos fenômenos de saturação e fossilização do pessoal estatal e dos intelectuais, do clero e da propriedade fundiária, do comércio de rapina e do exército" (GRAMSCI, 2001, p. 243).

A racionalização determinou a necessidade de se elaborar um novo tipo de humano. Isso se deve ao processo produtivo. A sua elaboração, ainda em fase inicial, segundo Gramsci,

[...] consiste na adaptação psicofísica à nova estrutura industrial buscada através dos altos salários; ainda não se verificou (antes da crise de 1929), salvo talvez de modo esporádico, nenhum florescimento "superestrutural", ou seja, ainda não foi posta a questão fundamental da hegemonia. A luta se dá com armas tomadas do velho arsenal europeu e ainda abastardadas, que são portanto "anacrônicas" em relação ao desenvolvimento das "coisas". A luta que se desenvolve na América é ainda pelos direitos profissionais, contra a "liberdade industrial" [...]. A

ausência da fase histórica europeia assinalada, também no campo econômico, pela Revolução Francesa deixou as massas populares americanas em estado bruto: a isso cabe acrescentar a ausência de homogeneidade nacional, a mistura das culturas-raças, a questão dos negros (GRAMSCI, 2001, p. 258).

A forma jurídica, nesse sentido, seria então, a mais importante das condições imediatas. O ambiente e a estrutura social, que a americanização exige, exige também um tipo de Estado. O Estado liberal no sentido fundamental da livre iniciativa e do individualismo econômico, cujo meios próprios, como sociedade civil “através do próprio desenvolvimento histórico, ao regime da concentração industrial e do monopólio” (GRAMSCI, 2001, p. 258). Até então, a orientação corporativa havia funcionado para defender as posições das classes médias e não eliminá-las.

[...] está se tornando cada vez mais, em função dos interesses constituídos que surgem sobre a velha base, uma máquina de conservação do que existe tal como existe e não uma mola propulsora. Por que? Porque a orientação corporativa depende também do desemprego: defende para os que estão empregados um certo nível mínimo de vida que, se houvesse livre concorrência, entraria também em colapso, provocando graves convulsões sociais; e cria empregos de novo tipo, organizativo e não produtivo, para os desempregados das classes médias (GRAMSCI, 2001, p. 258).

Na produção onde existe matéria-prima, as orientações possíveis, segundo as observações de Gramsci, são qualitativas e quantitativas. Isso não é válido para os países pobres. A produção quantitativa pode ser qualitativa se tomada a ênfase no fazer da concorrência entre setores da classe consumidora de diferentes objetos, que “não é tradicionalista por ser de nova formação” (GRAMSCI, 2001, p. 261). Segundo o revolucionário italiano, entretanto, esse não é um critério racional. Para ele, pode-se falar em qualidade para obras de arte individuais e não reproduzíveis, “tudo o que é reproduzível entra no domínio da “quantidade” e pode ser fabricado em série” (GRAMSCI, 2001, p. 261). Caso a produção de uma nação se dedique ao aspecto qualitativo, os objetos de consumo fornecidos para as classes pobres ficariam comprometidos.

A qualidade deveria ser atribuída aos homens e não às coisas: e a qualidade humana eleva-se e se refina na medida em que o homem satisfaz um número maior de necessidades e, portanto, torna-se independente delas. O alto preço do pão, devido ao fato de pretender manter um número maior de pessoas ligado a uma determinada atividade, leva à desnutrição. A política da qualidade determina quase sempre seu oposto: uma quantidade desqualificada (GRAMSCI, 2001, p. 261).

Na emergência produtiva do modelo americano, a racionalização do trabalho era aliada ao proibicionismo. Os industriais investigavam a vida íntima dos operários e o controle de sua moralidade foi necessário ao novo método de trabalho. O fenômeno americano consistiu em um esforço para criar um tipo novo de trabalhador e de homem que combinasse comportamento com máquinas e automação. Esse esforço rompia com a “conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador” (GRAMSCI, 2001, p. 266). Trata-se do gorila amestrado de Frederick Taylor (1856-1915). Sobretudo, e aqui fica evidente o humanismo de Gramsci, “o homem é sobretudo espírito, ou seja, criação histórica, e não natureza” (GRAMSCI, 2004, p. 60).

2.2.3 Reprodutibilidade Técnica da Arte e Indústria Cultural

Para Benjamin, na primeira metade do século XX, devido à emergência das grandes cidades, da fotografia e do tipo de jornalismo que elas produziram, das vanguardas, do cinema e do rádio, a reflexão sobre a moderna sociedade consistia na teorização da técnica aplicada às artes. Elaborou, nesse sentido, uma teoria da percepção e da estética tendo em vista o conceito de técnica entendida a partir de uma teoria social. Para ele, a transformação da superestrutura foi mais lenta e demorou para manifestar a modificação das “condições de produção em todos os campos da cultura” (BENJAMIN, 2015b, posição 698). A dialética dessas condições é perceptível na superestrutura como na economia. Os conceitos que elabora para

a teoria da arte voltam-se para formulação revolucionárias e não utilizáveis pelo fascismo (BENJAMIN, 2015b).

A reprodução da arte sempre foi um procedimento realizado pelas pessoas e pelos estudantes. O atrofamento da aura da obra de arte, entretanto, deve-se à sua reprodutibilidade técnica. “A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que nela é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 2015b, posição 754). O que aconteceu, segundo o autor, foi que a técnica de reprodução desligou o reproduzido do campo da tradição. A multiplicação da reprodução substituiu a existência única por uma existência massiva, e, “na medida em que ela permite à reprodução ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido” (BENJAMIN, 2015b, posição 761).

O reproduzido, uma vez atualizado, muda a percepção porque muda o percebido. A significação social do filme se revela impensável sem a consideração sobre esse seu lado destrutivo, que elimina o valor da tradição da herança cultural. “Ao longo de grandes períodos históricos modifica-se, com a totalidade do modo de existir da coletividade humana, também o modo de sua percepção” (BENJAMIN, 2015b, posição 772). Benjamin evidencia que “a percepção humana é historicamente determinada” (BENJAMIN, 2015b, posição 774). As condições sociais das modificações da percepção humana indicaram as transformações sociais “uma vez que as modificações no meio da percepção que nos são contemporâneas deixam-se compreender como deterioração da aura” (BENJAMIN, 2015b, posição 780). Na representação por meio de aparelhagem, encontrou-se, conforme a teoria crítica benjaminiana, uma aplicação produtiva para a auto alienação humana.

Essa aplicação pode ser medida a partir do fato de a alienação do ator diante da aparelhagem, como Pirandello o descreveu, ser a princípio do mesmo tipo que a alienação do ser humano diante de sua aparição no espelho, na qual os românticos tinham gosto em demorar-se. Agora, porém, essa imagem especular tornou-se separável dele, transportável. E para onde ela é transportada? Para diante das massas. Naturalmente, o ator de cinema não perde a consciência disso nem por um instante. Ele sabe que, enquanto se posta diante da aparelhagem, está, em última instância, a lidar com

a massa. É essa massa que irá controlá-lo. E justamente ela não é visível, ainda não está dada enquanto ele executa a performance artística que ela irá controlar. A autoridade desse controle é elevada por essa invisibilidade (BENJAMIN, 2015b, posição 1010).

O desencantamento do mundo que encontramos no pensamento de Benjamin, do qual podemos evidenciar tais considerações sobre a mudança histórica da percepção, está aliado ao seu radicalismo anticapitalista expresso em um de seus textos, de 1921, **O Capitalismo Como Religião** (BENJAMIN, 2013). Essa religião conduz a humanidade para a casa do desespero, afirmou ele. Não se trata exatamente de um escrito marxista como o texto, de 1935, **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Está inspirada pelo socialismo romântico. Devemos ter em mente que sua adesão ao materialismo histórico não o conduz ao abandono das ideias românticas, assim como foi o caso de Debord. O capitalismo, visto como religião, significa que ele se presta ao mesmo serviço de resolução das “preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta” (BENJAMIN, 2013, p. 22). O aspecto histórico não dito do capitalismo consiste no fato de que a religião não é mais “reforma do ser, mas seu esfacelamento” (BEMJAMIN, 2013, p. 22). A religião é

[...] a expansão do desespero ao estado religioso universal, do qual se esperaria a salvação. A transcendência de Deus ruiu. O capitalismo é uma religião puramente de culto, desprovida de dogma. [...] Comparação entre as imagens dos santos de diversas religiões, de um lado, e das cédulas bancárias de diversos Estados, de outro (BENJAMIN, 2013, p. 22, 23).

As reflexões de Benjamin sobre as artes no capitalismo são concomitantes à produção dos trabalhos de Adorno e Horkheimer. Para o primeiro dos dois, a educação não é necessariamente fator de emancipação. Por isso, em seus textos reunidos no livro **Educação e Emancipação**, alertou os educadores sobre os efeitos negativos de um processo educativo orientado pelo esclarecimento da consciência sem considerar a forma social em que a educação se faz como apropriação de conhecimentos e técnicas. Para ele ficou claro, com o nazismo, que a educação e a formação cultural conduziram a humanidade à barbárie. Por isso, a educação deve ser pensada, segundo ele, em seu devir em relação à sociedade

(ADORNO, 2006). Trabalhou junto com Horkheimer no Instituto de Pesquisa de Frankfurt. O desenvolvimento da teoria crítica resultou em um de seus trabalhos mais importantes, **Dialética do Esclarecimento** (1947). Segundo eles, o aumento da produtividade econômica conferiu ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlavam uma superioridade em relação ao resto da população. “O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 161). Desapareceu, por isso, diante ao aparelho que construiu para o servir e, ao mesmo tempo, foi provido por ele. Em uma situação injusta, “a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 161). As classes inferiores veem elevar seus padrões de vida, mas ao custo de sua própria alienação enquanto inferiores. Essa elevação do padrão de vida pelo consumo consistiu na “negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posições 166). Segundo a crítica destes autores, a emergência da indústria cultural consistiu no esclarecimento como mistificação das massas. Daí a racionalidade técnica ser compreendida como a racionalidade da própria dominação e o caráter da sociedade que aliena a si mesma.

Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a uma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2096).

A indústria cultural se desenvolveu com o “predomínio que o efeito, a performance tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2167). A indústria cultural é uma fórmula que substituiu a obra (ADORNO; HORKHEIMER, 2019).

2.3 A EDUCAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A CONDIÇÃO HUMANAS

As teorias críticas refletiram diretamente sobre as condições históricas da educação e da estética no processo de definição das formas sociais da sociedade capitalista. Segundo elas, impossibilitada de assumir uma forma socialista devido aos mecanismos estatais e jurídicos, às reformas sociais e políticas, a sociedade capitalista desenvolveu processos educativos, pedagógicos e sistemas de ensino próprios. Em grande medida, estes sistemas foram orientados por formulações estético/pedagógicas que se assentaram sobre as definições da educação como um processo técnico, separado da sociedade e da política. Embora em seu interior tenham emergido teorias críticas e propostas sobre o entendimento da educação em seu sentido amplo, de relações sociais, não superaram, em alguns casos nem abordaram, as questões políticas e sociais da educação postas pelas sociedades democráticas e pelos grupos sociais nelas, e, por elas, organizados. Em alguns casos, muito menos levaram em consideração o fato, de que, a educação é uma questão de classes e de nascença, que emergiu do interior desta contradição primeira da sociedade capitalista, organizada por um modelo de gestão cinematográfica, própria da indústria da consciência (ENZENSBERGER, 2003; COPPOLA, 2006). Saviani, observando esta contradição primeira do campo da educação, discutiu a questão da inclusão social em educação tomando as definições sobre o escolanovismo como ponto de partida (SAVIANI, 2009). Este sistema pedagógico, assentado sobre a representação jurídica do ser humano livre (PACHUKANIS, 2017), foi concebido como modelo educativo, na sociedade capitalista, que se desenvolve nos territórios da mercadoria (DEBORD, 1971), na legalização da classe trabalhadora inscrita no modo de representação mais estético do Capital, o crédito e sua conseqüente promoção do consumo (DEBORD, 2006).

Enquanto a publicidade e o cinema modelaram as faces visíveis dessa sociedade da aparência, a educação se desenvolveu como um domínio estratégico para a reprodução ou superação do capitalismo. Conforme explicitada por Gramsci, do interior do cárcere fascista, a educação se inscreve como relação social no interior de uma hegemonia. O autor italiano desenvolveu sua obra e nela se

debruçou sobre a educação por a conceber como um domínio estratégico da revolução, como, também, e não poderia deixar de ser, da contrarrevolução (GRAMSCI, 2000). A disputa pela hegemonia mobilizou e deu formas aos grupos sociais empresariais/empreendedores. Detentores de capitais suficientes para empreenderem uma disputa de mercado, estes grupos dominaram setores produtivos das práticas educativas e as forças sociais nelas presentes. Definiram, a partir desse domínio, o futuro quadro de reservas dos setores produtivos da educação, suas forças sociais e suas forças políticas, no interior do Estado jurídico-contratual (AGLIENTA, 2019; GRAMSCI, 2000; 2001; LAVAL, 2019).

Adorno e Horkheimer, alguns anos mais tarde, foram explícitos sobre a educação no que diz respeito à cultura. Adorno desenvolveu sua crítica nos termos de um processo industrial, que envolve a montagem da cultura a partir de uma linha produtiva taylorista/fordista. No livro, **Educação e Emancipação** (1976), reuniu textos e reflexões sobre a educação possível para emancipação (ADORNO, 2006). Afinal, e, caso contrário, a educação não se faça o campo de formação humana, a barbárie se apresentaria como modelo de sociedade controlada pelas potências políticas que fortalecem, operam e se utilizam, para utilizar uma expressão de Enzensberger, da indústria da consciência (ENZENSBERGER, 2003; ADORNO, 2006). A cultura, como mística das massas, é um produto da sociedade capitalista feita ela mesma, para a classe trabalhadora, um grande chão de fábrica cultural e, das sociedades em desenvolvimento, um território de consumação dessa cultura produzida e um amplo território de exploração de recursos e de mais valor. A educação, então, nesse caso, diz respeito aos processos de racionalização da consciência, sem a menor consideração sobre as formas sociais necessárias da reprodução da sociedade (ADORNO, 2006). A educação não se realiza como formação humana e campo de democratização dos saberes produzidos e acumulados na sociedade capitalista. Mas, realiza-se como um meio de formação sem a possibilidade de construção efetiva da transformação da sociedade. A educação é dominada hegemonicamente pelos domínios privados dos meios. Somente para a contrarrevolução burguesa, a educação se reduz a uma questão somente de meios para realização do propósito do capital em expandir. Foi, nesse sentido, que McLuhan positivou a utilização dos *media* e fez apologia ao espetáculo da educação ao propor a sua cibernetização. A era eletrônica, segundo ele, foi

determinada pelos *media* e, em seu interior, os meios técnicos se tornaram as mensagens necessárias (McLUHAN, 1986). Foram estas discussões sobre a educação que a posicionaram entre a natureza e a condição humanas.

2.3.1 As novas pedagogias e os movimentos do socialismo selvagem

A reflexão sobre a educação abordou em meados do século XX temas e questões a partir do pensamento de Marx. Apontou, nesse sentido, uma distância entre o discurso pedagógico e a realidade social. De acordo com Charlot, esse fosso se deve à uma mistificação pedagógica (CHARLOT, 2014). A crítica voltada para a educação esteve, nesse sentido, relacionada diretamente com a tarefa da construção de um novo mundo. Essa mistificação consistia no fato de que a pedagogia nova, dita ativa, como a pedagogia tradicional, não leva em consideração a realidade social da criança.

A Pedagogia “nova”, aquela que o Emílio de Rousseau ilustra e que, apoiada em escolas inovadoras e nomes hoje famosos, como Dewey, Decroly, Montessori, Freinet etc., tornou-se um movimento internacional no fim do século XIX e início do século XX, propõe, sem dúvida nenhuma, uma ruptura cultural com a Pedagogia “tradicional”, estruturada pelo pensamento católico dos séculos XVI e XVII, em particular o dos jesuítas. Mas ela não constitui uma ruptura social; afinal de contas, ela pouco muda a contribuição da educação, em especial da escola, para a reprodução da divisão do trabalho e das desigualdades sociais. Uma mudança social fundamental requer uma pedagogia social [...] (CHARLOT, 2014, posição 415).

Ao lado e ao entorno desse desenvolvimento pedagógico separado da sociedade e, ao mesmo tempo, voltado para sua organização e controle, emergem correntes sociais, qualificadas por grupos dirigentes socialistas como selvagens. Segundo Reeve, por não se deixarem controlar ou por se apresentarem como extremistas inconsequentes. Conforme o autor, esses movimentos têm sua

importância histórica. E essa importância se apresenta, também, para a história da educação. Suas origens se devem aos *enragés*, na Revolução Francesa. O que Reeve sinalizou com o socialismo selvagem foi o embate contra a conservação do poder, após a Revolução Russa, sobre a produção e a sociedade, sobre a realidade do autogoverno dos conselhos operários e sobre a proposta de socialização da economia. As práticas de organização autônoma, durante a greve geral de maio de 1968, na França e em outros lugares do mundo ocidental, são correspondentes diretas deste embate (REEVE, 2019).

As certezas não negociáveis são as da crítica da delegação permanente do poder e do princípio de autoridade que lhe indissolivelmente ligado, fundamentalmente incompatíveis com a transformação do mundo. A História mostra-nos que o processo contraditório de subversão do capitalismo só pode desenvolver-se no quadro, e através, da organização, assumida colectivamente pelos próprios interessados, de novas formas de vida, de produção e de consumo. E só pode encontrar a sua força na oposição declarada às separações da economia, da política e da sociedade (REEVE, 2019, p. 09).

As democracias assumiram sua forma representativa ao longo da história na medida em que instituíam os chefes de partidos e conformavam a necessidade de controle social de populações inteiras. A concepção de igualdade de direitos para todos e a organização política ficaram dominadas por minorias sociais possuidoras do poder econômico. As disputas entre esses grupos sociais organizam a cultura, gestam seus recursos e a reproduzem mecanicamente, além disso, explicam e justificam a realidade que estes mesmos grupos construíram por meio das determinações impostas aos marcos delimitatórios da educação. Os explorados foram “excluídos do processo de representação” (REEVE, 2019, p. 11). Nos processos revolucionários, inclusive, as organizações populares foram progressivamente afastadas da sua função original e relegadas às engrenagens do Estado, para o qual, a maquinaria tecnológica da mercadoria serviu, a partir de um contrato tácito, em prol da garantia da troca de valores de troca. Ao Estado coube a garantia do direito à propriedade e a garantia da propriedade dos valores de troca.

[...] o Estado centralizado conseguiu retirar aos *comités* e às secções populares, que eram a base da *Comuna* revolucionária, as suas funções sociais, submetendo-as assim à burocracia central. A importância conferida às tarefas policiais de controle e de repressão social, na situação de guerra declarada do exterior à Revolução, foi determinante nesta submissão ao Estado nacional (REEVE, 2019, p. 17).

As tendências burguesas, desde a Revolução Francesa, trabalharam para a dissociação das questões sociais e da soberania popular. Insistiram que a igualdade política e representativa das democracias não poderia ser confundida com a igualdade econômica e social. “É sabido que os jacobinos, sendo politicamente autoritários, eram geralmente liberais quando se tratava de proteger a propriedade privada” (REEVE, 2019, p. 24). O nascimento da nova escola não pode ser entendido como um processo abstrato e de pura reflexão filosófica e científica. A emancipação das classes populares e de grupos sociais e a expansão da instrução estão inseridas no movimento histórico que compreende, também, o socialismo selvagem, a radicalização das representações populares de base. Ao refletir sobre a pedagogia e a educação, temos o horizonte das revoltas e dos protestos radicais contra as classes dirigentes e a subordinação das classes populares aos regimes autoritários, tanto à direita quanto à esquerda.

Existe uma relação educação-sociedade e nela estão contidos os aspectos da prática e da reflexão pedagógica moderna. Isso inclui a instrução técnica e profissional, processo desenvolvido na presença do trabalho e realizado em um lugar separado, na escola e universidade. O aprendizado do trabalho se realiza entre os adultos. Mesmo assim, inclui, também, as exigências ditas ativas pelos estudos da psicologia infantil. “Estes dois aspectos disputam o grande e variado movimento de renovação pedagógica que se desenvolve entre o fim do Oitocentos e o início do Novecentos, na Europa e na América” (MANACORDA, 2010, p. 367). Na relação educação-sociedade, esses elementos se chocam por darem ênfase ao trabalho de duas maneiras diferentes. Em um deles, o trabalho entrou no campo da educação pelo “desenvolvimento objetivo das capacidades produtivas sociais” (MANACORDA, 2010, p. 367), que requerem “homens capazes de produzir de acordo com as máquinas”; em outro, a espontaneidade da criança “solicitando a educação sensório-motora e intelectual através de formas adequadas, do jogo, da

livre atividade, do desenvolvimento afetivo, da socialização” (MANACORDA, 2010, p. 367). Manacorda destaca que,

[...] a instrução técnico-profissional promovida pelas indústrias ou pelos Estados e a educação ativa das escolas novas, de um lado, dão-se as costas, mas, do outro lado, ambas se baseiam num mesmo elemento formativo, o trabalho, e visam o mesmo objetivo formativo, o homem capaz de produzir ativamente. [...] Nas escolas “novas”, a espontaneidade, o jogo e o trabalho são elementos educativos sempre presentes: é por isso que depois foram chamadas de “ativas” (MANACORDA, 2010, p. 367).

Nessas escolas, o trabalho não está relacionado ao desenvolvimento industrial, mas, principalmente, e sobretudo, ligado ao desenvolvimento da criança. A preparação profissional está em segundo plano diante dos elementos de moralidade e como modalidade didática (MANACORDA, 2010). Mas, as novas escolas foram desenvolvidas no interior da necessidade do “complexo industrial-militar” (MÉSZÁROS, 2011, p. 527). O assustador crescimento da destrutividade do capital foi exponencial. Mas ele não

[...] é o resultado de determinações políticas - variações da "guerra fria" nada mais são que uma justificação ideológica precária *a posteriori* de um estado de coisas já prevalecente, mas representa a necessidade mais íntima da "produtividade" do capital nos dias atuais. [...] a produtividade do capital, que nos dias presentes está necessariamente orientada para a destrutividade do complexo industrial-militar, não é meramente incapaz de fornecer o poder liberador antecipado para a nova forma histórica. Muito pior que isto: representa de fato um obstáculo do tamanho do Himalaia diante de qualquer esforço voltado para a finalidade da emancipação (MÉSZÁROS, 2011, p. 527).

A inserção social da tecnologia capitalista mostrou que ela está voltada para um único propósito, “a reprodução ampliada do capital a qualquer custo social” (MÉSZÁROS, 2011, p. 527). Nesta sociedade tecnológica, a educação é uma questão de meios efetivos desse propósito. E desse modo, a inserção foi feita como processo da produtividade do capital. Com o avanço ameaçador à sobrevivência, essa produtividade se distancia do principal elemento de emancipação. Segundo afirmou Mézáros sobre o conceito de alienação de Marx, “a tarefa consiste em

alinhar os instrumentos do intercâmbio humano com a sociedade objetiva dos seres humanos” (MÉSZÁROS, 2016, p. 263). O estabelecimento de formas de mediação deve ser substituído. Sobretudo, um dos problemas mais relevantes do século XX, para as sociedades capitalistas, foi exatamente instituir uma forma de mediação.

[...] o ponto é não só que todos os fins exigem seus meios de realização, os quais são impostos por eles, mesmo que isso necessariamente traga consigo sacrifícios humanos, mas também que os fins adotados, cuja realização exige a instituição de certos tipos de meios, criam um "resultado indesejado": a institucionalização dos meios instituídos (MÉSZÁROS, 2016, p. 263).

Nessa relação entre fins e meios está o ponto crítico da ideologia, que deve lhe prover uma definição concreta.

Não obstante, os próprios ideais, mesmo que sejam genuinamente socialistas, não bastam por si sós. Por mais vitalmente importantes que sejam para determinar a orientação geral dos esforços sociais, eles exigem para sua realização prática o poder objetivo de instituições específicas de auto realização. O tipo de instituição capaz de cumprir essa tarefa é o que funciona com base na autodeterminação recíproca dos indivíduos envolvidos (MÉSZÁROS, 2016, p. 263).

Muitas foram as contribuições de conceitos de revolução, permanente e cultural, autorealização e automediação para o desenvolvimento socialista. Mas não foram capazes de responder ao problema da relação entre fins e meios. Esse também é o caso do conceito de *spectacle* de Guy Debord. Mesmo que se apresente como um meio sem fins, contribuiu mais como descrição do processo de estetização da realidade social pelo capital acumulado, a ideologia da mercantilização dos meios instituídos. Tendo em vista que a educação é uma questão de classes, no seio desse bloco histórico de hegemonia americana estão postos os problemas dos processos educativos nas democracias burguesas. A velha escola livresca, verbalista e autoritária da Europa tinha, diante de si, o desenvolvimento da escola norte americana e as determinações da acumulação capitalista.

[...] junto ao desenvolvimento da instrução técnico-científica que é paralelo ao progresso da revolução industrial, nos primeiros decênios do século teve lugar à grande estação da educação nova ou da "escola ativa", que vimos nascer como um grande e generalizado movimento de democratização da educação (MANACORDA, 2010, p. 374).

Juntamente com as preocupações burguesas, apareceu o socialismo capaz de intervir ativamente na construção e realização de uma escola nova. De um a lado, estavam elaborações teóricas produzidas, na URSS, e, de outro, as tentativas estatais da democracia burguesa. Destacou-se entre os autores dessa segunda tentativa, o norte americano John Dewey (1859-1952), que observou as

[...] relações entre educação e produção, entre educação e sociedade; a fórmula já lembrada da sua pedagogia, o *learning by doing*, o aprender fazendo, é o centro da unidade de instrução e trabalho. Mas não é a mesma unidade visada por Marx: é a adequação dinâmica da escola à vida produtiva real, dinâmica no sentido de que a escola pode ser chamada a colaborar para a mudança, mesmo que, acrescentará, corrigindo a ilusão pedagógica inicial, "não seja realístico considerar a escola como veículo principal de mudanças intelectuais e morais"; é, especialmente, o apelo a um ensino de laboratório, com as implicações que os indivíduos sejam chamados a tornar-se, através da educação, não o que são, mas o que podem vir a ser. Dewey, como Marx, baseia-se no desenvolvimento econômico e produtivo, mas falta-lhe aquela análise dialética do real e de suas contradições (MANACORDA, 2010, p. 384).

Os sistemas nacionais de ensino foram constituídos pela pedagogia tradicional e sua organização tem por princípio a educação como um direito de todos e um dever do Estado.

O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia. Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão, própria do "Antigo Regime", e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado "livremente" entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em

indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. Como realizar essa tarefa? Por meio do ensino (SAVIANI, 2009, p. 06).

A escola laica estatal esteve investida de uma missão política por transmitir os modelos sociais. As classes sociais são distintas e se enfrentam e as classes intermediárias se aliam a uma ou a outra. Os modelos sociais dominantes são os da classe dominante, para a qual, segundo Charlot, a “pedagogia oculta o significado político da educação sob seu sentido cultural” (CHARLOT, 2014, p. 868) a não ser que conceba a educação como um processo cultural e um fenômeno social e de classes. A teoria da educação burguesa evidenciou o primeiro e ocultou o segundo. “Ao mascarar, assim, a importância social da educação por trás de seu sentido cultural, a pedagogia desempenha um papel ideológico” (CHARLOT, 2014, posição 1028). Mas a educação é inseparável da política e, embora não sejam idênticas e detentoras de práticas distintas (SAVIANI, 2009), estão enredadas no ciclo vicioso das mediações secundárias. Elas são mediações diferentes da mediação primária entre os seres humanos e suas condições de vida, reprodução e natureza. Pertencem ao sistema do capital e ao modo estabelecido de reprodução sociometabólica. As mediações foram historicamente geradas e são por isso problemas históricos ainda não superados. Tais mediações são a família nuclear, que reproduz a espécie e participa das demais relações reprodutivas e do Estado; os meios alienados de produção, que exigem a desumanização objetivamente em favor da ordem sociometabólica; o dinheiro; que constitui a força do sistema monetário; os objetivos fetichistas da produção, que submetem as necessidades humanas à expansão e acumulação do capital; o trabalho separado da possibilidade de controle; e, o mercado mundial. Estes são os componentes da reprodução social controlada pelo capital, “nas sociedades capitalistas, onde tem de funcionar como trabalho assalariado coagido e explorado pela compulsão econômica, como sob o capital pós-capitalista, onde assume a forma de força de trabalho politicamente dominada” (MÉSZÁROS, 2011, p. 180). A importância maior está, sobretudo, na questão da natureza humana, ou melhor, diz respeito

[...] se a questão da "natureza humana" é ou não apreciada a partir de um quadro de referência expositivo implícita ou explicitamente "igualitário". Se, por alguma razão, a igualdade fundamental de

todos os seres humanos não for reconhecida, isso equivalerá *ipso facto* a negar a historicidade, porque, nesse caso, torna-se necessário valer-se do artifício mágico da "natureza" (ou, em concepções religiosas, da "ordem divina" etc.) na explicação dada pelo filósofo para desigualdades historicamente estabelecidas (MÉSZÁROS, 2016, p. 44).

Acrescente-se a isso, a exaltação à privacidade e autonomia individual que cumpre a função de objetivamente proteger a ordem estabelecida contra a contestação e prover o escapismo subjetivo. O indivíduo ficou isolado e impotente quando o trabalho foi desumanizado e subordinado como mero meio ao fim da perpetuação das relações sociais de produção reificadas. Interesse comum se converteu em uma expressão vazia,

[...] e a autorrealização obtida por meio do trabalho enquanto atividade vital humana torna-se impensável. O que resta após a "depreciação do mundo do ser humano" promovida pelo capitalismo é meramente a ilusão desumanizada de uma realização por meio do "retraimento", da indolência "contemplativa", do culto à "privacidade", à "irracionalidade" e ao "misticismo" (MÉSZÁROS, 2016, p. 244).

Instaurou-se uma idealização da autonomia individual enquanto instância que permanece aberta e implicitamente contraposta a liberdade universal. Esta idealização tem em seu cerne a separação entre atividades intelectuais e práxis.

2.3.2 A separação entre intelecto e práxis

Ao longo do desenvolvimento histórico das sociedades capitalistas, a educação se dividiu entre a instrução dos dominantes para um fazer intelectual e dos dominados para um fazer produtivo (MANACORDA, 2010). Nesta separação se encontram os elementos próprios dos problemas sobre a utilização dos mecanismos de internalização. De acordo com Mézáros, foi a Crítica ao Programa

de Gotha, de Karl Marx (MARX, 2012), que constatou o problema da internalização para o desenvolvimento do movimento socialista. Não obstante, a internalização se encontrava diante da racionalização da cognição e da percepção em conformidade com as necessidades e contradições imediatas do próprio movimento histórico das sociedades capitalistas (MÉSZÁROS, 2011). No interior dessa totalidade contraditória, própria da educação, a superação da separação, da alienação humana, fez-se sentir como uma necessidade da superação da separação entre atividades intelectuais e práticas produtivas. A divisão do homem moderno em dois, sugerida por Dardot e Laval, nesse sentido, é bastante elucidativa. De um lado, o cidadão dotado de direitos inalienáveis e, de outro, o homem econômico guiado por interesses, tendo a si mesmo como instrumento. O segundo elemento da divisão prevaleceu com o desenvolvimento de uma lógica das relações humanas submetida à “regra do lucro máximo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 323) e foi o mundo mercantil que engendrou mudanças nas formas de relações sociais e vínculos humanos orientados por uma racionalidade instrumental (ADORNO, 2006). A mercantilização das relações sociais e a urbanização se conjungam como fatores de emancipação, mas a internalização dessa subjetividade emancipada está sujeita e definida por processos socimetabólicos da valorização do capital.

A mercantilização das relações sociais, juntamente com a urbanização, foi um dos fatores mais poderosos da "emancipação" do indivíduo com relação a tradições, raízes, apegos familiares e fidelidades pessoais. A grandeza de Marx foi ter mostrado que o preço dessa liberdade subjetiva foi uma nova forma de sujeição as leis impessoais e incontroláveis da valorização do capital (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 323).

À internalização se deve o desenvolvimento da apreensão das externalidades percebidas. Seu resultado como formação de uma consciência histórica está no centro das questões sobre a educação contemporânea, para qual, ainda persiste o esforço e o empenho de uma educação que “forme o homem onilateralmente” (MANACORDA, 2010, p. 432). Embora Debord não tenha se debruçado especificamente sobre a onilateralidade da formação humana, em uma nota, de 1962, ao questionário de Henry Lefebvre sobre a região parisiense no final do século, mencionou a interrupção do prolongamento do complexo de memórias

e projetos, no qual, misturam-se os resquícios do capitalismo clássico e a modernização burocrática, como uma hipótese possível (DEBORD, 2006). Segundo ele, “*devant une inévitable mutation de tout mode de vie*” (DEBORD, 2006(1962), p. 602), os objetivos da produção, os níveis de consumo e a forma como o mundo moderno é vivenciado mudaram profundamente em uma “*organisation totalement autre*” (DEBORD, 2006(1962), p. 602).⁴⁴. O questionário, formulado e encaminhado a Debord pelo professor francês, conjugou a observação sobre a mercantilização da vida e o urbanismo. Nesta nota “*Sur la Consultation Visant a Définir « La Région Parisienne à La Fin du Siècle »*”, Debord indicou que estava, justamente na planificação capitalista, presente no questionário, o elemento que garantiu a aparente imobilidade do movimento⁴⁵. Mas o equilíbrio, então momentâneo, omite o desequilíbrio permanente. A interrupção poderia se firmar a partir de duas hipóteses. As hipóteses indicadas, por Debord, diante de tal impasse sobre a mudança do modo de vida, refletem a totalidade contraditória da educação. Tanto sinalizaram como o autor concebeu a racionalidade instrumental como “*pseudo-rationalité*”, como por sinalizarem a internalização como “*consommation entièrement orientée selon les mécanismes du spectacle, par les possesseurs de ces mécanismes*” (DEBORD, 2006(1962), p. 602)⁴⁶.

Nesta época, o autor ainda não havia formulado a categoria do *spectacle*, mas o apresentou como um mecanismo da organização social. Segundo sua primeira “*hypothèses réellement possible*”, a “*cybernétisation totalitaire et hyper-hiérarchisée*” retomaria os traços de ditaduras facistas na sociedade democrática da abundância como um controle aperfeiçoado sobre todos os aspectos da vida do povo, reduzido à passividade no interior da produção automatizada e do consumo orientado pelos mecanismos do *spectacle*⁴⁷. Sua segunda hipótese, diz respeito à organização de uma sociedade revolucunária, radicalmente diferente que retoma o traço, segundo ele, mais relevante das lutas proletárias, a saber, “*la gestion directe de la société: la reconstruction consciente de tous les aspects de la vie, et*

⁴⁴ Tradução livre: “diante de uma mutação inevitável de qualquer modo de vida”; “organização totalmente outra”.

⁴⁵ Tradução livre: “Sobre a consulta para definir “a região parisiense no final do século”.

⁴⁶ Tradução livre: “peseudo racionalidade”; “consumo inteiramente orientado segundo os mecanismos do espetáculo, pelos possuidores desses mecanismos”.

⁴⁷ Tradução livre: “hipótese realmente possível”; “cibernetização totalitária e hiperhierárquica”.

l'experimentation toujours plus libre de nouvelles raisons de vivre” (DEBORD, 2006(1962), p. 602)⁴⁸. A argumentação debordiana refletiu, a partir destas hipóteses, as questões da educação contemporânea por evidenciar a cibernetização da sociedade como uma imposição de uma externalidade não percebida, mas, naturalizada, e por evidenciar a possibilidade da reconstrução consciente dos aspectos da vida e de suas razões. A separação entre intelecto e práxis está aí presente, como também, o desafio da formação humana omnilateral e de uma consciência histórica.

2.3.2.1 Educação dos sentidos, emancipação e desumanização

A alienação das capacidades humanas diz respeito à distinção entre o que é humano e o que deveria ser rejeitado como alienação. Segundo Mészáros, foram os filósofos que ofereceram a referência de que “não pode haver outra medida de humanidade senão o próprio ser humano” (MÉSZÁROS, 2016, p 160). Entretanto, se não tivermos em vista o que é o não alienado, dizer, apenas, que se trata do ser humano não alienado não é suficiente.

A sociedade é a “segunda natureza” do ser humano, no sentido de que as necessidades naturais originais são transformadas por ela e, ao mesmo tempo, integradas em uma rede imensamente mais extensa de necessidades que todas juntas, constituem o produto do ser humano socialmente ativo. Por conseguinte, abstrair desse aspecto do ser humano no *culto a si mesmo* como contraposto ao ser humano social equivale a cultuar um si mesmo alienado supersimplificado, porque o verdadeiro si mesmo do ser humano é necessariamente um *si mesmo social*, cuja “natureza está fora dele”, isto é, ele se define em termos de relações sociais e interpessoais específicas e imensamente complexas. Até mesmo as *potencialidades* do indivíduo só podem ser definidas em termos de relações, das quais o indivíduo é apenas uma parte (MÉSZÁROS, 2016, p. 161).

⁴⁸ Tradução livre: “a gestão direta da sociedade: a reconstrução consciente de todos os aspectos da vida e a experimentação cada vez mais livre de novas razões para viver”.

Na sociedade capitalista, a cultura, a educação, a religião e a estética aparecem como um conjunto de bens que podem ser consumidos. A reflexão sobre a educação e os processos pedagógicos que ela mesma engendra ultrapassa estas determinações externas impostas pela mercadorização da vida, mas como atividade ideológica, esta mesma reflexão, impede o questionamento econômico, político e social desse conjunto de bens. A resposta ideológica da pedagogia diz que a cultura é justamente o que “permite alguém se tornar Homem” (CHARLOT, 2014, posição 1333). Essa é uma consideração filosófica do homem. “A cultura permite a alguém tornar-se verdadeiramente homem, isto é, tornar-se um homem verdadeiro” (CHARLOT, 2014, posição 1343). Assim concebida, a pedagogia realiza no homem a essência do homem. “Educar é cultivar essa jovem planta que “cresce” bem, que passa pelo “jardim” da infância, e que desabrochará para eventualmente se tornar uma jovem em flor” (CHARLOT, 2014, posição 1502).

Essa seria, ainda, uma consideração alienada sobre a não alienação. O que entra em jogo quanto a não alienação consiste, primeiramente, em compreender do que se trata a emancipação dos sentidos humanos. A emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos, de Marx, foi mencionada por Mészáros como caminho para um programa filosófico capaz de incluir o sensível e, sua percepção, deve ocupar na escala de valores humanos (MÉSZÁROS, 2016). Quer dizer, a própria arte ocupa um lugar crucial.

[...] a tarefa da emancipação de todos os sentidos e atributos humanos em termos filosóficos é, antes de tudo, a reabilitação dos sentidos e seu resgate do lugar inferior atribuído a eles pelo preconceito idealista. Isso pode ser feito porque eles não são só sentidos, mas sentidos *humanos*. "Compreende-se que o olho humano frui de forma diversa da que o olho rude, não humano, frui, o ouvido humano diferentemente da do ouvido rude etc" (MÉSZÁROS, 2016, p. 184).

Para o faminto não existe a forma humana de alimentação. Assim como não há valor estético no mineral trocado pelo comerciante. Os sentidos humanos não são dados pela natureza. Eles são criação do próprio ser humano. “Conforme o mundo da natureza se torna humanizado - mostrando as marcas da atividade

humana, também os sentidos, relacionados com objetos cada vez mais afetados pelo homem, tornam-se especificamente humanos e cada vez mais refinados” (MÉSZÁROS, 2016, p. 184). Esse refinamento dos sentidos é um processo histórico e social (MARX, 2015; MÉSZÁROS, 2016). A tarefa de emancipar todas as qualidades e sentidos humanos ainda está longe ser realizada. Ela exige a correta apreensão

[...] das inter-relações complexas entre as capacidades humanas. O problema, segundo Marx, é que, por causa da alienação, o ser humano não se apropria "de toda a sua essência como um homem total", mas limita sua atenção à esfera da mera utilidade. Isso traz consigo um empobrecimento extremo dos sentidos humanos. [...] a privatização inerente ao desenvolvimento capitalista significa que a natureza perde seu caráter humanizado, tornando-se alienada do ser humano. Os objetos com que o indivíduo isolado se defronta aparecem a ele apenas em seus aspectos utilitaristas (por exemplo, o valor comercial, e não a beleza mineralógica), e essa utilidade não possui uso humano-social -, mas uso estritamente individual. Assim, necessidade e fruição, em uma inversão direta do processo original de humanização auto mediadora, adquirem uma nova "natureza egoísta" no mundo da fragmentação capitalista (MÉSZÁROS, 2016, p. 185).

Estamos diante de um fenômeno histórico e em um estado de coisas desumanizado por conta da alienação capitalista. Na possibilidade de transcender a desumanização capitalista dos sentidos está a *raison d'être* do socialismo (MÉSZÁROS, 2016). Mas, no quadro de reprodução capitalista, a alienação isola o artista no mercado da arte e a percepção se aliena em uma estética da mercadoria. Enquanto que a pedagogia se preocupa ainda com a recuperação da essência humana, a atividade emancipadora consiste em livrar os sentidos da alienação capitalista.

É preciso elaborar uma pedagogia não ideológica, concebida como uma pedagogia da luta de homens concretos contra formas sociais determinadas de opressão. Os modelos transmitidos à criança, ou melhor, elaborados pela criança com a ajuda (indispensável) do adulto, não devem mais visar à pureza de uma natureza humana de fato inexistente, mas à libertação concreta do homem confrontado com o mal social gerado pela dominação de classe. A escolarização é alienação quando o sentido social dos modelos propostos à criança é camuflado sob um significado ético. Nessas

condições, os modelos, sejam os da pedagogia tradicional ou os da pedagogia nova, abrem o caminho para uma ascese pessoal e não para a luta social. A mediação cultural entre a criança e o mundo adulto, mediação que, repitamos, é necessária, assume ela mesma a forma ideológica da clausura escolar; a pretexto de organizar um mundo na medida do educando, a escola isola a juventude das realidades sociais e cria um meio que está, de fato, em conformidade com as normas da classe dominante. A mediação é libertação; a clausura, alienação. Quando a escola deixa de ser meio de mediação para tornar-se meio fechado, ela se torna imediatamente ideológica (CHARLOT, 2014, posição 4254).

Existe uma diferença entre a condição humana e a natureza humana. A primeira é definida pela ausência de instintos e sentidos predeterminados no homem. Isso o obriga a se constituir a si mesmo e satisfazer suas necessidades fisiológicas, condição própria da espécie humana. “A espécie humana teve de produzir, pouco a pouco, no curso da história, meios de sobrevivência cada vez mais aperfeiçoados” (CHARLOT, 2014, posição 5275). Ao criar suas condições materiais para sobreviver, criou a si mesma como humana e como forma de vida social viáveis conforme a história de seu desenvolvimento.

Dá a criança aspirar antes de tudo a integrar-se no mundo social adulto, adotar comportamentos que pode observar em seu ambiente social e construir sua personalidade sob a influência dos modelos sociais adultos. No homem, a mediação pelo outro é, assim, constitutiva da humanidade. Pode-se definir a condição humana dizendo que, no homem, a assimilação de modelos sociais supre a ausência de instintos predeterminados (CHARLOT, 2014, posição 5275).

E ainda, a noção de natureza humana

[...] remete a uma imagem eterna e universal do homem e confina o pensamento pedagógico a uma problemática da atualização e da corrupção da natureza humana, que oculta o significado social do homem, da cultura e da educação. A noção de condição humana, ao contrário, mostra que a humanização do homem passa por sua socialização e que essa socialização, concretamente, varia com o ambiente social, e sobretudo com o pertencimento de classe (CHARLOT, 2014, posição 5296).

O nascimento de um aparelho de educação separado da família e do trabalho constituiu uma das transformações do ocidente. Ele faz parte de uma mudança no conjunto das sociedades cuja marca é a autonomização das esferas políticas, religiosas, econômica e do pensamento. Esse processo de separação é acompanhado de sua racionalização. Embora tenhamos visto o surgimento de uma instituição de instrução especialmente destinada à difusão do conhecimento, é importante sinalizar que ela tenha “tido como razão primeira não a formação de mão de obra, e sim a construção de burocracias políticas e religiosas” (LAVAL, 2019, p. 31), isso implicou a extensão da cultura na qualificação de seus ministrantes.

Na França essa mudança ficou algo encoberta pela preponderância de longa data das finalidades culturais e políticas da escola, o que explica o fato de ela durante muito tempo ter sido considerada um fundamento da identidade nacional e um pilar da ordem republicana. Sabemos que o Estado se definiu a partir de um momento, em primeiro lugar, como um educador da Nação em luta contra a igreja para assegurar sua hegemonia simbólica e ideológica, e que, para realizar essa grande obra, não hesitou em copiar o adversário tanto no plano organizacional como no plano pedagógico'. Contudo, por meio de uma combinação sutil, e dependendo da esfera e da época, a escola sempre teve laços mais ou menos diretos com o universo do trabalho. O próprio crescimento da escolarização dependeu em larga medida dos recursos advindos do desenvolvimento econômico, com algumas defasagens mais ou menos significativas entre as fases de forte crescimento econômico e o aumento da “escolarização”. Em suas formas e seus materiais, em sua moral e suas feições pedagógicas, o sistema escolar soube abrir espaço, na sociedade industrial, para os valores do trabalho como para a orientação profissional diferenciada dos estudantes. A partir da segunda metade do século XIX, em paralelo ao ensino secundário clássico, surgiram carreiras, departamentos e estabelecimentos cuja missão era elevar o nível profissional da mão de obra e fornecer executivos à indústria e ao comércio (LAVAL, 2019, p. 32).

Foi somente no século XXI que a demarcação entre trabalho e tempo livre se esvaiu. À educação, contraditória em sua totalidade, fez-se desafio a ocupação destes espaços de trabalho e de tempo livre e a reprodução desta forma do viver. Esta demarcação se encontrou como uma necessidade orgânica e humana do trabalho e do tempo livre. Integração que foi a aspiração do pensamento humanista.

Trabalho é a produção da própria existência humana. Trabalho é cuidar da oficina da fábrica, mas é também cuidar da horta, do jardim e da cozinha de casa. Tanto a operária como a dona-de-casa merecem remuneração, simplesmente porque as duas trabalham (NOSELLA, 2005, p. 251-252).

As duas trabalham. As duas estudam. As duas, por fim, abdicaram do tempo livre. Estudaram trabalhando em seu tempo e espaço de lazer. Trabalham estudando em seu momento de trabalho. A aspiração do humanismo foi assentada por sobre a superfície da sociedade, mas, foi por debaixo dessa superfície, que, do humanismo, foi feito a metafísica que orientou a organização do mundo por meio da mediação abstrata e esteticamente desenvolvida (DEBORD, 1971). Nesse sentido, falou Debord a propósito de seus projetos de filmes, “*Contre le cinéma il faudrait comprendre qu'en réalité j'ai réalisé presque tout [...] est en fait La Société du spectacle*” (DEBORD, 2006(1964), p. 678)⁴⁹. Debord formulou uma teoria crítica, para a qual, a recusa das condições hierárquicas do mundo dominante pressupôs “*le dépassement de la marchandise et du salariat*” (DEBORD, 2006(1966), p. 731) e, pela qual, à educação, foi apresentada as condições de seus fins, quando em zonas geográficas ocupadas pela mercadoria e pelo salário, onde foram instaladas diversas formas de poderes sócio-econômicos delas separadas⁵⁰. Como também, formulou uma crítica que estabeleceu, ao mesmo tempo, as prerrogativas da negação da “*survivance de la religion*” e do “*spectacle*” social “*qui, de l'information à la culture massifiées, monopolise toute communication des hommes autour d'une réception unilatérale des images de leur activité aliénée*” (DEBORD, 2006(1966), p. 731)⁵¹. A crítica de Guy Debord à educação foi formulada no mesmo espaço relegado à educação, o da mediação social entre o lazer e o trabalho. Neste espaço se dá o entrelaçamento da educação com a mercadoria, cujos fins, são voltados para formação humana desumanizada pela produção de suas formas alienadas.

⁴⁹ Tradução livre: “**Contra o cinema** deve-se entender que, na realidade, percebi que quase tudo [...] é de fato La Société du espetáculo”.

⁵⁰ Tradução livre: “a superação das mercadorias e do trabalho assalariado”.

⁵¹ Tradução livre: “sobrevivência da religião”; “que, da informação à cultura de massa, monopoliza toda comunicação dos homens em torno de uma recepção unilateral das imagens de sua atividade alienada”.

2.3.3 O mundo do lazer e do trabalho: os fins da educação e da mercadoria

Os sentidos do trabalho mudaram ao longo da história. Ao longo dos séculos XIX e XX, a educação que qualificou o cidadão para o trabalho também mudou, mas não se ateu à questão de seu tempo livre (NOSELLA, 2005). A evolução do espaço político, no mundo, ateu-se à ideia de progresso e o liberalismo ocidental unificou e garantiu certa homogeneização das sociedades. Para estas sociedades, a inovação é a fonte do progresso.

L'Europe en aurait inventé le processus et l'aurait propagé aux terres de peuplement qui ont formé l'Occident. Le progrès résiderait dans les valeurs universelles que l'Occident propage. Sa source se trouverait dans l'individualisme et son missionnaire serait le marché (AGLIETTA, 2019, p. 23)⁵².

Na fase da cultura de massas a “máquina gira sem sair do lugar” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2317). Ao mesmo tempo, determina o consumo e descarta, pelo risco, o que ainda não foi experimentado. “É com desconfiança que os cineastas consideram todo manuscrito que não se baseie, para tranquilidade sua, em um *best-seller*” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2317). Os elementos da indústria cultural e o entretenimento já existiam anteriormente a elas. A diversão foi aliciada por ela e seu controle sobre os consumidores foi mediado pela diversão, como também, pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria. (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2354). A ideologia é o seu negócio e a necessidade produzida provê o poder como identificação desta indústria. Ela é uma necessidade produzida como um negócio e negócio produzido como ideologia.

Sua ideologia é o negócio. A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a

⁵² Tradução livre: “A Europa inventou o processo e o propagou às terras de populações que formaram o Ocidente. O progresso residiria nos valores universais que o Ocidente propaga. Sua fonte se tornaria o individualismo e seu missionário seria o mercado”.

necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e impotência. A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2361).

Ao espectador não está reservada a necessidade do pensamento próprio em uma não interação de reação já prescrita pelo produto. A estrutura temática se isenta e desmorona diante de sinais que não exigem o pensar. O esforço intelectual de uma ligação lógica é evitado. A indústria cultural logra seus consumidores quanto aquilo que lhes promete, não cumpre, mas, está constantemente a lhes prometer. “A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada [...] a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio” (ADORNO; HORKHEIMER, 2019, posição 2409).

A sobrevivência do Estado moderno se deve às estruturas materiais reprodutivos do sistema do capital como condição necessária. “Essas estruturas reprodutivas estendem sua influência sobre todas as coisas, desde os instrumentos [...] repressivos/materiais e as instituições jurídicas do Estado, até as teorizações ideológicas e políticas mais mediadas de sua *raison d'être*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 126). Existe uma correspondência estreita entre a base sociometabólica do sistema do capital e do Estado moderno como “estrutura totalizadora de comando político da ordem produtiva e reprodutiva estabelecida” (MÉSZÁROS, 2011, p. 126). O fundamental dessa reciprocidade é a competição entre capital e trabalho.

Ao fazer-se a si próprio mais avançado e flexível, o capital em si melhorava sua posição competitiva vis-à-vis ao trabalho por um período histórico tão longo quanto as novas relações de mercado pudessem manter seu progresso. Em relação a todos estes problemas, a habilidade das classes trabalhadoras para criar um mercado para a massa de objetos que a cultura e o progresso das invenções lhes tornaram acessíveis" apresenta um desafio muito

mais sério do que a rápida recusa de Marx poderia sugerir (MÉSZÁROS, 2011, p. 537).

Existe uma distinção entre uma mediação adequada ao ser humano com o ser humano e a mediação alienada da atividade humana por meio de coisas. Esta distinção já foi antes assinalada por Marx e Mézáros a retomou a fim de assinalar um segundo tipo de medição.

No segundo tipo de mediação “na alienação da própria atividade de mediação”, o ser humano atua como um “homem desumanizado”. Assim, a atividade humana produtiva obedece às regras de um mediador estranho - “em vez do próprio ser humano ser o mediador para o ser humano” - e, conseqüentemente, o trabalho assume a forma de uma “mediação alienada” da atividade humana produtiva (MÉSZÁROS, 2016, p. 88).

A questão da alienação assim formulada, deixa de ser um imaginário e se torna um assunto prático e concreto para o ser humano real.

Por conseguinte, a educação estética só é possível em uma sociedade socialista genuína, que - no quadro de referência global de uma estratégia educacional socialista - transcendeu a “alienação capitalista de todos os sentidos” e, conseqüentemente, produz o homem em toda a riqueza do seu ser - produz o homem rico profundamente dotado de todos os sentidos [...]. Assim, uma educação estética adequada do ser humano não pode ser limitada ao “mundo interior” imaginário do indivíduo isolado, tampouco a algum refúgio utópico remoto da sociedade alienada. Sua realização necessariamente implica a totalidade dos processos sociais em sua reciprocidade dialética complexa. É por isso que o programa isolado de uma educação estética do ser humano, enquanto antídoto para a “difusão da racionalidade” capitalista, está condenado a um utopismo sem perspectiva sob condições em que as incontáveis mediações de segunda ordem das relações sociais de produção reificadas determinam em um quadro de referência estritamente utilitarista - os processos educacionais tanto quanto todos os demais aspectos da sociedade de mercadorias (MÉSZÁROS, 2016, p. 268).

O conceito de Marx quanto a uma educação estética, foi elaborado tendo em vista uma tentativa específica de acabar com a desumanização (MÉZÁROS,

2016). Ela congrega o caráter problemático da educação sob os domínios do capitalismo.

A concepção do "tempo livre" como o veículo de transcendência da oposição entre trabalho mental e trabalho físico, entre teoria e prática, entre criatividade e rotina maquinal e entre fins e meios tinha de permanecer muito distante do horizonte burguês. A visão marxiana, em nítido contraste com o "lazer" cegamente subordinado às necessidades da produção de mercadorias, implica não só a substituição da contabilidade monetária "retalhista por uma contabilidade social abrangente, mas ao mesmo tempo também a realização prática da cultura, obtida mediante tempo livre" na forma de integrar a execução à elaboração de políticas e à tomada de decisões, que é a única maneira de conferir-lhe um propósito - graças à transcendência positiva das hierarquias sociais existentes (MÉSZÁROS, 2016, p. 280).

A relação entre o mercado e o conhecimento não deixou muitas alternativas historicamente concretas: "ou democracia do consumidor ou ditadura do Estado" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 142). Mas a educação é uma atividade para toda a vida. A partir desta constatação, Mézáros iniciou sua reflexão sobre o assunto (MÉSZÁROS, 2008). Temos que distinguir aqui a permanência da educação e educação permanente. A criação de circuitos educativos, pelas ações de agências internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, foi evidenciada, com a criação de ambientes deseducativos, pelos trabalhos de grupos e movimentos sociais em meados do século XX, na França (POTLATCH, 1955; DEBORD, 2006(1956)⁵³. Os anseios por uma educação permanente sempre refletiram as intenções dos representantes das pedagogias, à direita e à esquerda. Entretanto, a emancipação e a educação se encontram em um momento histórico de hostilidade recíproca. Afinal, os meios desta permanência dos circuitos educativos programados para o trabalho não são os meios da emancipação. Os *media*, televisão, rádio, cinema, público e privado são todos termos de uma indústria educativa em ascensão. Ou melhor, de práticas educativas promovidas pela sistematização do controle social e pela planificação da sociedade em sua totalidade ordinária. Vejamos, no que segue, os detalhes de um momento histórico particular que refletiu o conflito entre a educação como atividade

⁵³ UNESCO, fundada em 1945, como uma agência especializada das Nações Unidas.

emancipadora e como atividade produtiva/reprodutiva. O que equivale dizer, a contradição entre uma a educação por toda a vida, com fins à liberdade e a libertação, e a educação permanente, mediada pela troca de valores que colocou em cheque o próprio estatuto da universidade e da escola como lugares da promoção de uma educação desinteressada. A educação passou à co-habitar com a mercadoria e, uma vez reformulada neste ambiente, como mercadoria, passou a formular e reproduzir uma atividade estética fetichista e do fechismo (DEBORD, 2006; 1971; MÉZÁROS, 2008; MARX, 2015; 2012; LAVAL, 2019).

03. A EDUCAÇÃO EM PROTESTO: O INTELLECTUAL GUY DEBORD E A CRÍTICA AO MODO ESTÉTICO DA REPRESENTAÇÃO CAPITALISTA

O objetivo desta parte do texto é explicitar a biografia do autor francês em seu contexto imediato. Nele, a relação social estética se definiu como uma relação social mediada pela mercadoria em seus domínios próprios. A relação social estética se deu quando as pessoas, em um determinado momento histórico particular, estabeleceram relações por imagens, a partir delas foram representadas as atividades alienadas. O capitalismo contratual foi o capitalismo do crédito e do pagamento (AGLIETTA, 2019). O risco foi inserido posteriormente pela economia financeirizada de Estado autoritário (CHOMSKY, 2017), quando o neoliberalismo promoveu a intervenção estatal maximizada em ações violentas contra as populações que conseguiram se organizar em oposição à sua ordem. Esteticamente, o capital se reproduz pela produção da aparência. Quer dizer, do crédito, somente por meio dele, a verdadeira aparência da propriedade pode se transformar em dívida na falsa realidade dos despossuídos pelo salário creditado. A questão é: como pôde, a educação, ser mercadorizada?

A mercadorização da educação foi um processo de transição que se deu ao longo do movimento histórico por todo o século XX. A Educação transitou de seu estatuto estatal para seu estatuto de mercado. Nos anos de 1950 e 1960, ela se tornou um território de disputas devido à sua natureza subjetiva, e por isso mesmo, política, enquanto prática formadora da percepção. Daí que, na sociedade chamada espetacular, a própria percepção ganhou proporções políticas. Perceber foi concebido, ao mesmo tempo, como tomar consciência. Percepção alienada, por sua vez, como consciência alienada. Dado que a consciência não determina a realidade, mas o seu contrário, o mesmo vale para a percepção. Como a estética consiste na apreensão da realidade pelos sentidos e pelas sensações, a estética da representação capitalista consiste na apreensão dos sentidos pela mercadoria. Os elementos psicológicos de sua mística estão, nela contidos, em relação com a percepção, ao mesmo tempo, do contexto imediato e histórico da experiência cotidiana. Toda mística consiste em um sistema de crenças vivenciadas

cotidianamente em ritos e marcadores do tempo, legitimadas como uma explicação para as contradições entre a aparência e aquilo que ela representa. Debord elaborou sua crítica tendo em vista esta mística desviada em estética. Se o espetáculo, segundo ele, consiste na passagem do ter ao aparecer, e para sociedade não importa mais o ser, a construção dessa passagem revela sua crítica à sociedade capitalista. Como em um desfecho teatral, sua crítica foi direcionada à desumanização e à educação na sociedade que nomeou *société du spectacle* (DEBORD, 1971).

Guy Debord (1931-1994) foi um intelectual. O autor francês viveu inserido nas atividades dos grupos de vanguarda de seu tempo. Sua atividade intelectual, desde o início, constituiu-se em crítica anticapitalista. Como bem destacou Kaufmann, tudo começou em Cannes, quando manifestou seus desgostos para com a sociedade capitalista (KAUFMANN, 2006). Mas, quem foi Guy Debord, senão um dos revolucionários do século XX? Escreveu e pensou, no decorrer de anos, sobre a superação da sociedade de seu tempo. Foi tributário de Hegel e de Marx em sua análise da sociedade, descrita como *société du spectacle*. Foi um sujeito de ação e reinventou a *avant-garde* junto as ações da *Internationale Situationniste* (I.S.), para a qual, o horizonte revolucionário, mesmo ofuscado, ainda ressoava a liberdade e a festividade. “*Debord, c'est une fidélité à soi-même élevée au rang d'art poétique, c'est une volonté de liberté constamment renouvelée, réinventée, remise en jeu et en forme*” (KAUFMANN, 2006, p. 12)⁵⁴. Desde sua expressão polêmica, grafada em um muro, na rua Seine, até a realização de seu último filme, esteve envolvido com um projeto revolucionário.

Au 'ne travaillez jamais' écrit sur un mur de la rue de Seine en 1953 - une 'oeuvre' constamment revendiquée avec une ironique fierté par Debord - répondent en 1995 ses Contrats, dernier livre préparé de son vivant. Mais est-ce un livre ? Il s'agit de la publication des trois contrats passés à propos de ses films entre lui et son ami Gérard Lebovici, son producteur, totalement déséquilibrés au profit de Debord: dons, chèques en blanc plutôt que contrats, qui ont permis à celui-ci de tenir parole de rester fidèle à son vœu de ne jamais travailler. Ni le graffiti de 1953 ni les contrats passés avec Lebovici ne sont des oeuvres au sens convenu du terme. Et

⁵⁴ Tradução livre: “Debord é uma fidelidade a si mesmo elevada à categoria de arte poética, é uma vontade de liberdade constantemente renovada, reinventada, posta em jogo e em forma”.

pourtant l'un et les autres sont au coeur de l'art de Debord (KAUFMANN, 2006, p. 12)⁵⁵.

Teoricamente ele denunciou o que percebeu como a escravidão da mercadoria. Da obra *La Société du Spectacle* (1967), síntese de seu pensamento, aos *Commentaires sur La Société du Spectacle* (1988), “*il aura été le grand démoralisateur de notre temps (plutôt que son immoraliste, qui rend toujours hommage à la morale). Il a dit ce que tout le monde sait ou peut savoir, ce que tout le monde cherche à oublier pour survivre à défaut de vivre*” (KAUFMAN, 2006, p. 18)⁵⁶. Na sua prática, se fez inimigo do espetáculo e se propôs destruí-lo. Um “*projet qui se sera principalement incarné dans l'aventure situationniste, même si celle-ci doit énormément à sa préhistoire letriste*” (KAUFMAN, 2006, p. 18)⁵⁷. Do interior das vanguardas artísticas, dos anos de 1950, às ocupações da Universidade da Sorbonne, em maio de 1968, esteve envolvido com o um projeto de realização da arte, com o fim dela enquanto representação fetichista da realidade, por meio da construção de situações, um programa de reinvenção do novo cotidiano e a destruição do antigo modo de vida subjugada à mercadoria (KAUFMANN, 2006).

No mesmo momento histórico de sua produção teórica, a educação encontrou uma de suas maiores crises. As causas dessa crise são várias e, segundo Mészáros, estamos longe de chegar a um acordo sobre elas e sua natureza. Mas, a permanência dessa crise da educação, nos principais países capitalistas, diz respeito a algo que ultrapassa a instituição educacional, “mas trata-se de uma crise estrutural de todo o sistema da “interiorização” capitalista”

⁵⁵ Tradução livre: “Ao “nunca trabalhe” escrito em uma parede na rua Siene, em 1953 – uma “obra” reivindicada com orgulho irônico por Debord – respondeu, em 1995, seus *Contrats*, seu último livro preparado em vida. Mas é um livro? Esta é a publicação dos três contratos feitos sobre seus filmes entre ele e seu amigo Gérard Lebovici, seu produtor, totalmente desequilibrado a favor de Debord: doações, cheques em branco ao invés de contratos, que lhe permitiam cumprir sua palavra de permanecer fiel à promessa de nunca trabalhar. Nem o *graffiti* de 1953 nem os contratos com a Lebovici são obras no sentido acordado do termo. E, no entanto, um e outro estão no cerne da arte de Debord”.

⁵⁶ Tradução livre: “ele foi o grande desmoralizador de nosso tempo (ao invés de seu imoralista, que sempre presta homenagem à moralidade). Disse o que todos sabem ou podem saber, o que todos tentam esquecer para sobreviver sem viver”.

⁵⁷ Tradução livre: “projeto que se materializou principalmente na aventura situacionista, embora muito deva à sua pré-história letrista”.

(MÉSZÁROS, 2016, p. 275). Tal interiorização tem lugar na mesma medida do esforço combinado de várias formas de falsa consciência,

[...] que representam as relações sociais alienadas de produção de mercadorias como a expressão "natural", direta, dos objetivos e dos desejos dos indivíduos. "Normalmente" - isto é, quando a produção de mercadorias transcorre sem percalços, respaldada na demanda individual em expansão a "ideologia do consumidor", refletindo o quadro de referência material da sociedade, prevalece na forma da geração do consenso necessários a fácil aceitação das pseudo alternativas, como se fossem escolhas genuínas, com as quais o indivíduo manipulado é confrontado tanto no mercado econômico quanto no político. Complicações sérias surgem, contudo, em tempos de crises econômicas. [...] A função principal das operações do tipo Vietnã no sistema de incentivos dos Estados Unidos é que o envolvimento militar direto provê o quadro de referência dos anúncios "comerciais patrióticos", e o fomento multibilionário à economia aumenta o apetite do sistema - no modo autoconsumidor da produção bélica - sem que seja necessário expandir o apetite já bastante saturado do indivíduo-consumidor satisfeito (MÉSZÁROS, 2016, p. 275).

As complicações do sistema econômico exigiram um reajuste dos mecanismos de interiorização. Mas em meados do século XX, o fosso tecnológico, entre os Estados Unidos e os demais países avançados, ainda estava bastante largo. Os fatores econômicos como os sistemas educacionais-ideológicos se assentavam na mesma lógica do desenvolvimento das sociedades capitalistas sob o domínio sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2016). Existe aí um aspecto disciplinar que não pode ser ignorado.

Ora, o que as evoluções do "mundo do trabalho" mostram de modo cada vez mais claro é justamente a importância decisiva das técnicas de controle no governo das condutas. A neo gestão não é "anti burocrática". Ela corresponde a uma nova fase, mais sofisticada, mais "individualizada", mais competitiva da racionalização burocrática, e é apenas em consequência de uma ilusão que ela se apoiou na "crítica artista" de 1968 para assegurar a mutação de uma forma de poder organizacional em outra. Nós não saímos da "jaula de aço da economia capitalista" a que se referia Weber. Em certos aspectos, seria melhor dizer que cada indivíduo é obrigado a construir, por conta própria, sua "jaula de aço individual" (DORDOT; LAVAL, 2016, p. 330).

O governo, sobre os trabalhadores pelas empresas, não permite a existência de uma comunidade, mas, apenas de um espaço de competição. Este espaço é apresentado como lugar de todas as inovações e da mudança permanente – como também dos permanentes trabalhos e da permanente educação. A busca pela excelência pressupõe a inexistência da comunidade. As classes trabalhadoras e seus sujeitos individuais devem se conformar intimamente em um trabalho interior constante.

[...] ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível. Mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal. Foi Margaret Thatcher quem deu a formulação mais clara dessa racionalidade: "*Economics are the method. The object is to change the soul*" (A economia é o método. O objetivo é mudar a alma) (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 330-331).

O tipo de poder, exercido por essa mediação, impele o sujeito a se entregar completamente, a se superar pela empresa e a motivar-se para satisfazer seu cliente. Ele é intimado pelo contrato de vínculo com a empresa e pelas constantes avaliações aplicadas sobre seu desempenho no trabalho e sobre seu desempenho como corpo controlado. "A racionalidade empresarial [...], o léxico da empresa contém um potencial de unificação dos diferentes "regimes de existência", o que explica os governos terem recorrido largamente a ela" (DORDOT; LAVAL, 2016, p. 331). Isso, também, inclui a educação, as suas instituições e os processos de interiorização dos fins e dos meios, nas sociedades capitalistas, para a reprodução destas mesmas sociedades. A educação é o lugar, no qual, a estética da representação capitalista assumiu a forma da imagem-mercadoria-sujeito como a forma da cultura (DEBORD, 1971).

3.1 A FASE ESTÉTICA DO CAPITALISMO E A CRÍTICA ANTICAPITALISTA DE DEBORD

A produção de mercadorias no capitalismo foi explicada por Marx como uma alternância de formas. As funções do dinheiro comparecem antes e, em crescente autonomia, alcançam sua expressão máxima, na forma do capital, como equivalente universal (MARX, 2011; 2012; 2015). O que aconteceu foi uma mudança nas simples trocas de mercadorias, “nela o credor tem de vender mercadoria para apenas pagar sua dívida, na fórmula capitalista a mercadoria vendida possui valor maior do que a comprada” (GRESPLAN, 2019, p. 129). Nos dois casos, como mercadorias distintas que se compram e vendem, apenas no primeiro é que as duas detem o mesmo valor. No segundo caso,

[...] a mercadoria vendida é produto das mercadorias compradas - meios de produção e força de trabalho, adquirindo mais valor que elas. O sentido diverge de um caso a outro: a fórmula D-M-D', antes de "comprar e pagar depois", prescreve ao capital que o decisivo é "comprar para vender mais caro". A mediação pela forma do meio de pagamento [...] o dinheiro também se destaca, por ser a forma geral assumida pelo valor no processo de valorização, de constituição do capital, mesmo quando usado só como meio de compra. Por isso, a fórmula D-M-D' - chamada no Livro II de O capital de "circuito do capital-dinheiro"- define essa autovalorização determinante da nova ordem social (GRESPLAN, 2019, p. 129).

Na passagem M-D-M para D-M-D' as formas de valor assumem formas de movimento. Compra (D-M) e venda (M-D), aqui, são formas de movimento que correspondem a novas apresentações do valor (MARX, 2011). “O percurso de cada forma do capital é "específico" e, ao mesmo tempo, parte do percurso ininterrupto encadeado pelos circuitos do capital-dinheiro, do capital produtivo, do capital-mercadoria” (GRESPLAN, 2019, p. 131). O valor do capital, quando se apresenta em M, no final do círculo capital-mercadoria, a sua forma assume a função que o obriga a passar a D' na realização do produto mercadoria. A forma funcional do capital define o circuito específico (MARX, 2011; GRESPLAN, 2019). Na apresentação de D' a diferença quantitativa determina a qualitativa.

E isso porque a "divisão qualitativa" já se determina de modo quantitativo, ou seja, porque a força de trabalho e os meios de produção não podem se apresentar em quantidades quaisquer, mas naquelas exigidas pelo processo de produção específico de um bem. A qualidade, portanto, "apresenta-se" com uma quantidade e está, em uma qualidade. Cada forma de apresentação corresponde a uma medida, a uma combinação precisa de qualidade e quantidade, na qual ambas se determinam reciprocamente (GRESPLAN, 2019, p. 133-134).

Não podemos perder de vista, entretanto, que foram as guerras que funcionaram como válvulas de segurança para a construção estética da representação do capital. Realinou a relação de forças e criou as condições de sua dinâmica expansionista. As guerras devastadoras do século XX foram responsáveis “pela “quebra do elo mais fraco”, primeiro na Rússia em 1917, e depois na China, nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial” (MÉSZÁROS, 2011, p. 333). Uma ordem social não aperece antes que suas forças produtivas tenham se desenvolvido plenamente em sua estrutura. Essa é a condição de substituição de uma formação social por outra. As crises produzem mudanças e as novas modalidades de funcionamento são introduzidas como parte integrante em um novo conjunto de relações híbridas. Os novos conjuntos de ajustamento “ampliaram significativamente o potencial de desenvolvimento contínuo das forças produtivas no interior da estrutura estabelecida, impondo assim a necessidade de um profundo reajuste nas estratégias do adversário” (MÉSZÁROS, 2011, p. 545).

No livro **O Capital**, conforme o entendeu Gresplan, Marx falou de um modo de representação capitalista em relação ao modo de produção capitalista, “limitando o nível de consciência que os agentes podem e devem ter e delineando a forma pela qual o ‘algo real’ é ‘representado realmente’” (GRESPLAN, 2019, p. 10). Trata-se de uma inversão operada pelo modo de produção do capital, em um lugar da sociabilidade do qual não se toma consciência. O real multifacetado e contraditório desdobra formas de expressão por inversão das formas anteriores. A forma mistificada da mercadoria foi virada ao avesso por Marx (MARX, 2015; GRESPLAN, 2019). O conceito de trabalho, produtivo e improdutivo, “evidencia quanto Marx leva a sério o princípio da troca de equivalentes, a saber, que a troca das mercadorias não lhes acrescenta valor ou, ainda, que a esfera da circulação

por si não cria valor” (GRESPLAN, 2019, p. 55). É preciso algo mais. A fórmula D-D', contida em D-M-D do dinheiro, refere-se à função do dinheiro na transformação das mercadorias. Mas é por ser propriedade do capitalista que o dinheiro adquire o caráter do capital e como tal participa do processo de produção e reprodução (MARX, 2011). “No crédito, porém, o dinheiro não é trocado por um equivalente, o dinheiro tem agora outro caráter, outro “conceito” (GRESPLAN, 2019, p. 63). Pois, é nele que o empréstimo implica o mesmo que uma forma de venda para a mercadoria. Sobre esta forma, Gresplan nos esclarece o seguinte:

Ou seja, na circulação mercantil a compra (D-M) difere radicalmente da venda (M-D), porque na venda a mercadoria é alienada e deixa de ser mercadoria quando entra na esfera do consumo do seu valor de uso. Para o dinheiro, ainda como meio “técnico” de compra, porém, D-M não indica alienação, e sim a sua forma própria de existência na circulação: ele não sai dela, nunca abandona o circuito de reprodução do capital. A rigor, o dinheiro não pode ser vendido; se é alienado, é só mediante empréstimo - uma forma de alienação muito especial, de todo modo, pois, quando emprestado, o dinheiro tem de retornar às mãos do proprietário original. [...] O dinheiro não é mais capital apenas por permitir, do ponto de vista “técnico”, a circulação mercantil para o capital. Agora ele o é por se transformar em uma mercadoria singular, aquela que permitirá a compra de meios de produção e de força de trabalho para produzir valor, aquela cuja forma potencializa a autovalorização. Parte desse valor novo, criado depois da concessão do empréstimo, cabe por contrato a quem o emprestou, sob a forma de juros, já que o dinheiro usado como capital pelo capitalista produtivo não pertence a ele mesmo. Ocorre nova divisão do mais-valor, ou melhor, do lucro agregado que entra já definido como lucro médio pela prévia concorrência e equalização dos capitais industriais. E à nova divisão corresponde mais uma vez uma divisão de tarefas entre dois grupos distintos de capitalistas: os que podem emprestar, por ter a propriedade do dinheiro-capital; e os que, por não tê-la, precisam do empréstimo, utilizado a seguir em atividades inseridas diretamente no esquema de reprodução do capital social e, com isso, no processo de equalização. Com tais divisões, a parte do lucro residual para o capitalista produtivo, depois de pagos os juros do empréstimo, Marx denomina “ganho empresarial” (GRESPLAN, 2019, p. 62-63).

Os empresários e os gerentes são tipos de intelectuais orgânicos da sociedade capitalista, com eles o lucro está assegurado pelo contrato legitimamente assentado pelo Estado moderno. O novo modo de vida americano está assentado na possibilidade de constituição de mais valor pelos juros, o crédito.

Se aí estão os intelectuais do capitalismo, também estão os intelectuais anticapitalistas. Os primeiros são os estetas da aparência da riqueza e de sua circulação como bem privado, os outros são intelectuais revolucionários que denunciam a ordem do capitalismo e de sua ideologia, o dinheiro, despossuído de representação material e visam sua superação, a destruição de suas formas e de seus mecanismos de reprodução.

Guy Debord foi um desses intelectuais anticapitalistas. Como tal, desenvolveu sua teoria da *société du spectacle* sob circunstâncias sociais específicas, a partir das quais, desenvolveu sua crítica da sociedade capitalista. Do interior da *Internationale Lettrista* (I.L.) à organização da *Internationale Situationniste* (I.S.), demonstrou sua aptidão para com a subversão e à crítica radical da sociedade de consumo. Suas experimentações e performances artísticas se desenvolveram conjugando as várias formas e técnicas de crítica social. Desenvolveu trabalhos experimentais no cinema, nas artes plásticas e na literatura e no interior das movimentações sociais dos anos 1950 e 1960, na França, concebeu sua teoria explicitada, na forma de um livro, intitulado ***La Société du Spectacle*** (1967). Foi um crítico feroz da sociedade capitalista e da desumanização premente aos processos que a reproduzem. Refletiu sobre a educação na medida em que formulou a crítica aos processos de desumanização mediados pelo *spectacle*. A educação, como mercadoria, é resultado das condições materiais da construção histórica da mediação abstrata da formação social e da consciência.

3.1.1 Os intelectuais e os estetas do capitalismo

Os intelectuais, como categoria social, definem-se pelo lugar que ocupam nos processos de produção e reprodução da sociedade, na qual e pela qual, foram produzidos. Em nosso caso particular, nos referimos a Guy Debord como um intelectual, no sentido gramsciano (GRAMSCI, 2002). Guy Debord foi um intelectual herdeiro da crítica *avant-garde*, anticapitalista. Por isso mesmo, as questões sobre

a educação, entendidas como questão de internalização das mediações capitalistas, estão presentes em sua obra crítica. Sua atuação e engajamento político estão inseridos no interior da sociedade capitalista francesa quando a concentração militar do Estado formulou as garantias da mediação da relação do indivíduo com a sociedade e garantiu as condições do capitalismo estético. As considerações sobre a concepção de educação na sociedade do espetáculo devem seu esclarecimento às duas afirmações anteriores. A disposição estética da realidade, proporcionada pelo *spectacle*, segundo Debord, retifica a própria percepção e aliena dela o sujeito que percebe. Assim concebeu a realidade do engano da percepção como a fetichização da percepção do real, que produz uma visão de mundo separada daquele sujeito que a detém (DEBORD, 1971; 1985).

A etiqueta americana da nova cultura passou a ser a do novo modo de vida que surgiu na América do Norte, e se deve, segundo Gramsci, às tentativas de explicação de uma estrutura em formação. Na época do autor italiano o americanismo era parte de uma crítica feita pelas velhas camadas que, possivelmente, desapareceriam com a nova ordem. Uma reação inconsciente, diz ele, “de quem é impotente para reconstruir [...]. Não é dos grupos sociais “condenados” pela nova ordem que se pode esperar a reconstrução, mas sim daqueles que estão criando, [...], as bases materiais desta nova ordem” (GRAMSCI, 2001, p. 280). O que, então, era necessidade, poderia se tornar liberdade. A verdade é que, em Paris, o americanismo apareceu como um cosmético, “como uma superficial moda estrangeira” (GRAMSCI, 2001, p. 281).

O capital não poderia entrar com parte no contrato de compra e venda de força de trabalho porque o capital é valor. “É valor que se valoriza e que o faz pelo processo de exclusão e inclusão da força de trabalho” (GRESPLAN, 2019, p. 85). A força de trabalho é uma substância social.

É o capital que distingue e vincula o trabalho concreto e o abstrato, conferindo aos produtos um papel social e, no mesmo ato, fornecendo às relações sociais um lastro real. "sensível". Mais do que ao plano físico-fisiológico, a "substância" reporta à conexão desse plano ao social, à operação que conecta o "sensível" ao "suprassensível"; reporta ao imperativo de que a sociabilidade capitalista deve possuir um lastro tangível. "Substância" consiste

na ancoragem de uma relação social em um substrato material, para que a relação se torne algo mais do que mera convenção e o substrato, o lado real do fetichismo (GRESPLAN, 2019, p. 87).

O trabalho é a substância do valor na sua dimensão sensível de dispêndio de energia, mas não é o executor da operação da razão social da sociabilidade mesma (MARX, 2011; GRESPLAN, 2019). O destino do valor está relacionado ao fetiche do ouro, “no qual a paixão do entesouramento pode descambar em ‘forma estética’” (GRESPLAN, 2019, p. 123). Se parecer e ser rico é indiferente, como argumentou Marx, segundo Gresplan, então, “representar a riqueza equivale a constituí-la, e mesmo “ser” nada importa sem “parecer”” (GRESPLAN, 2019, p. 123). Uma forma de representação e um modo pelo qual alguém adorna a medida de seu valor e poder social pelo material do qual se utiliza. O dinheiro se tornou poder social tido como algo “privativo da pessoa privada”, entretanto, o entesourador normal retira seu dinheiro de circulação, o que implica em sua própria privação.

[...] o dinheiro, de meio, passa a ser um fim em si mesmo, na expressão original de Marx. [...] descola da “existência” de coisa do dinheiro e a representação prepondera, de modo a obscurecer ainda mais a sua base na apresentação. Nesse caso, não é tanto como coisa, e sim como símbolo, que o dinheiro se transfigura em fetiche [...]. Surge assim uma modalidade complexa de fetichismo, na qual as relações sociais são mediadas por coisas - as mercadorias ou o dinheiro efetivo - e também por representações, ou seja, pelo dinheiro aparecendo na figura de idealidade e nela ocultando a sua figura efetiva. Mais do que mediador, ele se torna objetivo dessa forma social, independentemente de ser ou não usado, já como mero representante do poder de compra. Daí a sua “forma estética”, com a exibição desse poder, desse “comando” virtual, que sinaliza a hierarquia dos homens com a nitidez de uma medida empírica do “ser” pelo “parecer”. Enquanto totalidade de medida e circulação, por seu turno, essa forma continua se desdobrando, sempre em oposições. Pelo lado da medida, a promessa de pagamento aceita pelo vendedor, agora credor, pode depois ser usada por ele para comprar mercadorias, entrelaçando contratos sucessivos (GRESPLAN, 2019, p. 124-125).

O dinheiro ganha autonomia como fim em si do processo (MARX, 2011). Na figura real como na figura ideal, enseja um conjunto ampliado de trocas. “Parecer rico” começa a significar, nesse caso, o acesso às representações ideais do dinheiro real futuro, e daí o acesso às mercadorias que no presente podem ser

compradas e consumidas de fato” (GRESPLAN, 2019, p. 128). A relação entre capital e trabalho assalariado pode ser esclarecida por essas formas de circulação. A força de trabalho se reveste da forma mercadoria e como tal é vendida pelo trabalhador livre, que como tal tem valor de uso e valor. Isso é deduzido do mais-valor, elemento do uso, consumido no trabalho, no processo de produção, conforme o comando do capital.

O consumo produtivo da força de trabalho ocorre depois de sua inclusão no circuito do capital pelo momento inicial (D-M) do "comprar para vender". Por seu turno, o consumo do trabalhador entra na esfera da reprodução da força de trabalho, mas no momento inicial (M-D) do "vender para comprar" da circulação simples. E essa dupla dimensão que articula a exploração e o capital (GRESPLAN, 2019, p. 162).

A mercadoria existe como produto determinado e como valor de troca manifesto, como dinheiro (MARX, 2015). A imagem, sendo o natural e por isso inevitável resultado da aparência e reflexo do real, encampou o desafio ético que deve reger o espetáculo diuturno. Assim identificou Novaes a influência do espetáculo na vida pública e privada (NOVAES, 2005). Os intelectuais cumprem função específica conforme o processo histórico real de formação de suas diversas categorias (GRAMSCI, 2000). Os grupos sociais, nascidos a partir de uma função no mundo da produção econômica, criam para si organicamente sua própria camada de intelectuais responsáveis por lhes oferecer homogeneidade e consciência própria no campo econômico, social e político. O intelectual organiza a cultura, como também, o direito.

[...] o empresário representa uma elaboração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica (isto é, intelectual): [...] pelo menos uma elite deles deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe [...]. Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos” que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo são, na maioria dos casos, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz (GRAMSCI, 2000, p. 15-16).

A cultura é produto da superestrutura determinada pela base determinante. Dos termos dessa determinação, foi a superestrutura quem recebeu maior atenção das teorias marxistas. O principal sentido que recebeu foi aquele que a define como uma “área unitária dentro da qual as atividades culturais e ideológicas poderiam ser colocadas” (WILLIAMS, 2011, p. 45). A superestrutura se define, então, como um reflexo. O lugar onde as coisas aparecem. As experiências humanas do pensar e do sentir, perceber e observar, tem suas realidades nessa área de imitação da estrutura. Essa é uma qualificação operacional da relação entre base e superestrutura. A questão sobre o processo da relação entre estrutura e superestrutura ofereceu condições para uma definição mais substancial. Ou seja, desenvolveu esta relação como mediação, algo diferente da imitação refletida ou da reprodução, por ocorrer ativamente. Assim esclareceu Williams:

Temos de reavaliar a “superestrutura” em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, temos de reavaliar “a base”, afastando-a da noção de uma abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homem em relações sociais e econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram-se sempre num estado de processo dinâmico (WILLIAMS, 2011, p. 47).

A partir daí podemos compreender que os meios de comunicação são meios de produção. Eles são materialmente produzidos e reproduzidos socialmente. Mas não são apenas formas, são meios de produção. A comunicação dispõe de seus meios materiais intrínsecos “a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social, constituindo-se assim em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção” (WILLIAMS, 2011, p. 70). Como também são históricas as condições da comunicação, os meios de comunicação estão em constante movimento histórico, “possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas e com as relações sociais gerais, que são por eles produzidas e que as forças

produtivas gerais tanto produzem quanto se reproduzem”. (WILLIAMS, 2011, p. 70).
O indivíduo propagandeado,

[...] é "o homem-mercadoria", que é escravo do seu consumo e das instituições intrincadas que o capacitam para ser um homem-mercadoria passivo. O consumo não é meramente individualista nem passivo, ainda que essa falsa aparência possa ter sido criada pelo sucesso temporário dos esforços de manipulação (MÉSZÁROS, 2016, p. 190).

O consumo individual é um consumo de desfrute. A produção está em relação à necessidade do consumo. “As capacidades do ser humano só podem ser experimentadas no ato de produção autoproductivo, autoconsumidor e autorreprodutivo” (MÉSZÁROS, 2019, p. 190). As necessidades e as ideias se recriam. Mas somente os ideais latentes, nas relações humanas concretas, constituem a ideologia, ocupam um importante papel no lugar de resolução da contradição entre produção e consumo. O caso da arte se tornou bastante esclarecedor.

A principal razão pela qual a arte sofre na sociedade capitalista é esta: nas circunstâncias vigentes, é difícil, se não impossível, assegurar as condições necessárias para o modo de consumo adequado à verdadeira natureza da obra de arte (MÉSZÁROS, 2016, p. 190).

Tão esclarecedor quanto, é refletir sobre ela enquanto atividade contraditória e que reflete a relação da produção e do consumo. Na sociedade capitalista, a emancipação imanente ao processo educativo dos sentidos foi substituída pela necessidade de construção dos sentidos alienados e do direcionamento essencialista da realização da natureza humana. A percepção humana foi o alvo da produção e do consumo subordinados ao sistema do capital. O progresso tecnológico, que dispõe dos sentidos e da atenção humanas para sua realização, e a “maturação das consciências “subalternas” (MANACORDA, 2010, p. 402) foram decisivos para a educação. E por isso mesmo, para sua produção e seu consumo. Manacorda destaca dois momentos que evidenciam esses fenômenos.

[...] o lançamento do Sputnik soviético, primeira saída do homem da Terra, em 4 de setembro de 1957, que pareceu demonstrar a superioridade de um sistema de organização científica e educativa. Esse fato provocou nos Estados Unidos uma reação positiva que, na conferência de *Woods Hole*, de novembro de 1959, se expressou numa corajosa autocrítica e numa nova formulação da pesquisa educacional, baseada na contribuição de todas as ciências. Após estes eventos ficam entregues à história ou ao arquivo os conflitos entre inatismo e ambientalismo, entre sistematicidade e espontaneidade, entre conteúdos e métodos, que, especialmente nos países já dominados pelos regimes fascistas, se seguiam ao retomar a pedagogia democrática de inspiração anglo-saxão. O outro momento é de caráter totalmente diferente e, em parte, consequência da própria expansão da instrução e com as expectativas e desilusões que ela cria nas novas gerações. Trata-se da tomada de consciência por parte dos jovens (especialmente estudantes) da desigualdade na relação educativa (já notada por Tolstói), como parte da mais ampla desigualdade e opressão social (MANACORDA, 2010, p. 402).

A pedagogia ativista anglo-saxônica e norte-americana dominou a Europa. Esse domínio produziu algo novo que surgiu no fim dos anos de 1960. Trata-se de uma polêmica “contra os professores como corporação. [...] A rotina, a petulância dos professores e o seu total descuido em relação à realidade vivencial dos alunos e de seus problemas é visada e desnudada com cândido furor” (MANACORDA, 2010, p. 406-407). Maio de 1968 foi uma revolta. Uma revolta dos estudantes e jovens e que explodiu de forma violenta. A tomada de consciência da desigualdade de condições entre alunos e seus mestres foi tida como apenas um aspecto particular da desigualdade geral da sociedade capitalista.

Como escolher os "textos" na massa enorme de documentos contestatórios que, na época, foram produzidos em enorme quantidade? A sua exiguidade consistiu na sua abundância, a sua fraqueza na sua universalidade utópica, incapaz de se ater ao concreto (MANACORDA, 2010, p. 409)

Os êxitos da tomada de consciência pelos jovens estudantes os deixaram sozinhos em sua rebelião e, no espaço de um ano acadêmico, acabou deixando suas marcas na pedagogia, na cultura e costumes (MANACORDA, 2010). Guy Debord participou e escreveu seu livro no interior destas movimentações, na

França, de 1968. Mas, compreender a revolta estudantil significa a análise de suas condições históricas. Isso consiste em observar que a moderna classe operária industrial apareceu para os revolucionários como a força capaz de se opor à sociedade do capital. E por isso, persegue o objetivo da revolta visando impulsionar o desenvolvimento da humanidade. Nos séculos anteriores, tratou-se

[...] da luta contra o analfabetismo para os operários que nunca frequentaram a escola; depois, de uma série de ações para o aprendizado, a fim de ensinar a tarefa técnica que cada operário deveria desempenhar na fábrica; mais tarde, superado em certas regiões o problema do analfabetismo, algumas fábricas mais esclarecidas (como a Olivetti) organizaram escolas de fábrica também de nível médio (sem falar aqui de escolas superiores para técnicos de alto nível e para dirigentes) (MANACORDA, 2010, p. 410).

Do interesse da empresa eram essas concessões às iniciativas educativas que permitiam aos operários uma maior mobilidade. O aprendizado “é considerado como uma relação especial de trabalho no qual o empresário é obrigado a ministrar ou a fazer ministrar, na empresa, ao aprendizado ensinamento necessário a fim de que possa adquirir a capacidade técnica” (MANACORDA, 2010, p. 411). Somente em tempos mais recentes, sugeriram o trabalhador-estudante e o estudante-trabalhador

[...] enquanto o aprendiz é um resíduo da oficina artesanal e das corporações medievais de artes e ofícios, tanto o trabalhador-estudante como o estudante-trabalhador são uma figura moderna, ligada ao desenvolvimento contemporâneo da fábrica e da escola, em cujo processo a fábrica é a força motora e a escola é movida. Ao contrário dos aprendizes os trabalhadores estudantes, e mais ainda os estudantes trabalhadores, estudam não para melhorar seu trabalho mas para fugir da condição operária (MANACORDA, 2010, p. 411).

Essa é a armadilha, segundo o manifesto surgido em Estrasburgo, *De la misère en milieu étudiant : considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel et de quelques moyens pour y*

remédier (1966) (I.S.; U.N.E.F., 1966 (2013)), que circulou entre estudantes, em Paris.

[...] no vasto movimento juvenil de 1968 que foi um fato internacional, e na significativa presença da classe operária se revela uma nova consciência das jovens gerações, que descobrem o elemento de opressão e de engano ínsito nas relações entre gerações, que é essencialmente uma relação pedagógica e que também para um Tolstoi e um Gramsci é sempre motivo de constrição. [...] O preço que se paga por esta separação de gerações e por este afastamento do processo de produção, como vimos, está diante de nós. [...] Em suma, por vias diferentes, em todos os países europeus visava-se à mesma meta, sempre distante, da integração entre cultura e profissionalidade, humanismo e técnica, encontrando todos os mesmos obstáculos, difíceis de serem superados (MANACORDA, 2010, p. 413, 418).

O lugar dos eventos de maio de 1968 foi o de um momento histórico de novas contradições e conflitos, por isso mesmo, de transição. Como um marco do início da segunda metade do século XX, esses eventos foram reveladores das transformações históricas das relações sociais e da emergência de uma hegemonia social. Eles contêm as formas contraditórias com as quais se depararam os intelectuais em disputas no limiar de uma crítica anticapitalista e conservadora. As causas neoliberais começaram a se apresentar como questões postas contra os compromissos sociais do *New Deal* e a precarização generalizada denunciada pelos trabalhadores já anunciava a implosão da União Soviética. A ordem internacional capitalista estava em aceleração e a educação, como bem o demonstrou maio de 1968, na França, revelou os conflitos inerentes desta aceleração. Os estudantes, aliados às lutas anticolonialistas, a instalação de regimes autoritários e de segurança nos Estados, deram voz e movimento à crítica que, ao mesmo tempo, promulgava a revolução como fim último das ações, encampava, também, o avanço das causas sociais já assimiladas pelo capitalismo. Os eventos são marcados pela contradição entre a superação do capitalismo e a sua realização plena como realidade social incontestável.

Mai 68 a montré les limites du compromis social du New Deal. Dans les années 1960, la productivité et la santé du marché intérieur n'annulent pas la réalité des pouvoirs discrétionnaires et l'absence

de démocratie dans l'entreprise. L'État-providence achoppe sur le rejet d'une partie de la jeunesse. Le capitalisme industriel peine à construire les bases sociales sous-jacentes à son projet. Le système international, reposant sur l'échange inégal et sur l'exploitation des matières premières, ne permet pas l'exportation du capitalisme industriel dans le tiers-monde. Le modèle de développement n'est pas encore épuisé après 1968 et va poursuivre sa croissance pendant une décennie. Mais le ver est dans le fruit et sa dynamique ne s'impose plus comme une évidence. A partir de la fin des années 1970, une nouvelle phase de la mondialisation capitaliste commence, la phase néolibérale. Le capitalisme financier impose sa logique au capitalisme industriel: l'entreprise est soumise à la dictature des actionnaires. La lutte contre l'inflation succède à la recherche du plein emploi et entraîne le chômage et la précarisation (CAPDEVIELLE; REY, 2008 p. 22)⁵⁸.

Especialmente na França, um processo de modernização e desenvolvimento teve início em meados de 1950 e alcançou seu desfecho nos anos finais de 1960. Contestações e sublevações sociais foram se agravando na medida em que outros eventos se somavam como evidências do que viriam a significar este processo modernizador justificado pelas vias do progresso. A construção do muro de Berlim, em 1961, em 1965, a China rompe com a União Soviética e anuncia o fim do mundo bipolarizado da guerra fria e já ressoam os ecos de um fracasso da revolução cultural já em 1966 agravam um quadro marcado por fortes conflitos em amplitude global (CAPDEVIELLE; REY, 2008). Concomitante a isso,

[...] la phase de reconstruction est quasi achevée et la France, en même temps qu'elle a réussi la reconstruction de son appareil productif et de ses infrastructures, enregistre une croissance exceptionnelle. On ne parle pas encore des Trente glorieuses - qui ne sont d'ailleurs pas également glorieuses pour toutes les catégories sociales, on reviendra sur ce point -, mais, en France comme presque partout ailleurs dans le monde et quel que soit le régime économique et politique règne une confiance unanime dans

⁵⁸ Tradução livre: “Maio de 68 mostrou os limites do compromisso social do *New Deal*. Na década de 1960, a produtividade e a saúde do mercado interno não negavam a realidade do poder discricionário e a ausência de democracia na empresa. O estado de bem-estar tropeçou na rejeição de parte da juventude. O capitalismo industrial luta para construir as bases sociais subjacentes ao seu projeto. O sistema internacional, baseado no intercâmbio desigual e na exploração de matérias-primas, não permite a exportação do capitalismo industrial para o Terceiro Mundo. O modelo de desenvolvimento ainda não se esgotou após 1968 e continuará a crescer por uma década. Mas o verme está na fruta e sua dinâmica não é mais óbvia. A partir do final da década de 1970, iniciou-se uma nova fase da globalização capitalista, a fase neoliberal. O capitalismo financeiro impõe sua lógica ao capitalismo industrial: a empresa está sujeita à ditadura dos acionistas. O combate à inflação segue a busca pelo pleno emprego e leva ao desemprego e precariedade”.

les bienfaits des progrès de la connaissance scientifique (CAPDEVIELLE; REY, 2008 p. 30)⁵⁹.

Os anos do pós-guerra, na França, evidenciaram uma sociedade que reagiu às reformas, às mudanças econômicas, sociais e culturais profundas. Entretanto, elas não trouxeram sua correspondente ideológica, como foi no caso dos anos de 1980 e 1990 quando triunfou a performance e a excelência individual. A França, nos anos que deram início à segunda metade do século XX, estava em transição econômica e em modernização cultural, estava em recuperação após a guerra e readequação produtiva. Por isso, no ensino superior, foram criados, em 1966, institutos projetados para suprir a falta de técnicos seniores e gestores médios.

La propédeutique est supprimée, un diplôme universitaire sanctionnant les deux premières années d'études en faculté, avant la licence et la maîtrise. Entre 1958 et 1968, le nombre d'étudiants augmente de 224 %. Le budget de l'Éducation nationale croit régulièrement passant de 10,3 % du budget total du pays en 1958 à 17,4% en 1968. Cette augmentation des moyens et une accumulation de réformes, il est vrai sans plan d'ensemble, ne désamorcent pas les critiques de certains qui déjà à l'époque reprochent à l'Université d'opérer une sélection non dite entre une minorité d'héritiers et une majorité de futurs chômeurs (CAPDEVIELLE; REY, 2008 p. 33-34)⁶⁰.

Outra ruptura, dos anos de 1960, deveu-se ao início do vigor do acordo de Roma, instituído em 1959. A partir dele, a abertura da *Communauté économique européenne* (CEE) reorientou o mercado europeu, mas resultou em uma desaceleração significativa na progressão do salário real, 3,2% ao ano entre 1964-

⁵⁹ Tradução livre: “a fase de reconstrução está quase terminada e a França, ao mesmo tempo que conseguiu reconstruir o seu aparelho produtivo e as suas infraestruturas, regista um crescimento excepcional. Ainda não falamos dos Trinta Gloriosos - que não são, aliás, igualmente gloriosos para todas as categorias sociais, voltaremos a este ponto - , mas, na França como em quase todas as outras partes do mundo e seja qual for o regime econômico e político reina uma confiança unânime nos benefícios do progresso do conhecimento científico”.

⁶⁰ Tradução livre: “A propedêutica é suprimida, um o diploma universitário sanciona os dois primeiros anos de estudos na faculdade, antes da licença e do mestrado. Entre 1958 e 1968, o número de alunos aumentou 224%. O orçamento nacional da Educação cresce continuamente de 10,3% do orçamento total do país, em 1958, para 17,4% em 1968. Este aumento de recursos e um acúmulo de reformas, é verdade sem um plano abrangente, não podem não desarmar as críticas de alguns que já na época criticavam a Universidade de fazer uma seleção tácita entre uma minoria de herdeiros e uma maioria de futuros desempregados”.

67 contra 4,9% entre 1950-1963 (CAPDEVIELLE; REY, 2008). Essa abertura restringiu a economia francesa a uma reestruturação que levou a mudanças significativas na sociedade. Foi o advento de uma França sem camponeses. Entre os anos de 1946-1962, 700.000 agricultores deixaram suas terras para trabalhar na construção civil ou como empregados na indústria, complementando os quadros junto aos trabalhadores migrantes (CAPDEVIELLE; REY, 2008). O resultado foi que os protestos violentos entre camponeses perduraram até os anos de 1960.

Autre modification, alors à ses débuts: le processus de tertiarisation de la société, avec le développement déjà évoqué du nombre d'agents de certains services publics comme l'Éducation nationale, ou la croissance des personnels du commerce dans les grandes surfaces et l'hôtellerie, dont les effectifs passent de 2 455 000 personnes en 1954 à 3 142 000 en 1968, ou encore celle des effectifs de deux secteurs en pleine expansion, les banques et les assurances, qui passent durant la même période de 394 000 a 647 000 personnes (CAPDEVIELLE; REY, 2008 p. 34)⁶¹.

Ao mesmo tempo em que essa terceirização avançou, a estrutura de qualificação dos funcionários foi mudando na indústria: entre 1954 e 1968, o número de engenheiros passou de 75.808 para 186.184, e o dos gerentes sêniores de 277.190 para 454.540, os técnicos de 193.206 para 530.716, os de trabalhadores qualificados de 1.816.265 para 2.670.328, enquanto o número de trabalhadores qualificados diminuiu de 3.052.953 para 2.630.040 (CAPDEVIELLE; REY, 2008). A ascensão dos técnicos e, em menor medida, dos trabalhadores qualificados às custas dos trabalhadores profissionais é, em parte, resultado da concentração e da taylorização e alimentou debates sobre a nova classe trabalhadora (CAPDEVIELLE; REY, 2008).

Esse período, na França, refletiu politicamente a polarização entre capitalistas e socialistas do cenário internacional. Por isso ficaram conhecidas as

⁶¹ Tradução livre: “Outra modificação, então em seu início: o processo de terceirização da sociedade, com o desenvolvimento já mencionado no número de funcionários de determinados serviços públicos como a Educação Nacional, ou o crescimento do pessoal de vendas em supermercados e hotéis, cuja força de trabalho passou de 2.455.000, em 1954, para 3.142.000, em 1968, bem como a força de trabalho em dois setores em expansão, o bancário e o de seguros, que aumentou de 394.000 para 647.000 pessoas no mesmo período”.

disputas intelectuais, entre autores e atores revolucionários e estetas capitalistas, pelas definições dos significados possíveis das transformações em andamento. Guy Debord se situou no interior destas disputas. Sobretudo, uma vez que elas foram suscitadas por essa polarização política, ele se posicionou à margem de seus colegas. Seu aparato crítico, definido como uma crítica radical à sociedade do espetáculo, “um mundo abstrato e violento do capital transubstanciado em imagem” (LEANDRO; CASTRO, 2017, p. 256), serviu como base de suas proposições anticapitalistas.

Debord valorizou ao longo de sua vida sua independência política e por isso mesmo foi alvo de ataques tanto da direita quanto da esquerda, organizada em partidos e sindicatos. Para ele, “a ideologia pressupõe a separação hierárquica entre pensadores e executores, o que fortalece a burocracia e a existência de classes dominantes” (LEANDRO; CASTRO, 2017, p. 257). Por outro lado, essa mesma independência que o tornou alvo sugestivo de críticos dos dois lados da disputa, oportunizou-lhe um diálogo amplo com seus contemporâneos. Transitou entre os vários campos da sociedade francesa e refletiu sobre fatos importantes do século XX que o acompanharam ao longo de toda a vida. No percurso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) à Guerra Fria e à guerra civil, na qual esteve engajado, nas ruas de Paris, Debord produziu uma crítica abrangente da sociedade capitalista junto aos coletivos que participou. Envolveu-se com as questões sobre os temas da emergência do comunismo na China (final da década de 1940) e a revolução cultural dos anos de 1950; com a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962); com a Guerra do Vietnã (1955-1975); os movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos nos anos de 1960; as insurreições internacionais, em particular na França, onde foi um dos precursores do Maio de 1968; a queda do Muro de Berlim (1989) e o fim da União Soviética (1991). Todos estes acontecimentos são problematizados em seus trabalhos, textos e filmes (LEANDRO; CASTRO, 2017). A finalidade com a qual se envolvia nessas tantas questões, concomitantes às próprias ações, foi a de encontrar um modo efetivo para o desencadeamento da revolução. Seu trabalho repercutiu como uma crítica radical às sociedades capitalistas. Devido ao contexto de suas publicações, conhecido por greves massivas, mobilização estudantil, ocupação de fábricas e de universidades,

inferimos que a análise de sua crítica como particularmente significativa para a compreensão de um momento histórico singular da educação.

Além de refletir sobre os vários fatos históricos, seus próprios trabalhos receberam uma atenção bastante significativa. Comentar a obra de Guy Debord é desbravar a obra de um comentador. Muitos dos seus vários textos debruçavam sobre o 'si mesmo' de sua obra. Um movimento dialético, em tons de anticapitalismo *Noir* (LÖWY, 2002), definiu a maior parte de suas leituras, releituras, análises e peças fílmicas, declaradamente contra o cinema⁶². Esse detalhe, em Guy Debord, tornou-se bastante relevante devido a dois aspectos presentes no movimento da produção de suas obras, ou, como prefere o próprio autor, na produção de si mesmo. Está presente nelas o aspecto evidentemente autobiográfico e, por isso, não foram raras as vezes em que Debord promoveu intervenções que reivindicavam sua própria vida como vida banalizada. Sua obra é uma obra da vida cotidiana parisiense de meados do século passado. No outro aspecto, não tão evidente assim, está na escrita como necessidade, como utilização de recursos técnicos e tecnológicos e sem fins à repercussão acadêmica, publicitária, propagandista ou partidária. Mas escrita como estratégia de luta contra a mercantilização e a desumanização, pela mercadoria, promovidas. A esse aspecto são atribuídas a densidade e o tamanho de sua obra como a própria escrita enquanto *detournement*⁶³.

O título latino de seu último filme, *In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni* (1978) contém, a descrição do poder de representação que o *spectacle*

⁶² Em seu texto, Michel Löwy menciona o cinema, mas sua análise se ocupa em descrever o romantismo do autor marxista como um ímpeto revolucionário em direção ao futuro. Analisa as origens da irredutibilidade do autor francês em relação a reconciliação com a ordem das coisas existentes e afirma que a sua sensibilidade romântica revolucionária trás consigo o cinema (LÖWY, 2002). Ambos os cinemas, de Hollywood ou da *Nouvelle Vague* francesa, marcada pela presença do(as) diretor(as), são setores da sociedade. Conforme esclareceu Beller, o cinema e seus sucessivos e simultâneos formatos, como a televisão particular, video, computadores, celulares e internet, são fábricas desterritorializadas nas quais os espectadores trabalham e realizam trabalho produtivo de valor. Ainda segundo o autor, trabalham na imagem e a imagem permeia tudo que aparece. Ela é o *mise-em-scène* of the *new work* (BELLER, 2006). O cinema foi considerado nesse sentido para a análise da crítica de Deobrd, afinal, Beller tem na crítica debordiana seu ponto de partida. Como cinematização do visual, ele consiste em uma fusão do visual com um conjunto de instituições e aparatos sócio-técnicas que da forma à avançada expropriação em rede. O cinema é a máquina para copiar o mundo e um livro para quem o sabe ler (BELLER, 2006). O contra cinema de Guy Debord, não obstante considere este setor do visual, a ele não se limita em sua análise. O *spectacle* ultrapassa o cinema e, ao mesmo tempo, o inclui em sua base produtiva e reprodutiva.

⁶³ Tradução livre: "desvio".

detém⁶⁴. A quem se refere o *Imus* da sentença palíndromo, expresso no título do filme? Quem são aqueles que *giram*? Segundo Debord, o espetáculo é uma produção cíclica de si mesmo. Ao se produzir, reproduz a si mesmo. Ao se reproduzir como produto e como produção, afirma-se também como distribuição da riqueza acumulada. Essa relação contínua entre consumo e produção, da qual o espetáculo se constitui, é circular. “*Le système économique fondé sur l’isolement est une production circulaire de l’isolement*” (DEBORD, 1971, p. 20)⁶⁵. Circularidade que remete os fins às origens e os meios a esse fim originário, a desumanização promovida pela mercantilização da vida cotidiana.

3.2 GUY DEBORD: A SUBVERSÃO DO CINEMA COMO REALIZAÇÃO DA ARTE

A realização da arte foi um programa que Debord iniciou, desde muito cedo, em sua atividade artística e intelectual. Em 1952, ingressou no círculo de artistas da vanguarda parisiense. A partir desse envolvimento, Debord realizou seu primeiro filme, *Hurlements en faveur de Sade* (1952)⁶⁶. Com esse filme se propôs extrapolar o cinema mesclando fragmentos em tela preta e alusões programáticas às construções de situações críticas à moral dominante. Sua película foi projetada pela primeira vez em um cineclube de Paris. Levava o espectador a sair de sua passividade e teve certo sucesso, uma vez que o público se sentiu insultado pelas largas sequências em telas pretas. A apresentação foi encerrada antes do fim da película. Desde “*principios de los años cincuenta se había desarrollado, sobre todo en Estados Unidos, el happening, que experimentaba con la integración de diversas*

⁶⁴ Michael Löwy sugere a seguinte tradução para o título latino: Nós giramos na noite e somos consumidos pelo fogo (LÖWY, 2002); Daniel Bensaïd, por sua vez, sugere a seguinte: Damos voltas sem fim na noite, devorados pelo fogo (BENSAÏD, 2020).

⁶⁵ Tradução livre: “O sistema econômico baseado no isolamento é uma **produção circular do isolamento**”.

⁶⁶ Tradução livre: “Uivos a favor de Sade”.

técnicas, la propuesta de Debord y los situacionistas pretendía desbordar dicho marco” (TORRES; SEBASTIÁN, 2020, posição 79)⁶⁷.

Guy Debord participou do grupo Letrista, fundado por Isidore Isou (1925-2007) e Gabriel Pomerand (1926-1972), quando jovem, ao lado de Gil Joseph Wolman (1929 - 1995), Maurice Lemaître (1926-2018), entre outros. Os filmes letristas se multiplicaram. Entre eles, ***Le film est déjà commencé?***, de Lemaître e ***L'Anticoncept***, de Wolman, estão marcados por uma herança dadaísta e surrealista⁶⁸. Os letristas deram início às suas atividades retomando, da expressão *avant-garde*, o escândalo e a provocação. Mas, na prática, o cinema letrista, como posteriormente, o da *I.S.*, não se reduzia a meras provocações gratuitas.

Rien n'est gratuit dans une société qui régleme et marchande tous les aspects de la vie. Pour exister dans ce monde, il faut toujours plus prétendre à son renversement, dira plus tard Debord. Aux prises avec une organisation du marché culturel et médiatique de plus en plus pesante et dirigée par les pouvoirs bourgeois et bureaucratiques, les lettristes ne conçoivent l'expression de l'externalité que comme une effraction, un cri, une explosion terroriste (COPPOLA, 2006, p. 34)⁶⁹.

A projeção do filme de Lemaître incluiu o som dos protestos do público em sua trilha sonora, enquanto o filme de Wolman foi projetado para servir à improvisação da poesia letrista. Em 1952, o primeiro e único volume da revista ***lon*** fez uma exposição das teses da *avant-garde* letrista a propósito do cinema em sua fase de desconstrução e reconstrução. As propostas do cinema letrista foi o de destruir o cinema clássico. Eles operam, segundo Coppola, um truque ao cinema em ascensão nos anos de 1950.

⁶⁷ Tradução livre: “O início dos anos cinquenta desenvolveu-se, sobretudo nos Estados Unidos, o *happening*, que experimentou a integração de várias técnicas, a proposta de Debord e dos situacionistas pretendia ir além desse quadro”.

⁶⁸ Tradução livre: “O filme já começou?”; “O anticonceito”.

⁶⁹ Tradução livre: “Nada é gratuito em uma sociedade que regula e comercializa todos os aspectos da vida. Para existir neste mundo, é preciso sempre reivindicar cada vez mais para derrubá-lo, diria Debord mais tarde. Lutando com uma organização do mercado cultural e midiático cada vez mais pesada e dirigida por poderes burgueses e burocráticos, os letristas concebem a expressão da externalidade apenas como um arrombamento, um grito, uma explosão terrorista”.

Comme ces films le montrent concrètement, les lettristes veulent prendre le contre-pied de ce qu'ils reprochent aux surréalistes, c'est-à-dire d'avoir - volontairement ou non - fait du cinéma et des arts une fuite hors du réel et d'avoir trop vite, malgré les efforts de Breton, placé l'art au service d'idéologies dont l'admiration coupait une nouvelle fois l'homme de sa réalité quotidienne (COPPOLA, 2006, p. 36)⁷⁰.

Se esse foi o começo de sua atividade intelectual, a vida de Debord terminou envolta em mistérios e isolamento, em *Bellevue-la-Montagne*, uma vila quase deserta no alto de uma colina de 1.000 metros, no Norte do *Haute-Loire*, na França. Em *Champot*, nome indicado em uma placa, na rodovia D906, viveu seus últimos vinte anos com sua esposa Alice Debord, Alice Becker-Ho antes do casamento, nascida em 1941. Casaram-se em 1972 depois do divórcio de Debord com Michèle Bernstein (nascida em 1932), um romance anterior e uma colega fundadora da *Internationale Situationniste*. Em uma tarde chuvosa, de 30 de novembro de 1994, Guy Debord pôs fim à sua própria vida. *"In Parisian intellectual circles, however, it was front-page news, the headline of the next day's Le Monde: Guy Debord, 'aesthete of subversion' and 'theoretician of "the society of the spectacle"', was dead"* (MERRIFIELD, 2011, p. 08)⁷¹.

Debord se tornou infame depois da publicação de seu livro *La Société du Spectacle*, por sua participação nas insurreições de maio de 1968, *"for drunken binges and late-night wanderings in Paris during the 1950s and '60s, for city street-smarts and Marxist pretensions"* (MERRIFIELD, 2011, p. 10)⁷². Por isso, segundo Merrifield, para entender Guy Debord, os seus dias, em *Champot*, seriam bastante determinantes. Diferente daquele radicalismo vivido nas ruas sujas de Paris e em seus bares, lá envelheceu, conspirou contra o mundo e escreveu sua autobiografia, *Panegyrique*, em 1989, na qual se auto declarou 'doutor de nada'.

⁷⁰ Tradução livre: "Como esses filmes mostram concretamente, os letristas querem ter uma visão oposta do que censuram aos surrealistas, ou seja, de terem - voluntariamente ou não - feito do cinema e das artes uma fuga da realidade e de ter colocado muito rapidamente, apesar dos esforços de Breton, a arte a serviço de ideologias cuja admiração mais uma vez afastou o homem de sua realidade cotidiana".

⁷¹ Tradução livre: "Nos círculos intelectuais parisienses, no entanto, era notícia de primeira página, a manchete do Le Monde do dia seguinte: Guy Debord, 'esteta da subversão' e 'teórico da "sociedade do espetáculo"', estava morto"

⁷² Tradução livre: "por farras de embriaguez e perambulações noturnas em Paris durante os anos 1950 e 1960, por espertezas nas ruas da cidade e pretensões marxistas".

In Panegyrique, his slim autobiography of 1989, a masterpiece of sangfroid belles-lettres, Guy Debord is measured, elegant and often self-deprecating. There, he reveals 'what I had loved'. It's clear he had loved many books, many writers, and had read a lot: Sterne, Clausewitz, Li Po, Dante, Cardinal de Retz, Omar Khayyám, Machiavelli, Cravan, Lautréamont, Thucydides, Sun Tzu, Marx, Castiglione, Villon, Tocqueville, Gracián, Orwell, De Quincey, Brenan, Mac Orlan, Saint-Simon, Swift, Borrow, Manrique, Hegel, Feuerbach, Lukacs, etc., etc. He'd also told us of his love for 'the real Spain', for Italy, and for a Paris that was no more; he had loved not a few women, too, especially Alice; he had loved his murdered friend Gérard Lebovici; and, perhaps above all, he had loved to drink (MERRIFIELD, 2011, p. 12)⁷³.

Guy Louis Marie Vincent Ernest Debord, nasceu em 1931, em um bairro periférico de Paris. A fortuna de sua família burguesa, segundo ele, foi dizimada depois de 1930. Ele mesmo foi discreto sobre seu passado. Sua família, por parte de sua mãe pode ter sido mais rica do que alegou, mas sua infância não foi muito feliz. Depois de um caso de sua mãe Paulette com um instrutor de direção italiano, sua meia irmã, Michèle Dominique nasceu, em 1942. No mesmo ano mudaram e Debord foi matriculado no Lycées de Pau (hoje, Lycées Louis-Barthou). Tornou-se ali uma criança solitária, de certa forma precoce e arrogante. Um leitor de aventuras e poesia (MERRIFIELD, 2011). A subversão que conheceu na poesia do Conde de Lautréamont, pseudônimo de Isidore Lucian Ducesse (1846-1870) o acompanhou por toda a vida. *"Debord never stopped loving Lautréamont and always paid homage to the true inventor of détournement, a favored pastime the Situationists would later utilize"* (MERRIFIELD, 2011, p. 17)⁷⁴. Outras duas personalidades influentes de sua iniciação à escrita foi Arthur Cravan (1887-1918) e o boêmio romeno, Isodore Isou, que conheceu no Festival de Filmes de Cannes de 1951.

⁷³ Tradução livre: "Em Panegyrique, sua esbelta autobiografia de 1989, uma obra-prima de belleslettres sanguinolentas, Guy Debord é comedido, elegante e muitas vezes autodepreciativo. Lá, ele revela 'o que eu amei'. É claro que ele tinha amado muitos livros, muitos escritores, e tinha lido muito: Sterne, Clausewitz, Li Po, Dante, Cardeal de Retz, Omar Khayyám, Maquiavel, Cravan, Lautréamont, Tucídides, Sun Tzu, Marx, Castiglione, Villon, Tocqueville, Gracián, Orwell, De Quincey, Brenan, Mac Orlan, Saint-Simon, Swift, Borrow, Manrique, Hegel, Feuerbach, Lukacs, etc., etc. , para a Itália, e para uma Paris que já não existia; ele também amara não poucas mulheres, especialmente Alice; ele amava seu amigo assassinado Gérard Lebovici; e, talvez acima de tudo, ele gostava de beber".

⁷⁴ Tradução livre: "Debord nunca deixou de amar Lautréamont e sempre prestou homenagem ao verdadeiro inventor do *détournement*, um passatempo favorito que os situacionistas mais tarde utilizariam".

After the Liberation of France, the Debord family left Pau for the chic Côte d'Azur town of Cannes, where Guy attended the Lycée Carnot. He showed little interest in anything there. Young Guy yearned for something else, for another world, and caught a glimpse of it at the town's fourth film festival soon after he'd finished his baccalauréat. It was Isou and the crazy rebellious world he created that really lit Debord's fire. The Lettrists, who'd journeyed down from Paris, sported turtle-neck sweaters and jeans and dug jazz. They were hip and Debord hadn't seen their like before (MERRIFIELD, 2011, p. 19)⁷⁵.

Depois de Cannes, Isou ajudou Debord encontrar um pequeno quarto em Paris, no Hotel da Faculdade, na Rua Racine. Debord dizia à sua mãe que pretendia se matricular no curso de Direito, na Sorbonne. Enquanto durou a farsa, recebia de sua mãe uma quantia modesta de dinheiro, até se matriculou, mas pouco estudou, convenientemente. A sua filiação à Universidade lhe rendeu acesso à biblioteca e descontos em restaurantes e cantinas ao redor. Ele lia, bebia, fumava e flertava e se passava por um estudante da margem esquerda⁷⁶. Os textos dadaístas e surrealistas se tornaram sua inspiração ao lado das poesias de Cravan. Ao longo da década de 1950, esse ambiente foi a 'zona de perdição' de Debord. Embora não tenha se formado por meio da educação formal, cresceu na rua e tornou-se autodidata em vários sentidos, do cinema à teoria. *"In the streets, bars and libraries, he taught himself what to read and how to act, and how to combine each. His formative milieu, he said, was the 'milieu of demolition experts' and 'dangerous classes', of malcontents and the poor"* (MERRIFIELD, 2011, p. 22)⁷⁷.

⁷⁵ Tradução Livre: "Após a Libertação da França, a família Debord deixou Pau para a chique cidade de Cannes, na Côte d'Azur, onde Guy frequentou o Lycée Carnot. Ele mostrou pouco interesse em qualquer coisa lá. O jovem Guy ansiava por outra coisa, por outro mundo, e teve um vislumbre disso no quarto festival de cinema da cidade logo depois de terminar seu bacharelado. Foi Isou e o mundo rebelde e louco que ele criou que realmente acendeu o fogo de Debord. Os Lettristas, que vieram de Paris, usavam suéteres de gola alta, jeans e jazz. Eles eram descolados e Debord não os tinha visto antes".

⁷⁶ À margem esquerna do rio Senna se reuniam grupos de estudantes, jovens e trabalhadores que se identificavam com a avant-garde e com o marxismo.

⁷⁷ Tradução livre: "Nas ruas, bares e bibliotecas, ele aprendeu sozinho o que ler e como agir, e como combinar cada um. Seu meio formativo, disse ele, era o "meio dos especialistas em demolição" e das "classes perigosas", dos descontentes e dos pobres".

No ano de 1953 escreveu na rua Seine: *Ne travaillez jamais!*⁷⁸. Em 1958, publicou com Asger Jorn (1914-1973), **Mémoires**, o que se tornou uma peça de *détournement*, uma composição de elementos pré-fabricados, desenhos, citações, originais e de cópias, e colagens de fotografias. Foi um trabalho que deu início ao desenvolvimento de atividades e trabalhos que se seguiriam por toda sua vida.

*Situationist prehistory involved several small, subversive avant-garde movements. First came the Lettrist International, Isou's underground minimalist set-up, founded in 1946; but as the 1950s unfolded, it crystallized around Debord, Michèle Bernstein (his first wife) and Gil Wolman. Next was COBRA, the Copenhagen, Brussels and Amsterdam Surrealist and experimental design conglomerate, dominated by the Dutch utopian architect, ex-Provo and anarchist Constant Nieuwenhuys – later abbreviated to the snappier Constant. Soon the Imaginist Bauhaus entered the fray, Asger Jorn's brainchild, with its Abstract Expressionist bent, and London's Psychogeographical Association, with the painter Ralph Rumney, the sole Brit on the scene (MERRIFIELD, 2011, p. 24)*⁷⁹.

Todos esses grupos eram politizados e revolucionários, com a declarada intenção de realizar e desvelar o fim da arte. O processo consistia em renovar a ação da arte sobre a vida e da vida sobre a arte. “*The city had become banal, as had art and politics. Banalization was a mental and material disease afflicting life in general. Everything needed changing: life, time and space, cities*” (MERRIFIELD, 2011, p. 25)⁸⁰. A mudança de tudo passava pela mudança de todos.

⁷⁸ Tradução livre: “Nunca trabalhe!”.

⁷⁹ Tradução livre: “A pré-história situacionista envolveu vários pequenos movimentos de vanguarda subversivos. Primeiro veio a International Lettrista, a organização minimalista *underground* de Isou, fundada em 1946; mas com o desenrolar da década de 1950, cristalizou-se em torno de Debord, Michèle Bernstein (sua primeira esposa) e Gil Wolman. Em seguida foi COBRA, o conglomerado de design surrealista e experimental de Copenhagen, Bruxelas e Amsterdã, dominado pelo arquiteto utópico holandês, ex-Provo e anarquista Constant Nieuwenhuys – mais tarde abreviado para o mais simples Constant. Logo a *Imaginist Bauhaus* entrou na briga, criação de Asger Jorn, com sua inclinação expressionista abstrata e a Associação Psicogeográfica de Londres, com o pintor Ralph Rumney, o único britânico em cena”.

⁸⁰ Tradução livre: “A cidade tornou-se banal, assim como a arte e a política. A banalização era uma doença mental e material que afligia a vida em geral. Tudo precisava mudar: vida, tempo e espaço, cidades”.

3.2.1 Prolegômenos do espetáculo: o contra cinema da *Internationel Lettriste* (I.L.)

Uma campanha crítica, realizada por Debord, Wolman, e outros, no ano de 1952, contra Charles Chaplin (1889-1977), deixou mais claras as diferentes concepções do processo de realização da arte para os grupos com ele envolvidos⁸¹. Ela foi o momento que marcou a separação com os letristas por parte destes membros mais radicais. Embora Chaplin desejasse ser um cineasta progressista, segundo os jovens, então letristas, vendeu-se à burguesia. Durante uma sessão de entrevistas, no Hotel Ritz, o cineasta foi convidado pelo grupo de jovens a se retirar de Paris. Gritaram maldições contra o ator e diretor e repartiram panfletos que o acusavam de não mais se identificar com os oprimidos e atuar a serviço do capital. Isou, em reação a esse protesto, fez um comunicado à imprensa se separando daquelas ações e acusações contra o ator (I.L. 1952; 2006; TORRES; SEBASTIÁN, 2020)

A facção radical se separou do resto do grupo e formou a *Internationnale Lettriste* (I.L.). A partir da organização desse grupo, começaram a publicar um boletim, em 1954, sob o nome de **Potlatch**, pelo qual promoviam uma crítica cultural e artística com corte político e revolucionário, evidentemente contra a propriedade privada e os privados valores capitalistas⁸². Eram delineados os elementos que persistiram ao longo de toda a vida de Debord, a saber, a decomposição da arte e a organização do ócio. A autonomia da arte, para Debord, segundo Torres e Sebastián, não passava de uma contrapartida de requisitos de mercado e separação da totalidade. A sociedade real deveria ser, para ele, ao contrário, o espaço da cultura e arte (TORRES; SEBASTIÁN, 2020). Para Debord,

⁸¹ O ataque, por assim dizer, a Chaplin se deu quando ele foi a Paris apresentar seu último filme *Limelight*, na França (COPPOLA, 2006).

⁸² O nome da revista foi concebido em referência às festas das tribos nativas norte-americanas. "*Potlatch, named after the great feasts of northwestern Native American tribes. In them, chiefs actually gave food, drink and wealth away; all surpluses were wilfully destroyed. Potlatches forbade bargaining, affirmed gifts, defied 'exchange' and were absolute negations of private property and capitalist*" (MERRIFIELD, 2011, p. 25).

inimigo da sociedade do espetáculo, tudo começou no Festival Cannes, em 1951, com a proposição de uma antiestética já anti-espetacular.

Toujours est-il que si Debord rejoint avec enthousiasme les lettristes (à Paris), c'est moins parce qu'il s'intéresse au lettrisme qu'à la réactivation par celui-ci d'un esprit de révolte qui a été celui du dadaïsme et des débuts du surréalisme - Isou est d'ailleurs un des premiers à identifier la jeunesse comme une classe sociale avec un potentiel révolutionnaire spécifique. Debord n'a jamais été véritablement lettriste, il ne s'est jamais intéressé à la poésie onomatopéique, et si son premier film, Hurlements en faveur de Sade, se donne tout d'abord comme un projet placé sous le signe du lettrisme, il n'en ira plus tout à fait ainsi au moment de sa réalisation en 1952, puisqu'il s'agira alors d'un film sans images, déjà décalé par rapport à l'esthétique lettriste (KAUFMANN, 2006a, p. 25)⁸³.

Mesmo pouco estruturado, o grupo *I.L.* produziu manifestos e boletins com um senso aguçado de provocação e insulto contra a ordem burguesa. “*Et il y a un jardin plus secret encore : la ville, que les lettristes parcourent et explorent à coups de dérives et en inventant à cet effet une « science », la psychogéographie*” (KAUFMANN, 2006a, p. 76)⁸⁴. Foi o jovem russo Ivan Chtcheglov, conhecido como Gilles Ivain, quem apresentou o tema aos dissidentes letristas. Na prática, consistia na deriva, uma poetização surrealista da cidade. O intento era o de promover um encontro entre a poesia e o viver. Tornou-se o emblema de uma arte de situações contra qualquer forma de vida subtraída em representações. O emblema da construção de situações, que se tornou um tema fundamental, remonta aos anos letristas da prática da deriva. Contrariamente aos *flâneurs* surrealistas, a deriva se preparou e se estruturou teoricamente. Nos anos da **Potlatch**, que durou até 1957, foram assinaladas as condições reais do ingresso da *I.L.* no campo da avant-garde.

⁸³ Tradução livre: “Ainda assim, se Debord se juntou com entusiasmo aos letristas (em Paris), foi menos porque se interessava pelo letrismo do que pela reativação de um espírito de revolta que era o dadaísmo e os primórdios do surrealismo - Isou é, aliás, um dos primeiros a identificar a juventude como uma classe social com um potencial revolucionário específico. Debord nunca foi verdadeiramente letrista, nunca se interessou pela poesia onomatopáica, e se seu primeiro filme, **Hurlements a favor de Sade**, for apresentado antes de tudo como um projeto colocado sob o signo do letrismo, não será mais assim na época de sua produção em 1952, pois será então um filme sem imagens, já fora de sintonia com a estética letrista”.

⁸⁴ Tradução livre: “E há um jardim ainda mais secreto: a cidade, que os letristas perambulam e exploram à deriva e inventando uma “ciência” para isso, a psicogeografia”.

[...] surtout la rencontre en 1954 d'Asger Jorn, peintre danois, fondateur du groupe Cobra, animateur d'un « Mouvement International pour un Bauhaus Imaginiste » [M.I.B.I.] en rupture notamment avec le fonctionnalisme artistique et architectural. Amitié entre Debord et Jorn sera durable et décisive à plus d'un titre. Elle est à l'origine non seulement de l'Internationale situationniste, mais également d'un certain nombre d'autres produites par Debord au cours des années suivantes (KAUFMANN, 2006b, p. 77)⁸⁵.

A I.L. propôs novas formas de expressão coletiva, incluindo a expressão de si mesmo e, especialmente, a expressão irreverente. O grupo já encarnava o gosto e o espírito que animou os situacionistas. Em suas origens, encontraram na iconoclastia do dadaísmo e no surrealismo de Breton seu sustento (MERRIFIELD, 2011). Mas se posicionaram politicamente à extrema esquerda como anti-colonialistas e anti-imperialistas, e sem dúvidas, contra o stalinismo a toda prova (KAUFMANN, 2006a). Foi o cinema, ou melhor, o anti-cinema o primeiro interesse de Debord. Ele se identificou como um tipo particular de *filmmaker*. De suas denúncias contra o cinema burguês, estendeu suas concepções contra a própria *avant-garde* e então, principalmente aquela representada por nomes como o de Jean-Luc Godard (nascido em 1930) e Alain Resnais (1922-2014) (MERRIFIELD, 2011).

En 1952, le premier film de Debord Hurlements en faveur de Sade s'inscrit dans la pratique de la provocation lettriste et en sonne, en même temps, le glas. Une seconde phase, celle que nous nommerons "phase auto-réflexive", en relation avec la théorie situationniste alors en formation, correspond aux films Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps en 1959 et Critique de la séparation en 1961. La troisième phase correspond au projet de filmer la théorie situationniste, comme Eisenstein avait prévu de filmer L'idéologie allemande ou Le Capital de Marx. Cette période correspond aux films La Société du Spectacle en 1973 et Réfutation de tous les jugements tant

⁸⁵ Tradução livre: “[...] especialmente o encontro em 1954 de Asger Jorn, pintor dinamarquês, fundador do grupo Cobra, animador de um "Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista" [M.I.B.I.] rompendo notadamente com o funcionalismo artístico e arquitetônico. A amizade entre Debord e Jorn será duradoura e decisiva em mais de uma maneira. Está na origem não só da Internacional Situacionista, mas também de um certo número de outras produzidas por Debord nos anos seguintes”.

élogieux qu'hostiles qui ont été jusqu'ici portés sur le film La Société du Spectacle en 1975 (COPPOLA, 2006, p. 33)⁸⁶.

Na *I.L.*, por meio da revista **Potlatch**, Debord deixou claro que não se interessava em renovar a arte e nem mesmo participar do espetáculo de sua destruição, como foi o caso, segundo ele, dos modelos de modernismo artístico de Godard e Resnais. Mas seu propósito foi o de “*suppression par sa réalisation dans la vie quotidienne*” (COPPOLA, 2006, p. 41)⁸⁷. Em Debord, existe uma consciência lúcida quanto à insuficiência da vida privada, mas a convicção da própria existência e da existência de seus amigos era algo único, que precisava ser lembrado e comunicado (AGAMBEN, 2017). A questão que se apresenta aqui foi formulada por Coppola da seguinte maneira:

Quel sens donner à un écrit sur Debord le cinéaste alors qu'il a toujours refusé les spécialités et les rôles de la société fonctionnaliste moderne et encore plus ceux réservés à l'expression des bons sentiments et de la fausse conscience du monde : le rôle d'artiste? Veut-on avec de tels écrits créer une nouvelle mythologie, placer un nouveau nom au panthéon des artistes géniaux? On le ferait sans l'accord du principal concerné qui redoutait au plus haut point cette forme de stérilisation de sa pensée, lui qui à la suite des textes de Marx donnait priorité à la praxis, c'est-à-dire à la réactualisation permanente de la théorie par son application quotidienne; il prédisait ainsi le dépassement de ses analyses par les hommes qui après lui reprendraient en main les rênes de leur histoire individuelle et collective (COPPOLA, 2006, p. 07, 09)⁸⁸.

⁸⁶ Tradução livre: “Em 1952, o primeiro filme de Debord **Hurléments en faveur de Sade** fazia parte da prática da provocação letrista e ao mesmo tempo soava sua sentença de morte. Uma segunda fase, a que chamaremos de “fase autorreflexiva”, em relação à teoria situacionista então em formação, corresponde aos filmes **Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps** em 1959 e **Critique de la séparation** em 1961. A terceira fase corresponde ao projeto de filmar a teoria situacionista, como Eisenstein planejava filmar A ideologia alemã ou O capital de Marx. Este período corresponde aos filmes **La Société du Spectacle** em 1973 e **Réfutation de tous les jugements tant élogieux qu'hostiles qui ont été jusqu'ici portés sur le film La Société du Spectacle** em 1975”.

⁸⁷ Tradução livre: “supressão por sua realização na vida diária”.

⁸⁸ Tradução livre: “Que sentido dar a um escrito sobre o cineasta Debord quando ele sempre recusou as especialidades e os papéis da sociedade funcionalista moderna e ainda mais aqueles reservados à expressão de bons sentimentos e da falsa consciência do mundo: o papel de 'artista'? Queremos com tais escritos criar uma nova mitologia, colocar um novo nome no panteão de artistas brilhantes? Faríamos isso sem a concordância do principal interessado que temia ao máximo essa forma de esterilização de seu pensamento, aquele que, seguindo os textos de Marx, deu prioridade à práxis, ou seja, à atualização permanente da teoria através de sua aplicação cotidiana; previu assim a superação de suas análises pelos homens que, depois dele, assumiriam as rédeas de sua história individual e coletiva”.

A provocação tem por objetivo superar a passividade do espectador. Contrário aos filmes letristas, Debord não se preocupou com a formulação de uma nova estética. Seu objetivo foi o de acabar com a mais recente das artes. No grupo da *I.L.*, procurou conciliar uma crítica social marxista com a ação letrista. Separou dos velhos letristas por considerá-los positivos e “demasiado artistas” (JAPPE, 2008, p. 69). Com essa convicção foi que fundaram, em Aubervilliers, a *I.L.*

Diferentemente dos surrealistas, os letristas não esperam muito dos recantos ocultos da realidade, dos sonhos ou do inconsciente: pelo contrário, é preciso refazer a própria realidade. [...] As artes assumem agora a função de contribuir para um novo estilo de vida, e no início os letristas falam de arte integral. As situações objecto da procura incessante dos futuros situacionistas contêm um aspecto material, e a verdadeira realização da construção de situações passa por um novo urbanismo, onde todas as artes serão utilizadas para criar um ambiente apaixonante. O interesse dos letristas pelo urbanismo é fruto da psicogeografia, termo que utilizam para designar a observação sistemática dos efeitos produzidos pelos diferentes ambientes urbanos sobre o estado de espírito (JAPPE, 2008, p. 79).

Entre os anos de 1961 e 1973, Debord não realizou nenhum filme, mas multiplicou seus projetos e textos. Publicou, no ano de 1964 seus trabalhos anteriores sob o título ***Contre le cinéma***, com as fichas técnicas de seus três primeiros filmes. Neste trabalho, esclareceu que a fase da *I.L.* consistiu nos prolegômenos para a formulação da teoria que o tornou amplamente conhecido, a teoria da sociedade do espetáculo (COPPOLA, 2006; KAUFMANN, 2006).

3.2.2 As faces política e social das situações: a *Internationnel Situationniste (I.S.)*

No ano de 1957, a *Internationale Situationniste (I.S.)* foi criada no congresso de Cosio d'Arroscia, na Itália. O interesse crítico, nesse momento,

estava despreocupado com o estado de então do cinema, mas, ao mesmo tempo, foi anunciada uma perspectiva particular sobre a utilização desse meio (COPPOLA, 2006). Após a formação da *I.S.* as realizações de filmes por Debord explicam as teses do grupo sobre o tema da separação que a propriedade privada produziu nos e entre os homens. Eles se encontram separados psicologicamente de si mesmos e separados socialmente uns dos outros, “*des paradis unitaires artificiels tentent de masquer cette séparation*” (COPPOLA, 2006, p. 47)⁸⁹. Outros temas dizem respeito à deriva psicogeográfica, já presente na *I.L.*, e que consiste em uma exploração experimental da vivência contra os circuitos urbanísticos; a criação de situações contra as formas de programação social; a revolução da vida cotidiana, cujo alvo foi a apropriação privada e coletiva da invenção comercial e privativa da vida cotidiana; a teoria do momento contra as invenções ideológicas e por um pensamento do tempo cotidiano; do urbanismo unitário, que para além da arquitetura espetacular propôs a invenção de um meio para influenciar e transformar os desejos; do *détournement*, uma reapropriação coletiva dos escritos e imagens confiscadas pelos ideólogos do comércio e religiosos; e, do espetáculo, “*l’idéologie devenue image, la nouvelle religion de la société capitaliste se survivant à elle-même dans l’illusion généralisée*” (COPPOLA, 2006, p. 47)⁹⁰. Os filmes dessa fase se utilizam de imagens e citações *détournées* (COPPOLA, 2006). Foi em torno da noção de situação que a *I.S.* foi criada, em um bar, e em torno dela, foram desenvolvidos todos os demais temas. A organização teve início, segundo Debord, com seus fundadores embebedados.

Present at the proceedings, representing the International Lettrists, were Debord and Bernstein, Asger Jorn, Guiseppe Pinot-Gallizio, Walter Olmo; Elena Verrone and Piero Simondo propped up the Imaginist Bauhaus’s flank; Ralph Rumney, with his girlfriend Pegeen Guggenheim in tow, did their bit for London’s Psychogeographical Association. There and then, by five votes to one, with two abstentions, the Situationist International (SI) became a historical fact (MERRIFIELD, 2011, p. 27)⁹¹.

⁸⁹ Tradução livre: “paraísos unitários artificiais tentam mascarar essa separação”.

⁹⁰ Tradução livre: “ideologia tornada imagem, a nova religião da sociedade capitalista sobrevivendo a si mesma na ilusão generalizada”.

⁹¹ Tradução livre: “Presentes nos processos, representando a Internacional Letrista, estiveram Debord e Bernstein, Asger Jorn, Guiseppe Pinot-Gallizio, Walter Olmo; Elena Verrone e Piero Simondo apoiaram o flanco do Imaginista Bauhaus; Ralph Rumney, com sua namorada Pegeen

Os situacionistas reconheceram uma posição central do cinema na sociedade. Essa posição é um meio de influência superior que está sob o controle da classe dominante. As teses situacionistas não são, segundo Coppola, uma extensão retórica da cultura e do pensamento marxista, como Walter Benjamin e a Escola de Frankfurt. Mesmo que Henri Lefebvre tenha acompanhado por um tempo as reflexões situacionistas, o aporte do grupo situacionista se formou a partir de uma *avante-garde* para a qual era importante a atitude pessoal, os atos e a fala.

Chez les situationnistes, la réflexion sur les moyens d'action guide l'analyse. Il ne s'agit donc pas de rénover dans une pure intellectualité les anciens concepts [...]. De même, chercher des filiations jésuitiques pour les concepts débordiens et situationnistes chez les marxistes comme Korsch, Lukacs, Marcuse, Althusser ou Brecht réduirait l'essentiel de la praxis quotidienne situationniste à une théorie académique (COPPOLA, 2006, p. 14)⁹².

Embora tal procura seja bastante elucidativa, Coppola adverte para o fato de que o combate ao mundo capitalista, conforme a *I.S.*, deve levar em conta que no cinema existe uma tendência de constituir uma anti-situação, “*la construction d'ambiance d'esclave, la succession des cathédrales*” (COPPOLA, 2006, p. 21)⁹³. O cinema clássico dominante, segundo a *I.S.*, serviu de modelo para uma nova forma de gestão da sociedade.

[...] l'image prend la place de la valeur réelle des expériences vécues qui ne peuvent être elles-mêmes comprises qu'à travers le filtre des images pré-fabriquées qui hantent les esprits. Ainsi, il ne s'agit plus de partager des idées mais de juger passivement et de confronter les images portées par chaque interlocuteur. De fait, il ne peut se partager que des banalités [...] car le conditionnement socio-économique interfère dans la compréhension de toute expression et parole qui dépasserait la catégorisation de l'interlocuteur par l'image. Ce filtrage n'est que la forme concrète de la soumission aux

Guggenheim a tiracolo, fez sua parte para a Associação Psicogeográfica de Londres. Ali, por cinco votos a um e duas abstenções, a Internacional Situacionista (I.S.) tornou-se um fato histórico”.

⁹² Tradução livre: “Entre os situacionistas, a reflexão sobre os meios de ação orienta a análise. Não se trata, portanto, de renovar em pura intelectualidade os velhos conceitos [...]. Da mesma forma, procurar afiliações jesuítas para conceitos debordianos e situacionistas em marxistas como Korsch, Lukács, Marcuse, Althusser ou Brecht reduziria a maior parte da práxis cotidiana situacionista à teoria acadêmica”.

⁹³ Tradução livre: “a construção do ambiente escravocrata, a sucessão de catedrais”.

rapports de force et de production qui règnent entre les interlocuteurs comme partout dans la société. Il vient parasiter les propos, rendre impossible leur entendement par ceux dont le seul souci admis est de parfaire leur image dans le spectacle. [...] L'homme prolétariser jusque dans ses loisirs et dans son ordinaire casanier, est spectateur de sa propre vie comme il était déjà spectateur de cinéma. Dans sa faiblesse à gouverner ouvertement à la façon des rois et des aristocrates, la bourgeoisie moderne a favorisé la création d'un spectacle du monde qui s'auto-gèrerait au fil des cycles de la circulation et du commerce des marchandises (COPPOLA, 2006, p. 21-22)⁹⁴.

Eles não reduziram o espetáculo aos *media* e nem mesmo à passividade do leitor/espectador. O *spectacle*, segundo a interpretação de Coppola, é um sistema de gestão material e psicológica da sociedade. A alienação econômica da exploração do homem pelo próprio homem foi agrupada a uma alienação de natureza religiosa, quer dizer, o *spectacle*. O capitalismo comercial, industrial e, posteriormente, o financeiro se transformou em capitalismo burocrático. Nele, a partir das suas únicas relações de trabalho e de propriedade foram ampliadas sua lógica todas as condições de existência. O indivíduo foi preparado para nele pensar, desfrutar e ver o cotidiano. Ciente de não estar no controle de sua força de trabalho, ele se tornou apenas um aparelho que pensa que é livre para consumir e consumir a si mesmo.

L'aliénation du travail forcé a trouvé un alibi dans l'aliénation à la consommation forcée, que ce soit celle des loisirs, de la culture ou de l'homme et de ses semblables. Le spectacle est la religion de la production et de la consommation où l'individu se croit aussi libre qu'un croyant est aliéné. La première production sociale est le spectacle qui se concrétise sous les formes essentielles de l'image-objet, de l'image-individu et de l'image-idée (l'idéologie). Le

⁹⁴ Tradução livre: “[...] a imagem toma o lugar do valor real das experiências vividas que só podem ser compreendidas através do filtro das imagens pré-fabricadas que assombram a mente das pessoas. Assim, não se trata mais de compartilhar ideias, mas de julgar e comparar passivamente as imagens veiculadas por cada interlocutor. Na verdade, ele só pode compartilhar lugares-comuns [...] porque o condicionamento socioeconômico interfere na compreensão de qualquer expressão e palavra que ultrapasse a categorização do interlocutor pela imagem. Essa filtragem é apenas a forma concreta de submissão às relações de poder e produção que prevalecem entre os interlocutores como em toda a sociedade. Chega a parasitar as falas, impossibilitar sua compreensão por aqueles cuja única preocupação admitida é aperfeiçoar sua imagem no espetáculo. [...] O homem que se proletariza mesmo em seus lazeres e em sua casa ordinária, é espectador de sua própria vida como já era espectador de cinema. Em sua fraqueza para governar abertamente como reis e aristocratas, a burguesia moderna favoreceu a criação de um espetáculo do mundo que se administrasse ao longo dos ciclos da circulação e do comércio de mercadorias”.

spectacle masque ainsi la réalité de l'objet et de l'individu comme il masquait à ses débuts par une série d'image-idées la fausse opposition entre les régimes capitalistes libéraux et les régimes capitalistes d'État (COPPOLA, 2006, p. 22,25)⁹⁵.

A *I.S.*, entre os anos de 1957 e 1962 enfrentou, devido à cisão com a *I.L.*, a inclusão e exclusão de seus membros. De uma maneira ou de outra, a arte situacionista ainda enfrenta os problemas de sua clara definição. A amizade entre Debord e Jorn, que sustentava financeiramente as atividades da *I.S.*, principalmente a publicação da revista ***Internationale Situationniste***, tornou-se o núcleo central da organização. O primeiro número da revista *I.S.*, que discorre sobre os vários conceitos práticos do movimento de artistas, apresenta os termos de sua identificação com a superação da representação artística na construção de situações. Os filmes desse período atestam isso e já prefiguram passagens do último filme de Debord, de 1978, ***In girum imus nocte et consumimur igni***. A partir de 1962 emergiu no seio da própria *I.S.*, uma atividade mais política que seria realizada por uma nova geração de situacionistas que não vieram do meio artístico, como foi o caso de Raul Vaneigem (nascido em 1934), Mustapha Khayati e Attila Kotányi (1924 – 2006) (KUAFMANN, 2006c).

Desde o ano de 1957 Debord passou a ler Marx e os marxistas como o jovem Luckács, Lucien Goldmann (1923-1970) e Henri Lefebvre. Com este último manterá amizade entre os anos de 1960 e 1962. “*À l'ordre du jour: la vie quotidienne comme terrain de lutte, en contrepoint à l'émergence de la société de consommation ou de loisirs, désormais à l'agenda des sociologues*” (KAUFMANN, 2006c, p. 299)⁹⁶. No caso de Debord, sua inflexibilidade, assumida já nesse período, não diz respeito somente ao seu referencial teórico. Entre as greves de trabalhadores e a guerra da

⁹⁵ Tradução livre: “A alienação do trabalho forçado encontrou um alibi na alienação do consumo forçado, seja do lazer, da cultura ou do homem e seus semelhantes. O espetáculo é a religião da produção e do consumo onde o indivíduo se acredita tão livre quanto um crente é alienado. A primeira produção social é o espetáculo, que se materializa nas formas essenciais da imagem-objeto, da imagem-indivíduo e da imagem-ideia (ideologia). O espetáculo mascara, assim, a realidade do objeto e do indivíduo, assim como mascarava em seus primórdios por uma série de idéias-imagem a falsa oposição entre regimes capitalistas liberais e regimes capitalistas de Estado”.

⁹⁶ Tradução livre: “ Em pauta: o cotidiano como campo de batalha, em contraponto ao surgimento da sociedade de consumo ou lazer, agora na pauta dos sociólogos”.

Argélia, as relações sociais e políticas enrijecidas produzem uma esquerda radical e extrema (KAUFFMANN, 2006c). Debord não foi insensível a esse ambiente.

[...] *comme en témoignent par exemple son soutien au Manifeste des 121 sur le droit à l'in soumission, ou son éphémère participation, de l'automne 1960 au printemps 1961, aux réunions de Pouvoir Ouvrier, une scission de Socialisme ou Barbarie, animée par Cornelius Castoriadis. S'il doit à ses interlocuteurs de Socialisme ou Barbarie la découverte des marxistes « hérétiques » de l'entre-deux-guerres, antileninistes (Karl Korsch, Paul Mattick, Hermann Gorter, Anton Pannekoek), ainsi que la mise en place d'une réflexion plus systématique sur l'autogestion ouvrière, il n'en prendra pas moins assez rapidement ses distances, et l'I.S. décidera, avec ses Thèses de Hambourg (1961), de ne plus entretenir de rapports avec aucun autre groupe révolutionnaire* (KAUFFMANN, 2006c, p. 300)⁹⁷.

De um projeto *avant-garde*, a I.S. avançou para um programa insurrecional, no qual, foram conjugadas as concepções de Marx e Bakounine (1814-1876). *“L'ennemi, c'est la société du spectacle, c'est dire la société marchande, la société asservissant l'homme à la marchandise”* (KAUFFMANN, 2006c, p. 300)⁹⁸. O espetáculo deveria chegar ao seu fim, pois ele ocupou toda a possibilidade do vivido e de uma comunicação autêntica com mentiras, alienação e constituiu um pseudo mundo assentado sobre a sedução elevada à realidade das relações sociais. Essas posições situacionistas preencheram os acontecimentos de maio de 1968. As expressões situacionistas foram bastante criativas e as mais radicais entre os manifestantes. *“Non seulement parce que les situationnistes ont été impliqués, via Strasbourg et Nanterre, dans le déclenchement de la révolte étudiante, ou parce qu'ils se sont ensuite engagés très concrètement sur les barricades et ailleurs”*

⁹⁷ Tradução livre: “como evidenciado, por exemplo, por seu apoio ao Manifesto dos 121 sobre o direito à insubordinação, ou sua participação de curta duração, do outono de 1960 à primavera de 1961, em reuniões do *Pouvoir Ouvrier*, uma cisão no *Socialisme ou Barbarie*, apresentado por Cornelius Castoriadis. Se ele deve a seus interlocutores em *Socialisme ou Barbarie* a descoberta dos marxistas “heréticos” do período entre guerras, anti-leninistas (Karl Korsch, Paul Mattick, Hermann Gorter, Anton Pannekoek), bem como o estabelecimento de uma reflexão mais sistemática sobre autogestão dos trabalhadores, ele, no entanto, rapidamente se distanciou dela, e a I.S. decidirá, com suas Teses de Hamburgo (1961), não manter mais relações com nenhum outro grupo revolucionário”.

⁹⁸ Tradução livre: “O inimigo é a sociedade do espetáculo, ou seja, a sociedade de mercado, a sociedade que escraviza o homem à mercadoria”.

(KAUFMANN, 2006c, 300-301)⁹⁹, mas porque suas teses e práticas foram confirmadas, ao longo dos eventos de revolta, também, como palavras e práticas de ordem entre os revoltosos. Debord e a *I.S.* tratou de “*d’opposer une perspective révolutionnaire aux historiographies plus officielles*” (KAUFMANN, 2006c, p. 301)¹⁰⁰ sobre os eventos de 1968. ***La Véritable Scission dans L’Internationale*** (1972) foi texto que traça exemplarmente esta oposição (KAUFMANN, 2006c).

Mas antes disso, foi considerando a riqueza do programa surrealista que Debord viu nele a “degenerescência do movimento à sobrevalorização do inconsciente” (JAPPE, 2008, p. 84). No texto ***Rapport sur la Construction des Situations et sur les Conditions de l’Organisation et de l’Action de la Tendance Situationniste Internationale***, texto de 1957, inseriu o tema da batalha dos lazeres como novo campo da luta de classes. A elaboração de uma ciência das situações foi considerada a tarefa inicial da *I.S.* em resposta ao espetáculo e a não participação. As artes deveriam cumprir o papel de uma unidade entre o ambiente material e comportamento. “A arte já não deve expressar as paixões do velho mundo, mas contribuir para inventar novas paixões: em vez de traduzir a vida, deve ampliá-la” (JAPPE, 2008, p. 85). A destruição da ideia de felicidade burguesa constituiu o programa e a propaganda política da *I.S.*, que operou, na vida cotidiana, uma mudança na maneira de ver a rua, considerada mais importante que mudança na maneira de ver a pintura (DEBORD, 1957; 2006).

A *I.S.* projetou uma mutação antropológica que combina política e cultura. Os situacionistas quiseram se apoderar da cultura para a transformar. Por isso, afirmaram-se como uma organização de revolucionários profissionais. Foi essa combinação entre cultura e revolução que marcaram a transição entre a *I.L.*, a *I.S.* em suas origens e as atividades *I.L.* que se seguiram nos anos de 1960. A crítica da transformação revolucionária do cotidiano foi a marca da *I.S.* por toda essa década. Enquanto a filosofia, como o existencialismo, tornava o cotidiano uma categoria abstrata e o cotidiano um lugar de banalidades, a *I.S.* esboçou sua crítica. Foi a partir das aproximações com Henri Lefebvre que esse tema se avolumou e

⁹⁹ Tradução livre: “Não só porque os situacionistas estiveram envolvidos, via Estrasburgo e Nanterre, na eclosão da revolta estudantil, ou porque depois se engajaram muito concretamente nas barricadas e noutros”

¹⁰⁰ Tradução livre: “opor uma perspectiva revolucionária a historiografias mais oficiais”.

ganhou suas definições. A recusa espontânea dos letristas ganhou somente na I.S. um aprofundamento teórico.

Henri Lefebvre, filósofo e sociólogo, participou durante a sua longa vida (1901-1991) em numerosas etapas decisivas da cultura francesa. Quando Lefebvre e Debord se encontram, no final da década de 50, já haviam chegado, cada um à sua maneira, a resultados similares, ainda que se possa pressupor que Debord tenha lido o primeiro volume da *Critique de la vie quotidienne*. Entre eles nasceu uma intensa relação intelectual e pessoal que dura alguns anos [...]. Da riqueza deste encontro sairão, por um lado, *Perspectives de modifications conscientes dans la vie quotidienne*, conferência realizada por Debord, em Maio de 1961, para um grupo de estudos reunido por Lefebvre; e, por outro, o segundo volume da *Critique de la vie quotidienne*, publicado no final do mesmo ano (JAPPE, 2008, p. 95).

O marxista francês foi o único intelectual vinculado às instituições do mundo cultural com o qual a I.S. aceitou colaborar. Foi um membro do PCF e de carreira Universitária. A atração que exerceu se deve à sua reputação de herético e a sua aspiração para a transformação da vida real. “A intensa polémica de Lefebvre contra estes movimentos e a crítica que lhes dirige por detestarem o trabalho decorrem do espírito comunista da época e estão muito longe de poder interessar a Debord” (JAPPE, 2008, p. 97). O que se destaca em importância em relação ao trabalho, para o intelectual situacionista é o ócio, o tempo livre em relação ao trabalho. Para ele esse é o verdadeiro problema revolucionário (DEBORD; I.L.; 2006). De acordo com Torres e Sebastián, a organização do ócio, para a I.S., foi uma necessidade política, econômica e ideológica do capitalismo. O sistema capitalista em expansão teve de oferecer saídas ao crescente aumento de mercadorias produzidas e para tanto requereu maior número de consumidores em sua dinâmica mercantil. A provisão do consumo de massas se deu por meio de um controle político como embrutecimento da população consumista.

En la sociedad capitalista, la vida feliz se define por el consumo, asociando la idea de felicidad a la posesión de determinados objetos. Para Debord, tanto la izquierda como la derecha comparten dicha idea de felicidad diferenciándose únicamente por la forma de gestionarla. Así, la izquierda, en su idea de elevar el nivel de vida de los trabajadores participa de esta idea burguesa de

vida feliz que tiene como modelo un consumidor pasivo, sin plantearse una crítica del ocio y del trabajo (TORRES; SEBASTIÁN, 2020, posição 145)¹⁰¹.

O tempo livre e o tempo do ócio foram baseados na organização das pseudonecessidades e submetidos a um estado de miséria. Para Debord e para a I.S., a liberação desse tempo livre para atividade livre e consciente se fez contra o tempo do ócio da passividade e da inconsciência. As forças produtivas do capitalismo aumentaram e permitiram o seu desenvolvimento em lugares ainda não ocupados pela forma mercadoria. Tal ampliação e expansão fizeram emergir novas lutas e forças sociais paralelas às forças e lutas tradicionais. Daí a problematização situacionista se assentar sobre a forma no qual se desenvolvia o viver. A sociedade em seu conjunto poderia revolucionar ou viver a barbárie da ficção científica (DEBORD; I.S.; 2006; TORRES; SEBASTIÁN, 2020).

Esses problemas foram enfrentados pela I.S. com a construção de situações. Em resposta às questões sobre a arte e suscitadas pelo tempo livre do trabalhador em um cotidiano colonizado pela mercadoria, a situação construída visa à superação da forma passiva de vida produzida. A situação consiste em romper com o papel de espectador que a sociedade burocrática de consumo relegou aos seus indivíduos. Assim *“como con la obra de arte, que termina clausurando la vitalidad del proceso consciente en un resultado material sobre el que se proyectan las propias capacidades”* (TORRES; SEBASTIÁN, 2020, posição 174)¹⁰². A função da obra de arte é a de dar forma à vida, e por isso a estética tem um importante papel na construção de situação e ambientes deseducativos (I.S., 1961; 2006). A estética situacionista se opõe à estética capitalista. Os esforços do urbanismo unitário são propostos para a destruição da máquina estética e utópica de Corbusier, pseudônimo de Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965),

¹⁰¹ Tradução livre: “Na sociedade capitalista, uma vida feliz é definida pelo consumo, associando a ideia de felicidade à posse de determinados objetos. Para Debord, tanto a esquerda quanto a direita compartilham essa ideia de felicidade, diferindo apenas na forma de gerenciá-la. Assim, a esquerda, em sua ideia de elevar o padrão de vida dos trabalhadores, participa dessa ideia burguesa de uma vida feliz que tem como modelo um consumidor passivo, sem considerar uma crítica ao lazer e ao trabalho”.

¹⁰² Tradução livre: “como a obra de arte, que acaba por fechar a vitalidade do processo consciente num resultado material sobre o qual se projetam as próprias capacidades”.

expressas no Congresso de Arquitetura Moderna (CIAM). O brutalismo dos grandes blocos dos quartéis e os trabalhos de Oscar Niemeyer em Brasília,

[...] touted as one of the pinnacles of the Modern Movement. All of these efforts, one way or another, embraced the Cartesian masterplan: strict zoning laws and spatial compartmentalization created veritable Alphavilles of the body and mind. In response, the Situationists defended the urban mix, wanted to get beyond the rational city, strove to reassert daring, imagination and play in social life and urban culture. And crucial therein was the notion of 'constructed situations' (MERRIFIELD, 2011, p. 28)¹⁰³.

E aí emergia um tema importante, o jogo. Jogar, assim como a política, é fundamental para a *I.S.* A influência de Johan Huizinga (1872-1945), na obra de Debord se reflete na *I.S.* Ele estudou a obra do autor neerlandês, ***Homo Ludens***, na década de 1950 e tirou dela *insights* para a criação da cultura situacionista. O livro de Huizinga foi publicado no ano de 1938 e destaca o jogo como elemento definidor cultura. Debord recorre ao seu conceito de homem que joga (*homo ludens*) como forma de superação do homem que faz (*homo faber*). A natureza livre do jogo é sua característica dominante (MERRIFIELD, 2011). Ainda sim, em 1969,

[...] avant que n'advienne la dissolution définitive du groupe, revient sur le cinéma dans l'article: "Cinéma et révolution". Contre les films de Godard et les prétendants cinéastes révolutionnaires, qui se mettent à parler du mensonge des images après en avoir longtemps joué, et qui, soudain, se trouvent dépassés, démodés par l'insurrection de mai 68, les situationnistes réaffirment que les seuls usages valables du cinéma sont ceux prônés par Viénet en 1967 dans l'article "Les situationnistes et les nouvelles formes d'action contre la politique et l'art". Le cas du Capital de Marx que devait filmer Eisenstein est donné en exemple, Debord prépare déjà le film La Société du Spectacle en tant qu'adaptation de son livre (COPPOLA, 2006, p. 51)¹⁰⁴.

¹⁰³ Tradução livre: “[...] apontado como um dos pináculos do Movimento Moderno. Todos esses esforços, de uma forma ou de outra, abraçaram o *masterplan* cartesiano: leis rígidas de zoneamento e compartimentação espacial criaram verdadeiras *Alphavilles* do corpo e da mente. Em resposta, os situacionistas defendiam a mistura urbana, queriam ir além da cidade racional, buscavam reafirmar a ousadia, a imaginação e o jogo na vida social e na cultura urbana. E crucial nisso era a noção de “situações construídas”.

¹⁰⁴ Tradução livre: “[...] antes que ocorra a dissolução definitiva do grupo, volta ao cinema no artigo: **"Cinéma et Révolution"**. Contra os filmes de Godard e os aspirantes a cineastas revolucionários, que começaram a falar das mentiras das imagens depois de muito brincar com elas, e que de repente se viram sobrecarregados, ultrapassados pela insurreição de maio de 68, os situacionistas

O cinema, a situação e o jogo compõe, junto com as teorias marxistas, especialmente sob a influência de Lukács, e por isso mesmo, também do pensamento hegeliano, as peças críticas situacionistas. Sobretudo, na avaliação de Agamben, existe uma espécie de contradição que os situacionistas não conseguiram aprender o alcance. Diz ele que foi na clandestinidade da vida privada que o elemento político se consistiu. Ela guardou o segredo da política no qual, segundo o autor, “nafragam” as biografias e revoluções. Em Debord, encontramos uma habilidade excepcional de análise e descrição das formas alienadas de existência, na sociedade do espetáculo. Mas, ainda assim, ele mesmo, segundo o filósofo italiano, foi “cândido e inerte” quando tentou comunicar a forma de sua vida, “fixar no rosto e desacreditar o clandestino com quem compartilhou até o fim a viagem” (AGAMBEN, 2017, p. 12). Existe uma intenção autobiográfica já presente no palíndromo, título do filme.

Logo depois de ter lembrado sua juventude perdida. Guy acrescenta que nada expressa a melhor o desgaste desta antiga frase construída letra por letra como um labirinto sem saída, de tal modo que ela faz concordar perfeitamente a forma com o conteúdo da perda: “*In girum imus nocte et consumimur igni*”. [Giramos em círculo na noite e somos devorados pelo fogo]” (AGAMBEN, 2017, p. 13).

Entrementes, os livros ***La Société du Spectacle***, de Debod e ***Traité du Savoir-vivre à l’usage des jeunes générations***, de Raul Vaneigem, foram publicados em 1967. Eles constituíram os livros teóricos da I.S. que alimentaram os debates em 1968, marcados pelas discussões entre os prós e os contra situacionistas. “*Seuls quelques-uns sont intégrés, dont les Enragés Nanterre*” (COPPOLA, 2006, p. 54)¹⁰⁵. Tanto uns, quanto outros, foram fortemente influenciados por Lukács, principalmente, no que diz respeito aos seus conceitos de fetichismo da mercadoria, alienação que se tornou reificação.

reafirmaram que os únicos usos válidos do cinema são aqueles defendidos por Viénet em 1967 no artigo “***Les situationnistes et les nouvelles formes d’action contre la politique et l’art***”. O caso do **Capital** de Marx que Eisenstein iria filmar é dado como exemplo, Debord já está preparando o filme ***La Société du Spectacle*** como uma adaptação de seu livro”.

¹⁰⁵ Tradução livre: “Apenas alguns estão integrados, incluindo o *Enragés Nanterre*”.

História e Consciência de Classe, que na década de 60 se tornou um verdadeiro livro de culto, exerceu uma profunda influência em Debord: é aí que se encontra a origem do rumo do desenvolvimento dos temas marxianos. Debord não alude muito a esta filiação: as citações limitam-se a duas frases, colocadas em epigrafe no segundo capítulo de *A Sociedade do Espetáculo*: noutra passagem, cita algo nas linhas do livro *Diferença entre os Sistemas Filosóficos de Fichte e de Schelling do jovem Hegel* (SdE, 180) que parecem extraídas do livro de Lukács. Entre as teorias de Lukács, Debord lembra explicitamente apenas a que concebe o partido como a mediação [...] entre a teoria e a prática, onde os proletários deixam de ser espectadores e afirma que, desse modo, Lukács descreveu tudo o que o partido bolchevique não era (SdE, 112) (JAPPE, 2008, p. 33).

A nítida correlação que existe entre Debord e Lukács diz respeito à forma de contemplação como uma alienação do sujeito. Este último para ambos, deveria ser identificado com a atividade. Especificamente para Debord, a intervenção era tida como a oposição necessária à contemplação passiva, contrária à vida. “Não pode haver liberdade fora da actividade, e no quadro do espectáculo, toda a actividade é negada” (JAPPE, 2008, p. 37). A condição do proletário foi salientada, tanto por Lukács como por Debord, como a condição em vias de ser tornar a condição de toda sociedade. Condição que está para além da questão salarial.

A submissão da totalidade da vida às exigências da mercadoria, como o cálculo e a quantificação, transforma o destino do operário - isto é, a reificação - em destino típico de toda a sociedade. Debord escreve que o êxito do sistema económico da separação é a proletarização do mundo (SdoE. 26): o trabalho de uma boa parte das classes médias ocorre em condições proletarizadas (JAPPE, 2008, p. 37).

A privação do proletariado da riqueza material que produz estava aliada à privação das possibilidades da riqueza humana por ele produzida. O espetáculo o excluiu do acesso à totalidade dos produtos humanos e da humanidade a eles inerentes. Nele, o proletariado foi impedido de jogar livremente e impelido, pela economia, o aumento contínuo de sua reprodução alienante. O espetáculo é uma totalidade que exige um projeto de superação total. A redistribuição da riqueza e a democratização da sociedade são projetos insuficientes para a I.S. (JAPPE, 2008).

Diante dessa condição, em 1978, Debord realizou o filme auto reflexivo *In Girum imus nocte et consumimur igni* (COPPOLA, 2006).

3.3 OS ESTUDANTES E O MAIO DE 1968 FRANCÊS

Durante os anos que precederam o maio de 1968, na França, os estudantes efetivos no ensino primário cresceram abundantemente. Esse efeito se deveu ao que ficou conhecido como “baby-boom” dos anos do pós-guerra e do aumento rápido da pré-escolarização. Entre os anos de 1950 e 1965, o número de crianças escolarizadas no maternal saltou de 400 000 para 1 milhão e, de estudantes do ensino elementar, de 4,5 milhões a mais de 6 milhões. O número total de professoras e professores cresceu de 155 mil para 260 mil. Em apenas quinze anos, foram recrutados 160 mil novos professores, concentrados principalmente no ensino fundamental (CAPDEVIELLE; REY, 2008). Devido a urgência, ao contrário dos professores mais velhos, as então recentes contratações não pressupunham a formação no ensino normal e foram contratados, logo após o término do bacharelado, em muitos casos, como suplentes.

Ils n'ont pas été normalisés-ideologiquement et pédagogiquement par les écoles normales, ce qui a affaibli l'homogénéité du corps enseignant du primaire et a eu pour conséquence de le déstabiliser et de le faire entrer peu ou prou dans une zone de turbulences ouverte à des postures et à des changements divers (CAPDEVIELLE; REY, 2008, p. 169)¹⁰⁶.

Ao mesmo tempo, o ensino médio foi impulsionado não somente pelo efeito baby-boom, mas também por atividades educativas para além da idade de quatorze anos, que marcou o fim da escolaridade obrigatória até o fim de 1967. A origem

¹⁰⁶ Tradução livre: “Eles não foram padronizados - ideológica e pedagogicamente - pelas escolas normais, o que fragilizou a homogeneidade do corpo docente primário e teve como consequência desestabilizá-lo e fazê-lo mais ou menos entrar em uma área de turbulência aberta a várias posturas e mudanças”.

dessa massificação data desse período, mas precede maio de 1968. Sob o exercício do poder de Charles de Gaulle, em menos de dez anos, entre o início do ano escolar de 1958 até o início do ano letivo de 1967, o número de professores do fundamental e do ensino médio mais que dobrou, saltou de 53 mil para 121 mil. Foi uma renovação rápida e única que alterou e desestabilizou o secundário antigo. Mas esta escala de mudanças permitiu um grande número de mudanças. A renovação incessante do pessoal sem homogeneidade, no qual os jovens professores passaram a trabalhar longe de casa, ou, ao local de seu trabalho, fez com que faltasse o vínculo com as raízes locais e de certa forma, até mesmo de coerência (CAPDEVIELLE; REY, 2008).

Aconteceu também um rejuvenescimento da supervisão universitária. No ensino superior, as mudanças foram ainda mais rápidas sob o efeito particular da política proativa de Charles de Gaulle. Entre 1959 e 1968, o número de estudantes multiplicou por dois e meio, de 200 mil para 500 mil, e o de professores do ensino superior foi mais que o triplo, passou de 7 200 mil para 22 500 mil. Esta aceleração nunca se repetiu e nunca tinha sido vista antes. O crescimento foi diversificado conforme a ordem dos professores que compõem a universidade. Se o efetivo de professores cresceu, o número de professores assistentes quadruplicou. No ano de 1959 os professores efetivos e seus assistentes se equilibrava em torno de 3 100 mil contra 4 100 (CAPDEVIELLE; REY, 2008). Já em 1968 o corpo de professores assistentes superava o dos professores efetivos, 16 300 contra 6 200 mil.

La croissance s'est d'abord faite par l'augmentation des assistants aux statuts juridiques hétérogènes (titulaires en sciences, contractuels en droit, souvent titulaires mais détachés du second degré en lettres). Pour leur donner une perspective de carrière (singulièrement obérée du fait de l'augmentation beaucoup plus lente du nombre des professeurs que de celui des assistants), le décret de septembre 1960 crée le corps des maîtres assistants. Les assistants n'ont plus pour vocation normale de remplacer à terme les professeurs (dont ils étaient généralement dépendants); la plupart d'entre eux deviendront désormais maîtres assistants. Ils y gagnent en indépendance par rapport aux professeurs mais, en échange, leurs espérances sont réduites. [...] Cela change à l'évidence le rapport des uns aux autres, et pèse de fait sur la répartition des pouvoirs qui prévalait jusqu'alors. Par ailleurs, ces maîtres assistants et surtout assistants recrutés massivement et depuis peu sont beaucoup plus jeunes que les professeurs et

assimilés. Recrutés dès la fin de leurs études universitaires, ils ont seulement quelques années de plus que leurs élèves. Ils seront en Mai 68 beaucoup plus proches des étudiants en mouvement (surtout en lettres et en sciences) que les professeurs (qui sont et se sentent partout très minoritaires dans les assemblées d'amphis) (CAPDEVIELLE ; REY, 2008, p. 169)¹⁰⁷.

O sindicalismo universitário registrou os movimentos e as diferenças. Os sindicatos autônomos, ligados aos antigos costumes universitários, incluem os professores, enquanto que o Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESup, membro da FEN) agrupa os assistentes e os mestres assistentes. *“Il a d'ailleurs en 1968 pour secrétaire général un maître assistant à la faculté des sciences de Paris - Alain Geismar - qui va jouer un rôle important à sa tête, ce syndicat se révélant très actif lors des événements de Mai-Juin”* (CAPDEVIELLE ; REY, 2008, p. 169)¹⁰⁸. Para Debray, emerge aí uma questão, estas seriam as mudanças em direção a um novo mundo ou a regeneração do antigo? (DEBRAY, 2008).

A massificação e a desestabilização do sistema do ensino, foram postas em questão quando a própria unidade da França se viu maturada. A reflexão singular de Debord e da *I.S.*, nesse contexto, refletiam sobre esse momento particular da história da França. No pós-guerra, o estado nacional francês teve crescimento econômico e estabilidade salarial, a sociedade do consumo se tornou inquestionavelmente o modelo de sociedade dominante. A particularidade desse momento histórico consistia no questionamento, por parte da burguesia, principalmente, do modelo keynesiano de estado e fordista de produção. Em 1968,

¹⁰⁷ Tradução livre: “O crescimento foi feito primeiro pelo aumento de assistentes com estatuto jurídico heterogêneo (titulares em ciências, direito dos contratos, muitas vezes titulares mas destacados do segundo grau em letras). Para lhes dar uma perspectiva de carreira (singularmente onerada pelo aumento do número de professores muito mais lento do que o de assistentes), o decreto de setembro de 1960 criou o corpo de professores assistentes. Os assistentes não têm mais a vocação normal de eventualmente substituir os professores (de quem geralmente dependiam); a maioria deles agora se tornará professores assistentes. Eles ganham independência dos professores, mas, em troca, suas expectativas são reduzidas. [...] Isso obviamente muda a relação de um para o outro, e de fato pesa na distribuição de poderes que prevalecia até então. Além disso, esses professores assistentes e especialmente os assistentes recrutados massivamente e recentemente são muito mais jovens que os professores e assimilados. Recrutados no final de seus estudos universitários, eles são apenas alguns anos mais velhos que seus alunos. Eles estarão em maio de 68 muito mais próximos dos estudantes em movimento (especialmente em letras e ciências) do que os professores (que são e se sentem em toda parte muito minoritários nas assembleias de anfiteatros)”.

¹⁰⁸ Tradução livre: “Além disso, em 1968 tinha como secretário-geral um professor adjunto da Faculdade de Ciências de Paris - Alain Geismar - que viria a desempenhar um importante papel à sua frente, tendo esta união provado ser muito activa durante os acontecimentos de Maio-Junho

havia duas França, aquela industrial e tecnológica e, a outra, institucional e social. De acordo com Debray,

La première est à temps rapide, dynamique, ouverte sur l'extérieur : l'industrialisation et la concentration du capital se sont faites, depuis la guerre, à l'accélération. Jamais l'humanité n'avait connu un tel rythme de croissance de ses forces productives que celui qui changea le visage de l'Europe après 1945; jamais la France au cours de son histoire, en un temps aussi bref, n'avait subi un pareil bouleversement de son infrastructure (DEBRAY, 2008, posição 145)¹⁰⁹.

A segunda foi a das mentalidades e dos comportamentos, assentadas sobre a construção de longa duração, “*celle qui rythme le devenir des valeurs et des mœurs*” (DEBRAY, 2008, posição 149)¹¹⁰. Essas foram as duas França de meados do século XX. Nesse mesmo momento histórico, foram três os maí de 1968. O levante dos estudantes, ou a revolução juvenil; o movimento dos trabalhadores, ou reivindicação da greve geral; e o maio político. O movimento nasceu dessa reunião, mas essa concordância foi comprometida pela discordância latente revelada como a crise de maio “*fut à la fois le symptôme et le remède*” (DEBRAY, 2008, posição 157)¹¹¹. A razão produtiva foi demonstrada como a determinação da economia, tecnologias e relações de produção. A industrialização historicamente exigiu sua própria morte.

La vie étouffait dans ce quadrillage vieillot, où se conservaient frileusement les privilèges et les hiérarchies d'antan : justice, médecine, Université, Église, etc. Le mouvement du capital aussi, dont la reproduction faisait craquer aux entournures ces vieilleries – canalisations devenues obstacles. La première digue à sauter fut l'Université – c'est là que la pression était la plus forte. Quantitative d'abord : les étudiants sont passés de 200 à 600 000, de 1960 à 1968. Qualitative surtout, de par le type, les structures et les programmes d'enseignement, inadéquats au nouveau marché du travail. Pour encadrer une main-d'œuvre de plus en plus déqualifiée

¹⁰⁹ Tradução livre: “A primeira é rápida, dinâmica, aberta ao exterior: a industrialização e a concentração do capital foram aceleradas desde a guerra. Jamais a humanidade conhecera tal ritmo de crescimento de suas forças produtivas como o que mudou a face da Europa depois de 1945; nunca no curso de sua história, em tão pouco tempo, a França sofreu tamanha reviravolta em sua infraestrutura”.

¹¹⁰ Tradução livre: “aquilo que pontua o futuro dos valores e costumes”.

¹¹¹ Tradução livre: “era tanto o sintoma quanto o remédio”.

et massive, le capital a besoin d'un personnel d'encadrement hautement qualifié, que les réseaux du supérieur ne lui fournissent plus. Des clignotants s'étaient bien allumés, de ce côté, les contrôleurs de la machine, trop haut placés, ne voyaient rien (DEBRAY, 2008, posição 175)¹¹².

O sistema educacional transmitia valores que os estudantes usuários, os empregadores, já não aderiam. *“L'État comble chaque jour son retard. La transcroissance du système, indispensable à sa survie, s'est opérée, et continue de le faire, sur la lancée de Mai. Les nouvelles fonctions du capital ont trouvé leurs organes adéquats”* (DEBRAY, 2008, posição 254)¹¹³. O humanismo clássico, conforme Debray, deixa de ocupar a centralidade do sistema formativo do ensino público e seu lugar foi ocupado pelo sistema do M.I.T., os normalistas dos gabinetes ministeriais, a confiança na inteligência dos célebres.

La vieille bourgeoisie d'État à la nouvelle bourgeoisie financière. Il y eut bien subversion dans le passage de l'archéo- au néo-, mais elle n'a renversé que les rapports unissant, au sein de la société libérale, les techniques de gestion aux pratiques de domination (DEBRAY, 2008, posição 259)¹¹⁴.

Em 1968, funcionou na França um modelo de estabilização das relações de classes. Uma reorganização interna que proveria às sociedades burguesas modernas os sistemas complexos, suas variações aleatórias conforme o ambiente, *“mais aussi assez souples pour intégrer les menaces de rupture dans la stabilité*

¹¹² Tradução livre: “A vida era sufocante nessa grade antiquada, onde os privilégios e hierarquias de outrora eram preservados com cautela: justiça, medicina, universidade, igreja etc. O movimento do capital também, cuja reprodução fez com que essas coisas velhas rachassem nas esquinas – canais que se tornaram obstáculos. O primeiro dique a ser saltado foi o da Universidade – era onde a pressão era maior. Quantitativo primeiro: os alunos passaram de 200 para 600.000, de 1960 a 1968. Qualitativo sobretudo, por tipo, as estruturas e os programas de ensino, inadequados ao novo mercado de trabalho. Para supervisionar uma força de trabalho cada vez mais desqualificada e massiva, o capital precisa de pessoal de supervisão altamente qualificado, que as redes de ensino superior já não fornecem. Acendiam-se indicadores, deste lado, os controladores da máquina, muito altos, não conseguiam ver nada”.

¹¹³ Tradução livre: “O estado está se recuperando a cada dia. O transcrescimento do sistema, essencial à sua sobrevivência, ocorreu, e continua a fazê-lo, no ímpeto de maio. As novas funções do capital encontraram seus órgãos adequados”.

¹¹⁴ Tradução livre: “Da velha burguesia estatal à nova burguesia financeira. Houve de fato subversão na passagem do arqueo- ao neo-, mas apenas inverteu as relações que uniam, na sociedade liberal, as técnicas de gestão com as práticas de dominação”.

dynamique de l'ensemble" (DEBRAY, 2008, posição 310)¹¹⁵. Foi importante, para isso, que o desenvolvimento das contradições não trouxesse perturbações à ordem.

Qu'importe que le développement des contradictions engendre sans cesse perturbations et disparités, donc désordres, si la machine est devenue apte à fabriquer de l'ordre avec du désordre, et un ordre supérieur aux désordres qui l'engendrent et qu'il suscite sans cesse. L'organisation intègre ses phases de désorganisation, non comme faux frais du développement, mais comme ses éléments moteurs. Ce qui s'exclut se complète, ce qui perturbe stabilise, ce qui attaque renforce (DEBRAY, 2008, posição 310)¹¹⁶.

Esse modelo, de acordo com a concepção de Debray, é cibernético e abstrato em duplicidade. A sua validade metafórica como sociedade foi concebida enquanto uma máquina inteligente. Maio de 1968 foi a marca de um sistema institucional entrou em "*court-circuit*" (DEBRAY, 2008, posição 321). Esse sistema, concentrado na pessoa de Charles De Gualle, sofreu um apagão. Mas acendeu novamente. Sobretudo, a alusão, feita por Debray, de que o maio de 1968 foi uma revolução sem contrarrevolução, ficou comprometida quando compreendemos a singularidade do Maio de 1968 como a expressão de um momento histórico particular de uma contrarrevolução em curso. A reação neoliberal é a contrarrevolução com a qual os revolucionários tiveram de lutar na França de meados do século XX. Essa é a singularidade do maio de 1968. O problema político, de acordo com Badiou, não estava no movimento jovem e massivo contra o Estado, mas sobre a organização a ser inventada diante da forma dominante do tipo Partido Comunista Francês (PCF). "*Mai 68 signe à la fois la fin de la forme à la fois molle et hargneuse du « parti de la classe ouvrière » et le commencement d'une*

¹¹⁵ Tradução livre: "mas também flexível o suficiente para integrar as ameaças de ruptura na estabilidade dinâmica do todo".

¹¹⁶ Tradução livre: "Que importa que o desenvolvimento das contradições gere constantemente perturbações e disparidades e, portanto, desordens, se a máquina se tornou capaz de criar ordem a partir da desordem, e uma ordem superior às desordens que a engendraram e que ela desencadeou sem cessar. A organização integra suas fases de desorganização, não como despesas incidentais de desenvolvimento, mas como suas forças motrizes. O que se exclui complementa, o que perturba estabiliza, o que ataca reforça".

énigme encore en travail” (BADIOU, 2019, p. 13)¹¹⁷. A apreciação de Maio de 1968 seria feita no caminho de uma consciência ainda obscura,

[...] mais étendue, celle qui représente la nécessité – l’urgence – d’en finir avec l’imposition d’un destin unique de l’humanité, d’une fin de l’Histoire, au sens de Fukuyama, fin représentée par le tandem du capitalisme et de la forme parlementaire de la politique, l’un et l’autre marqués pour toujours du stigmate de la « liberté » comme valeur suprême. [...] Cette conscience naissante rejeterait avec horreur tant le capitalisme que le bon vieil anticapitalisme d’extrême droite (BADIOU, 2019, p. 16)¹¹⁸.

Assim como Debray, Badiou confirma a concepção de existiram três maios, em 1968, mas lhe acrescenta um quarto. O primeiro, conforme o filósofo francês, foi o maio “*étudiant et lycéen*”; o segundo, o maio “*ouvrier*”; o terceiro, o maio “*libertaire*” (BADIOU, 2019, p. 19). Mas o que caracterizou o Maio de 1968 foi, em definitivo, sua totalidade complexa, sua natureza histórica (BADIOU, 2019).

No mês de maio, de 1968, teve início uma sublevação, uma revolta dos jovens estudantes universitários e do ensino médio. “*C’est l’aspect le plus spectaculaire, le plus connu, c’est celui qui a laissé des images fortes, que nous revisitons ces derniers temps*” (BADIOU, 2019, p. 19)¹¹⁹. Esse aspecto do Maio de 1968 não se limita à França e aconteceu em várias partes do mundo, no mesmo período. Do México à Alemanha, da revolução cultural na China aos protestos contra as guerras dos Estados Unidos da América do Norte, “*la jeunesse s’est partout levée contre le monde tel qu’il avait été rebâti à l’issue de la Seconde Guerre mondiale Mai 68, au sens de sa composante étudiante, est la variante française d’un phénomène mondial*” (BADIOU, 2019, p. 20)¹²⁰. Entretanto, é importante

¹¹⁷ Tradução livre: “68 de maio marca tanto o fim da forma suave e grosseira do “partido da classe trabalhadora” quanto o início de um enigma ainda em construção”.

¹¹⁸ Tradução livre: “mas ampliada, aquela que representa a necessidade - a urgência - de pôr fim à imposição de um destino único da humanidade, de um fim da História, no sentido de Fukuyama, fim representado pelo conjunto do capitalismo e a forma parlamentar da política, ambas marcadas para sempre com o estigma da “liberdade” como valor supremo. [...] Essa consciência nascente rejeitaria com horror tanto o capitalismo quanto o bom e velho anticapitalismo de direita”.

¹¹⁹ Tradução livre: “É o aspecto mais espetacular, o mais conhecido, é o que deixou imagens fortes, que temos revisitado ultimamente”.

¹²⁰ Tradução livre: “os jovens se revoltaram por toda parte contra o mundo tal como foi reconstruído no final da Segunda Guerra Mundial 68 de maio, no sentido de seu componente estudantil, é a variante francesa de um fenômeno global”.

salientar aqui que os estudantes universitários e do ensino médio representam uma pequena minoria em relação à juventude como um todo.

En 1967, seulement un peu plus de 15 % d'une classe d'âge passe son bac. Quand on parle d'« étudiants », on parle d'une fraction très restreinte et bien évidemment privilégiée de l'ensemble de la jeunesse, fraction très fortement séparée de la masse de la jeunesse populaire. Cela peut éclairer qu'une partie importante du mouvement de la jeunesse en Mai 68 ait été animée par des fils et des filles de la bourgeoisie y compris de la grande bourgeoisie (BADIOU, 2019, p. 21)¹²¹.

Muitos intelectuais se auto afirmaram a partir do maoísmo, trotskismo, stalinismo e a mobilização em massa de "democracia", "direitos humanos" e "civilização ocidental". *“Ce curieux phénomène s'éclaire quand on se souvient que la jeunesse étudiante de Mai 68 était en fait très majoritairement issue de la bourgeoisie dominante”* (BADIOU, 2019, p. 22)¹²². Outro elemento presente, nesse Maio de 1968, diz respeito à força do vocabulário marxista e à ideia de revolução. Mesmo os grupos que se opõem utilizaram dessa linguagem comum. A ela foi acrescida a virulência anarquista, a dogmática marxista e a poesia circunstancial, que conferiram as palavras de ordem à totalidade do movimento. *“On pourra voir pendant pas mal d'années encore des détachements universitaires aller jeter des pavés sur les agences bancaires, les tanières yankees ou les officines patronales”* (BADIOU, 2019, p. 23)¹²³. Ao lado destas ações mais violentas, destacam-se as assembleias gerais, destinadas a transformar a Universidade, criaram grupos de trabalho de contestação dos exames e a classe dos professores e intelectuais da velha ordem (BADIOU, 2019).

Como os aspectos políticos do Maio de 1968 já foram já abordados a partir de Debray, tem destaque, para os fins da presente tese, as elucidações de Badiou

¹²¹ Tradução livre: “Em 1967, apenas um pouco mais de 15% de uma faixa etária passou no bacharelado. Quando falamos de “estudantes”, estamos falando de uma fração muito limitada e obviamente privilegiada de toda a juventude, uma fração fortemente separada da massa de jovens da classe trabalhadora. Isso pode esclarecer o fato de que uma parte importante do movimento juvenil em maio de 68 foi liderada por filhos e filhas da burguesia, incluindo a classe média alta”.

¹²² Tradução livre: “Esse curioso fenômeno fica mais claro quando lembramos que a juventude estudantil de maio de 68 era de fato predominantemente da burguesia dominante”.

¹²³ Tradução livre: “Poderemos ver, por alguns anos, destacamentos universitários jogando pedras em agências bancárias, antros ianques ou escritórios de empregadores”.

sobre o que ele denominou de maio libertário, o terceiro maio. Muito próximo dos aspectos anteriores presentes nas manifestações de Maio de 1968, este foi prevalentemente promovido por uma tradição do comunismo utópico comprometido com a revolução estética e a superação da estética capitalista. O nome que representou esse aspecto das movimentações de maio de 1968, na França, foi o de Guy Debord, “*grand descendant moderne du surréalisme des années vingt et théoricien stylé quelque peu aristocratique du communisme comme mutation existentielle dans un monde désaliéner, extirpé de la marchandise et du culte de la consommation*” (BADIOU, 2019, p. 29)¹²⁴. Embora questionável a sua importância como representante desse terceiro aspecto das movimentações de Maio de 1968, foi ele quem, do interior do primeiro maio, ofereceu ao terceiro maio um vocabulário sem ter relação alguma com o segundo, senão a contestação aos oficiais especialistas do poder (BADIOU, 2019; DEBORD, 1971).

Les questions dominantes y étaient en effet la transformation des mœurs, les nouveaux rapports amoureux la liberté individuelle. Le mouvement étudiant était interrogé du biais de la « misère sexuelle ». L'esthétique l'emportait largement sur la politique. C'est ce chaudron anarchisant qui va donner une partie de sa couleur au mouvement des femmes, comme à celui des droits et de l'émancipation des homosexuels. Toute cette agitation vitale va aussi affecter la sphère culturelle, avec l'idée d'un nouveau théâtre où le corps est la présence principale, celle d'une nouvelle forme de parole publique, d'un nouveau style de l'action collective, à travers la promotion du happening, de l'improvisation et les états généraux du cinéma. Cela constitue aussi une composante particulière de Mai 68, qu'on peut dire idéologique, et qui, si elle tourne parfois à la parole snob et aux langueurs festives, n'en participe pas moins à la tonalité générale de l'événement (BADIOU, 2019, p. 30, 31)¹²⁵.

¹²⁴ Tradução livre: “grande descendente moderno do surrealismo dos anos 1920 e teórico estilizado e um tanto aristocrático do comunismo como mutação existencial em um mundo desalienado, desenraizado das mercadorias e do culto ao consumo”.

¹²⁵ Tradução livre: “As questões dominantes ali eram, de fato, a transformação dos costumes, as novas relações amorosas e a liberdade individual. O movimento estudantil foi questionado sob o ângulo da “miséria sexual”. A estética superou em muito a política. É esse caldeirão anarquista que dará um pouco de sua cor ao movimento das mulheres, bem como aos direitos e emancipação dos homossexuais. Toda essa agitação vital afetará também a esfera cultural, com a ideia de um novo teatro onde o corpo é a presença principal, a de uma nova forma de falar em público, um novo estilo de ação coletiva, através da promoção de happenings, improvisação e estados gerais do cinema. Isto constitui também uma componente particular do 68 de Maio, que se pode dizer ideológica, e que, se por vezes se transforma em discurso esnobe e langor festivo, contribui, no entanto, para o tom geral do evento”.

O quarto maio, do qual falou Badiou, deve-se ao conflito dominante entre o esquerdismo (*gauchisme*) geral do movimento com a esquerda clássica, notavelmente contra o PCF. Igualmente entre “*le gauchisme politique (souvent représenté par le trotskisme) et le gauchisme culturel, plutôt anarchiste*” (BADIOU, 2019, p. 33)¹²⁶. Os lugares, marcados pelas palavras de ordem são simbólicos, a Sorbonne, ocupada pelos estudantes e as grandes fábricas de automóveis ocupadas pelos trabalhadores.

Côté étudiant, des tentatives de réforme des études, la mise à la question du cours magistral et des examens, la promotion des groupes de travail volontaires, la création, par Edgar Faure devenu ministre de l'Éducation nationale, d'une université expérimentale, Paris VIII, logée dans le bois de Vincennes, et qui deviendra en effet, pendant quelques années, une sorte de laboratoire investi par toutes les tendances politiques. Côté ouvrier après une grève générale dure et d'une longueur inusitée, une solide augmentation des salaires (il faut dire que le boom économique assure le plein emploi, et donc une situation de relative faiblesse du patronat), des noyaux de jeunes révoltés dans les usines, le sentiment vague aussi que CGT et PCF ont en un sens suivi le mouvement à distance plutôt qu'ils ne l'ont désiré et consotidé. Qu'ils ont redouté les « gauchistes » plus encore qu'ils n'ont combattu le gouvernement. Côté libertaire, on aura outre un déploiement philosophique, littéraire, artistique, autour de la référence à « nos vies » (qu'on a retrouvée jusqu'aux mouvements des années 2016 et 2017), les mouvements qui gravitent autour du « genre » sexuel, la libéralisation de la contraception et de l'avortement, une esquisse de mutation du rapport amoureux, x bref, un ébranlement de ce pilier de la réaction qu'a toujours été la famille (BADIOU, 2019, p. 34)¹²⁷.

¹²⁶ Tradução livre: “esquerdismo político (muitas vezes representado pelo trotskismo) e esquerdismo cultural, bastante anarquista”.

¹²⁷ Tradução livre: “Do lado estudantil, as tentativas de reforma dos estudos, o questionamento de palestras e exames, a promoção de grupos de trabalho voluntário, a criação, por Edgar Faure, que se tornou Ministro da Educação Nacional, de uma universidade experimental, Paris VIII, sediada no Bois de Vincennes, e que se tornará, de fato, por alguns anos, uma espécie de laboratório investido por todas as tendências políticas. Do lado dos trabalhadores, após uma dura greve geral de duração invulgarmente longa, um sólido aumento dos salários (é preciso dizer que o boom econômico garante o pleno emprego e, portanto, uma situação de relativa debilidade para os empregadores), núcleos de jovens rebeldes nas fábricas, a vaga sensação também de que a CGT e o PCF, em certo sentido, acompanharam o movimento à distância e não o desejaram e o consolidaram. Que eles temiam os “esquerdistas” ainda mais do que lutavam contra o governo. Do lado libertário, teremos, além de um desdobramento filosófico, literário, artístico, em torno da referência às “nossas vidas” (que encontramos até os movimentos dos anos de 2016 e 2017), os movimentos que gravitam em torno do “gênero” sexual, a liberalização da contracepção e do aborto, um esboço de uma mudança na relação amorosa, enfim, um abalo desse pilar de reação que sempre foi a família”

As noites de tumultos foram resultantes do início das agitações em universidades promovida pelos estudantes. As agitações produziram uma série de manifestações em maio de 1968 que foram marcadas pela forte repressão policial. Os confrontos, segundo Reeve, foram das ruas para a sociedade (REEVE, 2019). Especialmente em Paris, os confrontos de rua com a política fizeram vítimas e detentos. A crítica contra a rigidez da instituição universitária foi reforçada pela crítica ao autoritarismo gaullista. Os projetos “de adaptação da condição estudantil às novas necessidades do capitalismo levaram a que fossem postos em causa os próprios fundamentos do sistema, dando origem a uma profunda crise política” (REEVE, 2019, p. 209). As ocupações se fizeram estratégicas.

A 14 de Maio, a fábrica da Sud-Aviation, em Nantes, foi ocupada pelos trabalhadores e a direcção sequestrada; no dia seguinte, foi a vez de a fábrica da Renault Cléon ser ocupada. As greves multiplicaram-se e propagaram-se, levando à paragem dos transportes e ao encerramento de outros serviços públicos. Em poucos dias, milhões de trabalhadores, empregados, funcionários e técnicos aderiram à greve e ocuparam as suas empresas. O movimento espontâneo, desencadeado sem uma única palavra de ordem das direcções sindicais e sem reivindicações precisas, foi espoletado por uma insatisfação social que surpreendeu pela sua amplitude (REEVE, 2019, p. 209).

A ideia comumente admitida de que a expansão contínua do capitalismo do pós-guerra havia melhorado os salários e ofereceu à massa dos trabalhadores os beneplácitos da sociedade de consumo foi contestada. Entretanto, foi ela mesma que determinou o fim do “espírito combativo” (REEVE, 2019, p. 210). A CGT estava dominada pelo PCF, embora fissurada ideologicamente pelas desestabilizações produzidas pelas revoltas dos trabalhadores dos países do Leste, representava a força hegemônica da esquerda. A perspectiva dos chefes comunistas era a que

[...] os estudantes estavam a ser manipulados e os esquerdistas estavam infiltrados e eram financiados por agentes da burguesia e do poder, sendo «tele-guiados pelo governo». Este apostaria na desordem para aparecer depois como o garante da ordem [...]. Por isso, o poder teria utilizado os provocadores esquerdistas para tentar prolongar as greves; «o prosseguimento das greves fazia também parte do plano gaullista». O partido comunista e a direcção

da CGT retomavam a grelha de análise do socialismo social-democrata de antigamente (REEVE, 2019, p. 212).

Em maio de 1968, os quadros de militantes sindicais foram impelidos, pelas linhas oficiais, a se afastarem dos grevistas estudantes e trabalhadores rebeldes. A CGT se esforçou para separar os trabalhadores dos estudantes e isolá-los em suas empresas ocupadas. Os questionamentos dos valores promovidos pelos contestadores presentes nos movimentos eram incompreensíveis ao partido para o qual a ação social deveria ser realista e legalista. Mesmo assim, foi o PCF que desempenhou papel determinante.

Acusado pelo poder gaullista de ter em mente a tomada do poder aproveitando-se da agitação, denunciado pelos setores revolucionários como sabotador do movimento, o partido, surpreendido e ultrapassado pela dinâmica da contestação, conservou a capacidade de seguir os acontecimentos. Malgrado o divórcio existente entre a direção e os elementos mais combativos da base sindical e política, malgrado os avanços mais radicais dos trabalhadores em greve sobre as questões do controle das empresas e das organizações de luta, o PCF continuou a ser uma peça essencial do jogo político. Com interesses diferentes e meios que lhe eram próprios, o poder gaullista e o partido comunista encontraram-se finalmente alinhados num mesmo objectivo, o respeito do quadro institucional do sistema. Como disseram explicitamente defensores declarados da ordem capitalista, durante essas semanas dramáticas para o poder, o pior foi evitado graças a uma cumplicidade objectiva entre as duas forças políticas (REEVE, 2019, p. 213).

Nos anos de 1960, o Estado francês adotou ferramentas de gestão para regular e adequar os “fluxos de mão de obra” (LAVAL, 2019, p. 35). Medidas foram tomadas devido ao processo de industrialização da formação que requereram investimentos, a criação de formas institucionais e a reestruturação da relação salarial, como, “diplomas e qualificações, níveis de formação e medidas de orientação dos alunos” (LAVAL, 2019, p. 35). A proposição de planos de ações pelo governo foi feita visando efetivar estas medidas.

A partir do IV Plano 1960-1965 surgiram as primeiras tentativas de planejamento coordenado de mão de obra e ensino, prolongadas e ampliadas pelo V Plano 1965-1970. A ideia principal era determinar

com mais precisão, por extrapolação das tendências observadas, um ajuste ótimo entre mão de obra e necessidades da economia. A análise da relação "educação formal-emprego" devia determinar a estrutura e o tamanho ótimo do sistema educacional em função das necessidades das empresas (LAVAL, 2019, p.35).

O ensino se transformou em uma indústria de massa e pode ser descrito, por isso, com a ajuda de categorias econômicas. Quer dizer, do ensino, pode se distinguir “três funções na educação moderna: formação de mão de obra qualificada; mudança cultural que suplanta o que é herdado; e formação de cidadãos” (REEVE, 2019, p. 35), que marcaram a mudança do ensino enquanto atividade formativa e humanista para uma atividade de mercado direcionada pelos fins econômicos. Essa mudança, segundo Laval, marcou o fim do humanismo clássico. A formação livre e desinteressada havia chegado ao fim.

A escola, que não é mais a única fonte de saber, deve “aprender a aprender” para que a criança seja capaz de ordenar e fazer a triagem da informação confusa, lacunar e tendenciosa da cultura comercializada de massa. Essa primeira educação escolar é apenas o prelúdio de uma educação permanente, uma formação no dia a dia, associada a reciclagens periódicas [...]. Além disso, a universidade deve gerar conhecimentos novos, e não se contentar em transmitir o que herda das gerações passadas. Dessa exigência, [...] a escola e a universidade devem se tornar quase empresas, com um funcionamento calcado no modelo das companhias privadas e com a obrigação de alcançar máximo “desempenho”. Certamente não é uma referência à privatização nem à rentabilidade em sentido propriamente mercantil [...]. Contudo, convém chamarmos a atenção para o fato de que esse discurso modernizador é historicamente uma maneira de redefinir o sistema de ensino, contra o humanismo tradicional, como uma máquina produtiva subordinada a modos de raciocínio e abordagem que podem ser aplicados a outros setores da produção. Muitos progressistas não viram dificuldade em aderir a esse discurso, pois parecia ir ao encontro dos promissores avanços da ciência e do “desenvolvimento das forças produtivas” (LAVAL, 2019, p. 36).

A acomodação entre os aspectos políticos e culturais da escola, diante do imperativo econômico, forçou o Estado a unir os progressos do desenvolvimento da produção centrado menos nos estudos sobre as humanidades e o altruísmo da cultura. “No entanto, esse grande acordo histórico, que pretendia combinar o

desenvolvimento econômico da nação com a idealização de uma burocracia francesa "educadora do espírito", serviu de preparação para a contestação neoliberal" (LAVAL, 2019, p. 37). O que foi presenciado no maio de 1968 consistia na inicial emergência da decomposição da relação entre diploma e emprego.

A escola, parte integrante do "compromisso fordista" e da "sociedade salarial", diplomou pessoas dotadas de direitos reconhecidos por convenções coletivas e contribuiu para o estabelecimento de estatutos nos quais elas podiam se apoiar para vender sua força de trabalho. Ainda que a relação entre diploma e emprego nunca tenha sido geral e unívoca, o diploma dava em larga medida o fundamento da hierarquia interna da classe assalariada, especialmente nas funções públicas, mas também se caracterizava por estar ligado a uma esfera escolar que, por sua relativa autonomia, tinha força simbólica bastante para torná-lo relativamente independente das relações de força imediatas do mundo profissional (LAVAL, 2019, p. 42).

A relação entre o diploma e a boa profissão se apresentava como uma relação necessária ao alcance da dignidade pessoal e utilidade social. Devido a divisão técnica do trabalho, o ensino técnico foi em certa medida desprezado, mas proveu para muitas pessoas o meio de melhorar de vida e as condições de uma ação coletiva constante (LAVAL, 2019).

3.3.1 A miséria do meio estudantil: o escândalo de Estrasburgo

No mês de novembro de 1966, a brochura ***De la misère en milieu étudiant, considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel, et de quelques moyens pour y remédier*** (I.S.; U.N.E.F., 1966, 2013) provocou o chamado escândalo de Estrasburgo¹²⁸. Tornou-se o livro guia dos estudantes que, anos depois, produziram a revolta de 1968. A

¹²⁸ Tradução livre: "A miséria no ambiente estudantil, considerada sob seus aspectos econômicos, políticos, psicológicos, sexuais e principalmente intelectuais, e alguns meios para saná-la".

União Nacional do Estudantes da França (U.N.E.F.), entidade estudantil vinculado ao PCF stalinista, viveu uma virada eleitoral ao ter a sua direção assumida por simpatizantes da I.S. A brochura publicada, de autoria coletiva, foi corrigida pelo situacionista Khayati, como também, assim reivindicou Kaufmann e Coppola, a coautoria de Guy Debord (COPPOLA, 2006; KAUFMANN, 2006). Foram trocadas cartas entre os dois situacionistas que atestam essa colaboração recíproca entre a U.N.E.F., Khayati e Debord (DEBORD, 2003). Sobre a brochura Debord escreveu, em 09 de setembro de 1966:

Il faut absolument, de leur part, lier ce détournement à la fabrication d'une brochure scandaleuse, même réduite en volume - et même, au pire, réduite à un minimum acceptable dans le contenu. Or, des gens qui savent citer l'I.S., avec quinze citations solides pourraient déjà justifier une brochure. J'espère tout de même qu'ils ont un peu plus d'esprit; et tu peux les aider. Ci-joint un projet (absolument pas rédigé) pour un début; c'est plutôt une façon choquante de prendre les bestiaux de front. Le style devrait être assez froid et impassible. La première question doit se poser comme une évidence (DEBORD, 2013, posição 2670)¹²⁹.

Em 29 de setembro do mesmo ano,

Cher Mustapha [Khayati],

Nous sommes bien d'accord, pour le début de la brochure :- il n'y a pas pour nous d'étudiant intéressant, en tant qu'étudiant. Son présent et son avenir planifié sont également méprisables (« encore un effort si vous voulez cesser de l'être »). La « bohème » n'est pas une solution révolutionnaire ; mais elle n'est jamais authentiquement vécue qu'après une rupture complète et sans retour avec le milieu universitaire. Donc, que des étudiants n'essaient pas de se vanter d'une version factice de ce qui est déjà une médiocre solution individuelle dans les meilleurs cas. Fais sentir d'abord à ces rédacteurs notre mépris suspendu sur eux, pour leur ôter tous les doutes sur le mépris universellement mérité par leur milieu.- Il est très important de critiquer violemment- et grossièrement- la religion. C'est le comble de leur misère générale.

¹²⁹ Tradução livre: “É absolutamente necessário, por parte deles, vincular esse desvio à produção de uma brochura escandalosa, mesmo reduzida em volume - e até, na pior das hipóteses, reduzida a um mínimo aceitável em conteúdo. Agora, quem sabe citar a I.S., com quinze citações sólidas, já poderia justificar uma brochura. Espero mesmo assim que tenham um pouco mais de espírito; E você pode ajudá-los. Em anexo está um projeto (absolutamente não escrito) para começar; em vez disso, é uma maneira chocante de enfrentar o gado de frente. O estilo deve ser bastante frio e inexpressivo. A primeira pergunta deve ser posta como uma evidência”.

[...] *Oui, la brochure doit être très sobre de présentation. Sa couverture doit comporter le titre, fort long, et la référence à l'U.N.E.E, c'est bien assez. Les illustrations, comics, etc., à la rigueur, tirés à part comme publicité, collés sur les murs, pour qu'ils s'amuse un peu tout de même, mais sans ridiculiser le travail principal* (DEBORD, 2013, posição 2710)¹³⁰.

E em 13 de outubro sinalizou o seguinte:

La première partie est bonne. L'argumentation est au niveau qui convient, et la violence du ton est aussi ce qu'il faut. Si tout peut être ainsi fait, et effectivement jeté dans le public, il me semble que le coup sera sensationnel. Corriger un peu le style, vers plus de rigueur. En plusieurs endroits il faut des phrases plus courtes et concentrées. J'ai mis quelques notes au verso (DEBORD, 2013, posição 2730)¹³¹.

Foi intencional, por parte de seus autores, o escândalo que a brochura produziu. Tratou-se de uma crítica sobre as falsas críticas do modernismo cultural e artístico consumido em massa pelos estudantes, como o cinema de Godard.

La brochure De la misère en milieu étudiant en 1966 et sa critique des fausses critiques issues du modernisme culturel et artistique consommées en masse par les étudiants, incluant le cinéma de Godard, est contemporaine de la parution dans l'I.S. d'articles sur le cinéma : "Le rôle de Godard", I.S. n°10. Produits de la consommation culturelle estudiantine au rayon de la fausse critique pour la brochure strasbourgeoise, les films de Godard sont analysés comme des ersatz tardifs de la décomposition des arts plastiques

¹³⁰ Tradução livre: "Caro Mustafá, Concordamos, para o início da brochura: - não há aluno interessante para nós, como aluno. Seu presente e seu futuro planejado são igualmente desprezíveis ("mas um esforço se você quiser parar de sê-lo"). A "Boêmia" não é uma solução revolucionária; mas só é vivida autenticamente depois de uma ruptura completa e irreversível com o meio universitário. Portanto, deixe os alunos não tentarem se gabar de uma versão falsa do que já é uma solução individual medíocre na melhor das hipóteses. Antes de tudo, fazer com que esses escritores sintam nosso desprezo pairando sobre eles, para tirar deles todas as dúvidas sobre o desprezo universalmente merecido por seu ambiente. É muito importante criticar violentamente – e grosseiramente – a religião. É o auge de sua miséria geral. [...] Sim, a brochura deve ser muito sóbria na apresentação. Sua capa deve incluir o título, muito longo⁹⁵, e a referência à U.N.E.E, isso basta. As ilustrações, histórias em quadrinhos, etc., num piscar de olhos, reimpressas como publicidade, coladas nas paredes, para que se divirtam um pouco da mesma forma, mas sem ridicularizar a obra principal".

¹³¹ Tradução livre: "A primeira parte é boa. O argumento está no nível adequado, e a violência do tom também é o que é necessário. Se tudo puder ser feito desta forma, e realmente lançado ao público, parece-me que o golpe será sensacional. Corrija um pouco o estilo, para mais rigor. Em vários lugares, são necessárias frases mais curtas e mais concentradas. Eu coloquei algumas notas na parte de trás".

modernes - comme les films de Resnais et Duras étaient ceux de la littérature (COPPOLA, 2006, p. 52)¹³².

Depois de 1962, a *I.S.* restringiu significativamente sua atividade à França. A organização jamais contou com mais de 20 membros. Sua ação consistiu em agitações subterrâneas que anteciparam a face libertária do maio de 68 francês. A *I.S.* desenvolveu teorias e práticas que perduraram para além dos anos de 1960, mas foi a participação ativa nas movimentações o escopo da realização destas teorias e práticas. Entre 1962 e 1966, poucos foram os textos da *I.S.* que apareceram a público, os que se destacam são polêmicas contra professores efetivos da Universidade francesa. ***Aux poubelles de l'Histoire !*** (1963), travou uma polêmica sobre o possível plágio de Henry Lefebvre, no que diz respeito a suas explicações sobre a Comuna de Paris; e, ***Correspondance Avec un Cybernéticien*** (1963), uma polêmica travada contra o professor Moles, chamado o cibernético¹³³. Por volta de 1965, a análise da sociedade, feita pelas mãos situacionistas, já estava praticamente terminada. Embora tenha dito Jappe que seus esforços foram para pô-las em prática (JAPPE, 2008), entendemos que nesse ano a *I.S.* assumiu sua forma política. Foi quando se deu a difusão da brochura ***Adress aux Révolutionnaires d'Algérie et de Tous les Pays*** (1965) e do texto sobre a revolta dos negros de ***Watts, Le Déclin et la Chute de l'Economie spectaculaire-marchande*** (1965). A ação política da *I.S.* desenvolveu suas próprias categorias de análise como reflexões e teorizações sobre a emergência de uma forma social contrarrevolucionária e devastadora. Nestes textos situacionistas já estão anunciados a categoria de sociedade *spectacular-marchande*, dividida em dois conceitos, o *spectacle concentre* e o *spectacle diffuse*.

¹³² Tradução livre: "A brochura ***De la misère en milieu étudiant...***, de 1966, e sua crítica às falsas críticas decorrentes do modernismo cultural e artístico, consumido em massa pelos estudantes, incluindo o cinema de Godard, foi contemporânea à publicação na [revista] *I.S.* artigos sobre cinema: "O papel de Godard", *I.S.* #10. Produtos do consumo cultural estudantil no raio da falsa crítica para a brochura de Estrasburgo, os filmes de Godard são analisados como *ersatz* tardios da decomposição das artes plásticas modernas - como os filmes de Resnais e Duras eram os de literatura".

¹³³ Abraham A. Moles (1920 – 1992) foi um engenheiro elétrico e engenheiro acústico francês. Foi professor de sociologia, psicologia, comunicação nas universidades de Estrasburgo, San Diego, México e Compiègne.

Debord explica que o espectáculo destinado aos negros é uma versão pobre do espectáculo branco. Por isso os negros compreendem mais depressa o engodo e, tendo menos, pedem tudo. Porém, é no final de 1966 que a actividade da I.S. entra na sua fase decisiva, com o famoso escândalo de Estrasburgo [...] [iria] suscitar uma ampla repercussão na imprensa e desencadear ações judiciais, bastava que alguns simpatizantes da I.S., eleitos para a direcção do centro académico, utilizassem o seu dinheiro para mandar imprimir um opúsculo situacionista e propusessem, de seguida, a auto-dissolução do centro, afirmando ser apenas um instrumento de integração dos estudantes numa sociedade inaceitável. Alguns meses antes, pessoas próximas da I.S. tinham interrompido, com uma chuva de tomates, a conferência de um professor, o cibernético A. Moles - e este gesto, que muito rapidamente se torna quase quotidiano nas universidades francesas, também constituiu então uma novidade. A estes actos de uma nascente rebelião estudantil, que recusa os canais tradicionais de contestação, acrescenta-se, para provocar escândalo, o conteúdo do libelo de Estrasburgo [...] (JAPPE, 2008, p. 103).

O pequeno libelo de Estrasburgo teve uma dezena de milhares de exemplares divulgados na França e posteriormente para além de suas fronteiras. Nele não são feitas “nenhuma concessão aos estudantes contentes por serem estudantes, ávidos apenas de melhorar o seu *status*” (JAPPE, 2008, p. 103). O pequeno texto, firmou o engano que o estudante estava sujeito, na França. Estas são as primeiras palavras so texto: “*Nous pouvons affirmer, sans grand risque de nous tromper, que l'étudiant en France est, après le policier et le prêtre, l'être le plus universellement reprisé*” (I.S.; U.N.E.F., 1966 ; 2013, posição 21)¹³⁴. A crítica se segue com a menção à reificação imposta pelo capitalismo moderno.

La mise en spectacle de la réification sous le capitalisme moderne impose à chacun un rôle dans la passivité généralisée. L'étudiant n'échappe pas à cette loi. Il est un rôle provisoire, qui le prépare au rôle définitif qu'il assumera, en élément positif et conservateur, dans le fonctionnement du système marchand. Rien d'autre qu'une initiation (I.S.; U.N.E.F., 1966 ; 2013, posição 46)¹³⁵.

¹³⁴ Tradução livre: “Podemos afirmar, sem grande risco de estarmos enganados, que o estudante na França é, depois do policial e do padre, o ser mais universalmente aclamado”.

¹³⁵ Tradução livre: “O espetáculo da reificação sob o capitalismo moderno impõe a todos um papel na passividade generalizada. O aluno não é exceção a esta lei. É um papel provisório, que o prepara para o papel definitivo que assumirá, como elemento positivo e conservador, no funcionamento do sistema de mercado. Nada além de uma iniciação”.

Segue-se considerações específicas sobre o estudante.

[...] L'étudiant est un être partagé entre un statut présent et un statut futur nettement tranchés, et dont la limite va être mécaniquement franchie. Sa conscience schizophrénique lui permet de s'isoler dans une « société d'initiation », méconnaît son avenir et s'enchant de l'unité mystique que lui offre un présent à l'abri de l'histoire. Le ressort du renversement de la vérité officielle, c'est-à-dire économique, est tellement simple à démasquer : la réalité étudiante est dure à regarder en face. Dans une « société d'abondance », le statut actuel de l'étudiant est l'extrême pauvreté (I.S.; U.N.E.F., 1966 ; 2013, posição 51)¹³⁶.

E, após satirizar a vida estudantil, apresenta um arcabouço das concepções situacionistas e faz alusão à coerência de seu projeto.

[...] cohérence de son projet essentiel : la réalisation internationale du pouvoir absolu des Conseils Ouvriers [...]. Une telle organisation doit mettre en avant la critique radicale de tout ce qui fonde la société qu'elle combat, à savoir : la production marchande, l'idéologie sous tous ses déguisements, l'Etat et les scissions qu'il impose. [...] Aucune organisation n'a encore sauté ce Rhodus. L'idéologie, si « révolutionnaire » qu'elle puisse être, est toujours au service des maîtres, le signal d'alarme qui désigne l'ennemi déguisé. C'est pourquoi la critique de l'idéologie doit être, en dernière analyse, le problème central de l'organisation révolutionnaire. Seul, le monde aliéné produit le mensonge, et celui-ci ne saurait réapparaître à l'intérieur de ce qui prétend porter la vérité sociale, sans que cette organisation ne se transforme elle-même en un mensonge de plus dans un monde fondamentalement mensonger (I.S. ; U.N.E.F., 1966; 2013, posições 504, 506 e 512)¹³⁷.

¹³⁶ Tradução livre: “[...] O aluno é um ser dividido entre um estado presente e um estado futuro claramente definido, e cujo limite será ultrapassado mecanicamente. A sua consciência esquizofrênica permite-lhe isolar-se numa "sociedade de iniciação", ignora o seu futuro e encanta-se com a unidade mística que lhe oferece um presente resguardado da história. A mola propulsora da inversão da verdade oficial, ou seja, econômica, é tão fácil de desmascarar: a realidade estudantil é difícil de enfrentar. Em uma “sociedade da fartura”, a situação atual do aluno é de extrema pobreza”.

¹³⁷ Tradução livre: “[...] coerência de seu projeto essencial: a realização internacional do poder absoluto dos Conselhos Operários [...]. Tal organização deve propor a crítica radical de tudo o que funda a sociedade contra a qual luta, a saber: a produção de mercadorias, a ideologia em todos os seus disfarces, o Estado e as divisões que ele impõe. [...] Nenhuma organização ainda saltou em Rhodus. A ideologia, por mais "revolucionária" que seja, está sempre a serviço dos senhores, o sinal de alarme que designa o inimigo disfarçado. É por isso que a crítica da ideologia deve, em última análise, ser o problema central da organização revolucionária. Sozinho, o mundo alienado produz a mentira, e esta não pode reaparecer dentro do que pretende ser a verdade social, sem que essa organização se transforme em mais uma mentira em um mundo fundamentalmente mentiroso”.

O texto foi finalizado com a exaltação da ação revolucionária festiva. No fim de 1967, mais duas obras teóricas da *I.S.* aparecem em continuidade com as discussões e impulsionar as ações de estudantes e trabalhadores revolucionários, ***La Société du Spectacle*** (DEBORD, 1967; 1971) e o ***Traité du savoir-vivre à l'usage des jeunes génération***, de Vaneigan (VANEIGUEN, 1967; 2016). Toda a atividade teórica e prática da *I.S.* culminou nas ocupações das Universidades, primeiro em Nanterre e, logo depois, na Sorbonne.

3.3.2 As ocupações estudantis e a ação da *I.S.* na Sorbonne

Na década de 1960, os movimentos estudantis se radicalizaram e afrontaram a ordem política no mundo todo. Em 1962, nos Estados Unidos, já são identificadas manifestações estudantis e em 1965 a *Free University of New York* foi criada. Entre 1965 e 1967, o movimento *Provos* agitam Amsterdam e exploram os vários temas ecológicos, feministas, libertários e solidários. Em 1966 a *Association des Étudiants Allemands* (AstA) e a Federação Geral dos Estudantes de Letras (FGEL) foram criadas. Em 1967 foi criada a Anti-Universidade em Londres. Além de várias outras manifestações violentas em Shinjuku e Tokyo, no Japão, em 1967, na Itália, foram ocupadas as Universidades de Trento e de Turim, e em março de 1968, foram ocupadas a faculdade de belas artes.

De manière dramatique, les événements aux États-Unis vont continuellement servir de référence à l'agitation internationale. Des août 1965, les émeutes éclatent dans le quartier de Watts à Los Angeles. En octobre 1966, la création des Black Panthers, à Oakland, ouvre une phase de révolte frontale. Les dirigeants des Black Panthers sont arrêtés en janvier 1968 à San Francisco. L'assassinat de Martin Luther King, le 5 avril 1968, stupéfie le monde entier; cet événement est suivi d'émeutes dans cent dix villes américaines, avec des milliers de blessés et des dizaines de

morts. Le 13 mai 1968 est marqué par l'arrivée de la marche des pauvres à Washington (CAPDEVIELLE, REY, 2008, p. 46)¹³⁸.

Na França, segundo Capdevielle e Rey, tudo começou em Nanterre, em 1967, pela afirmação da recusa, pelos moradores do campus universitário, das reformas promovidas pelo governo gaullista. Em 8 de janeiro de 1968, o estudante de sociologia, Daniel Cohn-Bendit, interpelou o ministro François Missoffe sobre a construção de uma piscina no campus universitário. Em 26 de janeiro, os confrontos com os estudantes se deveram à denúncia feita por eles sobre a 'lista negra' de exames. Em 6 de Março, o reitor recusa se envolver nos debates sobre a liberdade política e não se opôs a intervenção policial no campus. Nesse interim, *“les enragés, proches des situationnistes, diffuse une chanson, la Grappignole, volontairement provocante à l'égard de la personne du doyen et d'un certain nombre de professeurs”* (CAPDEVIELLE, REY, 2008, p. 38)¹³⁹.

Le 20 mars, un étudiant de Nanterre et cinq autres membres du Comité Vietnam national sont arrêtés à la suite de dégradations dans un local de l'American Express à Paris. Le 22 mars, 142 étudiants occupent la salle du conseil de la faculté de Nanterre pour protester contre ces arrestations. [...] Le 3 mai, à la suite d'un meeting de soutien dans la cour de la Sorbonne, celle-ci est évacuée par la police; elle est fermée le 5, alors qu'une douzaine d'étudiants sont condamnés. Des le 6, face à un dispositif policier important, des affrontements violents ont lieu au quartier Latin, avec le slogan: « Libérez nos camarades ». [...] Le 9 mai, les dirigeants de la CGT et de la CFDT entament des négociations difficiles au siège parisien de l'UNEF en vue de préparer une riposte commune. [...]. Des barricades s'élèvent, sous le regard de policiers immobiles jusqu'à leur intervention brutale, au petit matin. En réponse, les organisateurs de la manifestation prévue le 14 mai décident de l'avancer au 13. [...] Georges Pompidou annonce la réouverture de la Sorbonne pour le 13 mai, décision opportune mais tardive face à une opinion traumatisée par les violences policières. Le 13, la Sorbonne est effectivement réouverte et réoccupée par un public où

¹³⁸ Tradução livre: “Dramaticamente, os eventos nos Estados Unidos continuarão a servir de referência para a agitação internacional. A partir de agosto de 1965, tumultos eclodiram no bairro de Watts, em Los Angeles. Em outubro de 1966, a criação dos Panteras Negras em Oakland abriu uma fase de revolta frontal. Os líderes dos Panteras Negras foram presos em janeiro de 1968 em São Francisco. O assassinato de Martin Luther King, em 5 de abril de 1968, surpreende o mundo inteiro; este evento foi seguido por tumultos em cento e dez cidades americanas, com milhares de feridos e dezenas de mortos. 13 de maio de 1968 é marcado pela chegada da marcha dos pobres em Washington”.

¹³⁹ Tradução livre: “os *enragés*, próximo dos situacionistas, transmite uma canção, La Grappignole, deliberadamente provocativa em relação à pessoa do reitor e de um certo número de professores”.

prédominant les étudiants. Mobilisation en province et grève générale Une seconde période s'ouvre avec le succès des manifestations du 13 mai (CAPDEVIELLE, REY, 2008, p. 38-39)¹⁴⁰.

Na capital francesa, 800 mil pessoas participaram de um desfile que finalizou com uma reunião em frente à Sorbonne. Aliados às greves nas indústrias de *Sud-Aviation* e depois de *Nantes* o movimento estudantil assumiu uma outra dimensão e os estudantes passaram a protestar por reconhecimento. A U.N.E.F. desempenhou uma atividade de negociações e o radicalismo situacionista definiu o tom das ocupações. Para tanto, foram criados LE COMITÉ *Enragés* – I.S. e, em seguida, LE COMITÉ *d'Occupation* (Le C.M.D.O.) com a finalidade de manter as ocupações como espaços auto gestados de delegações sobre as atividades dos movimentos estudantis e até mesmo da própria atividade da Universidade. Os sindicatos, depois de serem ultrapassados pelas forças espontâneas do movimento estudantil, opuseram-se às iniciativas autônomas e bloqueou a massa dos trabalhadores do estabelecimento de relações com os estudantes rebeldes e com os proletários combativos que apoiavam a revolta e ocupação da Sorbonne como protesto contra as condições da educação.

Sempre que os trabalhadores e empregados apoiaram o espírito contestatário do movimento, viram-se isolados nas empresas e forçados ao silêncio pelo poder sindical. A formação de comitês de ação nos bairros e em algumas empresas, de comitês operários-estudantes e de comitês de ligação interempresas correspondeu melhor a este estado de espírito e foi um primeiro passo para ultrapassar as formas clássicas, partidos e sindicatos. Estas tentativas de auto-organização chocaram com dois tipos de

¹⁴⁰ Tradução livre: “Em 20 de março, um estudante de Nanterre e cinco outros membros do Comitê Nacional do Vietnã foram presos após danos a um escritório da American Express em Paris. Em 22 de março, 142 estudantes ocuparam a sala do conselho da faculdade de Nanterre para protestar contra essas prisões. [...] Em 3 de maio, após uma reunião de apoio no pátio da Sorbonne, esta foi evacuada pela polícia; fecha no dia 5, quando uma dezena de estudantes é condenada. A partir do dia 6, diante de uma grande força policial, ocorreram confrontos violentos no Quartier Latin, com o slogan: “Libertem nossos camaradas”. [...] Em 9 de maio, os líderes da CGT e da CFDT iniciaram difíceis negociações na sede da UNEF em Paris com o objetivo de preparar uma resposta comum. [...]. Barricadas se erguem, sob o olhar de policiais imóveis até sua intervenção brutal, de madrugada. Em resposta, os organizadores da manifestação marcada para 14 de maio decidem antecipar para 13 de maio. [...] Georges Pompidou anuncia a reabertura da Sorbonne para 13 de maio, uma decisão oportuna, mas tardia diante da opinião pública traumatizada pela violência policial. No dia 13, a Sorbonne foi efetivamente reaberta e reocupada por um público onde predominava os estudantes. Mobilização nas províncias e greve geral Um segundo período começa com o sucesso das manifestações de 13 de maio”.

obstáculos. Era preciso superar os princípios dirigistas incrustados na sociedade francesa durante longos anos de práticas leninistas e estalinistas. Assim, os grupos de extrema-esquerda tinham tendência para identificar os trabalhadores com os aparelhos sindicais, e muitos militantes agiam abertamente nas organizações de base enquanto emissários de grupos que pretendiam dirigir a classe operária. Por outro lado, havia a experiência negativa que muitos trabalhadores tinham do funcionamento burocrático das organizações autoritárias, o que criava um receio conducente à rejeição de toda a organização, considerada «por natureza burocrática», ao fetichismo das assembleias e a uma paralisia espontaneista que acabava por dar lugar a manipulações por parte dos núcleos e activistas. A organização tomava a forma de uma assembleia geral quotidiana, onde se perdiam horas (REEVE, 2019, p. 219).

O regresso à normalidade se deu com o fim das manifestações e ocupações em junho de 1968. Nesse entretempo, a *I.S.*, junto com alguns membros da U.N.E.F. e os *Enragés*, de Nanterre, mantiveram suas atividades nas ocupações da Sorbonee. De lá, por meio destas assembleias gerais cotidianas deliberavam sobre as ações nas ocupações, manifestavam, dirigiam as atividades dos manifestantes e definiram as palavras de ordem do movimento (LE COMITÉ, 1968, 2006; Le C.M.D.O., 1968, 2006). A tendência dos situacionistas foi de generalizar o movimento de ocupação, inclusive das fábricas, e suscitar a formação de Conselhos Operários. Sobretudo, como tinham por definição de sua ação a contestação revolucionária, alertavam incessantemente contra as resoluções triunfalistas.

A sua influência é particularmente visível nas inscrições poéticas que cobrem as paredes de Paris. Embora utilizem uma retórica revolucionária amiúde muito tradicional, têm consciência de que a importância do acontecimento não está em fazer alguns dias de barricadas, mas no facto de ser o começo de uma época [...] o lugar dos situacionistas na história está ligado, em grande parte, à confirmação das suas teses proporcionada por esse evento (JAPPE, 2008, p. 121).

Durante as semanas de manifestações, deu-se a renúncia das autoridades e o sentimento de que tudo era possível. A transformações do mundo foi lampejada. Elas reluziram o desejo de milhões de pessoas que tinham o desejo de uma vida

diferente. O objetivo era fazer baixar sobre os próprios joelhos o estado moderno diante da vida livre. A I.S. desbravou e procurou nos meandros dessa possibilidade de superação dos poderes instituídos pelas forças do capital. A I.S. se fez lembrar como portadora dessa possibilidade de revolução e atuou para assim efetivar as estratégias traçadas para alcançar esse fim. “Eles próprios admitem que a I.S. entraria em crise e atribuem a responsabilidade a várias pessoas, sobretudo aos estudantes e intelectuais, que contemplam e aprovam abstractamente o radicalismo situacionista” (JAPPE, p. 2008, p. 124). Constataram o desaparecimento da pequena burguesia independente que foi substituída pelos quadros de técnicos, burocratas, empresários e gerentes. Eles são, para os contestadores,

[...] os principais criadores e consumidores do espectáculo, embora os médios e pequenos quadros estejam objectivamente - mas não subjectivamente - próximos do proletariado. O verdadeiro fracasso da I.S. está no facto de a divulgação da sua teoria se ter limitado, essencialmente, ao desprezado meio dos estudantes e intelectuais. Ocorrem inúmeras lutas operárias por volta de 1970, e por vezes é possível detectar nelas alguns fragmentos da teoria situacionista, mas não há proletariado que, enquanto classe, se oponha à totalidade da sociedade do espectáculo (JAPPE, 2008, p. 124).

O *spectacle* é um conceito histórico para Debord. Uma categoria com a qual se vislumbra a sociedade capitalista e a qualifica. Ele está fundamentado na teoria marxista. O *spectacle* consiste na proposição de uma síntese teórica, uma proposição sobre a possível alteração da sociedade. Essa síntese demonstrou como a singularidade da obra debordiana representa um momento particular do movimento histórico. Como intelectual, Debord foi um escritor de seu tempo histórico. Utilizou-se do cinema e da erudição para expressar suas convicções políticas. Utilizou-se também dos meios e das ações mais diretas, como as movimentações de rua, a panfletagem, a pichação, a imprensa e as performances das artes como um todo. Foi um estrategista da movimentação e das atividades subversiva dos movimentos de estudantes. Participou das movimentações e greves dos trabalhadores com estudantes e de movimentação estudantis com trabalhadores (DEBORD, 2006).

Debord, diferentemente de Adorno e Marcuse, que olharam para Alemanha, e de Benjamin, que se suicidou diante regime nazista, e, ainda, de Gramsci, que viu a ascensão do fascismo e foi encarcerado por ele, viveu sob o regime da democracia francesa em vias de sua abertura autoritária ao capitalismo americano. E nesse contexto, a escola poderia ainda não ser uma empresa, mas a educação, por sua vez, estava em trânsito de empresariamento. Ou melhor, a modalidade empresarial do ensino privado se tornou uma propriedade juridicamente estabelecida dentro do estado. A escola, com seus objetos de ensino, deixou de ser sinônima de educação para se tornar expressão institucional e política da jurisprudência estatal sobre a educação. A escola e a universidade se tornaram política no plano jurídico da mercadoria. Tornaram-se, por isso, pessoa jurídica legitimada por sua harmonia com a terceira forma de relação social, aquela realizada entre sujeitos jurídicos e de direitos, garantidora da reprodutibilidade do capital. O ataque ao ensino público se tornou uma pauta deliberada como um movimento estratégico do neoliberalismo no interior da hegemonia estadunidense (LAVAL, 2019). Ao mesmo tempo, foi uma forma de protesto contra as determinações do neoliberalismo sobre a educação e o ensino público. Conforme estas determinações, a concepção da infância emergiu da correlação dela com a natureza humana e com seu desenvolvimento biológico, assumido pelas teorias pedagógicas dominantes, organizadoras das práticas educativas e da cultura. O profissional professor se tornou um refinado produto do capitalismo contratual, aquele do estado regulando a relação social como representação jurídica da mercadoria. Tratando-se da educação, como a parte central da construção da representação da liberdade humana que, na sociedade capitalista, foi concomitante ao desenvolvimento da representação do proletariado pela burguesia e por seus dirigentes estatais, as críticas aqui evidenciam a privatização do público, as pautas neoliberais pela promoção da gestão privada e centralizada dos serviços públicos.

A representação sistemática e arbitrariamente construída do proletariado como classe de assalariados diz respeito ao circuito ideológico empresarial, constituído pela educação e pela pedagogia. Educar a classe trabalhadora foi, em um primeiro momento, ensinar-lhe o ser e como se comportar para o ter, logo depois, consumir, e, por último, aparecer, auto educar-se à crédito. Não uma pseudoformação, mas uma formação da aparência humana. A mediação do

spectacle consiste na mediação da relação social por imagens, por representações. O proletariado como representação é jurídico, como sujeito é histórico. Por isso mesmo, revolucionário. Daí jurisprudência das greves, o direito burguês das greves, sancionado, inclusive, pelo PCF. Não é uma questão de valores. Mas de troca de valores. Educação na *société du spectacle* é a educação do *spectacle*. Tal pertencimento não se deve ao poder exercido pelas mídias ou publicidade, farmácia, alimentação ou guerra, mas pela gestão econômica separada da sociedade representada. A educação é uma herança do estado ao *spectacle*. Os donos do poder do *spectacle* se apropriaram dela como mercadoria, afinal o *spectacle* empresariou a mediação e as relações sociais. Nele, não se reconhecem a educação somente pela atividade educativa, seja em suas expressões restritas institucionais ou em objetos de ensino, que enseja. A mediação midiática e a crítica do falso negativo em educação são apenas aspectos mais evidentes da crítica à educação como processo pedagógico ideológico (CHARLOT, 2014). Mas na análise de Debord, por ser ela mesma uma prática social hegemonicamente dominada pela cultura do dinheiro (JAMESON, 2001) e do assalariado (AGLIETTA, 2019) consumista (ENZENSBERGER, 2003; JAPPE, 2005; MARTÍN-BARBERO, 2013), a educação se tornou, quando empresariada, vital ao *capital-spectacle*.

A organização das ocupações se fizeram visíveis quando a legalização da classe trabalhadora constituiu, também, uma superestrutura estruturante, uma economia da vida cotidiana. Ocupar para gerir, delegar, decidir e participar. Ocupar coletiva e organizadamente significou definir as ações imediatas. Nenhum grupo ocupou para roubar, ou usurpar. Ocupou para democratizar. Ocupou-se como caminho para jurisprudência (EDELMAN, 2016). Mas, ocupou, sobretudo, como protesto à desumanização promovida pela mercantilização da vida em sua totalidade (DEBORD, 2006).

04. A EDUCAÇÃO NO LIVRO: LA SOCIÉTÉ DU SPECTACLE

Esta parte tem por objetivo explicitar a educação conforme a crítica de Debord à chamada sociedade do espetáculo. Como ela esteve no centro do processo de uniformização da sociedade capitalista, em sua relação com o trabalho, com a cultura e com os meios de comunicação social, a crítica reflete a educação em meio a estes processos. Nesta sociedade capitalista, foi o sociometabolismo do Capital quem determinou as condições pelas quais as relações sociais foram reproduzidas. A partir delas, formas políticas se tornaram elementos da própria forma social capitalista. A uniformização destas formas políticas se concentrou em um *modus operandi* social e produtivo que, diante do iminente modelo produtivo socialista, expandiu-se por todas as economias burguesas dominantes. A partir do interior destas sociedades, intelectuais produziram análises e interpretações sobre os mais diversos fenômenos e contradições das produções e relações sociais hegemônicas. Tendo em vista, sobretudo, a superação do sociometabolismo capitalista de sociedade, definida pelo fetichismo da mercadoria, grupos e movimentos sociais se dispuseram enfrentar a realidade burguesa capitalista e a realidade socialista burocrática. Esse enfrentamento engajado com a práxis produtiva e reprodutiva das divergentes sociedades impeliu a produção de teorias coerentes com as condições da revolução do proletariado. Advindo desse compromisso social e político, boa parte destas teorias desenvolvidas por acadêmicos ou partidários retomaram a explicação sobre o “caráter misterioso da forma-mercadoria” (MARX, 2015, posição 1503), de Karl Marx, para o qual, tudo transforma em mercadoria. Para estes intelectuais, se o produto do trabalho se torna mercadoria, a questão diz respeito à educação e ao trabalho, como também, aos sentidos e à percepção. Perceber com os olhos e ver com a consciência se entrelaçam diante da representação da realidade do trabalho, da cultura e da educação. Afinal, a mercadoria, como um reflexo, reflete o próprio trabalho dos produtores. Reflete

[...] os caracteres sociais de seu próprio trabalho [dos produtores] como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2015, posição 1511).

Este mistério da forma-mercadoria transforma os produtos do trabalho em “mercadoria, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais” (MARX, 2015, 1511). A discussão de Marx, produzida como mote de saída da formulação teórica sobre o Capital, refletiu sobre a diferença entre a percepção da realidade da luz e da forma das coisas externas aos olhos e, também, sobre a representação do percebido como valor de troca, pela qual, os produtos do trabalho são tomados como mercadoria. Na análise de Marx, a mercadoria não tem natureza física, mas relação social determinada.

A impressão luminosa de uma coisa sobre o nervo óptico não se apresenta, pois, como um estímulo subjetivo do próprio nervo óptico, mas como forma objetiva de uma coisa que está fora do olho. No ato de ver, porém, a luz de uma coisa, de um objeto externo, é efetivamente lançada sobre outra coisa, o olho. Trata-se de uma relação física entre coisas físicas. Já a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [*dinglichen*] que dela resultam (MARX 2015, posição 1518).

A relação social determinada assume uma forma fantasmagórica, uma relação entre coisas. Os produtos da mão humana se apresentam como produtos do cérebro humano que parecem dotados de vida estabelecendo relações entre si e com seus produtores. Essa região do mundo religioso caracteriza, segundo Marx, o mundo das mercadorias e a esse respeito afirmou que o fetichismo “se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (MARX, 2015, posição 1518). Neste caráter fetichista, os produtos do trabalho são privados e se realizam independentemente uns dos outros. Isto quer dizer que o trabalho social total é constituído pelo conjunto de trabalhos privados. Os produtores estabelecem

somente contato social mediante a troca de produtos de trabalho, ou ainda, como esclareceu o próprio Marx, “os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre os produtores” (MARX, 2015, posição 1518).

Como dito, a mercadoria reflete tanto os caracteres sociais do trabalho como a relação social dos produtores com o trabalho, como uma relação social entre “objetos, existente à margem dos produtores” (MARX, 2015, posição 1511). A partir disso, a alienação humana foi tomada em análises como uma condição da sociedade do Capital e alastrou-se como elemento formador do próprio metabolismo social. Nesse sentido, a educação se viu diante as determinações entre uma natureza e uma condição humana. Novas pedagogias e ciências foram desenvolvidas tendo sempre como horizonte os processos de desenvolvimento e internalização da realidade social como tal. Seja com vistas a superação desse modelo social ou visando a sua efetivação, a Educação se constituiu em um campo de disputas estratégicas que visavam a possibilidade de organização da cultura e da sociedade. Esteve sempre alocada em relação ao mundo do trabalho e do aprimoramento dos processos sociais metabólicos do Capital.

A concepção crítica de Guy Debord, conforme explicitada a partir do livro ***La Société du Spectacle***, evidencia sua formulação sobre a educação presente nas entrelinhas do texto. A abordagem desse material pressupõe uma exposição sobre seu livro como tal. Por isso, partindo do que foi exposto, o objetivo desta parte consiste na abordagem da Educação no livro. Neste tópico está explicitada em que consiste a educação como um processo de mediação promovido pelo *spectacle* e como o próprio espetáculo de *espectacles*, conforme concebido por Guy Debord. A partir dela, são demonstradas como a singular concepção do autor francês, refletida e representada em um momento particular da história, na França, remete-nos a um fenômeno de valor universal para a compreensão da história da educação. A saber, a análise do processo de transmutação da educação como atividade formativa, humanística e desinteressada à educação como uma atividade perpendicular e relação social própria da *société spectaculaire-marchande*.

O processo de espetacularização da educação consistiu em um processo de raptos dos sentidos e significados humanos pela lógica expansionista da sociedade capitalista. Visamos demonstrar como a educação, enquanto mercadoria, tornou-se uma atividade da estética do fetichismo da mercadoria, segundo o que Debord explicitou, como a falsificação da realidade e realidade da desumanização (DEBORD, 2006). Nesta seção da tese serão abordadas algumas das formulações conceituais do autor sintetizadas em seu livro. Tal abordagem consiste na exposição dos detalhes sobre a formulação conceitual do próprio livro pressupondo seu contexto e divulgação no seio das manifestações de estudantes no final da década de 1960, na França.

A Educação, no livro, está contida na concepção do autor vinculada ao processo de desumanização produzido pela mercantilização da vida social. A análise debordiana da sociedade capitalista está sintetizada neste livro de maior repercussão entre os movimentos sociais de sua época, sobre o qual elaborou e deu continuidade às suas análises expressas em suas traduções fílmicas (o homônimo, *La Société du Spectacle*, 1973 / *Réfutation de tous les jugements, tant élogieux qu'hostiles, qui ont été jusqu'ici portés sur le film 'La société du spectacle'* (1975) / *In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni*, 1978), prefácios às traduções e edições do texto (*Préface à la Quatrième Édition Italienne de La Société du Spectacle*, 1979 / *Avertissement pour la Troisième Édition Française*, 1992), ampliações de análises (« *La Planète Malade* » (1971) / *Abat-faim*, 1985), como foi o caso do *Commentaires sur la Société du Spectacle* (1988), no qual, afirmou a relevância, a pertinência e a importância teórica do conceito *spectacle* para a explicitação da sociedade capitalista, a partir de meados do século XX.

Analisar a educação entendida como um fenômeno do *spectacle*, quer dizer, analisar a educação na *société du spectacle*. As partes do texto que se seguem, abordam, por isto, aspectos que se complementam e que retomam discussões até então formuladas nas partes anteriores. Entretanto, não perdem de vista o alcance e o objetivo principal de demonstrar o que significa dizermos que educação e desumanização são concepções que se complementam. Conforme a análise da sociedade produzida pelo autor francês, o *spectacle* é o resultado da reformulação do estado pela contrarrevolução burguesa e, como tal, a educação

está nele compreendida como forma-mercadoria. Como marxista, Debord partilhou das concepções sobre a educação como um conjunto de ações e medidas de oposição à barbárie. Sobretudo, ao refletir sobre a educação na *société du spectacle*, etendeu a educação como parte dos processos de desumanização. A contradição entre educação e desumanização, nesse sentido, foi suplantada pela proposição de um alinhamento da educação com a própria construção estética do fetichismo da mercadoria. Entre a educação ou a bárbarie, nesse caso, acontece a mediação do *spectacle*. A educação corresponde à formação desumana¹⁴¹. Para tanto, não se perde de vista a seguinte correspondência do espetáculo:

Le spectacle dans la société correspond à une fabrication concrète de l'aliénation. L'expansion économique est principalement l'expansion de cette production industrielle précise. Ce qui croît avec l'économie se mouvant pour elle-même ne peut être que l'aliénation qui était justement dans son noyau originel (DEBORD, 1967, 32)¹⁴².

A disputa pelo domínio da “*science dominante*” como “*science de la domination*” (DEBORD, 1971, p. 28) e do aparelho reprodutor da sociedade, separado dela, consiste na disputa pela ocupação da *vie sociale*¹⁴³. Nesse sentido,

¹⁴¹ Uma das reivindicações e diretivas das ocupações das Universidades francesas pedia pelo *Fin de l'Université*. Um ataque frontal à instituição denunciada como a responsável pela reprodutibilidade da miséria social, seja pela transformação de estudantes em coisas/mercadorias/tecnológicas ou em assalariados, seja por ser operacionalizada hierarquicamente. Sobretudo, o fim que se quer é o da universidade especializada para o mercado. Debord replicou, e, ao fazer-lô, radicalizou a crítica de estudantes-trabalhadores / trabalhadores-estudantes e de estudantes-empresários / empresários-estudantes. Ao mesmo tempo que se afirmava o fim pela gestão empresarial da instituição, afirma-se a contestação revolucionária pela realização democrática da Universidade. Embora a educação na presente análise tenha sido restringida à *société du spectacle*, na mediação e nas relações sociais do *spectacle*, para Debord, a educação é contraditória e, ao afirmar-se, nega-se, como representação e como superação. Como a análise diz respeito ao livro, não foi abordada a educação como o lugar de superação do *spectacle* ou do caráter educativo da ação revolucionária da *I.S.*.

¹⁴² Tradução livre: “O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta de alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão dessa produção industrial precisa. O que cresce com a economia se movendo por si só pode ser a alienação que estava justamente em seu núcleo original”.

¹⁴³ Tradução livre: “ciência dominante”; “ciência da dominação”; “vida social”. No aforisma 41, Debord afirmou: “*La domination de la marchandise s'est d'abord exercée d'une manière occulte sur l'économie, qui elle-même, en tant que base matérielle de la vie sociale, restait inaperçue et incomprise, comme le familier qui n'est pas pour autant connu. Dans une société où la marchandise concrète reste rare ou minoritaire, c'est la domination apparente de l'argent qui se présente comme l'émissaire muni des pleins pouvoirs qui parle au nom d'une puissance inconnue. Avec la révolution industrielle, la division manufacturière du travail et la production massive pour le marché mondial, la*

a disputa se deu no centro das ocupações da vida social pelas mediações primeira e segundas (MÉSZÁROS, 2011). A fabricação concreta da alienação é, nesse sentido, uma fabricação do próprio *spectacle*, mas produção do espetáculo para não ser visto e para não ser percebido, embora, apresente-se como a vida que se tornou visível. O início da investigação tem sua definição em um nódulo conceitual ainda não desfeito, em um paradoxo estético de uma *illusion effectivement réelle* (DEBORD, 1971, p. 32)¹⁴⁴. A dominação da vida que se tornou visível não se permite visível, está oculta. Desde Marx, a tomada da mercadoria como ponto de partida da investigação havia produzido várias consequências negativas, quando dialéticas. A teoria do *spectacle* se apresentou como uma, dentre outras teorias, que estabeleceu para si o mesmo ponto de partida a fim de esclarecer, a partir da mercadoria, “*notre vieille ennemie*” (DEBORD, 1971, p. 25), as condições cotidianas da revolução e da dominação¹⁴⁵. E o faz, sobretudo, a partir de uma estética contestatória estendida como uma proposição ética refletida sobre o reconhecimento, o exercício da percepção e a prática educativa. Debord, a partir da crítica, construída como estratégica e estética, à teoria fundamentada pela prática da ciência hermenêutica, difundida ou concentrada, afirmou o *spectacle* como uma “negação visível da vida” e a sua crítica como a “negação da vida que se tornou vivível”.

Le concept de spectacle unifie et explique une grande diversité de phénomènes apparents. Leurs diversités et contrastes sont les apparences de cette apparence organisée socialement, qui doit être elle-même reconnue dans sa vérité générale. Considéré selon ses propres termes, le spectacle est l'affirmation de l'apparence et l'affirmation de toute vie humaine, c'est-à-dire sociale, comme simple apparence. Mais la critique qui atteint la vérité du spectacle

marchandise apparaît effectivement, comme une puissance qui vient réellement occuper la vie sociale. C'est alors que se constitue l'économie politique, comme science dominante et comme science de la domination” (DEBORD, 1971, p. 28). Tradução livre: “A dominação da mercadoria exerceu-se primeiro de forma oculta sobre a economia, que ela mesma, como base material da vida social, permaneceu despercebida e incompreendida, como o familiar que, entretanto, não é conhecido. Numa sociedade em que a mercadoria concreta permanece rara ou minoritária, é a aparente dominação do dinheiro que se apresenta como o emissário dotado de plenos poderes que fala em nome de um poder desconhecido. Com a revolução industrial, a divisão manufatureira do trabalho e a produção massiva para o mercado mundial, a mercadoria aparece de fato como uma potência que realmente passa a **ocupar** a vida social. Foi então que se constituiu a economia política, como ciência dominante e como ciência da dominação”.

¹⁴⁴ Tradução livre: “efetiva ilusão real”;

¹⁴⁵ Tradução livre: “nossa velha inimiga”

le découvre comme la négation visible de la vie ; comme une négation de la vie qui est devenue visible (DEBORD, 1971, p. 10. **Grifos do autor**)¹⁴⁶.

A dialética entre a afirmação da aparência e a negação visível da vida humana se apresenta como elemento que desvia (*detournement*), quase que divertidamente, tomando a palavra do *spectacle*, a mercadoria, como *spectacle* da palavra. Que vida é essa que *devenue visible*? Toda a vida não vista vivida. O espetáculo é o espetáculo da mercadoria e ao se afirmar como reconhecimento de si mesmo, que se tornou visível, nega-se como reconhecimento do que é vida vivida. Daí a tomada como ponto de reflexão a investigação da mercadoria a partir de uma proposição teórica estética de que o *spectacle* representa toda a vida humana e, ao afirmar-se como representação, desumaniza a vida vivida.

Como proposição revolucionária, a teoria do *spectacle* se inicia como *detournement* do texto de Karl Marx¹⁴⁷. No *Capital*, este autor afirmou: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma “enorme coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria (MARX, 2015, posição 815). Guy Debord, por sua vez, no primeiro texto do livro de 1967, no capítulo intitulado *La Séparation Achevée* (A Separação Consumada), afirmou que toda a vida se anuncia como acumulação de *spectacles*. Já não como riqueza das sociedades onde reinam o modo de produção capitalista, mas como anúncio das sociedades onde reinam as modernas condições de produção. Um modo e uma condição de produção se diferenciam e, para o autor, o vivido, que se tornou representação, está subscrito pelas condições de produção do *spectacle*. O

¹⁴⁶ Tradução livre: “O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência socialmente organizada, que deve ela mesma ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado em seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a **afirmação** de toda a vida humana, ou seja, social, como mera aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo a descobre como a **negação** visível da vida; como uma negação da vida que **se tornou visível**”.

¹⁴⁷ Conforme Aquino, “o *détournement* junta uma concepção histórica do passado com base na crítica do presente a uma concepção histórica da própria linguagem, já que no contexto em que é apresentado em *A sociedade do espetáculo* este método busca justamente explicar e justificar a “linguagem”, o “estilo” e o “modo de exposição” do livro. Precisamente neste sentido, o *détournement* aparece em Debord como uma concepção dialética por excelência” (AQUINO, 2006, p. 174).

ponto de partida é o mesmo, a mercadoria. A condição do acúmulo do espetáculo é o modo de produção capitalista que se reproduz em mercadoria e representação de toda a vida. Produzindo vida representada, estas condições modernas de produção acumulam *spectacles*, não mais riquezas, estas já estão acumuladas. Nas palavras do autor, a partir das diretivas dos protestos estudantis, "*Toute la vie des sociétés dans lesquelles règnent les conditions modernes de production s'annonce comme une immense accumulation de **spectacles**. Tout ce qui était directement vécu s'est éloigné dans une représentation*" (DEBORD, 1971, p. 09).

A partir de riquezas acumuladas, a acumulação de espetáculos produz espetáculos de formas distintas. Duas foram definidas em meio as formulações teóricas incipientes ao livro ***La Société du Spectacle***, como atestou no texto ***Adress aux Révolutionnaires d'Algérie et de Tous les Pays*** (I.S., 1965). Uma terceira forma foi apresentada, por Debord, alguns anos mais tarde, em seu ***Commentaires sur la Société du Spectacle***, publicado, em 1988, em homenagem ao seu amigo, produtor de cinema e editor assassinado, Gérard Lebovici (1932-1984). Abordaremos aspectos deste texto no próximo tópico sobre a Educação como mediação do e no *spectacle*. Sobretudo, por agora, é importante destacar que são três as formas históricas da produção de *spectacles*. Além do reconhecimento de si mesma como verdade geral, a organização social da *apparence* afirma toda a vida humana como *apparence*. Esta aparência de vida humana está assentada sobre acumulação de riquezas. O *spectacle* é, ao mesmo tempo, a sociedade mesma, uma parte dela e um "*secteur qui concentre tout regard et toute conscience*" (DEBORD, 1971, p. 10). Assim o é sob as condições de suas três formas de domínio: difuso, concentrado e integrado.

*C'est l'unité de la misère qui se cache sous les oppositions spectaculaires. Si des formes diverses de la même aliénation se combattent sous les masque du choix total, c'est parce qu'elles sont toutes édifiées sur les contradictions réelles refoulées. Selon les nécessités du stade particulier de la misère qu'il dément et maintient, le spectacle existe sous une forme **concentrée** ou sous une forme **diffuse**. Dans les deux cas, il n'est qu'une image*

d'unification heureuse environée de désolation et d'épouvante, au centre tranquille du malheur (DEBORD, 1971, p. 44-45)¹⁴⁸.

O *spectacle intégré*, por sua vez, foi definido como a combinação das duas formas sucessivas precedentes do poder espetacular. Ambas pairavam, conforme Debord, sobre a sociedade real “*comme son but et son mensonge*” (DEBORD, 2006 (1988), p. 1597)¹⁴⁹. A primeira forma destaca a ideologia concentrada em torno de uma personalidade ditatorial que acompanhou a contrarrevolução, quer seja ela de expressão nazista ou stalinista. A segunda forma, instigou os assalariados à escolha livre de mercadorias novas que se encontravam em enfretamento e caracterizou a americanização do mundo. Em sua forma difusa é assustadora e, ao mesmo tempo, seduziu os países onde as condições das democracias burguesas tradicionais puderam se manter.

*Une troisième forme s'est constituée depuis, par la combinaison raisonnée des deux précédentes, et sur la base générale d'une victoire de celle qui s'était montrée la plus forte, la forme diffuse. Il s'agit du **spectaculaire intégré**, qui désormais tend à s'imposer mondialement (DEBORD, 2006 (1988), p. 1597)¹⁵⁰.*

Em ambas as formas do *spectacle*, a exigência do reconhecimento da vida como aparência consiste na captura da consciência, em um raptos dos sentidos, que em um primeiro *coup d'œil* (golpe do olho) transforma toda aparência em algo simples e trivial, mas, omite e esconde toda as artimanhas metafísicas da mercadoria. A atividade do espetáculo compreende tudo que existe na vida humana “*en tant que choses qui sont devenues la valeur exclusive par leur formulation en*

¹⁴⁸ Tradução livre: “É a **unidade da miséria** que se esconde sob as oposições espetaculares. Se várias formas de uma mesma alienação lutam entre si sob a máscara da escolha total, é porque são todas construídas sobre contradições reais reprimidas. De acordo com as necessidades do estágio particular de miséria que nega e mantém, o espetáculo existe de forma **concentrada** ou de forma **difusa**. Em ambos os casos, ele é apenas uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor, no centro tranquilo do infortúnio”.

¹⁴⁹ Tradução livre: “como seu propósito e sua mentira”.

¹⁵⁰ Tradução livre: “Uma terceira forma se constituiu desde então, pela combinação racional das duas precedentes, e na base geral de uma vitória daquela que se mostrou a mais forte, a forma difusa. Este é o **espetacular integrado**, que agora tende a se impor mundialmente”.

négatif de la valeur vécue" (DEBORD, 1971, p. 25)¹⁵¹. Aí está o aspecto fundamental do *spectacle*, uma formulação pelo avesso do valor vivido, a transformação de toda a vida humana em aparência de vida e de toda a aparência em mercadoria. Assim como Marx insistiu na então definição de riquezas como acumulação de mercadorias, Debord insistiu na definição da vida como uma enorme acumulação de espetáculos. Marx iniciou o capital se referindo à riqueza, no *détournement*, Debord afirmou que a produção reinante não produz riqueza, mas uma forma de vida na qual a representação substituiu toda a vida vivida¹⁵². Sobretudo, a afirmou como determinação do próprio capital: "*Le spectacle est le capital à un tel degré d'accumulation qu'il devient image*" (DEBORD, 1971, p. 22)¹⁵³.

Não que o elemento presente como aspecto determinante da teoria debordiana não esteja presente nas formulações teóricas dos diversos marxismos de sua época e lugares diferentes. Em grande parte delas estão presentes a reflexão sobre a educação e do fetichismo da mercadoria como elementos superestruturais determinantes da cultura, da arte, da vida social e das formas de vida. Isto porque, a reprodução sociometabólica do capital tem, na mediação promovida pelos processos de interiorização da consciência em sua forma histórica determinada pela alienação como, antes de tudo, um elemento estratégico e histórico. Sobretudo, a Educação e a desumanização estão presentes naquilo que Debord construiu como proposição de uma crítica revolucionária, como uma crítica estética e, por isso mesmo, afirmou-se como uma teoria capaz de definir o tempo

¹⁵¹ Tradução livre: "como coisas que se tornaram valor exclusivo por sua **formulação negativa** do valor vivido".

¹⁵² Agamben dedicou boa parte do início de sua síntese filosófica no livro **O Uso dos Corpos** (AGAMBEM, 2017) para o desenvolvimento de uma reflexão sobre o que é essa vida a que se refere Debord. Parte de uma definição mais corrente até atingir, o que, segundo o filósofo italiano, podemos identificar, contraditoriamente, como vida clandestina a qual Debord perseguiu. Para tanto, recorre a uma problemática levantada por Ivan Illich, que segundo Agambem, "observou que a noção corrente de vida (não "uma vida, mas a vida" em geral) é percebida como fato científico que não tem mais relação nenhuma com a experiência de cada ser vivo. Ela é algo anônimo e genérico, que pode designar um espermatozoide, uma pessoa, uma abelha, uma célula, um urso ou um embrião. Desse "fato científico", tão genérico que a ciência renunciou a defini-lo, a Igreja fez o seu último receptáculo do sagrado, e a bioética o transformou no termo-chave de seu impotente conjunto de tolices. Em todo caso, "vida" tem a ver hoje mais com a sobretencia do que com a vitalidade ou com a forma de vida do indivíduo. Na medida em que nela se insinuou dessa maneira um resíduo sacral, a clandestina que Guy perseguia tornou-se ainda mais incompreensível. A tentativa situacionista de devolver a vida à política se choca com uma dificuldade a mais, mas não por isso menos urgente" (AGAMBEM, 2017, p. 16).

¹⁵³ Tradução livre: "O espetáculo é capital em tal grau de acumulação que se torna imagem".

histórico das movimentações de contestações do proletariado, sejam estudantes ou classes de um novo proletariado que trabalha e estuda, estuda e trabalha e trabalha para estudar ou trabalha para estudar. A questão é que estudavam para ocupar um espaço entre os espaços da cidade reservado ao lazer do assalariado em permanente processo educativo em meio às disputas das alienações disponíveis. Afirmou-se como um esteta subversivo, autor de uma teoria da qual não abriu mão de uma palavra sequer, como atestou no texto ***Avertissement pour la Troisième Édition Française***, no ano de 1992¹⁵⁴. Para ele, uma tal teoria crítica não pode mudar enquanto permanecem, ainda, as condições gerais da reprodução da sociedade capitalista.

Une telle théorie critique n'a pas à être changée ; aussi long temps que n'auront pas été détruites les conditions générales de la longue période de l'histoire que cette théorie aura été la première à définir avec exactitude. La continuation du développement de la période n'a fait que vérifier et illustrer la théorie du spectacle dont l'exposé, ici réitéré, peut également être considéré comme historique dans une acception moins élevée : il témoigne de ce qu'a été la position la plus extrême au moment des querelles de 1968, et donc de ce qu'il était déjà possible de savoir en 1968. Les pires dupes de cette époque ont pu apprendre depuis, par les déconvenues de toute leur existence, ce que signifiaient la « négation de la vie que est devenue visible » ; la « perte de la qualité » liée à la forme-marchandise, et la « prolétarisation du monde » (DEBORD, 2006(1992), p. 1792)¹⁵⁵.

A educação e desumanização são condições próprias do desenvolvimento da chamada sociedade do espetáculo, conforme a crítica de Debord. Por isso, a concepção do livro e sua apresentação formal; a forma como elabora o conceito de *spectacle* e concebe seu exercício como mediação social na qual está contida a atividade educativa; a mercadoria educação na efetivação do rapto dos sentidos e da consciência; e a sua qualificação da educação como atividade estética do uso

¹⁵⁴ Segundo as palavras de Debord : *La Société du Spectacle a été publiée pour la première fois en novembre 1967 à Paris, chez Buchet-Chastel. Les troubles de 1968 l'ont fait connaître. Le livre, auquel je n'ai jamais changé un seul mot, a été réédité dès 1971 aux Éditions Champ Livre, qui ont pris le nom de Gérard Lebovici en 1984, après l'assassinat de l'éditeur. La série des réimpressions y a été poursuivie régulièrement, jusqu'en 1991. La présente édition, elle aussi, est restée rigoureusement identique à celle de 1967. La même règle commandera d'ailleurs, tout naturellement, la réédition de l'ensemble de mes livres chez Gallimard. Je ne suis pas quelqu'un qui se corrige* (DEBORD, 2006(1992), p. 1792).

¹⁵⁵

da palavra como tecnologia comunicativa, própria do fetichismo da mercadoria; são apresentados como elementos do *detournement* estético debordiano e constituem os conteúdos das partes do texto que se seguem sucessivamente. Partimos de uma exposição geral sobre o livro em direção à análise específica da Educação no livro, quer dizer, da Educação na crítica de Debord à chamada *société du spectacle*. Se nela o *spectacle* corresponde à transformação do próprio capital em imagem e à fabricação concreta da alienação e concentração do olhar, vejamos, a partir das discussões do autor e de sua obra, as condições e os aspectos dessa ação estético-educativa. Entendidos como a condição da alienação e desumanização, presentes na sociedade que construiu, historicamente, são, os espetáculos, para não serem percebidos por espectadores em expectativa passiva. A Educação, na *société-spectaculaire marchande*, corresponde ao processo de interiorização e sensibilização do fazer ver e sentir o sabor como representação em imagem viva.

4.1 O LIVRO **LA SOCIETE DU SPECTACLE**, 1967

Encontramos, na nota informativa comunicada ao assessor de imprensa da Éditions Buchet-Chastel, quando foi publicada a primeira edição do livro *La Société du Spectacle*, em 14 de novembro de 1967, uma breve descrição sobre o livro, até então, inédito. O livro foi apresentado como uma apropriação metodológica do pensamento moderno. Tal apropriação anunciada se afirmou, em relação ao que, até então, discutiu-se sobre os *Mass Media*, o urbanismo, a degradação da vida em contemplação da produção alienada e *l'échec* do movimento operário como que "*vers un but tout autre : la révolution*" (DEBORD, 2006, p. 873)¹⁵⁶. Foi este o primeiro livro teórico da I.S. e, segundo a nota editorial, as ideias nele presente ocupavam o centro "*des courants de contestations les plus avancés qui se forment*

¹⁵⁶ Tradução livre: "falha"; "para um objetivo completamente diferente: a revolução".

en Angleterre et en Amérique” (DEBORD, 2006, p. 873)¹⁵⁷. Aconteceu que os estudantes de Estrasburgo se reuniram em torno destas teses. O escândalo, que segundo diz a nota, o *Le Monde*, um dos mais importantes jornais de então, marcou época pela radicalidade das agitações promovidas por grupos que se identificavam com a margem esquerda do Senna.

A influência da *I.S.*, entre estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes, mostrou-se relevante quando Guy Debord publicou o livro e, quase que, concomitantemente, seu então amigo, Raoul Vaneigem, com quem compartilhou suas formulações iniciais, publicou, no mês de dezembro do mesmo ano, o livro *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*. Neste livro, o situacionista ofereceu uma definição prática do que chamou qualidade de vida, para a qual o princípio maior do movimento insurrecional consistia em uma diretiva: “A vida antes de todas as coisas!” (VANEIGEM, 2016(1967), p. 10). A recusa da mercadoria, diante de vitrines quebradas, de lojas, ao longo das ruas de Paris, em maio de 1968, segundo escreveu Vaneigem em seu prefácio à segunda edição francesa, diz respeito a evidência de que havia ali “uma chance de fundar sobre a vontade de viver, presente em cada um, uma sociedade que alcançaria pela primeira vez na história uma autêntica humanidade” (VANEIGEM, 2016(1967), p. 11)¹⁵⁸.

Adiantando um possível arranjo de suas teses, no percurso da formulação de sua teoria, Debord relatou a Vaneigem, em 1965, em carta, um plano da obra dividida em doze capítulos. Alertou sobre o teor crítico de sua obra e apresentou uma relação de títulos. A saber: 1 12. *Généralités sur le spectacle. Son omniprésence*. 2 12. *Fondements économiques du spectacle*. 3 12. *Histoire du mouvement ouvrier*. 4 12. *L'environnement d'objets, et son contrôle perfectionné (cas- limite : l'urbanisme)*. 5 12. *La représentation de l'homme dans la société du*

¹⁵⁷ Tradução livre: “das mais avançadas correntes de protesto que se formam na Inglaterra e na América”.

¹⁵⁸ Ambas publicações foram precedidas, evidentemente, pelo texto **O Homem Unidimensional**, publicado no de 1964, por Herbert Marcuse, que protestou pelo fim da individualidade na sociedade industrial avançada e que já havia sido bem acolhida entre estudantes (MARCUSE, 2015). “A teoria de Marcuse pressupõe a existência de um sujeito humano com liberdade, criatividade e autodeterminação que está em oposição a um mundo-objeto, percebido como substância, que contém possibilidades a serem realizadas e qualidades secundárias como valores, feições estéticas e aspirações que podem ser cultivadas para melhorar a vida humana” (KELLMER, 2015, p. 21). Estas pressuposições estão presentes na concepção de Debord e Vaneigem.

spectacle (le rôle, la vedette). 6 12. *Les relations du spectacle et du temps*. 7 12. *Les contradictions internes dans le « message spectaculaire »*. 8 12. *L'étude spectaculaire du spectacle (la sociologie critique moderne)*. 9 12. *Le dépassement de la culture*. 10 12. *La survie de la culture (= culture de la survie)*. 11 12. *Les conditions de la contestation dans la société du spectacle (ici l'expérience de l'I.S.)*. 12 12. *Limites de ce livre (de tout livre ?)*¹⁵⁹. "Bien sûr, la plupart de ces titres sont très provisoires" (DEBORD, 2003, posição 165), afirmou o autor na sequência¹⁶⁰.

Como provisória, esta divisão foi substituída por uma divisão reduzida em nove capítulos. Os títulos foram alterados e, rearranjados, assumiram sua forma final no ano da publicação. Os 221 aforismas-teses foram dispostos em três tríades, não explicitadas, de três partes. A saber: Primeira : *I. La séparation achevée / II. La marchandise comme spectacle / III. Unité et division dans l'apparence* ; Segunda : *IV. Le prolétariat comme sujet et comme représentation / V. Temps et histoire / VI. Le temps spectaculaire* ; Terceira : *VII. L'aménagement du territoire / VIII. La négation et la consommation dans la culture / IX. L'idéologie matérialisée* (DEBORD, 1971)¹⁶¹. A questão que aqui se apresenta diz respeito ao motivo desta organização. O arranjo final do livro parte de sua proposição por uma estética subversiva, visou a superação do próprio sistema espetacular, mas, antes de

¹⁵⁹ Tradução livre: "1 12. Generalidades sobre o espetáculo. Sua onipresença. 2 12. Fundamentos econômicos do espetáculo. 3 12. História do movimento operário. 4 12. O ambiente dos objetos e seu controle aperfeiçoado (caso limite: urbanismo). 5 12. A representação do homem na sociedade do espetáculo (o papel, a estrela). 6 12. As relações do espetáculo e do tempo. 7 12. Contradições internas na "mensagem espetacular". 8 12. O estudo espetacular do espetáculo (sociologia crítica moderna). 9 12. A superação da cultura. 10 12. A sobrevivência da cultura (= cultura da sobrevivência). 11 12. As condições de contestação na sociedade do espetáculo (aqui a experiência da I.S.). 12 12. Limitações deste livro (de qualquer livro?).

¹⁶⁰ Tradução livre: "É claro que a maioria desses títulos é muito provisória".

¹⁶¹ Sobre as tríades e suas correspondências com o pensamento hegeliano-marxista, consultar Toledo, 2015, especialmente a partir da página 207, na qual, apresenta um quadro comparativo entre o sistema hegeliano e seu desvio debordiano. Conforme o autor: "O vasto diálogo Hegel-Marx, mediado pelo desvio sistêmico, totaliza a dinâmica essencial do estilo de Debord. No entanto, embora Hegel seja a referência geral mais importante à construção da máquina de combate verbal, ao quadro sistêmico contra o qual Debord projeta o sentido da crítica como antisistema configurado na "dinâmica estrutural" do texto, sua contradição de base, Marx é o ponto fulcral, ou melhor, a pedra fundamental sobre a qual se edifica a dialética como desvio. Tanto que a proposição mais importante, na qual estão contidos os sentidos de todas as outras, a partir da qual se expande em uma tela complexa de interpelações o sentido das unidades federadas de tempo proposicionais, consiste, com já tivemos oportunidade de enfatizar, no desvio da primeira tese de **O Capital**" (TOLEDO, 2015, p. 199). Tradução livre: "Primeira: I. A separação concluída / II. Mercadoria como espetáculo / III. Unidade e divisão na aparência; Segunda: IV. O proletariado como sujeito e como representação / V. Tempo e história / VI. O tempo espetacular; Terceira: VII. Ordenamento do território / VIII. Negação e consumo na cultura / IX. A ideologia materializada".

qualquer direcionamento teórico, preconizou, já na escrita e disposição das partes do livro, na articulação do texto por meio do proceder estético, a construção da expressão textual etrelaçada com a experiência da vida. Nesse sentido, Toledo esclareceu que, diante do sistema de separações, combatê-lo em seus próprios termos e limites era o que restava à dialética herdeira de Hegel. Segundo a análise do filósofo brasileiro, Debord

[...] percebe que, com a mundialização do espetáculo, o sistema de separações se torna universal. Portanto, combatê-lo dentro de seus próprios limites é o que resta à dialética herdeira das promessas não cumpridas do sistema. Ele não mais espera, como Hegel, ascender à ideia do belo e da liberdade através de um processo teleológico pelo qual a razão se realizaria historicamente. Isso não se deu e talvez jamais se dê. A própria ideia estética tornou-se ideológica, prometendo um mundo unificado quando o que se unia, através dela mesma, eram as forças da separação que se perpetuavam. No entanto, a dialética debordiana nos mostrará, pelo *détournement* do sistema, que o projeto estético pode configurar-se em forma crítica, mediante a qual sua reversão pelo desvio põe a unidade como problema e tarefa a ser conquistada no interior do seu próprio movimento contra-ideológico (TOLEDO, 2015, p.190-191).

O proceder estético de Debord era comum para alguns filósofos. Marx, por exemplo, ao expor de maneira jocosa a **Filosofia da Miséria** de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), utilizou-se da própria ironia presente no título para demonstrar, a partir dele, a **Miséria da Filosofia** (MARX, 2017), o desmonte da totalidade pretenciosa do sistema explicativo do anarquista francês. Ao inverter os termos no título, subverteu seu sentido. “Um exemplo singelo do estilo a serviço da crítica da totalidade. O que Debord denomina estilo insurrecional. A dialética em movimento através do desvio que ele elevou à máxima potência na Sociedade do Espetáculo” (TOLEDO, 2015, p. 193). Livro que, em seu plano geral, dividiu-se em nove capítulos, para os quais, orientam-se um tema geral abordado. Os temas são delimitados por epígrafes, a partir das quais, foram tomadas as diretrizes críticas das teses desenvolvidas. Cada capítulo é composto por um número particular de teses-aforismas e possuem dinâmica interna própria. Essa dinâmica insurge a partir de *détournements* proposicionais “nos quais as alusões, as ilusões, as

substituições, as inversões subvertem o sentido original das teses reaproveitadas, provocando uma fluidez micrológica interna a forma e conteúdo das sentenças desviadas” (TOLEDO, 2015, p. 221). As sentenças compõem um todo articulado da obra com 221 parágrafos. Tal procedimento desviante, Toledo chamou de astúcia dialética. Preferimos chamar, aqui, de crítica estética por seu maior alcance histórico em relação ao contexto do livro¹⁶². Sobretudo, concordamos com o autor que na junção

[...] da arte com a filosofia realiza-se sob a forma do desvio no qual a arte como estratégia serve aos propósitos críticos do discurso filosóficos em sua busca de reatamento dos laços do pensamento com a vida, de superação do controle ideológico, de ultrapassagem do regime de opinião pública e, enfim, de revitalização da linguagem. A "astúcia da dialética" conforme a denominamos, possui amplo espectro estético-semântico político, realizando-se como um assalto universal e uma violação geral das regras canônicas do consenso coletivo e da escravidão voluntária às normas gerais da banalidade cotidiana (TOLEDO, 2015, p. 130).

Enfim, retomando a nota informativa da editora Buchet-Chastel, sobre a publicação do livro, encontramos a afirmação de que Debord, então diretor da revista *Internationale situationniste (I.S.)*, definiu as "*bases de la critique nouvelle qui partout commence à remettre en question la société moderne*" (DEBORD, 2006, p. 873)¹⁶³. O questionamento à sociedade moderna foi sintetizado em uma proposição teórica sobre a sociedade. A formulação teórica debordiana foi anunciada como uma contradição de todas as crenças de esquerda de então, e em suas palavras, em seu livro, a teoria "*révolutionnaire est maintenant ennemie de toute idéologie révolutionnaire, et elle sait qu'elle l'est*" (DEBORD, 1971, p. 98; **grifo do autor**)¹⁶⁴. Fez parte, já na própria formulação para a editora, a convicção de que uma teoria revolucionária, uma teoria da negação da vida que se tornou

¹⁶² Diferentemente da abordagem filosófica do *detournement*, como o fizeram Toledo (2015) e Aquino (2006), a presente abordagem histórica se predispõem com maior acuidade ao sentido diacrônico da obra.

¹⁶³ Tradução livre: "fundamentos da nova crítica que em todos os lugares está começando a questionar a sociedade moderna".

¹⁶⁴ Tradução livre: "revolucionária é agora uma inimiga de toda ideologia revolucionária, e ela sabe que é".

visível, deveria também portar seu manuscrito manifesto pela superação da sociedade capitalista, de modo que, este manuscrito se definisse, ele mesmo, em sua própria linguagem, uma linguagem *"de la contradiction, qui doit être dialectique dans sa forme comme il l'est dans son contenu. [...] Il n'est pas une négation du style, mais le style de la négation"* (DEBORD, 1971, p. 158)¹⁶⁵. Uma vez publicada, a teoria da I.S. foi recepcionada principalmente entre indivíduos engajados nos movimentos de protestos que culminaram nas ocupações do Maio de 1968, em França e fora dela. Inclusive, partimos destas observações para visualizarmos a relação direta que o texto teve com a educação, expressa, sobretudo, nas diretivas direcionadas às organizações e ocupações estudantis.

No ***Préface à la quatrième édition italienne de La Société du Spectacle***, de 1979, Debord informou que traduções do livro apareceram em vários países, inclusive entre editoras concorrentes de mesma língua. Em geral, as classificou como traduções ruins, *"à l'exception du Portugal"* (DEBORD, 2006 (1979), p.1460)¹⁶⁶. Não obstante, além da constatação sobre o alcance da recepção de seu livro, depois de quase uma década, destaca-se, nesta pequena avaliação que fez, sua observação de que o *"travail intellectuel salarié tend normalement à suivre la foi de la production industrielle de la décadence, où le profit de l'entrepreneur dépend de la rapidité d'exécution e da mauvaise qualité"* (DEBORD, 2006 (1979), p.1460)¹⁶⁷. Essa produção se liberou da aparência de algum tipo de repeito pelo *"goût du public"* (DEBORD, 2006 (1979), p.1461)¹⁶⁸, por meio da concentração financeira, que, equipada tecnologicamente, passou a deter o monopólio de mercado e promoveu forçadamente a submissão da produção a sua demanda, cuja consequência foi *"la perte du goût"* (DEBORD, 2006 (1979), p.1461) pela clientela¹⁶⁹. Isto ao se referir, para além das traduções de seu livro, aos livros clássicos. Segundo Debord, faltariam leitores aptos devido às condições de produção de livros, afinal, indivíduos que se empenham na descrição das forças

¹⁶⁵ Tradução livre: "de contradição, que deve ser dialética em sua forma como é em seu conteúdo. [...] Não é uma negação de estilo, mas o estilo de negação".

¹⁶⁶ Tradução livre: "à exceção de Portugal".

¹⁶⁷ Tradução livre: "o trabalho intelectual assalariado normalmente tende a seguir a fé da produção industrial da decadência, onde o lucro do empresário depende da rapidez de execução e da má qualidade".

¹⁶⁸ Tradução livre: "o gosto público".

¹⁶⁹ Tradução livre: "a perda do gosto".

históricas o fazem a partir de traduções corretas e rigorosas. Por outro lado, qualquer que seja a publicação autêntica de um livro de crítica social, terá em seu autor uma abstenção “*de venir à lá télévision, ou dans les autres colloques du même genre*” (DEBORD, 2006 (1979), p.1462)¹⁷⁰.

Ainda neste mesmo prefácio, o autor afirmou que a *I.S.* foi a única corrente que dipôs de um livro de teoria moderno. Os situacionistas propuseram uma teoria temível da revolta de maio. “*Je crois que le rapel de ces circonstances est le meilleur éclaircissement que l'on puisse apporter aux idées et au style de La Société du Spectacle*” (DEBORD, 2006 (1979), p. 1465 ; **grifo do autor**), afirmou Dedord¹⁷¹. Os quinze anos que passou refletindo e trabalhando, desde 1952, quando deu início ao que chamou de “*dépassement de l'art*” em direção à “*vraie vie*”, resultaram em um trabalho, reconhecido, dez anos depois de sua publicação, como uma meditação sobre “*la ruine de l'État*” (DEBORD, 2006 (1979), p. 1465)¹⁷². Em seu reencontro com seu texto para a edição italiana, reiterou a importância do contexto no qual surgiu e que certas satisfações materiais banais suficientes para obter a “*l'adhésion réitérée des masses de producteurs-consommateurs*” (DEBORD, 2006 (1979), p. 1472) deixaram de ser alcançadas como promessas de *heureuse*¹⁷³.

La société du spectacle avait partout commencé dans la contrainte, dans la tromperie, dans le sang; mais elle promettait une suite heureuse. Elle croyait être aimée. Maintenant, elle ne promet plus rien. Elle ne dit plus : « Ce qui apparaît est bon, ce qui est bon apparaît ». Elle dit simplement : « C'est ainsi » (DEBORD, 2006 (1979), p. 1472)¹⁷⁴.

Sabemos que as palavras de um autor sobre sua própria obra estão resguardadas por uma predisposição retórica. Obviamente, não se trata aqui

¹⁷⁰ Tradução livre: “ir até a televisão, ou em outras conferências do mesmo tipo”.

¹⁷¹ Tradução livre: “Acredito que lembrar essas circunstâncias é o melhor esclarecimento que pode ser trazido às ideias e ao estilo de *La Société du Spectacle*”.

¹⁷² Tradução livre: “superação de arte”; vida verdadeira”; “a ruína do Estado”.

¹⁷³ Tradução livre: “a adesão repetida das massas de produtores-consumidores”; “felicidade”.

¹⁷⁴ Tradução livre: “A sociedade do espetáculo havia começado por toda parte na coerção, no engano, no derramamento de sangue; mas prometia um resultado feliz. Ela achava que era amada. Agora ela não promete nada. Já não diz: “O que aparece é bom, o que é bom aparece”. Ela apenas diz: “É assim que é””.

exatamente de tomar as observações de Debord como veredictos sobre a sociedade e a sua própria teoria sobre ela. Mas sim, de verificar, nos trabalhos de anos mais tarde, esclarecimentos do próprio autor sobre o contexto de sua obra e sobre o que consistiu seu trabalho, quando publicou o livro, na ocasião das movimentações de protestos contra a sociedade capitalista, no fim dos anos de 1960. A explicação da ruína do Estado, para o qual o autor formulou a categoria do *spectacle*, consiste na explicação da diluição da própria sociedade em uma relação social mediada por imagens, sob o domínio dos “*experts du pouvoir, et tous leurs ordinateurs*”, que reúnem, em permanentes consultas pluridisciplinares, um meio de gerir “*la société malade*” (DEBORD, 2006 (1979), p. 1472)¹⁷⁵.

O livro ***La Société du Spectacle*** foi escrito entre a ascensão e queda do movimento histórico do proletário, marcada pela queda do Muro de Berlim, no ano de 1989. Entenda-se, esta designação ao movimento é uma forma resultante das manifestações históricas das forças sociais em disputa. O movimento do proletariado teve vários desdobramentos definidos, principalmente, pelas condições geopolíticas do alcance dos meios de produção. Desde os *enrangés*, no caso da França, as movimentações sociais, de protesto e reivindicação, ocupam as ruas das principais cidades francesas por vias da existência de um mundo público. Neste espaço público, que segundo Debord, o ocupantes acabaram perdendo o gosto, encontrava-se presente a representação do proletariado (DEBORD, 1971)¹⁷⁶. A máquina do Estado, de acordo com as pesquisas desenvolvidas pelo diretor de cinema francês, ruiu, e, foi o *spectacle*, uma ideologia por excelência e, ao mesmo tempo, a principal produção da sociedade, que assumiu a função de simplificação desta sociedade que representa, até mesmo, sua contestação. Não que o Estado assim o fizesse, mas sobre suas complexas ruínas estão edificadas as colunas de um teatro de operações contrarrevolucionárias. Tanto em direção à América do Norte quanto em direção ao Norte Asiático da URSS, o *spectacle* se constitui como a própria sociedade, enquanto “*rapport social entre des personnes, médiatisé par des images*” (DEBORD, 1971, p. 10)¹⁷⁷; como parte da sociedade,

¹⁷⁵ Tradução livre: “especialistas do poder e todos os seus computadores”; “a sociedade doente”.

¹⁷⁶ Lembramos que *Le prolétariat comme sujet et comme représentation* é o título do IV capítulo do livro *La Société du Spectacle*.

¹⁷⁷ Tradução livre: “relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

enquanto expressão maior das tecnologias, técnicas e métodos de reprodução social dos objetos da arte reproduzível em uma “*accumulation des marchandise produites en série pour l’espace abstrait du marché*” (DEBORD, 1971, p. 134)¹⁷⁸; e, por fim, como um setor que concentra o olhar e a consciência, enquanto efetivador das constituições e representações do vivido, uma história da cultura que se afirma como cultura da histórica assentada sobre sua própria autonomia.

La culture est la sphère générale de la connaissance, et des représentations du vécu, dans la société historique divisée en classes; ce qui revient à dire qu’elle est ce pouvoir de généralisation existant à part, comme division du travail intellectuel et travail intellectuel de la division (DEBORD, 1971, p. 134)¹⁷⁹.

Sobretudo, a independência da cultura em relação a vida daqueles que a produzem, tem, na separação, o motivo do enriquecimento e o declínio de sua autonomia. Para o autor que elogiou o roubo de seus livros em livrarias, a cultura como “*sphère séparée est obligée de se nier elle-même*” (DEBORD, 1971, p. 134)¹⁸⁰. As mediações, entendidas pelo pensamento da esquerda teórica incipiente, como estratégicas na disputa pelo poder político, cultural, religioso e educacional do exercício da hegemonia resultante do sociometabolismo do capital (ADORNO, 1985; BENJAMIN, 2013; GRAMSCI, 2004; LUKACS, 1960; MARCUSE, 2015; MÉSZÁROS, 2008; 2016), foram assumidas, conforme a teoria revolucionária situacionista, pelo próprio movimento do “não vivo”, constituído conforme as determinações da produção de imagens-mercadoria e da reprodução do Capital como *image*. A produção da riqueza e a riqueza da vida produzida como representação fazem parte da organização, gestão e domínio da sociedade, de sua cultura, de suas subjetividades e da promoção da criatividade pelos indivíduos pelas artimanhas metafísicas da mercadoria (DEBORD, 1971).

¹⁷⁸Tradução livre: “acumulação de mercadorias produzidas em massa para o espaço abstrato do mercado”.

¹⁷⁹ Tradução livre: “A cultura é a esfera geral de conhecimento e representações de vivido, na sociedade histórica dividida em classes; o que equivale a dizer que é esse poder de generalização que existe à parte, como a divisão do trabalho intelectual e o trabalho intelectual da divisão”.

¹⁸⁰ Tradução livre: “a esfera separada é obrigada a negar a si mesma”.

Foi justamente sobre a afirmação do fracasso do projeto da filosofia ocidental e da centralização ideológica do mundo burocrático que Debord firmou sua análise crítica sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista. Para ele, o *spectacle* é herdeiro do projeto filosófico ocidental dominado pela categoria do ver e pelo desenvolvimento da racionalidade técnica. O *spectacle* degradou a vida concreta em *spéculation* e, nesse sentido, tal projeto não realizou a filosofia, mas *"il philosophe la réalité. C'est la vie concrète de tous qui s'est dégradée en univers spéculatif"* (DEBORD, 1971, p. 15 ; **grifo do autor**)¹⁸¹. A propriedade ideológica em poder das burocracias totalitárias, por sua vez, conforme a interpretação do partido real de Luckàcs, feita por Debord, tinha, por fim, *"saisir le pouvoir dans l'Etat"* (DEBORD, 1971, p. 90)¹⁸². O movimento operário teve, diante de si, a burocracia stalinista e o facismo totalitário. Este último, consistiu na defesa extrema da economia burguesa e uma ressurreição do mito, enquanto que, a primeira, consistiu na burocracia manipulada conscientemente como ideologia do desenvolvimento econômico e na burocracia sem liberdade cultural ou política cuja *"existence comme classe dépend de son monopole idéologique"* (DEBORD, 1971, p. 86)¹⁸³. A ideologia totalitária proclama *"tout ce qu'elle dit est tout ce qui est"* (DEBORD, 1971, p. 82)¹⁸⁴. Diferentemente do capitalismo que desenvolveu economicamente o mundo como estado de abundância, o mundo materializado pelo poder concentrado transformou policialmente *"la perception"* (DEBORD, 1971, p. 82)¹⁸⁵. Embora uma característica desenvolvida localmente, este policiamento da percepção se tornou um aspecto essencial do *spectacle* (DEBORD, 1971). Aos trabalhadores restou, diante de uma sociedade que se divide entre fragmentação da abundância e a transformação policiada da percepção, a refutação desta sociedade.

Quand la réalisation toujours plus poussée de l'aliénation capitaliste à tous les niveaux, en rendant toujours plus difficile aux travailleurs de reconnaître et de nommer leur propre misère, le place dans

¹⁸¹ Tradução livre: "especulação"; "ele filosofa a realidade. É a vida concreta de tudo o que se degradou em um universo especulativo".

¹⁸² Tradução livre: "tomar o poder no estado".

¹⁸³ Tradução livre: "existência como classe depende de seu monopólio ideológico".

¹⁸⁴ Tradução livre: "tudo que ela diz é tudo que é".

¹⁸⁵ Tradução livre: "a percepção".

l'alternative de refuse la totalité de leur misère, ou rien, l'organisation révolutionnaire a dû apprendre qu'elle ne peut plus combattre l'aliénation sous des formes aliénées (DEBORD, 1971, p. 97 ; **grifos do autor**)¹⁸⁶.

Qualificada como *société spectaculaire-marchande* pelos vários grupos revolucionários, de meados do século, a sociedade foi chamada, por Debord, *la société du spectacle*. A partir de sua formulação, o conceito se tornou central para o entendimento das análises que, até então, havia feito, como também, daquelas que se seguiram, sejam elas e traduções filmicas ou não (DEBORD, 1971; 2006(1971); 2006(1979); 2006(1985); 2006(1988); 2006). A formulação do conceito se deu em meio ao movimento histórico, no qual, o movimento operário e os grupos de estudantes, artistas e intelectuais se ocuparam com as movimentações de contestação. Participaram ativamente da formação de uma *opposition ouvrière*, conforme Debord, à liberdade ditatorial do mercado, entre um capitalismo de Estado e um Estado capitalista, sobre os quais se assentaram, mais tarde, a modernização e unificação do espetáculo.

C'est cette volonté de modernisation et d'unification du spectacle, liée à tous les autres aspects de la simplification de la société, qui a conduit en 1989 la bureaucratie russe à se convertir soudain, comme un seul homme, à la présente idéologie de la démocratie : c'est-à-dire la liberté dictatoriale du Marché, tempérée par la reconnaissance des Drois de l'homme spectateur. Personne en Occident n'a épilogué un seul jour sur la signification et les conséquences d'un si extraordinaire événement médiatique. Le progrès de la technique spectaculaire se prouve en ceci. Il n'y a eu à enregistrer que l'apparence d'une sorte de secousse géologique. On date le phénomène, et on l'estime bien assez compris, en se contentant de répéter un très simples signal – la chute-du-Mur-de-Berlin –, aussi indiscutable que tous les autres signaux démocratiques (DEBORD, 2006(1992), p. 1793-1794)¹⁸⁷.

¹⁸⁶ Tradução livre: “Quando a percepção cada vez maior da alienação capitalista em todos os níveis, tornando cada vez mais difícil para os trabalhadores reconhecer e nomear sua própria miséria, os coloca na alternativa de recusar toda a sua miséria, ou nada, a organização revolucionária teve que aprender que não pode mais combater a alienação em formas alienadas”.

¹⁸⁷ Tradução livre: “É esse desejo de modernizar e unificar o espetáculo, ligado a todos os outros aspectos da simplificação da sociedade, que em 1989 levou a burocracia russa a se converter subitamente, como um único homem, à atual ideologia da democracia: ou seja, a liberdade ditatorial do Mercado, temperada pelo reconhecimento dos Direitos do homem espectador. Ninguém no Ocidente passou um único dia discutindo o significado e as consequências de um evento de mídia tão extraordinário. O espetacular progresso técnico é comprovado nisso. Havia apenas a aparência

Os sinais democráticos apontados nas *Avertissement pour la Troisième Édition Française*, de 1992, marcam o reconhecimento de um desdobramento histórico do qual o conceito de *spectacle* se tornou, para o autor, elemento determinante e definidor. O reconhecimento dos direitos de “*l’homme spectateur*” não encontrou, segundo ele, uma melhor formulação teórica revolucionária de sua contestação¹⁸⁸. Daí a sua expressão, à época da escrita do livro, com e como grupos de uma esquerda reconhecida por seu radicalismo (REEVE, 2019), mobilizada em torno de agitações sociais e ocupações de Universidades, fábricas, ruas e colégios como ação efetiva contra as imposições do poder orientado pelas determinações e mediações da reprodução sociometabólica do capital.

O livro *La Société du Spectacle*, pressupõem, devido a essa procura pela coerência da teoria com a prática revolucionária, aspectos da contestação, já enunciadas desde o ano de 1963, quando iniciou a escrita do livro. Para tanto, se utilizou de uma forma de expressão que oscila entre a composição artística e a espontaneidade do movimento social, “entre a mediação da forma e ação direta da vontade política” (TOLEDO, p. 145). A leitura dos aforismos do livro, por isso, não se faz sentido sem o horizonte do qual as movimentações sociais reconheciam como a realização da filosofia em forma de diretiva crítica. Conforme Debord, a neutralidade da palavra sobreposta ao papel não tem o mesmo alcance que as diretivas para ação replicadas em painéis e muros. O que Toledo esclareceu da seguinte maneira:

Há muito de estrategista no artista como há muita arte na estratégia: ambas convergindo para formas de realização da filosofia como superação poética no campo de batalha da ação política; de condensação das forças semânticas em uma estética da crise: absolutamente crítica, plenamente realizada como síntese que se anima de uma tensão não resolvida entre as potências ativas da razão dialética e os elementos reaproveitados como modos de configuração da composição pictórica vazada de linhas de força filosóficas. Uma arte da guerra, uma filosofia militar, se

de uma espécie de choque geológico para registrar. Datamos o fenômeno, e o consideramos bem compreendido, contentando-nos em repetir um sinal muito simples – a queda-do-muro de Berlim –, tão indiscutível quanto todos os outros sinais democráticos”.

¹⁸⁸ Tradução livre: “o homem espectador”.

entende a natureza da batalha como estrutura típica da zona de combate onde a tensão acirra o movimento das determinações, animando-as de experiência vital; integrando-as às potências concretas da sociedade da qual emergiram. Uma cidade condensada numa estética cujo componente retórico não pode ser desprezado, embora sua articulação como máquina de guerra seja mais reveladora de seu valor enquanto força de combate e crítica construída como jogo entre a figura e o fundo, entre o que se coloca como o *cantus firmus* da tradição ou mesmo os lugares comuns e os slogans da cultura popular e da práxis política. De qualquer forma, as diretivas apontam para a necessidade de se compreender o ponto de contato ou a conjunção entre a arte, a filosofia e a ação política (TOLEDO, 2015, p. 144-145).

Os comitês de ocupações estudantis foram os lugares onde o texto do livro encontrou, junto às manifestações, as sínteses de suas proposições. Se, já antes da publicação, no final de 1967, estas diretivas eram bastante conhecidas entre os manifestantes, durante as ocupações, no ano de 1968, sua utilização produziu uma identificação direta com a ação dos situacionistas, o que, certamente, produziu as condições significativas da recepção do livro, de sua teoria e de sua utilização como referência para as justificativas da necessidade de superação da sociedade do espetáculo, e, sobretudo, da educação promovida conforme suas determinações. Os comitês reivindicaram uma Universidade autônoma e popular. À 14 de maio, de 1968, LE COMITÉ *Enragés* – I.S divulgou *Textes de quelques-unes des Premières Affiches sur les Murs de la Sorbonne*. Segundo o Comitê, eram estes textos diretivas para as ocupações. Outros que foram publicados posteriormente, como ***De l'IS Paris aux membres de L'IS, aux camarades qui se sont déclarés en accord avec nos thèses; Vigilance !; Attention aux manipulateurs, Attention aux Bureaucrates !***, firmavam-se mais como ponderações sobre as assembléias e avaliações sobre as deliberações e decisões tomadas. Mas, o que destacamos aqui, é a forma que tomou o contexto direto da publicação do livro por Guy Debord.

A recepção de seu livro, deu-se, principalmente, entre aqueles que participavam ativamente das ocupações da Universidade francesa e, a partir daí, estendeu-se às movimentações dos operários. Se o livro expressa a concepção do autor sobre a educação, evidenciamos o contexto imediato de sua recepção por meio dos registros da obra debordiana na sequência da organização lógica e estilística do livro. A discussão sobre a concepção do *spectacle* como mediador da

formação social da estética do fetichismo da mercadoria está delineada a partir destas definições. Por agora, retomando algumas destas diretivas, encontramos nas orientações do Comitê: *Déchristianisons immédiatement la Sorbonne / Après Dieu, l'art est mort. Que ses curés ne la ramènent plus ! / CONTRE toute survie de l'art, CONTRE le règne de la séparation / DIALOGUE DIRECT / ACTION DIRECTE / AUTOGESTION DE LA VIE QUOTIDIENNE*¹⁸⁹. Em anexo, uma nota sobre o que precisava ser feito imediatamente pela ocupação, seguiu-se orientações para que fossem feitas inscrições em muros, paredes e onde mais fosse possível, inclusive nas faculdades e colégios. E, como aconteceu na Sorbonne, houve concentração nos seguintes slogans: *OCCUPATION DES USINES / LE POUVOIR AUX CONSEILS DE TRAVAILLEURS / ABOLITION DE LA SOCIÉTÉ DE CLASSES / À BAS LA SOCIÉTÉ SPECTACULAIRE MARCHANDE / ABOLITION DE L'ALIÉNATION / FIN DE L'UNIVERSITÉ / L'HUMANITÉ NE SERA HEUREUSE QUE LE JOUR OU LE DERNIER BUREAUCRATE AURA ETE PENDU AVEC LES TRIPES DU DERNIER CAPITALISTE* (LE COMITÉ *Enragés* – I.S., 2006, p. 881)¹⁹⁰.

De acordo com o Comitê, a classe trabalhadora, a partir das diretivas, conheceu seus inimigos e métodos próprios. A organização revolucionária aprendeu que não se pode mais combater a alienação a partir das formas alienadas. Os conselhos operários "*sont manifestement la seule solution, puisque toutes les autres formes de lutte révolutionnaire ont abouti au contraire de ce qu'elles voulaient*" (LE COMITÉ *d'Occupation* (Le C.M.D.O.), 2006, p. 902)¹⁹¹. Entre o enquadramento da palavra e a sua inclusão no espaço público como um componente filosófico da vida cotidiana, a diretiva encurta a distância entre a reflexão e a ação. A perspectiva teórico-prática, de orientação marxiana, para a superação da alienação pela abolição do trabalho alienado, tornou-se um convite à

¹⁸⁹ Tradução livre: "Vamos imediatamente descristianizar a Sorbonne / Depois de Deus, a arte está morta. Que seus padres nunca a tragam de volta! / CONTRA toda sobrevivência da arte, CONTRA o reino da separação / DIÁLOGO DIRETO / AÇÃO DIRETA / AUTO-GESTÃO DA VIDA COTIDIANA".

¹⁹⁰ Tradução livre: "OCUPAÇÃO DAS FÁBRICAS / PODER AOS CONSELHOS TRABALHADORES / ABOLIÇÃO DA SOCIEDADE DE CLASSES / ABAIXO A ESPETACULAR SOCIEDADE MERCANTIL / ABOLIÇÃO DA ALIENAÇÃO / FIM DA UNIVERSIDADE / HUMANIDADE SÓ SERÁ FELIZ NO DIA EM QUE O ÚLTIMO BUROCRATA FOR ENFORCADO COM AS TRIPAS DO ÚLTIMO CAPITALISTA".

¹⁹¹ Tradução livre: "são claramente a única solução, já que todas as outras formas de luta revolucionária terminaram o oposto do que eles queriam".

revolução do cotidiano, inscrita na parede em que normalmente se afixam propagandas da sociedade mercantil: NE TRAVAILLEZ JAMAIS / DÉPASSEMENT DE L'ART / REALISATION DE LA PHILOSOPHIE / ABOLITION DU TRAVAIL ALIENE / TOUS CONTRE LE SPECTACLE / NON À TOUS LES SPECIALISTES DU POUVOIR (LE COMITÉ *d'Occupation* (Le C.M.D.O.), 2006, p. 889)¹⁹².

Toledo (2015) esclareceu que as diretivas se referem a um modo de agir cuja preocupação estética ocupa um lugar de destaque e que os materiais produzidos nos anos de 1960 são experimentações do desvio – *detournement* situacionista – como diretivas para ação a partir da utilização dos espaços voltados para o fim da afirmação do espetáculo como espaços desviados e utilizados para o desvio. Nesse sentido, o livro de Debord está amparado pelo estilo construído a partir de uma poética da contestação. Chamamos esse elemento de crítica estética debordiana.

As "diretivas para a ação" se mostram, portanto, como construções acabadas em que a síntese poética coloca-se a serviço da crítica revolucionária na direção da superação da filosofia como discurso ideológico e da necessária construção da sociedade livre dos especialistas do poder: socialista e anti-tecnocrática (TOLEDO, 2015, p.151).

O livro *La Société du Spectacle* foi escrito como um livro sobre revolução, por isso mesmo, um livro sobre educação em pelo menos dois sentidos. Um primeiro, definiu a sociedade e afirmou orientações para sua superação. Em um segundo, para qual dedicamos maior atenção, definiu como o *spectacle* é, antes de tudo, uma forma de mediação e, no exercício da formação dos sentidos, produz e reproduz a alienação em uma circularidade na qual se afirma a si mesmo (DEBORD, 1971). A observação sobre as condições reais da revolução permeiam as análises sobre a consciência e sua construção/fabricação. Por um lado, um processo de natureza científica e filosófica estruturada sobre múltiplas determinações de produção. A produção e a revolução pressupõem a realização

¹⁹² Tradução livre: "NUNCA TRABALHE / SUPERAÇÃO DA ARTE / REALIZAÇÃO DA FILOSOFIA / ABOLIÇÃO DO TRABALHO ALIENADO / TODOS CONTRA O ESPETÁCULO / NÃO A TODOS OS ESPECIALISTAS DO PODER".

das condições e possibilidades de produção da sociedade anterior. Por outro, análises sobre a consciência construída, a *práxis* em uma realidade, para a qual, suas determinações, enquanto formas sociais de relações de produção. A revolução como processo de alteração histórica das relações sociais de produção e reprodução é, antes de tudo, uma alteração histórica de natureza educativa, como também, seu contrário contrarrevolucionário. Educativa no sentido da realização formal de uma atividade educativa do ser humano. Restou, ainda, em Debord, além das categorias de análises marxistas, o humanismo (LÖWY, 2002). Quer dizer, o elemento capaz de apreender a realidade em pleno movimento de sua própria realização contraditória.

A educação formal foi um dos meios de realização do capitalismo contratualista. A realização de um modelo de transição revolucinária deveria, então, produzir suas próprias condições de reprodução. Nesse sentido, o espetáculo é a contrarrevolução da sociedade. Daí a constante insistência de Debord sobre a pseudo negatividade (DEBORD, 1971). O espetáculo é pseudo no que se apresenta, mas mediação da realidade da vida representada. Aliás, no exercício da alienação. No momento espetacular da economia, lançavam-se as bases do desenvolvimento material do processo de alienação e desumanização do humano, sua transformação em coisa mercadoria, a realização do mistério histórico da separação do ser humano de si mesmo em representações de seres de representações monetárias. No espetáculo trocam-se seres humanos, trocam-se consciências e laçam-se ao mercado uma forma de ver o mundo (DEBORD, 2006).

La Société du Spectacle foi escrito, também, como um livro sobre contrarrevolução e educação em sentido restrito. Por isso mesmo, um livro sobre a realidade da determinação histórica da burguesia e da burocracia sobre a vida humana. A economia neoliberal, então em suas determinações iniciais, consistia no desenvolvimento da completa hegemonia dos Estados Unidos da América do Norte. Concebido historicamente, o trabalho assalariado foi parte de uma etapa do desenvolvimento do capitalismo. Foi produzido pelo período que compreende, ao mesmo tempo, a realidade contratual do dinheiro que pudesse pagar pela revolução como também do dinheiro para consumo coletivo dos bens coletivos. Nesse sentido, também pressupôs de uma educação que pudesse ser veiculada

como forma mercadoria, senão pelo Estado, pela sociedade Civil. Sobretudo, o mercado da educação dependia já antes das garantias da representação jurídica, e, esta, por sua vez, de garantias mesmas da própria existência da mercadoria. Educação, pública, gratuita e de qualidade são elementos qualificativos para um processo concebido no interior da sociedade capitalista de *paymente*. Quer dizer, na qualidade de lei, a educação reivindica para si qualidades de uma sociedade democrática. Esta forma política e jurídica se assenta, sobretudo, no processo de reprodução do Capital, sobre a troca de mercadorias, que, por sua vez, não se desenvolve, senão, por uma apreensão quantitativa da vida. Debord chamou este recurso estratégico dos especialistas do poder de quantificação dos aspectos qualitativos da vida em estatísticas (DEBORD, 1971). Não foi somente a formação do trabalhador assalariado e consumidor, foi, também, a formação, via crédito, do estudante trabalhador financiado pelas atividades das classes médias consumidoras da educação pública e privada, cujos negócios desenvolveu lastros internacionais.

A constituição do processo de alienação dos sentidos humanos é concomitante ao da alienação, naquele sentido concebido por Marx, de alienação dos sentidos. Antes de ser o trabalho mercadoria, o ser humano é, antes de tudo, corpo. Ao alienar-se pelo trabalho, o ser humano se separa de seu próprio corpo. Ao se tornar mercadoria, o trabalho transformou o próprio corpo humano em mercadoria cujas partes podem ser trocadas por outras de iguais equivalências monetárias. O trabalho humano sobre seu próprio corpo transportou o corpo do próprio humano ao território das determinações do valor e com ele suas propriedades perceptivas, e por isso mesmo, estéticas. A produção de *spectacles* é, para Debord, uma forma de abstração materializada em relações sociais paltadas pela mediação da alienação da percepção humana mediante processos sedimentados em uma economia-política separada da sociedade. O conceito crítico de *spectacle* pode ser vulgarizado em alguma fórmula retórica da sociologia política por "*expliquer et dénoncer abstraitement tout*" (DEBORD, 1971, p. 157)¹⁹³, e, assim, servir à defesa do sistema. As ideias não podem estar acima do *spectacle*, mas

¹⁹³ Tradução livre: "explicar e denunciar tudo abstratamente".

acima somente das ideias existentes sobre o *spectacle*. A destruição mesma da sociedade do espetáculo consiste em uma *force pratique*.

*La théorie critique du spectacle n'est vraie qu'en s'unifiant au courant pratique de la négation dans la société, et cette négation, la reprise de la lutte de classe révolutionnaire, deviendra consciente d'elle-même en développant la critique du spectacle, qui est la théorie de ses conditions réelles, des conditions pratiques de l'oppression actuelle, et dévoile inversement le secret de ce qu'elle peut être. Cette théorie n'attend pas de miracles de la classe ouvrière. Elle envisage la nouvelle formulation et la réalisation des exigences prolétariennes comme une tâche de longue haleine. Pour distinguer artificiellement lutte théorique et lutte pratique – car sur la base ici définie, la constitution même et la communication d'une telle théorie ne peut déjà pas se concevoir sans une **pratique rigoureuse** –, il est sûr que le cheminement obscur et difficile de la théorie critique devra être aussi le lot du mouvement pratique agissant à l'échelle de la société (DEBORD, 1971, p. 157-158)¹⁹⁴.*

O espetáculo foi concebido como um momento histórico e resultado da prática total de uma formação econômica social. Apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível que exige sua aceitação passiva obtida por meio “*d'apparaître sans réplique, par son monopole de l'apparence*” (DEBORD, 1971, p. 13)¹⁹⁵. Do automóvel à televisão, a seleção de bens pelo sistema espetacular reforçou as condições de isolamento das “*foules solitaires*” (DEBORD, 1971, p. 20)¹⁹⁶. O sistema econômico, fundado no isolamento “*est une production circulaire de l'isolement. L'isolement fonde la technique, et le processus technique isole en retour*” (DEBORD, 1971, p. 20; **grifo do autor**)¹⁹⁷. No

¹⁹⁴ Tradução livre: “A teoria crítica do espetáculo só é verdadeira unificando-se com a corrente prática da negação na sociedade, e essa negação, a retomada da luta revolucionária de classes, tomará consciência de si mesma desenvolvendo a crítica do espetáculo, que é a teoria de suas condições reais, das condições práticas da opressão presente e, inversamente, desvenda o segredo do que pode ser. Esta teoria não espera milagres da classe trabalhadora. Ele vê a nova formulação e realização das demandas proletárias como uma tarefa de longo prazo. Para distinguir artificialmente a luta teórica da luta prática – porque na base aqui definida, a própria constituição e comunicação de tal teoria não pode já ser concebida sem uma prática rigorosa – é certo que o caminho obscuro e difícil da teoria crítica também deve ser o destino do movimento prático atuando na escala da sociedade”.

¹⁹⁵ Tradução livre: “de aparecer sem resposta, por seu monopólio da aparência”.

¹⁹⁶ Tradução livre: “multidões solitárias”.

¹⁹⁷ Tradução livre: “é uma produção circular de isolamento. O isolamento funda a técnica, e o processo técnico isola em troca”.

espetáculo, uma parte do mundo se representou como o mundo e se fez superior. Nele, uma relação irreversível entre os espectadores os relaciona em seu isolamento: “*Le spectacle réunit le séparé, mais il le réunit en tant que séparé*” (DEBORD, 1971, p. 21; **grifo do autor**)¹⁹⁸.

A alienação da aparência, seja pelo trabalho ou pelo lazer, foi constituída como a esfera última da realidade da vida cotidiana. Esculpida na *urbe* pelo urbanismo, a vida alienada é vivenciada como o que pode ser trocado como valor-imagem. Isto, de acordo com Toledo, implica na vida vivida como o que pode ser visto, mas, como um produto da desumanização pela “desapropriação das habilidades perceptivas sobre o vivido” (TOLEDO, 2015, p. 213), não percebida como atividade própria da percepção. À questão sobre a desapropriação do produtor do que produz, acrescenta-se a desapropriação de sua percepção. Esse é o processo, pelo qual, Debord afirmou que o *spectacle* apreende em si os sentidos do humano ao afirmar o ver sem permitir que seja percebido. A teoria debordiana vai de encontro com essa linguagem cinemática e a explicitou, uma vez que, concebeu “*la révolution est aussi à faire dans le langage de la société qui parle la langue du capitalisme spectaculaire*” (COPPOLA, 2006 p. 121)¹⁹⁹. A fim de destruir o espetáculo da destruição, o diretor francês reconheceu o cinema como a linguagem dessa sociedade e propôs, com ela, segundo Coppola, a afirmação da consciência perceptiva e da liberdade como a luta mesma da revolução. Desde as reflexões contra o cinema, a negação do cinema se alinhou com a proposição de um cinema revolucionário. Ao fazer isto, ao longo dos anos, explicitou, em seu último filme que, para um uso “*d’un cinéma consciente de son histoire et de ses fonctions dans le langage du pouvoir*” (COPPOLA, 2006, p. 121), estão pressupostas a explicitação de como esta linguagem se reproduz como *spectacle*²⁰⁰. Quer dizer, como a educação e a desumanização se fazem processos de desapropriação da percepção.

¹⁹⁸ Tradução livre: “O espetáculo une o separado, mas o une como separado”.

¹⁹⁹ Tradução livre: “A revolução também deve ser feita na linguagem da sociedade que fala a linguagem do capitalismo espetacular”.

²⁰⁰ Tradução livre: “de um cinema consciente de sua história e de suas funções na linguagem do poder”.

4.2 A EDUCAÇÃO COMO MEDIAÇÃO E RELAÇÃO SOCIAL DO *SPECTACLE*

Neste tópico, foram analisadas as proposições presentes no livro sobre a educação. Como também sua correlação com a educação e a desumanização promovida pela sociedade capitalista avançada. Isto porque, a educação é histórica. Suas condições objetivas e subjetivas são determinadas por múltiplos fatores no interior do movimento histórico. Objetivamente falando, ela acontece conforme a produção do ser humano de seus meios de vida, como também, de sua própria construção enquanto humano. Ela acontece independentemente da vontade subjetiva. Este aspecto último, por sua vez, define-se mediante suas qualidades enquanto mercadoria no âmbito das relações sociais e enquanto se permite lugar estratégico para a efetivação da reprodução do capital. Nesse sentido, a educação está inserida no movimento sociometabólico do capital como mediação e como relação social, como mediação primeira e segundas. Estas são suas qualidades históricas (MARX, 2012; GRAMSCI, 2001; MÉZÁROS, 2008).

A educação entendida aqui como um processo duplo, de faces políticas, institucionais e culturais, representadas conforme o movimento de apresentação da mercadoria, encontra-se como um território superestrutural de disputas, de classes e entre classes. Ao mesmo tempo, por este duplo aspecto, pode ser tomada como processo próprio da emancipação humana, como também, do processo próprio de alienação. A disputa não se encontra apenas no campo ideológico. A negação dialética da alienação é o trabalho livre (MARX; ENGELS, 2010). Aqui o processo duplo, presente na educação, diz respeito à formação da consciência e da percepção sobre a exploração do ser humano pelo ser humano, mediante a produção do valor de troca de seu trabalho e de seu tempo livre. O salário padrão do professor francês havia se tornado uma questão administrativa para os mais novos profissionais da sociedade capitalista: o administrador, o gestor, o gerente e o executivo (DEBORD, 2006(1988); AGLIETTA, 2019; CAPDEVIELLE; REY, 2008). O valor do trabalho intelectual e cognitivo foi calculado em cifras de franco e se tornou uma questão quanto a autonomia da Universidade e das Instituições escolares, sejam elas voltadas para a educação de crianças, jovens e adultos,

sejam elas voltadas para a instrução básica sobre a realidade, no interior dos circuitos da mercadoria, ou, sejam elas mecanismos de credenciamento para o desempenho de atividades oficiais. Os vários agentes sociais assalariados pelo estado, partido ou empresariado tiveram de se manifestar quanto as finalidades objetivas do exercício formativo. A questão posta, naquele momento histórico, dizia respeito ao valor de troca das atividades em tempo livre, da arte e das atividades intelectuais. Isto quis dizer, para a *I.S.*, que o momento em que a arte sucumbiu em quantidade, foi o momento em que a estética da mercadoria passou a compreender a cognição, a intelectualidade e o corpo. Na sociedade capitalista, entre aqueles que compõem as massas sociais, estão à venda a atividade prática e a intelectual, o trabalho e o lazer (DEBORD, 2006; ADORNO, 2006; MANACORDA, 2010; MARCUSE, 2015). Esta cisão histórica, no interior da educação, que afirmou a separação entre o pensamento e o trabalho, ambos em sentido amplo de atividades essencialmente humanas, afirmou a separação entre aqueles que pensam e aqueles que trabalham. Debord entendeu isso como a separação mesma do ser humano de si mesmo e do ser humano de seu ambiente social por meio do *spectacle* (DEBORD, 1971; 2006).

Esta separação entre atividade prática e intelectual, já presente desde as sociedades egípcias (MANACORDA, 2010; NOSELLA, 2005), ao longo dos séculos, permaneceu em estado de latência, como um reflexo natural da realidade teológica. A emergencia histórica do proletariado, segundo Marx (2011) e Manacorda (2010), inrrompeu um processo de eliminação desta separação no interior da prática educativa. O proletariado é a classe capaz de realizar a filosofia (MARX; ENGELS, 2010). A questão sobre o ser humano filósofo (GRAMSCI, 2004) se tornou também a questão sobre o ser humano artista (ADORNO, 1982; BENJAMIN, 2015^a; McLUHAN, 1983; DEBORD, 2006; LOWY, 1979). Assim, surgiram, também, análises abertamente críticas e otimistas, como as de Lipovetsky, intelectual da Sorbone dos anos 1960, e Serroy, que descrevem a estetização do mundo como desenvolvimento da sociedade por meio do capitalismo artista na construção da hypermodernidade (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Discussões estas que aconteceram como reflexos da transição da hegemonia econômica do Reino Unido em direção ao continente americano. De antiga colônia inglesa, no século XVIII, os Estados Unidos da América do Norte

assumiram a hegemonia no processo de construção de um bloco histórico de proporções globais, sinalizando seu domínio por meio da democracia de mercado. E, ainda, concomitante à construção histórica da hegemonia estadunidense as alterações da organização, gestão e divisão trabalho e do tempo livre foram aprimoradas. De um capitalismo contratual, de pagamentos e salários, a economia migrou para o universo financeiro de crédito especializado e separado da realidade social (JAMESON, 2001; HARVEY, 2005; DARDOT; LAVAL, 2016; LAVAL, 2019; DEBORD, 1971; 2006).

Visamos, ao longo da exposição, evidenciar as condições históricas da separação entre intelecto e práxis contida no interior da construção histórica da educação e na crítica de Debord. Concebida como mediação e relação social nas sociedades capitalistas, a atividade educativa transbordou os limites conceituais restritivos de uma atividade escolar ou universitária. Mesmo que estes espaços ainda sejam seus melhores representantes históricos, a educação deixou de ser apenas uma atividade formalizada, desenvolvida por especialistas, pedagogos e educadores, no interior de instituições culturais. Para além desta forma, a análise sobre a educação inclui estas várias manifestações singulares como particularidades de um mesmo movimento histórico: as classes sociais em conflito e disputas pela organização da sociedade, pela fabricação e construção da consciência, pelo domínio de mecanismos mediadores e pelos processos de interiorização de seus produtos (MARX, 2015; GRAMSCI, 2001; MÉSÁROS, 2011). A educação, conforme concebeu Debord, corresponde, assim, em uma atividade congênita do *spectacle*, que se constitui no lugar onde a representação independente da vida acontece. Como mediação e relação social do *spectacle*, a educação se encontra no lugar onde o mundo real se transmutou em simples imagens e as simples imagens se tornaram seres reais. Neste lugar, são elas as motivações eficientes de um “*comportement hypnotique*”, condição da qual a representação independente reconstitui o fazer humano como *spectacle*²⁰¹.

Le spectacle, comme tendance à faire voir par différentes médiations spécialisées le monde qui n'est plus directement

²⁰¹ Tradução livre: “comportamento hipnótico”.

*saisissable, trouve normalement dans la vue le sens humain privilégié qui fut à d'autres époques le toucher ; le sens le plus abstrait, et le plus mystifiable, correspond à l'abstraction généralisée de la société actuelle. Mais le spectacle n'est pas identifiable au simple regard, même combiné à l'écoute. Il est ce qui échappe à l'activité des hommes, à la reconsidération et à la correction de leur œuvre. Il est le contraire du dialogue. Partout où il y a **représentation** indépendante, le spectacle se reconstitue (DEBORD, 1971, p. 15)²⁰².*

Como afirmou em alguns de seus textos, a coerência foi tomada como uma das condições das práticas da I.S. e uma condição da análise pela qual as categorias debordiana foram construídas e operadas (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1966/1967)). A coerência com a revolução, a partir da criação de situações práticas e da definição teórica da superação (*dépassement*) da arte, do salário e da mercadoria exige a subversão, o *detournet* da vida como imagem do capital. Esta imagem aparece em meio as práticas cotidianas que orientam o espectador e definem a sua percepção. O espectador vê porque algo foi feito para se ver. Ver, fazer ver (*voir, faire voir*) a imagem que excede os limites dos sentidos perceptivos, ou melhor, que produzem uma imagem sinestésica, são verbos conjugados de uma realidade linguística e superestrutural capitalista. A potência do ver realiza-se pelo desenvolvimento da capacidade potencial do fazer ver, do sentido aos sentidos, o ver transcende a realidade perceptiva na qual se encontra o olhar e o olho (MONDZAIN, 2015). O ver se assenta sobre uma estrutura produtiva, em cada momento distintivo desta produção, ao ver foi reservado um espaço estratégico. Se a consciência de classe é a síntese da contradição entre a filosofia e a práxis revolucionária, o fazer ver se tornou o setor da construção da consciência contrarrevolucionária pelo *spectacle*.

La première phase de la domination de l'économie sur la vie sociale avait entraîné dans la définition de toute réalisation

²⁰² Tradução livre: “O espetáculo, como tendência a **fazer ver** por diferentes mediações especializadas o mundo que não é mais diretamente apreensível, normalmente encontra à vista o sentido humano privilegiado que foi o tato em outras épocas; o sentido mais abstrato, e o mais mistificável, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não é identificável pelo mero olhar, mesmo combinado com a escuta. É o que escapa à atividade dos homens, a reconsideração e correção de seu trabalho. É o oposto do diálogo. Onde há **representação** independente, o espetáculo é reconstituído”.

humaine une évidente dégradation de l'être en avoir. La phase présente de l'occupation totale de la vie sociale par les résultats accumulés de l'économie conduit à un glissement généralisé de l'avoir au paraître, dont tout «avoir» affectif doit tirer son prestige immédiat et sa fonction dernière. En même temps toute réalité individuelle est devenue sociale, directement dépendante de la puissance sociale, façonnée par elle. En ceci seulement qu'elle n'est pas, il lui est permis d'apparaître (DEBORD, 1971, p.18)²⁰³.

À vida individual tornada social só é permitida aparecer como não ser. A representação social do espetáculo aqui se distingue da separação produzida no indivíduo na medida em que cria a correspondência necessária entre o vivido e o separado. Representar implica aqui muito mais que apenas encenar uma identidade ou uma ideologia sobre a realidade. A representação como tal, na sociedade espetacular, consiste em transbordar do ser ao aparecer e alienar dele sua possibilidade de se relacionar com a sociedade, senão, pela aparência, mas aparência do que não é, do que só existe no plano do fetichismo da mercadoria como objeto dotado de ser que aparece como valor de troca. A apreensão dos sentidos pela mercadoria se deve, principalmente, ao desenvolvimento do espetáculo como uma atividade mediadora. Como o capital, a religião e a escola o foram no século anterior, no *spectacle*, a educação é o anúncio da “*immence accumulation de spectacles*” (DEBORD, 1971, p. 09)²⁰⁴. Se a burguesia acumulou riqueza, a Universidade, a Escola e a Empresa, religiões capitalistas, inclusive, acumularam imagens. A contestação estética de Debord, ao mesmo tempo, não explicita a designação direta à educação ou a qualquer tipo de condução ou direcionamento e afirma a educação na sociedade do espetáculo como uma característica e como elemento constituinte da própria ação do *spectacle*. Como sua própria natureza social é, para Debord, histórica, e, como tal, desenrola-se em um jogo de guerra acompanhado dos diferentes mecanismos tecnológicos no

²⁰³ Tradução livre: “A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social envolveu, na definição de toda realização humana, uma evidente degradação do **ser** em **ter**. A fase atual da ocupação total da vida social pelos resultados acumulados da economia leva a uma passagem geral do **ter** para o **aparecer**, do qual todo “ter” afetivo deve tirar seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente do poder social, moldado por ele. Só no fato de que **não é**, é permitido aparecer”.

²⁰⁴ Tradução livre: “imensa acumulação de espetáculos”.

processo de mediação das relações sociais e das relações sociais das mediações. A análise da educação, na sociedade do espetáculo, equipara a mediação do *spectacle* às mediações do Capital. O *spectacle* ensina, educa e promove a idealização da realidade imediata a partir da experiência do indivíduo separado. Ludibriados sobre a construção da realidade histórica e social, os sujeitos são conduzidos por forças técnicas e tecnológicas da economia capitalista em direção à uma comunidade sem linguagem por meio de uma comunicação sem resposta.

*Le spectacle, qui est l'effacement des limites du moi et du monde par l'écrasement du moi qu'assiège la présence-absence du monde, est également l'effacement des limites du vrai et du faux par le refoulement de toute vérité vécue sous la **présence réelle** de la fausseté qu'assure l'organisation de l'apparence. Celui qui subit passivement son sort quotidiennement étranger est donc poussé, vers une folie qui réagit illusoirement à ce sort, en recourant à des techniques magiques. La reconnaissance et la consommation des marchandises sont au centre de cette pseudo-réponse à une communication sans réponse. Le besoin d'imitation qu'éprouve le consommateur est précisément le besoin infantile, conditionné par tous les aspects de sa dépossesion fondamentale (DEBORD, 1971, p. 169)²⁰⁵.*

A mobilização da necessidade infantil, para o qual, o urbanismo se constitui como terreno tratado para seu desenvolvimento, apresenta-se aqui como a motivação e o lugar da educação como mediação do *spectacle*. O urbanismo é a técnica da separação aplicada à sociedade e um dos mecanismos de mediação da produção da consciência de consumidores assalariados. Se todas as técnicas da economia capitalista “*doivent être comprises comme opérant des séparations*”, com o urbanismo “*on a affaire à l'équipement de leur base générale*” (DEBORD, 1971, p. 135). Este é o aforisma 171 da dialética do *spectacle*, para a qual, em seguida, Debord amplia e afirma a tese de que o urbanismo “*est l'accomplissement moderne*

²⁰⁵ Tradução livre: “O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu assediado pela presença-absência do mundo, é também o apagamento dos limites do verdadeiro e do falso pela repressão de toda verdade vivida sob a **presença real** da falsidade assegurada pela organização da aparência. Aquele que sofre passivamente seu destino estrangeiro diário é, portanto, empurrado para uma loucura que reage ilusoriamente a esse destino, recorrendo a técnicas mágicas. O reconhecimento e o consumo de mercadorias estão no centro dessa pseudo-resposta a uma comunicação sem resposta. A necessidade de imitação do consumidor é precisamente a necessidade infantil, condicionada por todos os aspectos de sua expropriação fundamental”.

de la tâche ininterrompue qui sauvegarde le pouvoir de classe" (DEBORD, 1971, p. 135)²⁰⁶. E por isso, uma especialidade reflexa da realidade do *spectacle*. Uma força técnica que opera pela separação "*que les conditions urbaines de production avaient dangereusement rassemblés*" (DEBORD, 1971, p. 135; **grifo do autor**) como necessárias, "*les moyens de maintenir l'ordre dans la rue, culmine finalement dans la suppression de la rue*" (DEBORD, 1971, p. 135)²⁰⁷.

Avançamos assim, por sobre o campo da educação como mediação do *spectacle* da desumanização. Se o urbanismo suprimiu a rua, a mediação estética do *spectacle* suprimiu, em nome da ordem, a formação pública desinteressada e laica, pela promoção de uma educação de mercado policiada pela supressão dos sentidos. A separação é a ação da qual a atividade social se afirma como tal. A partir dela, as relações sociais se definiram e foram tomadas como a naturalidade da produção social e do cotidiano urbano, criado pela estética do fechismo da mercadoria. A "*réalisation humaine*" (DEBORD, 1971, p. 14)²⁰⁸, nas sociedades capitalistas, transitou do ser ao ter, e, posteriormente, do ter ao aparecer. A desumização da realização humana apareceu como forma mercadoria, e por isso como aparência de riqueza, felicidade e realização de ideais de beleza (DEBORD, 2006).

La spécialisation des images du monde se retrouve, accomplie, dans le monde de l'image autonomisé, où le mensonger s'est menti à lui-même. Le spectacle en général, comme inversion concrète de la vie est le mouvement autonome du non-vivant (DEBORD, 1971, p. 09)²⁰⁹.

A realização humana do aparecer, como produto da educação no *spectacle*, está diretamente relacionada com a gestão cinemática da sociedade, para a qual, o movimento autônomo da imagem está circunscrito como uma

²⁰⁶ Tradução livre: "é a realização moderna da tarefa ininterrupta que salvaguarda o poder de classe".

²⁰⁷ Tradução livre: "que as condições urbanas de produção haviam perigosamente reunido"; "o meio de manter a ordem na rua, em última análise, culmina na supressão da rua".

²⁰⁸ Tradução livre: "realização humana".

²⁰⁹ Tradução livre: "A especialização das imagens do mundo se encontra, realizada, no mundo autônomo da imagem, onde a inverdade mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo".

especialização produtora de imagens do mundo. Debord concebeu os contornos teóricos do livro ***La Société du Spectacle***, como um momento histórico constituído das condições gerais de um longo período histórico. O *spectacle* constituiu-se, para ele, como parte da sociedade, como a sociedade e como um setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Especialmente, a partir deste último, um setor fundamentado no processo geral da transformação de tudo o que era vivido em representação, Debord afirmou uma formulação teórica da sociedade *spectaculaire-marchande* em vias de determinação total de toda a vida pela mística da mercadoria que se tornou estética do fetichismo. Sua contribuição teórica se diferencia das teorias do marxismo ocidental, mesmo que diretamente refletida e em diálogo com elas, justamente por tomar como ponto de partida de sua análise o elemento do fetichismo da mercadoria como representação estética do capital (DEBORD, 1971; 2006).

Algumas questões em torno de sua teoria do *spectacle*, em relação à educação, foram apresentadas, confirmadas e reconsideradas em textos publicados posteriormente em relação ao livro de 1967. Em alguns deles, encontramos aspectos importantes sobre a educação feitas pelo autor e diretor francês. Mais do que sua concepção, evidenciamos como refletem questões históricas da educação, especialmente, aquelas questões imanentes à segunda metade do século XX. O primeiro deles, publicado no ano de 1969 na revista da *I.S.*, ainda nutria expectativa quanto aos efeitos das movimentações de estudantes e operários, de 1968, em direção à superação da arte. O segundo, publicado alguns anos mais tarde, no ano de 1972, enquanto observava as movimentações na Itália e produzia a tradução fílmica de sua teoria, na ocasião da declaração sobre o fim das atividades da *I.S.*, reconheceu a entrada definitiva da sociedade no circuito infernal da mercadoria, como observou Bensaïd (2020)²¹⁰. A realização humana, em processo de desumanização, assumiu as formas da *société du spectacle*.

No texto ***Le Commencement d'une Époque*** (1969), Debord afirmou que, embora milhares de estudantes conseguiram “*se détacher plus ou moins*

²¹⁰ Os textos aos quais foram feitas referências são: ***Le Commencement d'une Époque*** (1969); ***La Véritable Scission dans L'Internationale*** (1972); ***Abat-faim*** (1985); e, ***Commentaires sur la Société du Spectacle*** (1988). Os dois primeiros são abordados nessa parte do texto, os dois últimos, no capítulo sobre a estética do fetichismo da mercadoria educação.

complètement de la place qui leur est assignée dans la société" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 926), como indivíduos, devido suas experiências, em 1968, a massa de estudantes não se transformou. Isto, não no sentido das considerações que faziam os pseudo-maxistas ao determinarem a causa como a origem social dos estudantes, em sua maioria burgueses e pequenos burgueses²¹¹. Mas, mas em virtude da "*cause du destin social qui définit l'étudiant : le devenir de l'étudiant est la vérité de son être*" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 927)²¹². O estudante foi, para Debord, fabricado e embalado em massa para a estrutura superior, média ou pequena da produção industrial moderna. Além disso, o aluno seria desonesto quando se escandaliza ao descobrir essa lógica de sua formação "*toujours été franchement déclarée*" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 927)²¹³. A questão aqui, sobre a educação, foi apresentada como uma questão sobre a consumação hierárquica da mercadoria. "*La consommation en question n'est que celle des marchandises*" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 928), o consumo que cresce para todos, torna-se ainda mais hierárquico. Isto porque, a "*baisse et la falsification de la valeur d'usage sont présentes pour tous, quoique inégalement, dans la marchandise moderne*" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 928)²¹⁴. Tanto estudantes como trabalhadores experimentam esse consumo de mercadorias reais do *spectacle* em sua pobreza fundamental, "*parce qu'elle n'est pas elle-même au-delà de la privation, mais qu'elle est la privation devenue plus riche*" (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 928)²¹⁵. Embora fundamente o consumo, a privação se instala como lugar onde a vida se passa.

²¹¹ Tradução livre: "desvincular-se mais ou menos completamente do lugar que lhes é atribuído na sociedade".

²¹² Tradução livre: "por causa do destino social que define o aluno: o futuro do aluno é a verdade do seu ser".

²¹³ Tradução livre: "sempre foi francamente declarado".

²¹⁴ Tradução livre: "O consumo em questão é apenas o de mercadorias"; "o declínio e a falsificação do valor de uso estão presentes para todos, ainda que de forma desigual, nas mercadorias modernas".

²¹⁵ Tradução livre: "porque não está em si mesmo além da privação, mas é a privação tornada mais rica".

Les ouvriers aussi passent leur vie à consommer le spectacle, la passivité, le mensonge idéologique et marchand. Mais en outre ils ont moins d'illusions que personne sur les conditions concrètes que leur impose, sur ce que leur coûte, dans tous les moments de leur vie, la production de tout ceci (INTERNATIONALE Situationniste (I.S.), 2006(1969), p. 928)²¹⁶.

No texto ***La Véritable Scission dans L'Internationale*** (1972), publicado pela I.S. e escrito por Debord em dialogo com Sanguinette, são nomeados os *cadres* e seus lugares na sociedade que promove o consumo da educação. *Cadre* é uma palavra francesa que pode designar molduras e quadros. Dependendo do contexto, designa os gestores, executivos, empreendedores e gerentes. São estes que compõem os quadros do estado, mas sua função econômica está essencialmente ligada ao *“secter tertiaire, aux services, et tout particulièrement à la branche proprement spectaculaire de la vente, de l'entretien et de l'éloge des marchandises, en comptant parmi celles-ci le travail-marchandise lui-même”* (DEBORD ; SANGUINETTI, 1972, p. 1118)²¹⁷. Debord e Sanguinette se utilizaram da palavra para se referirem ao resultado da transformação sofrida pela pequena burguesia urbana de produtores independentes, que se tornaram assalariados. Além disso, referem-se com ela também como a moldura de um quadro social. Estes *cadres* são bastante diversos e são *“la couche réelle des cadres supérieurs, qui constitue pour les autres le modèle et le but illusoire, tient en fait à la bourgeoisie par mille liens, et s'y intègre plus souvent encore qu'elle n'en vient”* (DEBORD ; SANGUINETTI, 1972, p. 1118)²¹⁸. Segundo a circular da I.S. sobre a verdade de sua cisão, a grande massa de *cadres* é composta por *cadres* médios e pequenos, para os quais, os interesses reais estão menos distantes daqueles do proletariado do que daqueles da pequena burguesia, pois o *cadre* nunca possuiu seu instrumento de trabalho, mas suas concepções sociais e *“rêveries*

²¹⁶ Traução livre: “Os trabalhadores também passam a vida consumindo espetáculo, passividade, mentiras ideológicas e comerciais. Mas, além disso, têm menos ilusões do que ninguém sobre as condições concretas que lhes são impostas, sobre o que lhes custa, a cada momento de suas vidas, produzir tudo isso”.

²¹⁷ Tradução livre: “setor terciário, aos serviços, e principalmente ao ramo propriamente espetacular da venda, manutenção e comercialização de bens, contando entre estes o próprio trabalho-mercadoria”

²¹⁸ Tradução livre: “o verdadeiro estrato de altos executivos, que constitui para os outros o modelo e o objetivo ilusórios, está de fato ligado à burguesia por mil laços, e se integra a ela ainda mais do que dela sai”

promotionnelles” (DEBORD; SANGUINETTI, 1972, p. 1118) estão firmemente ligadas aos valores e perspectivas da burguesia moderna²¹⁹. A sua função econômica está essencialmente ligada ao sector terciário, aos serviços e, sobretudo, ao ramo propriamente espectacular da venda, manutenção e comercialização de bens, contando-se entre estes, o próprio trabalho-mercadoria e a mercadoria educação.

L'image du genre de vie et des goûts que la société fabrique expressément pour eux, ses fils modèles, influence largement des couches d'employés pauvres ou de petits-bourgeois qui aspirent à leur reconversion en cadres: et n'est pas sans effet sur une partie de la moyenne bourgeoisie actuelle (DEBORD ; SANGUINETTI, 1972, p. 1118-1119)²²⁰.

Um modo de vida e do gosto definidos pelo devaneio promovido e produzido pelos quadros que compõem a sociedade fabricada, não poderia ter, para Debord, outro *cadre* que não o do consumidor, chamado *spectateur par excellence* (DEBORD; SANGUINETTI, 1972, p. 1119)²²¹. A moldura dos quadros de uma forma de vida e de gosto são delineadas pela imagem de vida e do gosto. O quadro está, por isso, sempre incerto e sempre decepcionado, no “*centre de la fausse conscience moderne et de l'aliénation sociale*” (DEBORD; SANGUINETTI, 1972, p. 1119)²²². Ao contrário do burguês, do trabalhador, do servo, do feudal, *le cadre* nunca se sente em seu lugar. Ele sempre anseia por mais do que é e pode ser. Ele finge e ao mesmo tempo duvida. Ele é o ser humano do mal-estar, nunca seguro de si mesmo, que se esconde, e, como é absolutamente dependente, acredita que deve reivindicar a própria liberdade, idealizada em seu consumo semi-abundante. Ele é o ambicioso constantemente voltado para o seu futuro, aliás miserável, ao mesmo tempo que duvida até de ocupar bem o seu lugar presente.

²¹⁹ Tradução livre: “sonhos promocionais”.

²²⁰ Tradução livre: “Imagem do modo de vida e dos gostos que a sociedade fabrica expressamente para eles, seus filhos-modelo, influencia largamente camadas de trabalhadores pobres ou pequenos burgueses que aspiram a sua reconversão em executivos: e não é sem efeito em uma parte da atual média burguesia”.

²²¹ Tradução livre: “espectador por excelência”.

²²² Tradução livre: “centro da falsa consciência moderna e da alienação social”.

Ce n'est point par hasard (cf. De la misère en milieu étudiant) que le cadre est toujours l'ancien étudiant. Le cadre est l'homme du mangue: sa drogue est l'idéologie du spectacle pur, du spectacle du rien. C'est pour lui que l'on change aujourd'hui le décor des villes, pour son travail et ses loisirs, depuis les buildings de bureaux jusqu'à la fade cuisine des restaurants où il parle haut pour faire entendre à ses voisins qu'il a éduqué sa voix sur les haut parleurs des aéroports. Il arrive en retard, et en masse, à tout, voulant être unique et le premier (DEBORD; SANGUINETTI, 2006(1972), p.1119)²²³.

Embora estes textos falem muito, por si mesmos, sobre o que o autor entendeu sobre a educação na sociedade do espetáculo, ainda vale ressaltar principalmente dois aspectos. No primeiro deles, o autor apontou seus interlocutores. Mas assim o fez com um texto voltado para toda a sociedade. A formação em massa tem seus seres próprios e os estudantes são seus principais agentes, para o autor. No segundo texto, qualificou o lugar de atividade destes agentes. A formação é a formação da massa para a atuação em uma estrutura, antes de tudo, hierárquica. Como um espelho, o *spectacle* é a imagem para a qual se projetam perspectivas em um universo infinito de mercadorias. A estética do fetiche da mercadoria funciona como o conteúdo da educação na *société du spectacle*. E o conteúdo é a imagem com a qual foi criado o conteúdo. A materialização da cultura (DEBORD, 1971) assenta-se sobre a superfície reprodutiva do *spectacle*. Daí podermos verificar, com a análise, a expressão teórica debordiana sobre a educação no *spectacle*. O ensino da passividade diante da aparência do mundo está produzindo, como um tecido sobre a superfície da miséria, a separação necessária ao isolamento e às atividades produtivas da guerra e da competição latentes e constantes. O *spectacle* manifesto, seja em qualquer uma de suas formas, conduz e organiza a cognição e os sentidos humanos. Tal ação educativa, promovida por especialistas do poder, na condução e na

²²³ Tradução livre: “Não é por acaso (ex. Sobre a miséria do meio estudantil) que o enquadramento é sempre o ex-aluno. A moldura é o homem-manga: sua droga é a ideologia do puro espetáculo, do espetáculo do nada. É por ele que hoje mudamos a decoração das cidades, para seu trabalho e seu lazer, dos prédios de escritórios à cozinha sem graça dos restaurantes onde fala alto para fazer seus vizinhos entenderem que educou sua voz pelos alto-falantes dos aeroportos. Ele chega atrasado, e em massa, a tudo, querendo ser único e o primeiro”.

organização da cultura materializada em *spectacle*, aparece como crítica alinhada às concepções teóricas sobre a reprodutibilidade como atividade fim da educação (SAVIANI, 2009). Sobretudo, a concepção debordiana, ao mesmo tempo que afirmou este aspecto da educação, identificou sua atividade como uma especialidade do próprio *spectacle*.

Dans la pensée spécialisée du système spectaculaire, s'opère une nouvelle division des tâches, à mesure que le perfectionnement même de ce système pose de nouveaux problèmes : d'un côté la critique spectaculaire du spectacle est entreprise par la sociologie moderne qui étudie la séparation à l'aide des seuls instruments conceptuels et matériels de la séparation ; de l'autre côté l'apologie du spectacle se constitue en pensée de la non-pensée, en oubliant de la pratique historique, dans les diverses disciplines où s'enracine le structuralisme. Pourtant, le faux désespoir de la critique non dialectique et le faux optimisme de la pure publicité du système sont identiques en tant que pensée soumise (DEBORD, 1971, p. 152-153)²²⁴.

A educação é uma atividade do próprio *spectacle*. As relações sociais da mediação e a mediação social do espetáculo, Debord as definiu como relações sociais entre pessoas mediadas por imagens (DEBORD, 1971). A educação, no século XX, apresentou-se como uma questão sobre os mecanismos de interiorização, como já foi esclarecido. Como relação social e mediação, a educação, no *spectacle*, conforme concebeu Debord, é próprio *spectacle*, educador por excelência, dotado de um pensamento especializado para si mesmo e produzido por si mesmo. Debord se convenceu de que o conjunto do projeto revolucionário foi derrotado já em 1930 e tomou, como ponto de partida, a percepção de que estava no determinismo científico a causa da ideologização do marxismo. As formas da sociedade do espetáculo denunciam a eliminação sistemática da história e a destruição de qualquer projeto crítico. Esse foi o grande

²²⁴ Tradução livre: “No pensamento especializado do sistema espetacular, ocorre uma nova divisão de tarefas, pois o próprio aperfeiçoamento desse sistema coloca novos problemas: por um lado, a **crítica espetacular do espetáculo** é empreendida pela sociologia moderna que estuda a separação usando apenas os instrumentos conceituais e materiais de separação; por outro lado, a **apologia do espetáculo** se constitui no pensamento do não-pensamento, **alheio** à prática histórica, nas diversas disciplinas onde se enraíza o estruturalismo. No entanto, o falso desespero da crítica não dialética e o falso otimismo da pura publicidade do sistema são idênticos ao pensamento submisso”.

mérito de Debord, segundo Bensaïd, em seu livro inacabado (BENSAÏD, 2020). Um dos interlocutores de Debord, afirmou que

Com a exclusão espetacular da historicidade, é a possibilidade mesma da política como pensamento estratégico que é negado. Como bem o compreendeu Debord, um movimento que sofra de um grave déficit de conhecimentos e perspectivas históricos “não pode mais ser conduzido estrategicamente”. Não resta senão a gestão de um presente sem amanhã e os prazeres do divertimento (BENSAÏD, 2020, p. 18)

Não em vão, foi a análise estética o caminho construído por Debord. A apropriação dos meios de luta deveria ser, então, o caminho da revolução. Nesse sentido, a construção de uma teoria das representações da vida, que pudesse evidenciar as características da ação estratégica sem, com isto, permitir-se como ação estratégica no interior de quaisquer que sejam as formas de existência do não vivo. O que dá vida ao livro é seu leitor. Não está na forma habitual, mas na moldura histórica. O quadro histórico do livro *La Société du Spectacle* foi o dos movimentos e das movimentações históricas produzidas pela transição do Capital à sua Imagem. Isto, claro, de acordo com a proposição teórica de Debord, mediante a promoção da discussão entre a teoria do valor-trabalho de Marx com a teoria do valor-desejo. O *detourné*, de Debord, colocou em debate a articulação de uma concepção de Estado, uma representação das classes e de suas lutas e uma teoria sobre a revolução (BENSAÏD, 2020)²²⁵. Acrescentamos ainda, uma análise sobre a Educação de seu tempo em relação à sua história como campo estratégico da disputa entre as classes. A educação, assim como a história, segundo Debord, foram consumidas pelo fogo da mercadoria, que acende o desejo de seu consumo. Trocam-se, no *spectacle*, afeto e afetação, imagem e ilusão, ciência e contestação, conhecimento e livros, arte e artefato, como se trocam mercadorias. No *spectacle*, troca-se educação como mercadoria. Uma ação educadora faz parte de sua realização como condutor e organizador da vida em sua totalidade desumanizada.

²²⁵ Sobre a teoria marginalista Walrasiana do valor-desejo cf. Bensaïd, 2020.

4.3 A ESTÉTICA DO FETICHISMO DA MERCADORIA E A MERCADORIA EDUCAÇÃO

O espetáculo é uma estética da ilusão, não do belo. Tem no fetichismo da mercadoria o mistério de sua *religio* e de sua ética da *séparation* (DEBORD, 1971). A crítica de Guy Debord reuniu estética e fetichismo. A partir desta reunião, a investigação sobre a Educação a tomou como mercadoria já em seu ponto de partida. Ao demonstrar a ilusão construída esteticamente e analisada por meio da dialética histórica, o autor francês desenvolveu uma análise histórica da educação que aprendeu os sentidos perceptivos da realização humana. O *spectacle* destruiu o gosto e sequestrou o olhar. Tomada como uma mercadoria singular, a educação compreende em si o aspecto contraditório da mercadoria mediada que se faz mediação. As relações sociais mediadas pelo *spectacle*, são relações sociais entre pessoas e, conforme o próprio espetáculo, são relações “*médiatisé par des images*” (DEBORD, 1971, p. 10)²²⁶. Na mediação por imagens, está o aspecto mais importante da educação no *spectacle*, pois é nela que a estética do fetichismo se manifesta.

Tal manifestação não se deve nem a imagem, propriamente dita, nem ao meio isolado em suas determinações tecnológicas. Debord não debate o conteúdo da imagem, mas a forma da imagem-mercadoria. Não debate também o meio, os *media*, para ele, são apenas a parte mais visível do *spectacle*. A mediação da mercadoria acontece no nível contraditório da realidade, o da transformação de tudo em imagem e representação, pois se afirma como as condições reais da vida que extrai de si mesma a propriedade do viver para dar vida e reproduzir a representação capitalista da realidade. Foi aí que se deu o desenvolvimento da estética da ilusão, do fetichismo da mercadoria. Foi aí também que se apresentou as determinações estéticas da mercadoria educação.

C'est principe du fétichisme de la marchandise, la domination de la société par « des choses suprasensibles bien que sensibles », qui

²²⁶ Tradução livre: “mediadas por imagens”.

s'accomplit absolument dans le spectacle, où le monde sensible se trouve remplacé par une sélection d'images qui existe au-dessus de lui, et qui en même temps s'est fait reconnaître comme le sensible par excellence (DEBORD, 1971, p. 25)²²⁷.

A construção da estética moderna, ou pelo menos de sua noção diretamente perceptível, é inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes moderna. A categoria do estético assumiu maior importância no pensamento europeu porque ao abordar a arte, segundo Eagleton, encontrou-se no centro da luta da classe média pela hegemonia política (EAGLETON, 1993). Um novo formato para a subjetividade se formou apropriada para essa realidade. Como a educação, a estética assumiu aspectos de uma contradição que a colocou no centro do debate do pensamento moderno. A estética coloca “um desafio e uma alternativa poderosa a estas mesmas formas ideológicas dominantes” (EAGLETON, 1993, p. 08). Como a educação, a estética é uma atividade contraditória por se entronhar entre a emancipação e a alienação. A estética assim, tornou-se um protótipo da subjetividade capitalista incipiente. Ao mesmo tempo, assumiu o radicalismo das potências humanas como fins em si mesmas, o que a tornou uma contraproposta ao pensamento dominador ou instrumental. Eagleton, na abordagem de sua complexidade, afirmou que a estética, ao mesmo tempo, aponta para uma virada criativa em direção ao corpo, mas, inscreve esse corpo em uma lei sutilmente opressiva, “ela representa, de um lado, uma preocupação liberadora com o particular concreto, e de outro, uma astuciosa forma de universalismo” (EAGLETON, 1993, p. 13). Ao mesmo tempo que oferece uma imagem sobre a realidade, bloqueia e mistifica movimentos políticos reais. Debord chamou a isto de mundo do espetáculo e da mercadoria:

Le monde à la fois présent et absent que le spectacle fait voir est le monde de la marchandise dominant tout ce qui est vécu. Et le monde de la marchandise est ainsi montré comme il est, car son

²²⁷ Tradução livre: “Este é o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis, embora sensíveis”, que se realiza absolutamente no espetáculo, onde o mundo sensível se encontra substituído por uma seleção de imagens que existem no acima dele, e que ao ao mesmo tempo se fez reconhecido como a sensível por excelência”.

mouvement est identique à l'éloignement des hommes entre eux et vis-à-vis de leur produit global (DEBORD, 1971, p. 25-26)²²⁸.

Para o diretor e autor francês, a estética se encontra no mundo da mercadoria e fez dela seu movimento. Neste caso, como afirmação da distância entre o ser humano e sua realização, entre si mesmo e seu produto. O que o *spectacle fait voir* consiste no domínio de tudo o que é vivido. Como um discurso sobre o corpo, a estética, em suas origens, não se referiu ao mundo da arte. Mas antes, como o termo grego *aisthesis* atesta, diz respeito a região da percepção e sensações humanas em contraste com a região do domínio do pensamento conceitual. Em meados do século XVIII, o termo não se refere à distinção entre arte e vida, mas entre o material e o imaterial. As palavras de Eagleton são esclarecedoras quando afirma ser o território da estética a totalidade de nossa vida sensível. Nela está

[...] o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo. A estética concerne a essa mais grosseira e palpável dimensão do humano que a filosofia pós-cartesiana, por um curioso lapso de atenção, conseguiu, de alguma forma, ignorar. Ela representa assim os primeiros tremores de um materialismo primitivo — de uma longa e inarticulada rebelião do corpo contra a tirania do teórico (EAGLETON, 1993, p. 17).

Se, por um lado, a estética se apresentou como autêntica força emancipadora a partir da pressuposição de que uma comunidade de sujeitos está ligada pelos impulsos do sentido e do companheirismo, por outro lado, ela pode subjulgar e inserir, no profundo do corpo, o poder social naqueles que subjulga. Ao longo do tempo, ofereceu à classe média um modelo versátil para suas aspirações políticas. Novas formas de autonomia e autodeterminação foram promovidas a partir das modificações possibilitadas entre lei e desejo, moralidade e conhecimento

²²⁸ Tradução livre: “O mundo presente e ausente que o espetáculo torna visível é o mundo da mercadoria que domina tudo o que é experimentado. E o mundo da mercadoria se mostra assim como é, porque seu movimento é idêntico à distância dos homens entre si e de seu produto global”.

e da reformulação dos vínculos entre o individual e a totalidade. Mas, ao assim proceder, operou um modo eficaz de hegemonia política e social. Deu significado novo aos prazeres e impulsos do corpo, mas o fez para poder assim dominar com maior eficácia a internalização da repressão (EAGLETON, 1993). Para Debord, esse sentido vai além com o aperfeiçoamento do domínio espetacular. Não somente a repressão foi internalizada no corpo, mas a própria dominação dos sentidos pelo equivalente geral mais abstrato do modo de representação capitalista (DEBORD, 1971; GRESPAN, 2019; MARX, 2011). Segundo Eagleton, a estética como costume, sentimento, impulso espontâneo, pode conviver perfeitamente com a dominação política. Para ele, esses fenômenos fazem fronteira com a paixão, a imaginação e sensualidade, nem sempre tão facilmente incorporáveis (EAGLETON, 1993). Sobretudo, para Debord, o *spectacle*, como a outra face do dinheiro, contém em si o que a sociedade pode fazer de seu pseudo uso da vida.

*Le spectacle est l'autre face de l'argent : l'équivalent général abstrait de toutes les marchandises. Mais si l'argent a dominé la société en tant que représentation de l'équivalence centrale, c'est-à-dire du caractère échangeable des biens multiples dont l'usage restreint incomparable, le spectacle est son complément moderne développé où la totalité du monde marchand apparaît en bloc, comme une équivalence générale à ce que l'ensemble de la société peut être et faire. Le spectacle est l'argent que l'on **regarde seulement**, car en lui déjà c'est la totalité de la représentation abstraite du **pseudo-usage**, il est déjà en lui-même le pseudo-usage de la vie* (DEBORD, 1971, p. 33)²²⁹.

Em 1985, no texto *Abat-faim*, o autor enfatizou um dos aspectos mais sobressalentes do *spectacle* entendido a partir de sua atividade educativa e estética, ou ainda, estética educativa. Em nota inicial, sobre a expressão do título do texto, já sinaliza sua conotação própria devido aos avanços tecnológicos. *Abat-faim* designava uma pequena entrada para aplacar e suprimir a primeira fome dos

²²⁹ Tradução livre: “O espetáculo é o outro lado do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. Mas se o dinheiro dominou a sociedade como representação da equivalência central, isto é, do caráter trocável de múltiplos bens cujo uso permaneceu incomparável, o espetáculo é seu complemento moderno desenvolvido onde a totalidade do mundo do mercado aparece como um todo, como uma equivalência geral ao que a sociedade como um todo pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro para o qual apenas olhamos, porque nele já é a totalidade da representação abstrata do pseudo-uso, já é em si o pseudo-uso da vida”.

convidados de um jantar. Debord, por sua vez, tomando a história como elemento definidor do sentido do termo e, assim, avançando, a partir dele, na análise da sociedade moderna, afirmou que *“la totalité de la nourriture que consomme la société moderne en est venue à être constituée uniquement d’abat-faim”* (DEBORD, 2006(1985), p. 1582)²³⁰. A expressão foi afirmada como ação mesma do *spectacle*. *Abat-faim*, como um engano da fome, constitui-se na degradação do gosto. Consequentemente e subsumidos aí, está o corpo, seus sentidos desapropriados.

A exposição do autor se seguiu com a perseguição da evidência das consequências da estética da mercadoria sobre os alimentos, o paladar e a fome. Chamou tal processo de degradação extrema da nutrição. *“D’abord, le goût”*, como um produto da química imposta massivamente na agricultura e na criação de animais²³¹. Em segundo lugar, os usos rentáveis de novas práticas de conservação, como o congelamento e descongelamento rápido, ou, simplesmente a possibilidade de armazenamento sob quaisquer condições, como no caso de cervejas. Esta é, para o autor, a lógica *“de la marchandise : poursuite quantitative de toute économie de temps, et des frais dans la main-d’oeuvre ou le matériau (lesquels facteurs diminuent d’autant le profit)”* (DEBORD, 2006(1985), p. 1582)²³². O qualitativo não conta aqui ou em outros lugares. Foram substituídas várias exigências ideológicas e leis estatais, supostamente impostas, em nome da higiene, ou simplesmente da *apparence garantie*, como no caso das frutas²³³. O favorecimento se deve a finalidade da concentração da produção: o que melhor transmitirá o peso normativo do novo produto infectado. Ao final do processo, o monopólio do mercado visa deixar uma escolha apenas entre *“l’abat-faim et la faim elle-même”* (DEBORD, 2006(1985), p. 1582)²³⁴. A utilidade essencial da mercadoria é, para Debord, ser comprada. Como para qualquer outro autor, mas, chama atenção a sequência do texto. Antes a mercadoria era para ser consumida e digerida. Aparentemente, um

²³⁰ Tradução livre: “todo o alimento que a sociedade moderna consome passou a consistir apenas em inibidores de fome”.

²³¹ Tradução livre: “Primeiro, o sabor”.

²³² Tradução livre: “das mercadorias: busca quantitativa de qualquer economia de tempo, e dos custos em mão de obra ou material (cujos fatores diminuem o lucro na mesma quantidade)”.

²³³ Tradução livre: “aparência garantida”.

²³⁴ Tradução livre: “os inibidores e a fome mesma”.

elogio à mercadoria. Mas, ao contrário disso, é a sua característica mais agressiva, a estética do fechismo da mercadoria engana os sentidos, é o *degoût d'oeil*.

La saveur, l'odeur, le tact même sont abolis au profit des leurre qui égarent en permanence la vue et les oreilles. D'où le recul général de la sensualité, qui va de pair avec le recul extravagant de la lucidité intellectuelle (qui commence à la racine avec la perte de la lecture et de la plus grande partie du vocabulaire). Pour l'électeur qui conduit lui-même sa voiture a regarde la télévision, aucune sorte de goût n'a plus aucune sorte d'importance [...] (DEBORD, 2006(1985), p. 1583)²³⁵.

Embora Debord tenha se referido ao caráter essencial da mercadoria, afirmou, em seguida, o seu aspecto mais corporificado, a estética da mercadoria finalmente se afirmou em forma de síntese. O texto, de um período bastante conturbado da vida de Debord, expõe, na forma mais radical de sua crítica, a realização do gosto humano como atividade educativa do *spectacle*, por meio de sua estética fetichista da mercadoria. A nova mercadoria é o próprio gosto. Assim, conforme Debord, ainda concebendo a conformação de uma nova forma de *spectacle*, afirmou:

La bourgeoisie avait dit longtemps: « Il y a eu de l'histoire, mais il n'y en a plus » (Marx). Elle dit maintenant : Il y a eu du goût, mais il n'y en a plus ». Tel est le dernier « look » de la société du spectacle, et tout « look » individuel, si branché qu'il se veuille, ne peut être branché que sur elle ; car c'est elle qui tient tout le réseau (DEBORD, 2006(1985), p. 1583)²³⁶.

²³⁵ Tradução livre: “Sabor, cheiro e até tato são abolidos em favor de engodos que enganam permanentemente a visão e os ouvidos. Daí o declínio geral da sensualidade, que acompanha o declínio extravagante da lucidez intelectual (que começa na raiz com a perda da leitura e da maior parte do vocabulário). Para o eleitor que dirige seu próprio carro ou assiste televisão, qualquer tipo de gosto não importa mais [...]”.

²³⁶ Tradução livre: “A burguesia há muito dizia: “Houve história, mas não há mais” (Marx). Ela agora diz: Havia gosto, mas não há mais. Tal é o último "look" da sociedade do espetáculo, e qualquer "look" individual, por mais descolado que seja, só pode ser descolado; porque é ela que detém toda a rede”.

Não somente os medicamentos, mas a alimentação, “*comme tant d’autres choses, sont devenus des secrets de l’État*”²³⁷. Estas atividades do mercado comum, como a educação, a estética e a comida, são “*l’emploi secret des services spéciaux, l’emploi spécial des services secrets*” (DEBORD, 2006(1985), p.1586)²³⁸. Isto, acompanhado de uma “*evocation de l’ignorance*” (DEBORD, 2006(1985), p.1585)²³⁹. Os especialistas, do e no *spectacle*, não comentam verdades tão perigosas, disse Debord. “*Tous y trouvent leur intérêt. Et l’individu réel isolé, qui ne se fie pas à son propre goût et à ses propres expériences, ne peut se fier qu’à la tromperie socialement organisée*” (DEBORD, 2006(1985), p.1586)²⁴⁰. O consumo abstrato de mercadorias abstratas tornou visível suas leis. Embora não funcionem muito bem nas regulamentações por meio do autodenominado *Marché Commun*, a abstração deverá substituir “*l’absence générale de la qualité*” (DEBORD, 2006(1985), p.1586)²⁴¹. Nesse sentido, toda a tradição histórica precisa desaparecer para que a abstração de mercadorias abstratas se afirme na ausência geral da qualidade. “*Tout doit se réduire, dans le cadre du Marché commun, à une égalité de la marchandise polluée*” (DEBORD, 2006(1985), p.1586)²⁴². Toda esta construção conceitual teve seu desenvolvimento posterior e anterior. Embora **Abat-faim** tenha sido escrito entre os anos da concepção do conceito de *spectacle* e sua reafirmação em seus comentários, foi nele que Debord avançou sobre a análise da característica ilusória da gratificação monetária, já abordada em *In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni*, seu filme de 1978. As formas do *spectacle* estão próximas de sua integração, assim como a educação de encontrar sua síntese como vantagem do *spectacle*. Diante destas questões, Debord afirmou a imunização contra os prazeres:

²³⁷ Tradução livre: “como tantas outras coisas, tornaram-se segredos de Estado”.

²³⁸ Tradução livre: “o emprego secreto dos serviços especiais, o emprego especial dos serviços secretos”.

²³⁹ Tradução livre: “evocação da ignorância”.

²⁴⁰ Tradução livre: “Todo mundo encontra seu interesse nisso. E o indivíduo real isolado, que não confia em seu próprio gosto e em suas próprias experiências, só pode confiar no engano socialmente organizado”.

²⁴¹ Tradução livre: “mercado comum”; “falta de qualidade geral”.

²⁴² Tradução livre: “Tudo deve ser reduzido, no âmbito do Mercado Comum, a uma igualdade de bens poluídos”.

Il y a des époques où mentir est presque sans danger parce que la vérité n'a plus d'amis (reste une simple hypothèse, et peu sérieuse semble-t-il, qu'on ne peut ni ne veut vérifier). Presque plus personne ne cohabite avec la vérité. (Et avec le plaisir? L'architecture moderne l'a en tout cas supprimé dans sa vaste sphère d'action.) Si le plaisir était fait de jouissances spectaculaires, on pourrait dire les consommateurs heureux tant qu'ils trouvent des images à brouter. La dangereuse dialectique revient alors par ailleurs. Car on voit bien que tout se décompose des dominations de ce monde. Alors que la critique épargne toute leur gestion, tous les résultats les tuent. C'est le syndrome de la maladie fatale de la fin du XX siècle : la société de classes et spécialisations, par un effort constant et omniprésent, acquiert une immunisation contre tous les plaisirs (DEBORD, 2006(1985), p.1587)²⁴³.

A que prazeres se referiu, senão, os dos sentidos privados por mercadorias abstratas? No ano de 1988, vinte anos após a publicação de ***La société du spectacle*** e dez anos depois da divulgação do filme ***In Girum***, publicou ***Commentaires sur la Société du Spectacle***. Em seu texto cabal sobre o ***spectacle***, retomou a afirmação da característica ilusória da riqueza da gratificação monetária. Assim como, no filme, ela foi tomada como o “*respect d’enfants pour des images!*” (DEBORD, 2006, p. 1346), esta gratificação diz respeito ao povo sem gosto, *sans goût* por não reconhecer nada, senão imagens²⁴⁴. A questão é que as imagens existentes são, também, as mentiras existentes. São imagens mercadorias dos quais os intelectuais domesticados fazem uso como mestres do discurso para espectadores especializados. O poder das imagens está assentado, conforme Debord, pelo movimento real que dita as condições existentes da organização das relações de produção de uma época, como também, pelas formas de falsa consciência que cresceram sobre esta base (DEBORD, 2006).

²⁴³ Tradução livre: “Há momentos em que a mentira é quase sem perigo porque a verdade já não tem amigos (permanece uma hipótese simples, e não muito séria, que não podemos e não queremos verificar). Quase ninguém vive mais com a verdade. (E com prazer? A arquitetura moderna, em todo caso, o suprimiu em sua vasta esfera de ação.) Se o prazer fosse feito de gozos espetaculares, poderíamos dizer que os consumidores ficam felizes desde que encontrem imagens para navegar. A dialética perigosa retorna então em outro lugar. Porque podemos ver claramente que tudo se rompe com a dominação deste mundo. Enquanto a crítica poupa toda a sua gestão, todos os resultados os matam. É a síndrome da doença fatal do final do século XX: a sociedade de classes e especializações, por um esforço constante e onipresente, adquire uma imunização contra todos os prazeres”.

²⁴⁴ Tradução livre: “respeito das crianças pelas imagens!”.

Daí a afirmação sobre a educação, no texto de 1988, como uma vantagem do *spectacle*. Debord fez menção direta à educação ao se referir ao aspecto predominante do espetáculo. Neste texto evidenciou que permaneceram presentes, entre os anos de sua escrita e publicação, o traço definidor da educação na sociedade do espetáculo. O *Commentaires* sobre esta sociedade parte da mesma proposição teórica, a partir da qual, escreveu suas teses, vinte anos antes: o capital acumulado em tal grau que se tornou imagem. Nele, os comentários "*Ils n'envisagent pas ce qui est souhaitable, ou sculement préférable. Ils s'en tiendront à noter ce qui est*" (DEBORD, 2006(1988), p. 1595)²⁴⁵. Fez da leitura de sua obra uma confirmação de sua concepção sobre o desenvolvimento das forças produtivas do *spectacle* como um momento histórico de longa duração.

O momento histórico ainda é o momento da hegemonia americana e dos recursos tecnológicos e científicos aplicados à exploração da natureza e das realizações humanas, na reprodução de uma sociedade, na qual, seus membros, exploram-se mutuamente. Segundo ele, o desenvolvimento qualitativo da sociedade se anula diante a quantidade em desenvolvimento esponencial. No texto, refletiu sobre seus conceitos em um momento histórico, no qual, ao produzir o *spectacle*, a sociedade garantiu as condições de sua reprodução. Quer dizer, a mediação produzida pelo *spectacle* delimitou as bordas da sociedade contemporânea e deu forma às relações sociais. Isso se deu na cidade. Não em qualquer cidade, na cidade do *spectacle*. A partir deste locus da educação no *spectacle*, reafirmou como suas leis puderam subjugar (*pliée*) uma geração inteira. A primeira delas, e a mais evidente, é de que o espetáculo não aparece. Os donos do *spectacle*, do mundo, agem para que do *spectacle* não se fale. Não se diz nada sobre o uso que se faz dele. Sobretudo, ninguém pode duvidar racionalmente "*de l'existence et de la puissance du spectacle*" (DEBORD, 2006(1988), p. 1595)²⁴⁶.

Debord escreveu o texto para corrigir uma discussão sobre o espetáculo, indicada por ele, como a discussão sobre o que fazem os donos do mundo que se organizou assim, por si mesma: insiste-se nos grandes meios do espetáculo, para não falar de seu grande emprego. Estas discussões se limitaram reconhecer o

²⁴⁵ Tradução livre: "Eles não consideram o que é desejável, ou apenas preferível. Eles vão ficar observando o que é".

²⁴⁶ Tradução livre: "da existência e do poder do espetáculo".

spectacle como o *médiatique*. Mas, os *mass media*, apenas comunicam ordens e é o lugar do qual aqueles que as dão dizem o pensam sobre elas. Para Debord, o *spectacle* comanda os meios e as extravagâncias do poder e dos *mass media* não pode perder de vista o mais importante:

Le changement qui a le plus d'importance, dans tout ce qui s'est passé depuis vingt ans, réside dans la continuité même du spectacle. Cette importance ne tient pas au perfectionnement de son instrumentation médiatique, qui avait déjà auparavant atteint un stade de développement très avancé: c'est tout simplement que la domination spectaculaire ait pu élever une génération pliée à ses lois. Les conditions extraordinairement neuves dans lesquelles cette génération, dans l'ensemble, a effectivement vécu, constituent un résumé exact et suffisant de tout ce que désormais le spectacle empêche; et aussi de tout ce qu'il permet (DEBORD, 2006(1988), p.1597)²⁴⁷.

Depois de vinte anos da publicação de suas proposições teóricas sobre a *société du spectacle*, Debord chamou atenção para o aspecto de maior relevância sobre ela. O governo do *spectacle* passou a deter todos os meios para falsificar juntos a produção e também a percepção. Tornou-se o possuidor absoluto das memórias e dos projetos que moldam o futuro mais distante. Encontrou-se, então, como unificado, e, sozinho em todos os lugares, “*il exécute ses jugements sommaires*” (DEBORD, 2006(1988), p.1598)²⁴⁸. Nas palavras de Debord, o *spectacle* pôde *élever une génération* (DEBORD, 2006(1988), p.1597)²⁴⁹. Desde sua apropriação dialética e astuciosa, como definiu Toledo (2015), da categoria do *spectacle*, até o momento presente daquele texto-comentário, foi a vantagem do *spectacle* o exercício da atividade educativa na construção da interiorização mais profunda: a do corpo externo e abstrato da mercadoria, da separação entre o corpo vivo e sua representação como equivalente abstrato em imagem-mercadoria. O

²⁴⁷ Tradução livre: “A mudança mais importante, em tudo o que aconteceu durante vinte anos, está na própria continuidade do espetáculo. Essa importância não se deve ao aprimoramento de sua instrumentação midiática, que já havia alcançado um estágio muito avançado de desenvolvimento: é simplesmente que a dominação espetacular foi capaz de educar uma geração sujeita às suas leis. As condições extraordinariamente novas em que essa geração, como um todo, realmente viveu, constituem um resumo exato e suficiente de tudo o que o espetáculo agora impede; e também de tudo o que ela permite”.

²⁴⁸ Tradução livre: “ele executa seus julgamentos sumários”.

²⁴⁹ Tradução livre: “educar/construir/levantar uma geração”.

spectacle dominou, assim, o espaço da vida urbana como pátio de sua escola e fez das escolas e universidades suas instituições/empresas provedoras dos quadros necessários ao seu bom desenvolvimento como força motriz da separação, o equivalente universal e a representação estética do capital (DEBORD, 1971; GRESPAN, 2019; MARX, 2011). Sugiui aí a primeira intenção da dominação espetacular, já afirmada em 1967, que o *spectacle* definiu como sua tarefa.

La première intention de la domination spectaculaire était de faire disparaître la connaissance historique en général; et d'abord presque toutes les informations et tous les commentaires raisonnables sur le plus récent passé. Une si flagrante évidence n'a pas besoin d'être expliquée. Le spectacle organise avec maîtrise l'ignorance de ce qui advient et, tout de suite après, l'oubli de ce qui a pu quand même en être connu. Le plus important est le plus caché. Rien, depuis vingt ans, n'a été recouvert de tant de mensonges commandés que l'histoire de mai 1968. D'utiles leçons ont pourtant été tirées de quelques études démystifiées sur ces journées et leurs origines; mais c'est le secret de l'État (DEBORD, 2006(1988), p.1601)²⁵⁰.

A sociedade foi modernizada com o *etat* do espetacular integrado. Sua característica, depois desta tarefa mencionada, consiste na combinação de “*cinq traits principaux*” (DEBORD, 2006(1988), p.1599)²⁵¹. O efeito da combinação destes cinco golpes caracteriza o *spectacle* em sua forma mais avançada. A saber, estes golpes são a renovação tecnológica incessante; a fusão economia-estatística; o segredo generalizado; o falso sem réplica; e, um presente perpétuo. Embora estas características tenham sido tomadas como o efeito da combinação, restou à destruição da história o afastamento do acontecimento contemporâneo, “*lui même qui s'éloigne aussitôt dans une distance fabuleuse, parmi ses récits*”

²⁵⁰ Tradução livre: “A primeira intenção da dominação espetacular foi fazer desaparecer o conhecimento histórico em geral; e primeiro quase todas as informações e comentários razoáveis sobre o passado mais recente. Essa evidência gritante não precisa de explicação. O espetáculo organiza com maestria o desconhecimento do que está acontecendo e, logo em seguida, o esquecimento do que ainda se poderia saber sobre ele. O mais importante é o mais escondido. Nada em vinte anos foi coberto por tantas mentiras comissionadas quanto a história de maio de 1968. Lições úteis, entretanto, foram extraídas de alguns estudos desmistificados daqueles dias e suas origens; mas é segredo de estado”.

²⁵¹ Tradução livre: “cinco golpes principais”.

*invérifiables, ses statistiques incontrôlables, ses explications invraisemblables et ses raisonnements intenable*s” (DEBORD, 2006(1988), p.1602)²⁵².

Debord foi um estilista, um modelo clássico do iluminismo “no limiar do crepúsculo” (BENSAÏD, 2020, p.77). Escreveu a partir de uma retaguarda da razão ameaçada tanto quanto da vanguarda de uma resistência. Viveu e produziu sua obra diante da ameaça do eclipse espetacular da razão e dos sentidos das realizações humanas. Esta ameaça, conforme Bensaïd, configurou-se em uma tríplice aniquilação promovida pelo *spectacle*. Em primeiro lugar, a aniquilação da história foi modo pelo qual o espetáculo se apresentou como uma imensa acumulação de mercadorias, de *spectacles*. Obteve a expressão ideológica desse congelamento do tempo do estruturalismo. E, nesse sentido, Debord, ao analisar o espetáculo, reconheceu a linguagem mesma do *spectacle*. Desde os anos de 1950, Debord reconheceu o problema revolucionário como um problema do prazer, sobretudo, evidenciou que o capitalismo esvaziou os ofícios de significação e desviou o sentido da vida para o lazer. O lazer, nesse sentido, não pode ser mais a negação do cotidiano e do trabalho. O próprio lazer se tornou alienado e alienante, assim também, o prazer (BENSAÏD, 2020). Uma vez aniquilada a história, foram aniquilados também o corpo e seus sentidos.

Em segundo lugar, o *spectacle* parte de uma supressão da cidade. Nesse processo, o urbanismo, que partiu da proposição de Le Corbusier para supressão da rua, acabou com as chances da insurreição e do encontro. O urbanismo oficial, para a I.S. e para Debord, existe apenas enquanto técnica de separação. Ao espalhar e dispersar nos campos massas informes de resíduos urbanos, de supermercados, estacionamentos, terrenos baldios e desolados, a cidade tende a se consumir.

O urbanismo destrói a cidade para construir paisagens pseudocampestres em nome do arranjo do território e em proveito de cidades novas onde nada mais se supõe acontecer: cidades

²⁵² Tradução livre: “ele mesmo que imediatamente se afasta para uma distância fabulosa, entre suas histórias inverificáveis, suas estatísticas inverificáveis, suas explicações implausíveis e seus raciocínios insustentáveis”.

sem história para uma história sem acontecimentos, zona que não são mais periferias e sim não-lugares (BENSAÏD, 2020, p. 78).

Em terceiro lugar, o *spectacle* transformou a arte em fetiche espetacular. Deixou a arte de existir, por isso, como uma prática unificada contra a separação. Diante destas evidências do colapso da história, promovido pelo *spectacle*, Debord permaneceu, ainda, com sua concepção dialética e historicista, que reduziu a revolução à questão sobre a direção da revolução, assim como, reduziu, parcialmente, o cinema à questão sobre a direção do cinema (COPPOLA, 2006). Embora isto tenha sido entendido como parte do esquerdismo teórico que nutria, ele percebeu os problemas do determinismo científico como uma fissura no pensamento de Marx, da qual, para ele, surgiu a ideologização pensamento marxista, e, além disso, expressou clarividência sobre movimentações políticas em outros países (BENSAÏD, 2020).

Acrescentamos, aqui, uma quarta aniquilação ameaçadora, não mencionada por Bensaïd, talvez, porque seu livro permaneceu inacabado. O *spectacle* se tornou a mediação e as relações sociais que caracterizam a educação. Se a educação pode ser enendida como uma atividade de natureza social separada da sociedade que a produz e reproduz, então a crítica do espetáculo, formulada por Debord, representa uma contribuição histórica para o entendimento da transformação da educação em mercadoria. Se a educação pode ser entendida como uma atividade de representação jurídica empresarial, o *spectacle* se constitui como suas relações sociais. Se a educação pode ser entendida como atividade no âmbito das mediações capitalistas, o *spectacle* assumiu a educação como sua atividade fim. O *spectacle* educa sua sociedade sem história (DEBORD, 2006).

Nesse sentido, a filosofia não pode ultrapassar a teologia como poder do pensamento e como pensamento do poder, ambos, separados. “*Le spectacle est la reconstruction matérielle de l’illusion religieuse*” (DEBORD, 1971, p. 16)²⁵³. A técnica espetacular não dissipou *les “nuages religieux”* (DEBORD, 1971, p. 16), apenas construiu um lugar, na terra, para o poder próprio da realização humana

²⁵³ Tradução livre: “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa”.

permanecer dela separada²⁵⁴. “*Ainsi c’est la vie la plus terrestre qui devient opaque et irrespirable*” (DEBORD, 1971, p. 16)²⁵⁵. O *spectacle* possibilitou a realização técnica da separação consumada no interior do humano.

La séparation est l’alpha et l’oméga du spectacle. [...] Le spectacle est la conservation de l’inconscient dans le changement pratique des conditions d’existence. Il est son propre produit, et c’est lui-même qui a posé ses règles : c’est un pseudo-sacré. Il montre ce qu’il est : la puissance séparée se développant en elle-même, dans la croissance de la productivité au moyen du raffinement incessant de la division du travail en parcellarisation des gestes, alors dominés par le mouvement indépendant des machines ; et travaillant pour un marché toujours plus étendu (DEBORD, 1971, p. 18-19)²⁵⁶.

Com a separação geral do trabalhador de seu produto, a comunicação pessoal e direta se perdeu. Com a imposição da forma de um ponto de vista *uni* e não *omni* lateral, a concentração do processo produtivo e dos produtos separados tornaram “*l’unité et la communication deviennent l’attribut exclusif de la direction du système*” (DEBORD, 1971, p. 19)²⁵⁷. A proletarização do mundo significou, para o autor da categoria *socété du spectacle*, o sucesso do sistema econômico separado. A educação, assim, confirmou-se como a atividade principal do *spectacle* em sua relação com o trabalho e com o lazer. Se o mundo foi proletarizado, o mundo foi, também, educado. Seja como for, a perda do gosto não se deu como um processo resultante, mas como ação própria da sociedade espetacular sobre o indivíduo. Tenha o *spectacle* promovido a educação por qualquer uma de suas formas, difuso, concentrado ou integrado, a perda da qualidade se traduziu como a característica fundamental da produção real que dispensou a história da realidade social. A formamercadoria é “*part en part l’égalité à soi-même, la catégorie du quantitatif*”

²⁵⁴ Tradução livre: “nuvens religiosas”.

²⁵⁵ Tradução livre: “Assim é a vida mais terrena que se torna opaca e irrespirável”.

²⁵⁶ Tradução livre: “A separação é o alfa e o ômega do espetáculo. [...] O espetáculo é a conservação do inconsciente na mudança prática das condições de existência. É o seu próprio produto, e é ele próprio que estabelece as suas regras: é um pseudo-sagrado. Mostra o que é: poder separado desenvolvendo-se em si mesmo, no crescimento da produtividade por meio do refinamento incessante da divisão do trabalho no parcelamento dos gestos, então dominado pelo movimento independente das máquinas; e trabalhando para um mercado em constante expansão”.

²⁵⁷ Tradução livre: “unidade e comunicação tornam-se o atributo exclusivo da liderança do sistema”.

(DEBORD, 1971, p. 26)²⁵⁸. O movimento prático que fez da sociedade um mercado mundial foi o desenvolvimento que excluiu o qualitativo e se omitiu em sua própria abundância. Está no estranhamento do presente a atividade da educação que se fez quantidade e se desvинуlhou de sua qualidade histórica. Esta alienação dominante de um presente estanho, compreende também uma alienação espacial, na qual, “*la société qui sépere à la racine le sujet et l’activité qu’elle lui dérobo, le sépare d’abord de son propre temps*” (DEBORD, 1971, p. 128)²⁵⁹.

A educação, entendida como a mediação da constituição da representação da vida, na *société du spectacle*, consiste na mediação estética da mercadoria. Não mais uma mística do fechismo, mas a materialização de sua estética do fazer ver e de sua ética da separação. A desumanização consiste na condição mesma da mediatização encampada pelos donos do poder especular, entendida como exercício racional da fabricação da alienação, tanto da percepção, quando da consciência, pelo trabalho e pelo entretenimento, na sociedade do espetáculo. Não mais um produto do trabalho, mas da reprodução da forma de vida do assalariado juridicamente representado. Ambas, a educação e a desumanização, para Debord são fenômenos próprios do *spectacle*. A partir da análise sobre a ocupação total da vida social pela religião, feita por Debord e subsumida, segundo ele, como cultura separada, esteticamente projetada e estatisticamente gestada, podemos afirmar que a mercadoria aliena. Não mais somente como trabalho e suas determinações, mas, também, como inatividade de espectador consumista em seu tempo de lazer e de prazer. A educação, na chamada *société du spectacle*, é a formação estética do fetichismo da mercadoria. A educação, tanto quanto a desumanização, como mercadoria, participa das atividades das organizações que gestam a produção da alienação. No *spectacle*, a alienação se realiza ao mesmo tempo que a educação para a reprodução estética do fetichismo da mercadoria. Em sua forma

²⁵⁸ Tradução livre: “em par de igualdade consigo mesma, a categoria do quantitativo”.

²⁵⁹ Conforme Bensaïd, para Debord, “a generalização da alienação se traduzia, ao contrário, por uma extensão do proletariado, mas ao preço de uma dissociação entre a consciência e a condição, entre a crítica artística e a crítica social, agravada posteriormente em dissociação entre o social e o societal. Para ele, “a imensa maioria dos trabalhadores que perderam todo o poder sobre o emprego de sua vida, desde que o saibam, se redefinem como proletariado”. A classe se define, dessa forma, unilateralmente pela sua consciência e não mais pela sua condição. Os eclipses da consciência tornam-se eclipses da própria luta. A alienação se torna, contrariamente a resistência à exploração, o verdadeiro critério da oposição: “Onde se encontrava o isto econômico deve advir o eu” (BENSAÏD, 2020, p. 88). Tradução livre: “a sociedade que separa pela raiz o sujeito e a atividade que lhe rouba, primeiro o separa de seu próprio tempo”.

mercadoria, a educação não satisfaz a fome do deus dinheiro (MARX, 2018), a não ser que, realize-se como processo de formação do humano pela imagem humana (DEBORD, 2006).

A vida cotidiana, da cidade, tornou-se o tempo e o lugar da fabricação da consciência, para qual, os objetos se relacionam entre si como objetos dotados de valor de troca. Educa-se, na *société du spectacle*, para aparecer, não mais para o ser ou o ter. Embora a designação sociedade do espetáculo tenha sido de uso corrente, como reivindicou Bensaïd, Debord a tomou teoricamente como o conceito de análise da fase de representação estética do capital, a partir de uma crítica estético revolucionária. A expressão era corrente nos anos de 1960, especialmente em Paris. Entretanto, disse o autor francês, que o *spectacle* consiste na desumanização dos sentidos e em um soslaio do olhar (*dégout d'oeil*) pela mercadoria. Consiste no rapto do gosto e no governo de sua produção abstrata. O conceito de *spectacle*, conforme exposto por Debord, está profundamente relacionado ao engano, seja da fome, da abundância ou do conhecimento.

O livro, ***La Société du Spectacle***, como uma teoria voltada para análise das transformações dos sentidos humanos quando produzidos pela mercadoria, foi produzido com a apropriação/comentário/*detournet* de textos e concepções de autores clássicos, especialmente da crítica de Marx²⁶⁰. A fome não tem sentido estético, mas como sua mercadoria, o capital fez dela um lugar de produção de valor-desejo. Uma elaboração desviada da teoria de Karl Marx ofereceu aos seus enunciados, sobre o *spectacle*, uma sinalização quanto ao seu sentido singular. Se para o *spectacle* a mediação social deve desumanizar o sujeito em imagem, para Debord e a *I.S.*, a atividade revolucionária, na vida cotidiana, orienta-se pela reapropriação livre das realizações humanas desde a humanização da experiência com o meio ambiente. Se a urbanização, gestada pelas forças políticas do capitalismo, desumaniza os transeuntes e usuários do espaço, ao urbanismo unitário e experimental couberam as funções de construção dos ambientes deseducativos com fins à práxis que contesta o *spectacle*. O jogo, para *I.S.*, foi

²⁶⁰ Sobre os autores e mais detalhadamente, cf. CIOCCARI, *et al.*, 2018.

jogado coletivamente, mas a categoria, para Debord, foi uma criação de sua autoria, refletida aqui, como uma síntese particular de questões sobre a educação.

CONCLUSÃO

As determinações do aparecer, no *spectacle*, marcaram a separação estética debordiana como uma novidade histórica: a educação como mediação e relação social do *spectacle* é um processo específico de alienação da percepção e fetchização dos sentidos. O *spectacle* pôde por quase vinte anos educar uma geração subjugada às suas próprias leis. Isto foi, segundo Debord, de maior importância que o aperfeiçoamento da instrumentação midiática, realizada no mesmo período. Nos anos de 1960, o *spectacle* já estava suficientemente aparelhado pelas tecnologias reprodutivistas. Sua continuidade como atividade educativa foi tomado como um fato de grande importância. A teoria do *spectacle* visou explicitar a mercadoria em seu aspecto mais efêmero, como imagem. Entretanto, como a educação ganhou importância política, e por isso mesmo estratégica, nos anos seguintes, a espetacularização da educação se consistiu em uma inclusão definitiva das suas atividades aos âmbitos das trocas de valores, de mercadorias. As manifestações dos estudantes disseram respeito aos conflitos presentes no interior das instituições educativas e culturais que acompanharam bem de perto esta transformação da educação em valor de troca. A explicitação da troca de valores imagens, como teoria, visou a superação, por meio realização da arte e da participação direta nos conselhos de trabalhadores, da sociedade capitalista. Visou explicar para transformar a sociedade. Por isso, não refletiu a educação apenas como falso negativo, mas como um processo de cooptação e sequestro dos sentidos humanos, assentado sobre as bases da alienação e da desumanização. A educação supera o capital, mas como *spectacle* o afirma.

O *spectacle* pode ser, antes de qualquer coisa, uma metonímia do capital. Ao utilizar uma palavra de contexto semântico fora de seu uso comum, desvia o sentido popular do entretenimento à consciência do *show*. A sociedade do espetáculo, desvelada no uso irônico do termo sobre seu possuidor, não se reproduz senão como uma sociedade para a qual tudo se transformou em mercadoria. A construção da teorização do sentido da palavra *spectacle*, pelo autor francês, levou-o para fora de seu contexto semântico e semiótico mais imediato e

reclamou para si uma composição complexa de elementos. O enfrentamento conceitual na elaboração teórica de uma relação social mediada pela imagem e não mais por relações entre corpos vivos. O ser humano vivo, a vida que era vivida, tornou-se, nessa sociedade, *spectacles*. A visão de mundo que reúne o espetáculo como espetáculo o reúne como separado e a produção do *spectacle* se deve às relações sociais que deram vida ao que está morto. A representação da vida do que está morto tornou-se imagem-mercadoria e a acumulação do capital fez dele a realidade de si mesmo em imagens refletidas com luzes, tintas, tecnologias e materiais próprios. Significar *spectacle* nesse contexto, fez com que a arte fosse refletida como a própria atividade do capital. A cultura, cristalizada, cristalizou relações sociais nas sociedades capitalistas para as quais as relações sociais são mediadas por imagens. A substituição metonímica de mercadorias por *spectacles*, na apropriação livre da frase de Karl Marx, fez referência, ao mesmo tempo, à produção social, às relações sociais e às mediações da reprodução social da vida por imagens. A imagem, como mediação exercida pelo próprio capital, faz do poder uma maquinação de imagens. Uma verdadeira maquinaria da imagem emerge da própria reprodutibilidade técnica exigida pela reprodução sociometabólica do capital em sua forma de representação estética.

A educação se tornou, assim, o processo presente no coração do *spectacle*. A construção de relações sociais mediadas por imagens se deu em um território de disputas entre as diversas forças sociais pelo domínio da formação, humanizada ou não, e das instituições, às quais foram outorgados os auspícios dos processos de internalização alienante. O *spectacle* se apresentou como a própria mediação educativa, necessária ao seu próprio metabolismo. Apresentou-se como uma voz de comando à qual a obediência deve ser o valor fim. Diversa dos regimes políticos de até então, a gestão cinemática da sociedade organizou a cultura como um território produtivo. O domínio do *spectacle* sobre a educação, então, fez-se como domínio da imagem formativa, da imagem da formação, da reprodução e produção dessa imagem. O *spectacle* envolveu os sentidos nessa apreensão da própria vida como vida representada de si mesmo. A apreensão dos sentidos pelo *spectacle* se deveu, sobremaneira, à atividade dos meios de comunicação social e de seu uso pelos especialistas do poder espetacularizado. Entretanto, não se limitou à produção dos *mass media*. Essa forma social está estreitamente

relacionada com a pressuposição de que a realidade emergiu do *spectacle*, e o *sepctacle* passou a ser tomado como realidade. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade do espetáculo. O *spectacle* é a principal produção desta sociedade e corresponde à fabricação concreta da alienação.

A análise sobre a educação e a desumanização na sociedade do espetáculo evidenciou algumas características determinantes do poder econômico sobre a educação. Sobretudo no que diz respeito à estética, ao que chamamos formação dos sentidos, ficou evidentemente clara, que para Guy Debord, a experiência estética está determinada pela mediação do *spectacle*. Em seu exercício metabólico de produção e consumo de si mesmo, o *spectacle* denomina apreender o mundo externo como apreensão de seu ambiente interno. A percepção foi raptada pela atividade sóciometabólica do *spectacle* ao transformar tudo em uma representação do vivo. Aliás, diga-se, forma de representação da qual o conteúdo está nebulosamente separado. O conteúdo do *spectacle*, para o autor, é o sonho do desejo realizado e o constrangimento da realização não alcançada. E, quando falamos em educação, a partir da análise debordiana, tornou-se importante frisar que este fracasso é o mesmo da realização da filosofia. Ao identificar as várias e múltiplas determinações do *spectacle*, desdobrado em suas três expressões históricas, a repetição histórica, reivindicada por Debord, faz referência direta ao fracasso do projeto humanista. Em contrapartida, sua negação, tornou-se a afirmação de um projeto de dominação da experiência estética. Eis aí o lugar definitivo da educação, ela apareceu em todo o espaço de internalização da experiência estética produzida no interior do próprio ambiente do *spetacle*. O *spectacle* foi definido como uma totalidade abrangente de quaisquer que sejam os conteúdos produzidos separados de sua própria forma social e suas condições de produção. O isolamento, como uma delas, passou a consistir na união do separado como separado. A classe trabalhadora foi diluída nas águas da experiência estética da separação. Alienados daquilo mesmo que produzem, os indivíduos consomem sons e sabores por imagens. Afetos e toques por mensagens. Consomem cheiros e olhares separados do objeto percebido.

Os conceitos de humanidade, luta de classes, contradição, representação, fetiche, mercadoria, hegemonia, mediação, capital e sociedades capitalistas,

formas de vida, transição, política (na forma de oposição entre o proletariado - incluindo as categorias dominantes do proletariado - capazes de exercer força produtiva entre aquelas determinações subjetivas da subjetividade humana, o mais elaborado produto da mediação no processo de construção da percepção ideológica e linguística da realidade) foram teoricamente elaborados ao longo do desenvolvimento histórico da educação. Nesse sentido, ganharam maior importância no processo de construção da análise. Afinal, a presente pesquisa compreendeu a educação como processo da construção da percepção da realidade no âmbito das relações sociais. A mercadoria como, antes de qualquer coisa, um mistério, refere-se ao trabalho e à linguagem, à práxis da apropriação e da internalização da cultura humana, ou não, também capitalista. Ou que, pelo menos assim, esperava-se que fosse. A própria relação humana foi construída a partir dela e, como tal, a filosofia e a arte burguesa, separadas em formas de vidas cotidianas, constituíram-se em verdadeiros territórios ideológicos materializados pelos mecanismos privados do exercício da hegemonia. A educação foi historicamente construída nos meandros da construção do ser humano, pelo próprio ser humano. Quer dizer, em um processo de generalização da percepção do animal, repleto de cognição e linguagem, que pode construir sua própria história dominando completamente a mediação com a natureza, elaborada como seu ambiente, linguagem, cognição e práxis.

Sozinhas, as Escolas e Universidades, não podem garantir a reprodutibilidade do capital. Algumas teorias reprodutivistas sobre educação se propuseram demonstrar este potencial reprodutor e garantidor da ordem capitalista. A escola, tomada como um aparelho ideológico, não se constitui em uma totalidade social capaz de garantir a reprodução do sociometabolismo do capital, totalizante e monopolizador, universal e global. Pensar a educação e o humanismo, na sociedade capitalista, implicou pensá-los como mediação e contradição, quer dizer, pensar a relação dos seres humanos consigo mesmos e com a natureza na forma política de um conflito de classes antagônicas, que no momento histórico do *spectacle*, segundo Debord, foram fragmentadas pela lógica da relação social determinada pela mercadoria imagem.

O capital, em sua representação estética, como pura abstração da beleza, segundo a totalidade do cálculo do crédito, tornou-se disponível àqueles que puderam financiar as próprias construções materiais de suas representações. Mais importante que ser ricos, e que a própria riqueza, tornou-se necessário aparecer ser rico em meio à pobreza. Tornou-se fim aparecer ser humano na sociedade do *spectacle* desumanizada. A quantidade suprimiu em si a qualidade do animal em mera coisa trocada entre os animais sociabilizados pela produção da mercadoria-imagem das sociedades capitalistas, no pós-guerra. E, é bom lembrar, para além das capacidades dos olhos, o *spectacle* concebeu também o paladar, o gosto, o tato e o desejo destituídos de corpos e repletos de valor de troca. É preciso ainda, sinalizar a distinção da mercadoria imagem do signo. O poder simbólico é arbitrário e reproduzido pelos sistemas de reprodução ideológicas. A imagem é uma mercadoria e como tal participa do mistério do capital, do fetichismo e da alienação constituintes da produção da mercadoria e de seu valor de troca.

No *spectacle*, o poder não é simbólico ou arbitrário, mas uma força produtiva desumanizadora. O processo de transformação do animal em coisa, mercadoria, cujo valor de troca está determinado pela lei da oferta e da procura, no mercado determinado pela forma política da democracia, com fortes manifestações revolucionárias no interior da superestrutura cultural, de uma específica estrutura econômica e material, é o poder próprio do *spectacle*. O humano, nesse caso, é o ser de um animal vivo que se diverte, pensa e trabalha. O humanismo, na dialética debordiana, a partir de um desvio da filosofia da miséria, naquilo que foi elaborado como miséria da filosofia, viu-se como mercadoria humana. O divertimento se tornou um espaço de separação dos meios dirigentes dos grupos dirigidos.

Guy Debord não enunciou seus postulados teóricos dos ambientes previamente projetados e gestados pelos poderes centralizados. Sejam eles, em sua materialização no mercado difuso, içados por uma política de democracia orientada, previamente organizada pela produção de mercadorias humanas; ou, pela violência institucionalizada a serviço dos grupos dominantes em sua manifestação autoritária na condução dos processos burocráticos de transformações internas até os processos produtivos; o autor formulou sua teoria a partir do que viu nas ruas e nas movimentações sociais de sua época. No momento

histórico do espetáculo debordiano, todos os processos sociais dos sistemas de reprodução social foram tomados pela representação espetacular da mercadoria, produto das forças produtivas, tecnológicas, e das tecnologias. A face mais aparente foi aquela que se apresentou como processo tecnológico dominante, que não foi o único e sabe que não o pôde ser. O *spectacle* definiu estrategicamente a reorientação da educação pelas vias da administração do Estado constituído de representações, inclusive das classes trabalhadoras. Por isso, em suas versões institucionais, visou a formação profissional a partir do ensino gestado pelos técnicos e empresários, advogados e administradores dos recursos do Estado, que, como representação, diluiu-se de vez em suas expressões bárbaras e acompanhou suas forças tecnológicas mais sutis se transformarem em meios hegemônicos de se alcançar afirmar e reafirmar o domínio do poder do capital sobre a sociedade.

O *spectacle* assumiu a mediação da mediação como determinada pelas tecnologias eletrônicas dos *mass media* e executadas em escolas geridas pelos grupos empresariais assentados nas cadeiras do Estado. Embora a face das comunicações tenha se tornado a mais vistosa para alguns leitores de Debord, a Escola e a Universidade foram para ele as referências principais para elaborações teóricas. A educação, entendida, como um campo em disputa, fez da Escola, Universidade e mídia ocupantes do mesmo espaço das redes lançadas ao espaço do universo urbano. A utilização de satélites centralizou estes espaços de disputas técnicas e tecnológicas e a tornou elemento de integração do *spectacle*.

Guy Debord formulou sua leitura da realidade social com vistas à prática cotidiana da revolução. Da sua declaração sobre o fim da estética, nos anos de 1950, transformada em mercadoria, apropriou-se livremente do pensamento e da intelectualidade com fins de superar a autoria. Propôs subverter e desafiar a autoridade da autoria nas artes e na teoria social. Fez-se intelectual no cotidiano da vida urbana parisiense, entre os anos de 1950-1960. À afirmação de Marx e Engels, sobre a realização da filosofia, conjugou a subversão intelectual da superação da arte e sua conseqüente reconstrução em vida cotidiana. Ao assumir uma posição vulgar e, ao mesmo tempo, erudita, Debord se afirmou como um intelectual sem partido. Embora tenha agido a partir de sua lógica, sem participação na mídia, foi um intelectual sem lugar no mundo urbano que o cercava. Laureou,

com suas proposições sobre a realidade urbana de Paris, a análise da sociedade parisiense personificando a parte mais simples e a mais refinada. Encontramos nela um cinema em vias da destruição do espetáculo, uma arte subversiva e concepções teóricas sobre a revolução como uma prática social que profana o cotidiano, na cidade da mercadoria e do espetáculo.

Já em um primeiro lampejo da sociedade espetacular, na crítica que fez ao cenário artístico francês, denunciou a recusa da exposição da arte não oficial. A questão diz respeito à exposição de Asger Jorn, na galeria Iris Clert, nos anos de 1950. A criação da situação consistiu na afirmação central de sua crítica: *Le marché s'épuise*. Quer dizer, as reproduções de um artista desconhecido não são um grande negócio. Não é na venda que se pode esperar obter grandes lucros. Mas em trabalhos daqueles estrangeiros que se apresentam para fazer de sua reputação uma reputação parisiense, com a qual, esperam ganhar dinheiro em seu próprio país. Uma crítica ainda em suas expressões juvenis, diga-se, pois se utilizou de uma circunstância para criar sua situação. Sobretudo, este modo de agir, acompanhou Debord por muito tempo. Recusou-se a se desfazer da concepção de que a Revolução é um assunto estratégico e deve ser, por isso, perseguida como um gesto da vontade, mesmo que as condições, afirmadas como objetivas, digam o contrário: para enfim superar a arte, precisou denunciá-la como uma crítica estética que poderia abranger a totalidade social que a cerca. A questão sobre a exposição revelou já aspectos do espetáculo. Mas, ainda, assentava-se sobre a concepção incipiente da teoria do espetáculo forjada no interior da destruição da estética. Um revelado fim das artes tomado como lugar legítimo do desenvolvimento da subjetividade inalienável.

Embora suas análises tenham começado a partir da apropriação das artes e se desenvolveram em crítica política e social, foi justamente nas artes que encontrou o elemento que lhe ofereceu a possibilidade de construir uma crítica, com a qual, avançou por sobre a ideologia do Estado contratualista e de mercado quanto por sobre as aspirações de um Estado de ortodoxia científica, dito proletário. A crítica construída por de Guy Debord foi uma crítica permanente. De Isidore Isol à leituras da sociedade capitalista, desde o século XIX aos seus contemporâneos intelectuais da *intelligentsia* e da ortodoxia acadêmica, foram feitas as influências de

Guy Debord. Intelectual, formado no interior dos movimentos sociais e das artes, elaborou suas teses com a convicção de que seu momento histórico foi o momento de uma possível revolução da sociedade, com vias a sua realização devido a oportunidade histórica das movimentações sociais dos anos de 1960, na França e no mundo. Partiu do plágio, da leitura apropriada coletivamente, que explicita a realidade social da vida vivida sob as ordens superiores do mercado ou dos dirigentes de partidos. Da apropriação dos clássicos que refletiram o movimento motriz da sociedade capitalista, extraiu seu quadro conceitual capaz de lhe oferecer as bases para a proposição de uma teoria revolucionária da sociedade da mercadoria. Daí é bastante importante distinguir que, em sua leitura, o indivíduo singular ocupa a mesma importância que o mundo da economia global. Por isso, evidenciou as sutilezas da mercadoria capaz de inserir no interior do corpo a mística que lhe é própria. A educação foi um meio para se alcançar seu fim.

Nesse sentido, desenvolveu, já no início de suas incursões pelo interior da sociedade, uma utopia que solicitava à cidade mudanças que a transformaria. Iniciou suas atividades com a *I.L.* trabalhando pelas definições de práticas sociais que venceriam a lógica da mercadoria, nas artes e no urbanismo experimental. No interior da hegemonia americana se formaram grupos subalternos com vistas à superação da sociedade da qual faziam parte. As disputas ideológicas refletiam as disputas pela hegemonia econômica no pós-guerra. De um lado, ideologias socialistas e anarquistas em disputas com, do outro, as posições reacionárias e conservadoras. Os movimentos na sociedade civil emergem como resultado de um processo de abertura democrática empresarial do Estado. A americanização das sociedades e a sua planificação burocrática e estatal estavam no interior da atividade sociometabólica do capitalismo. A educação foi entendida, sem dúvidas, como um espaço, um campo teórico e uma ação, estratégicos para qualquer dos lados. Do interior da sociedade capitalista, Debord formulou sua análise e demonstrou a educação como uma ação própria do *spectacle*, a contrarrevolução.

O *spectacle* dominou a Escola, a Universidade e o Estado. Nasceu, historicamente, no interior das artes e da sobreposição, nas sociedades capitalistas e socialistas, dos *mass medias* e da publicidade sobre a vida cotidiana. O espetáculo foi concebido como uma indústria de consciências e ocupa esse lugar

na sociedade dividida em classes, como também, define a base de sua produção. O *spectacle*, nesta relação contraditória de classes suplantadas em representações, é inerente ao desenvolvimento do capitalismo. Em meados do século XX, a dominação, o domínio completo da vida social, foi tomada como desafio ao horizonte teórico. Estatisticamente, foi produzida a representação capaz de adquirir o controle perpétuo da vida sob os domínios da cidade tecnológica. Por meio do exercício do poder espetacular, pensou Debord, a classe dominante burguesa, no sentido clássico de donos dos meios de produção, disputou com seu oposto puramente dialético, as classes consumidoras de seus produtos. Imediatamente a produção da alienação se tornou uma necessidade, em termos de exercício do poder de reprodução desta sociedade, foi desenvolvendo uma atividade estética, que, os grupos especialistas no exercício do poder especular exerceram seu poder no interior das classes dominantes do capitalismo industrial/contratual. Esta característica da teoria debordiana, pode ser tomada como a sua contribuição de maior expressão para se pensar a educação. Pois, alastram-se, em torno dela, as questões sobre a Educação no século XX.

Debord investigou a educação de seu tempo. A concepção particular, que sintetizou, pressupõe sua convicção quanto à subjetividade política. Esta ação direta, fundamentada na convicção da vontade, parece não reconhecer as próprias condições do despertar revolucionário. Esta subjetividade foi assumida com a convicção de que, por meio da práxis do cotidiano libertário e contestatório, fossem alcançados os vértices permanentes da revolução e sua negação. Quer dizer, o *spectacle*, foi a crítica que concebeu a subjetividade como resultado das condições impostas pela mercadoria. Mesmo que isto, talvez, não tenha sido feito pelo seu autor, pois pareceu não se fazer ver quanto ao valor de troca da revolução. Talvez, o mesmo autor não tenha construído a concepção das condições impostas pela mercadoria como resultados da ação subjetiva da criatividade humana. Podemos afirmar, entretanto, que Debord concebeu o *spectacle* como o lúdico que criou seu mundo, inescrupuloso em sua realidade concreta, mas, como é ele mesmo quem faz ver, aparece como bem entender o espectador desapropriado de si mesmo, pois, desapropriado de seus sentidos e da possibilidade de absorver e interiorizar o próprio processo de registro da imagem, no mais profundo do corpo, esta abstraído em relação as coisas a sua volta, está abstraído da construção material

de si mesmo e abstraído das relações sociais e de produção que o desumanizam. A oposição ao *spectacle*, para ele, não está em seu falso negativo, está, sim, na negação da vida como representação. Nesse caso, o lúdico destrói os mundos do deus dinheiro. A educação pode ser o caminho da emancipação se a ela forem garantidas as condições de formar os sentidos humanos para fins de humanidade.

A educação, como a reconhecemos, no *spectacle*, não existe. Foram feitas observações sobre a educação a partir das condições históricas de seu desenvolvimento pela necessidade da definição de seus termos enquanto fenômeno histórico. No *spectacle*, a educação que existe, entretanto, consiste na atividade e na ação prática de manter vivo o que não existe como corporeidade. Como também consiste na formulação estética do fetichismo da mercadoria pelos especialistas do poder e do rapto do gosto. Estas não são todas, mas são questões que traçam aspectos da contribuição da concepção de Guy Debord para a educação. A educação, como a ela se referiu Debord, apresenta-se como uma descrição que permite à análise histórica conceber o papel da Escola, da Universidade e da destruição do Estado na constituição e na reprodução estética do fetichismo da mercadoria. Quer dizer, no *spectacle* a educação não existe como um lugar onde se travam as lutas de classes, mas, existe sim, como os espaços urbanos da troca de uma mercadoria específica. A educação, no *spectacle*, só existe como mercadoria e está sujeita às demandas liberais. Só existe, então, como empresa. Quando a educação, então, alcança o centro para onde estão apontados os holofotes das negociações de natureza público/privado e para o qual estão escusas as intenções, quaisquer que sejam, pelas vias jurídicas da distribuição de recursos sociais, a categoria debordiana se mostra bastante esclarecedora, pois representa questões sobre a diplomação empresarial em massa, quando não, a certificação de qualidade do gosto massificado.

Debord foi um entusiasta da revolução, como o foram muitos em sua época. Sobretudo, quanto à educação, conforme concebida em sua construção teórica sobre a sociedade, o autor francês deixou uma contribuição singular para sua análise histórica. Esta singularidade reflete justamente sobre a universalidade da transformação da Escola, da Universidade e do Estado pela lógica empresarial do modo de representação estético do capitalismo, para o qual, o crédito virou diploma.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, Teodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Edições do Kindle, 2019. 4977 posições.
- AGAMBEN, Giorgio. **Deus não morreu. Ele se tornou dinheiro**. 2012. Blog da Boitempo: entrevista com Giorgio Agamben. Entrevista concedida a Peppe Salvà. Disponível em < <https://blogdaboitempo.com.br/2012/08/31/deus-nao-morreu-ele-tornou-se-dinheiro-entrevista-com-giorgio-agamben/>>. Acesso em: 15 jun 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. **Quando a Religião do Dinheiro Devora o Futuro**. Blog da Boitempo, 2013. Disponível em < <https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/21/quando-a-religiao-do-dinheiro-devora-o-futuro/>>. Acesso em: 15 jun 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. **O Uso Dos Corpos** [Homo Sacer, IV, 2] (2014). São Paulo: Boitempo, 2017.
- AGLIETTA, Michel. **Capitalisme : le temps de ruptures**. Paris : Odile Jacob, 2019 . Edição do Kindle, 2019. 583 p.
- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o Marxismo Ocidental / Nas Trilhas do Materialismo Histórico**. 2ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado desserviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- AQUINO, João Emilianio Fortaleza de. **Reificação e Linguagem em Guy Debord**. Fortaleza: EdUECE; Unifor: 2006.
- BADIOU, Alain. **On A Reason de se Révolter : l'actualité de Mai 68**. Paris : Fayard, 2018. Edição do Kindle. 62 p.
- BARBARAS, Renaud. O Invisível da Visão. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 64-79.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. A educação como espetáculo. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, vol. II : século XIX. - Petrópolis: Vozes, 2005. p. 116-131.
- BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du Mal**. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

BELLER, Jonathan. *The Cinematic Mode of Production: Attention Economy and the Society of the Spectacle*. Londres: University Press of New England, 2006.

BELLONI, Maria Luiza (org.). **A Formação na Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. **O Que É Mídia-Educação**. 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2005.

BENJAMIN, Walter. **O Capitalismo como Religião**. Organização de Michael Löwy: tradução Nelio Schneider. Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015a. Edições do Kindle. 6958 posições.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2015b. Edições do Kindle. 2602 posições.

BENSAÏD, Daniel. **Espetáculo, Fetichismo, Ideologia**: Um livro inacabado. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2013. Edições Kindles: 2020. 105 páginas.

CAPDEVIELLE, Jacques; REY, Henri (ed.). **Dictionnaire de Mai 68**. Paris: Larousse, 2008.

CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo (orgs.). **Formação Humana na Sociedade do Espetáculo**. Chapecó: Argos; Criciúma: Ediunesc, 2019.

CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez, 2014. Edição do Kindle: 6236 posições.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e Poder: uma análise da mídia. In: ROCHA, André (org.). **Escritos de Marilena Chauí**. Volume 3. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. p. 121-194.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (orgs.). **A Sociedade do Espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. Edição do Kindle. 5775 posições.

COMES, Emilie. **Mai 68, La France Paralysé : de la révolte étudiante à la crise nationale**. Paris : 50 Minutes, 2015. Edição do Kindle. 398 posições.

COPPOLA, Antonie. **Introduction au Cinéma de Guy Debord et de l'Avant-Garde Situationniste**. 2ª Édition Revue et Augmentée. Éditions Sulliver, 2006.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 7ª Edição. São Paulo: Cortez, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 3º reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **La Société du Spectacle**. 2 ed. Paris: Éditions Champ Libre, 1971.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Comentário sobre a sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. **Correspondance** : janvier 1965 – décembre 1968. Volume 03. Paris: Fayard, 2003. Edição do Kindle. 5284 posições.

DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006.

DEBORD, Guy. *Rapport sur la Construction des Situations et sur les Conditions de l'Organisation et de l'Action de la Tendance Situationniste Internationale (1957)*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 308-328.

DEBORD, Guy. *Lettres Sur Pouvoir Ouvrier (1961)*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 519-524.

DEBORD, Guy. *Sur la Consutation Visant a Définir « La Région Parisiense à la Fin du Siecle » (1962)*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 601-605.

DEBORD, Guy. *Contre le Cinéma (1964)*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 678.

DEBORD, Guy. *Le Déclin et la Chute de l'Economie spectaculaire-marchande (1965)*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 702-714.

DEBORD, Guy. *Le Point d'Explosion de l'Ideologie en Chine (1967)*. In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 751-763.

DEBORD, Guy. « *La Planète Malade* » (1971). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1063-1069.

DEBORD, Guy. *Préface à la Quatrième Édition Italienne de La Société du Spectacle* (1979). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1460-1473.

DEBORD, Guy. *Abat-faim* (1985). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1582-1587.

DEBORD, Guy. *Commentaires sur la Société du Spectacle* (1988). In : DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1593-1646.

DEBORD, Guy. *Avertissement pour la Troisième Édition Française* (1992). In : DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1792-1794.

DEBORD, Guy. ***Crítica del espectáculo y de la vida cotidiana***. Madri: Los Libros de la Catraca, 2020. Edição Kindle. 2456 posições.

DEBORD, Guy-Ernest. *Prolégomènes à tout cinéma futur* (1952). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 46.

DEBORD, Guy-Ernest. *Notice pour la Fédération française des ciné-clubs : Éclaircissements sur le film Hurlements en faveur de Sade* (1952). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 70.

DEBORD, Guy-Ernest. *Hurlements en faveur de Sade : Grande Fête de nuit* (1955). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 71-73.

DEBORD, Guy-Ernest. *Projet pour un Labyrinthe Éducatif* (1956). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 284-285.

DEBORD, Guy-Ernest ; WOLMAN. Gil J. *Mode d'Emploi du Détournement* (1956). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 221-229.

DEBORD, Guy-Ernest. *Présentation des 29 numéros de Potlatch, 1954-57* (1985). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 130-131.

DEBORD, Guy ; SANGUINETTI, Gianfranco. *La Véritable Scission dans L'Internationale* (1972). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 1087-1168.

DEBRAY, Régis. **Mai 68**: une contre-révolution réussie. Paris : Fayard ; Mille et une nuits, 2008. Edição Kindle. 1609 posições.

DÉGUY, Michel. O Poder das Palavras. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 209-226.

DE MASI, Domenico. **O Futuro Chegou**: modelos de vida para uma sociedade desorientada. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

DUARTE, Rodrigo. Valores e Interesses na Era das Imagens. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 94-113.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ECO, Umberto. **Pape Satàn Aleppo**: crônicas de uma sociedade líquida. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

EDELMAN, Bernard. **A Legalização da Classe Operária**. São Paulo: Boitempo, 2016. Edição do Kindle. 4395 posições.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para Uma Teoria dos Meios de Comunicação**. Tradução de Cláudia S. Dornbusch. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional**. Tradução e seleção de Nelson Coutinho. 3ª edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1986.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol 2. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. RJ: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol 4. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos: 1910-1920**. Vol 1. Organização e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. RJ: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. O Conceito de Revolução Passiva. In: In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 4847-4973.

GRESPLAN, Jorge. **Marx e a Crítica do Modo de Representação Capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GUILBERT, Cécile. **Pour Guy Debord**. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado (orgs.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 14ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOME, Stewart. **Assalto à Cultura**: utopia e subversão na (anti) arte do século XX. 2 ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

INTERNATIONALE Lettriste. *Finis les pieds plats* (1952). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 84-85.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Position de l'Internationale Lettriste* (1952). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 85-86.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Manifeste* (1953). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 95.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Manifeste Pour une Construction de Situations* (1953). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 105-113.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *La Carte d'après Nature* (1954). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration

avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 120-121.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Faire-part* (1954). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 122-123.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Étrange Inauguration d'une Galerie de Peinture : le lettristes révèlent leurs méthodes* (1954). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 124-125.

INTERNATIONALE Lettriste (I.L.). *Intervention du délégué de l'Internationale lettriste au Congrès d'Alba* (1956). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 243-246.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Thèses sur La Révolution Culturelle* (1958). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 360-363.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Definitions* (1958). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 358-359.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Perspectives de Modifications Conscientes dans la Vie Quotidienne* (1961). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 571-582.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *All the King's Men* (1963). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 613-619.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Correspondance Avec un Cybernéticien* (1963). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 668-674.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Adress aux Révolutionnaires d'Algérie et de Tous les Pays* (1965). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 683-691.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Définition minimum des organisations révolutionnaires* (1966). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 731.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Nos Buts et Nos Méthodes dans le Scandale de Strasbourg* (1967). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 735-742.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.). *Le Commencement d'une Époque* (1969). In: DEBORD, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 917-962.

INTERNATIONALE Situationniste (I.S.); U.N.E.F. Strasbourg. *De la misère en milieu étudiant : considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel et de quelques moyens pour y remédier* (1966). Paris : l'Esprit Frappeur, 2013. Edição do Kindle. 1025 posições.

JAMESON, Fredric. **A Cultura do Dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAMESON, Fredric. **A Virada Cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JAPPE, Anselm. **A Arte de Desmascarar** (1997). Disponível em <<http://guy-debord.blogspot.com>>. Acesso em: 20 jun 2020.

JAPPE, Anselm. O Reino da Contemplação Passiva. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: editora Senac SP, 2005. p. 254-275.

JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Lisboa: Antígona, 2008.

JAPPE, Anselm. Guy Debord. **Revista Cult**, São Paulo, nº 212, ano 19, p.52-55, maio de 2016.

JORN, Asger. *Fin de Copenhague* (1957). Conseiller Technique pour le Détournement G.-E. Debord. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 284-285.

JORN, Asger ; DEBORD, Guy-Ernest. Quatrième Expérience du M.I.B.I. (1957). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 289.

KAUFMANN, Vincent. *Préface*. In : DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Paris: Editions Gallimard, 2006.. p. 09-22.

KAUFMANN, Vincent. *Prolégomènes*. In : DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Paris: Editions Gallimard, 2006a.. p. 24-25

KAUFMANN, Vincent. *L'Internationale Lettriste – 1952-1957*. In : DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Paris: Editions Gallimard, 2006b. p. 75-77.

KAUFMANN, Vincent. *L'Internationale Situationniste – 1957-1972*. In : DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Paris: Editions Gallimard, 2006c.. p. 297-301.

KEHL, Rita. O Espetáculo como Meio de Subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Rita. **Videologias**: Ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004. Edição do Kindle. 2385 posições. Posições 338-518.

KEHL, Maria Rita. Muito Além do Espetáculo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: editora Senac SP, 2005. p. 234-253.

KELLMER, Douglas. Introdução à 2ª edição. In: MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional**. São Paulo: Edipro, 2015. p. 09-30.

KIERNAN, Victor Gordon. **Estados Unidos: o novo imperialismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LAVAL, Christian. **A Escola Não é Empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEANDRO, Anita; CASTRO, Isabel. Guy Debord (1931-1994). In: AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana (orgs.). **Clássicos da Comunicação**: de Peirce a Canclini. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 256-276.

LE COMITÉ *Enragés – I.S. Textes de quelques-unes des Premières Affiches sur les Murs de la Sorbonne, le 14 Mai 1968*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 881.

LE COMITÉ *Enragés – I.S. De l'IS Paris aux membres de L'IS, aux camarades qui se sont déclarés en accord avec nos thèses*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 882-884.

LE COMITÉ d'Occupation (Le C.M.D.O.). *Vigilance !*. In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 886.

LE COMITÉ d'Occupation (Le C.M.D.O.). *Rapport sur l'Occupation de la Sorbonne* (1968). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 891-894.

LE COMITÉ d'Occupation (Le C.M.D.O.). *Adresse à tous les Travailleurs* (1968). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 900-902.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOSURDO, Domenico. **A Esquerda Ausente**: crise, sociedade do espetáculo, guerra (2014). Tradução de Maria Lucilia Ruy. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Editora Anita Garibaldi, 2016.

LOSURDO, Domenico. **Guerra e Revolução**: o mundo um século após outubro de 1917. Tradução de Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira. São Paulo: Boitempo, 2017.

LOSURDO, Domenico. **O Marxismo Ocidental**: como nasceu, como morreu, como pode renascer. São Paulo: Boitempo, 2018.

LÖWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários**: a evolução política de Luckás (1909-1929). São Paulo: Lech, 1979.

LÖWY, Michael. Prefácio. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Alemanha**. Prefácio de Michael Löwy. São Paulo: boitempo, 2010. p. 09-21.

LÖWY, Michael. **A Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUKÁCS, Georg. **Histoire et conscience de classe. Essai de dialectique marxiste**. Paris : *Les Editions De Minuit*, 1960.

McLUHAN, Herbert Marshall. O futuro da Educação: a geração de 1989. **Reflexão**. Ano VIII. n. 25, jan - abril. Campinas: PUCCAMP, 1983.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monarco. 13ª Edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional**. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010. Edição do Kindle. 2525 posições.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 2006-2096.

MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 1598-2001.

MARX, Karl. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 1079-1592.

MARX, Karl. **O Capital – livro 1 – capítulo 1 – A Mercadoria**. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 2512 posições.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017. Edição do Kindle. 5712 posições.

MARX, Karl. **O Deus Dinheiro**. Ilustração de Maguma. São Paulo; Boitadá, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Alemanha**. Prefácio de Michael Löwy. São Paulo: boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 267-699.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. **As Armas da Crítica**: antologia do pensamento de esquerda. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 7018 posições. 704-849.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e Forma Política**. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição do Kindle. 2916 posições.

MATOS, Olgária. *O Sex Appeal da Imagem e a Insurreição do Desejo*. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p.168-195.

MERRIFIELD, Andy. **Guy Debord**. London: Reaktion Books, 2011. Edição Kindle. 154 páginas.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma Teoria da Transição**. 1 ed. Revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

NOSELLA, Paolo. A Educação e o Mundo do Trabalho: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Volume III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p.243-256.

NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005.

NOVAES, Adauto. A Imagem e o Espetáculo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 08-15.

NOVAES, Adauto (org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempos de incerteza. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 07-18.

PACHUKANIS, Evguiéni B. **Teoria Geral do Direito e Marxismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PERNIOLA, Mario. Cena e Violência. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 182-195.

PINTO, Geraldo Augusto. **A Organização do Trabalho no Século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo**. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

POTLATCH. *Le Minimum de la Vie* (1954). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 140-142.

POTLATCH. *Le Valeur Éducative* (1955). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 178-182.

POTLATCH. *Projet d'Embellissements Rationnels de la Ville de Paris* (1955). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 213-216.

POTLATCH. *Encore un Effort si vous Voulez Être Situationnistes* (1957). In: DEBOR, Guy. **Oeuvres**. Edition établie et annotée par Jean-Louis Rançon en collaboration avec Alice Debord. Préface et Introductions de Vincent Kaufmann. Editions Gallimard, 2006. p. 345-350.

RAGAZZINI, Dario. **Teoria da Personalidade na Sociedade de Massa: a contribuição de Gramsci**. Campinas: Autores Associados, 2005.

REEVE, Charles. **O Socialismo Selvagem: ensaio sobre a auto-organização e a democracia directa nas lutas de 1789 até aos nossos dias**. Tradução de Luís Leitão. Lisboa: Antígona, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade**. In: DUARTE, Newton (org.). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. 2ª edição. São Paulo: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias de educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 41ª edição revista. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **A Liberdade de Imaginar**. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 46-63.

TODOROV, Tzvetan. **Os Inimigos Íntimos da Democracia**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa / Portugal: Edições 70, 2017. (Título Original: *Les Ennemis Intimes de la Démocratie*. ©Éditions Robert Laffont/Versílio, 2012)

TOLEDO, Plínio Fernandes. **A Astúcia da Dialética: o desvio em Guy Debord**. São Paulo: LiberArs, 2015.

TORRES, Diego Ruedas; SEBASTIÁN, Vidal Labajos. **Guy Debord en el Juego de la História**. In: DEBORD, Guy. **Crítica del espectáculo y de la vida cotidiana**. Madri: Los Libros de la Catraca, 2020. Edição Kindle. 2456 posições. Posições 46-749.

VANEIGEN, RAOUL. **A Arte de Viver Para As Novas Gerações**. São Paulo: Veneta, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glasser. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC/Minas, 2016.

WOLF, Francis. Por trás do Espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac SP, 2005. p. 16-45.

WOLFF, Francis. Dilemas dos Intelectuais. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-68.